

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social

vina di carvalho

CORPOSIÇÕES CARTOGRAFIA DAS BICHA

Belo Horizonte

2023

vina di carvalho

CORPOSIÇÕES CARTOGRAFIA DAS BICHA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Educação.

Área de concentração: Currículos, Culturas e Diferença

Orientadora: Professora Dra. renata lima aspis

Belo Horizonte
2023

C331c
T Carvalho, Vina di, 1986-
Corposições cartografia das bicha [manuscrito] / Vina di Carvalho. -- Belo Horizonte, 2023.
264 f. : enc, il., color.

Tese -- (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Renata Pereira Lima Aspis.
Bibliografia: f. 258-264.

1. Educação -- Teses. 2. Educação -- Relações de gênero -- Teses.
3. Discriminação de sexo na educação -- Teses. 4. Homossexualidade masculina -
- Teses. 5. Identidade sexual na educação -- Teses. 6. Orientação sexual -- Teses.
7. Transexuais -- Igualdade na educação -- Teses. 8. Transexualidade -- Teses.
9. Minorias sexuais -- Teses. 10. Imagem corporal -- Teses. 11. Racismo -- Teses.
12. Educação -- Relações raciais -- Teses. 13. Discriminação racial -- Teses.
14. Descolonização -- Teses. 15. Pós-colonialismo -- Aspectos educacionais --
Teses. 16. Cristianismo -- Teses.

I. Título. II. Aspis, Renata Pereira Lima, 1961-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

corposições cartografia das bicha

VINÍCIUS LUCAS DE CARVALHO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL, como requisito para obtenção do grau de Doutor em EDUCAÇÃO - CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL.

Aprovada em 13 de fevereiro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Renata Pereira Lima Aspis - Orientador
UFMG
Prof(a). Marco José Duarte
UFJF
Prof(a). Djalma Thurler
UFBA
Prof(a). Jaqueline Gomes de Jesus
IFRJ
Prof(a). Paulo Henrique de Queiroz Nogueira
UFMG
Prof(a). Andre Marcio Picanco Favacho
UFMG

Belo Horizonte, 02 de março de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Rosimar de Fatima Oliveira, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 02/03/2023, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2116022** e o código CRC **52D1B42B**.

para todos os corpos bichas destruidoras que existem e que ainda existirão neste mundo e no outro e...

AGRADECIMENTOS

A mim mesma, pela insistência numa vida bicha.

A Silver, pela vontade de permanecer e inventar uma vida bem boua de se viver junta.

... e Regina Cretina e Joana e Rayane e Rafaelly e Herica e Nicapeta e Laysinha e Lelê e Ederlaine de Mattos e Maicon e Ruby Rivera e Natasha e Angel McLaren e Louise D'Lunna e Danni Pantera e Jeanne e Catarina e Tsunami e Marissol e Xis e Bolete e Felícia e Angel e Indianare Siqueira e se não queria também e Keila Simpson e Xanda e Cintura Fina e Tomba-Homem e Cris Negão e Marilyn Aparecida e Madame Satã e Zuza e Brunella e Mandioca e Nandete e Bê e Jota Mombaça e Pêdra Costa e Fran e Paco Vidarte e Pedro Lemebel e Caio Fernando Abreu e Silvetty Montilla e Thália Bombinha e Victoria Principal e Michelly Summer e Marcinha da Corinto e Luana Muniz e Anyky Lima e Paulete e Preciado e Duduza e Cláudia Wonder e as bicha e as travesti e as sapatona e as bi e as trans e tantas outras pelas vidas que vivem e viveram e viverão.

Azamiguy heteracis que já cataram o fracasso que é tentar ser uma norma, pelo desânimo produtivo.

A renata lima aspis, pela orientação do trabalho.

A artistas da música do Brasil pela contribuição melódica e filosófica para as escritas e o dia a dia.

A artistas do cinema, da literatura, do teatro e da dança do Brasil pela insistência em imaginar outros mundos em movimento.

A drag queens e bichas montadas pelas bateções de cabelo e lipsyncs ahazzadores.

A estudantes que participaram do laboratório *Saber com o corpo*, pelos deliciosos momentos de composição de saberes em conjunto.

Às pessoas com quem organizei e participei de eventos, por provocarem novas questões e outros movimentos.

Às crianças viadas e às cacuras desse Brasil.

À CAPES pela ajuda de custo... ops... Bolsa de pesquisa.

Às pessoas que trabalham na Faculdade de Educação da UFMG.

SÊNKIU!

“Bicha burra nasce homem!” (Provérbio bicha).

“Marikona, enrustido / Vai caçando escondido / Mas eu já sei o que você faz / Mas não vou te deixar em paz” (Ruby Rivera, “Marykona”, 2018).

“Nem olhos viram / Nem ouvidos ouviram / O que foi preparado pra nós” (Ventura Profana, “Vitória”, 2020).

“Criança, por que em vez de agir com armas a gente não faz arte?” (Wagner Ribeiro, Documentário Dzi Croquettes, 2009).

“Se prepara mona, que a gente tá na pista. Sem neurose!” (Tati Quebra Barraco, “Fama de putona”, 2003).

RESUMO

No exercício de criar outras maneiras de pensar, de compor afetos para escapar do corpo explicado, definido, identificado e hierarquizado, movem-se pesquisadore e pesquisa, nem tão juntas como se diz, nem tão distantes quanto se pensa. Um corpo pensa, sente, age, ensina, goza, aprende... Em movimentos constantes de desfazer-se daquilo que aprisiona. Para experimentar um corpo como território de produção de saberes, é preciso exercitar as suas descolonizações consigo e com outres. Uma metodologia é apresentada, mas não existe um manual de como se livrar das colonizações, elas são cada vez mais sofisticadas; o que as corposições propõem, antes, são movimentos para perceber como cada corpo ainda funciona como território de mesmices, re-produzidas aos montes para a manutenção do uno. Compõem-se corpo e bicha e HIV e educação e pequenos crimes antinormas e exercícios de chamamento de corpos em via de ser e dissidências em movimento e... Vem correndo, buneca!

Palavras-chave: corposição; decolonialidade; corpos; educação; heterocissexismo; racismo; cristianismo

ABSTRACT

Through the exercise of creating other ways of thinking, of composing with affection to escape from the explained, defined, identified and hierarchical body, researchers and research move, not as close together as it has been said, nor as distant as it has been thought. A body thinks, feels, acts, teaches, enjoys, learns... In constant movements of undoing what it imprisons. To experience a body as a territory for the production of knowledge it is necessary to exercise its decolonizations with itself and with others. A methodology is presented, but there is no manual on how to get free from colonization, they are increasingly sophisticated; what is presented through the "corposições", rather, are movements to perceive how each body still works as a territory of sameness, re-produced in droves for the maintenance of the one. Body and fag and HIV and education and petty anti-norm crimes and exercises of calling bodies in the process of being and dissidences in motion and... Hurry up, buneca!

Keywords: corposição; decoloniality; bodies; education; heterocissexism; racismo; Christianity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Horror Brazyleiro	16
Figura 2: As caravelhas no mapa-corpo	27
Figura 3: Colonialidade do corpo	41
Figura 4: Que corpo é esse?	65
Figura 5: Como acontece um pensamento?!	99
Figura 6: Como um corpo	120
Figura 7: Hierarquias identitárias no corpo	142
Figura 8: Corposição em movimento	151
Figura 9: Alegria de propósito	175
Figura 10: Os quadrinhos da varanda	229
Figura 11: eu não sou a sua aidética	235
Figura 12: Saber com o corpo	240
Figura 13: Há uma luz no mêi do cu	243
Figura 14: Navalhar as fronteiras	256

SUMÁRIO

PRÓLOGO e VAMOqueVAMO	13
1 MOVIMENTO HUM: O CORPO QUE SE APRENDE A SER.....	16
1.1 Caravelhas à vista	17
1.2 Colonialidade do poder e colonialidade do corpo	28
1.3 Eu acho que sou branco.....	42
1.4 A dor para você continua!	47
1.5 Pedagogias de horror everywhere	54
1.6 Eu somos muitas.....	66
1.7 A boniteza acaba, a feiura conserva	70
1.8 Aventuras bicha em pandemia ou apenas JOYCES.....	74
1.9 Momento Gongação.....	78
1.9.1 PRIMEIRA CONCORRENTCHY	79
1.9.2 SEGUNDA CONCORRENTCHY	80
1.9.3 TERCEIRA CONCORRENTCHY.....	81
1.9.4 QUARTA CONCORRENTCHY.....	82
1.10 Só nascem heterocis	84
1.11 Um conto de horror no mundo dos homens	92
2 MOVIMENTO TWO: DESAPRENDER UM CORPO	96
2.1 Mover-se dentre	96
2.2 Escarafunchar outras formas de pensar o corpo, com o corpo	100
2.3 O qué que eu vou fazer com essa identidade?	121
2.4 Cartografias daqui e cartografar como um corpo	143
2.5 Corposição como metodologia de pesquisa pelo corpo.....	151
2.5.1 A MÃO DO PODER.....	162
2.5.2 QUINZE ANOS EM UM DIA.....	164
2.5.3 OCUPAÇÕES PERIGOSAS	167
3 MOVIMENTO TRÊIS: DESEJAR E ANUNCIAR UM CORPO	171
3.1 A Educação (também é) Física.....	176
3.2 O que será que um corpo sente?	195
3.3 O dia que um homem entrou aqui.....	207
3.4 Escrever como um corpo bicha posithiviva	206
3.5 Corposições em todo lugar a todo momento.....	218

3.6	Corposições em pandemias	224
3.7	Saber com o corpo: experimentações em movimento.....	244
3.8	O exercício das caixas	247
3.9	Manual de sobrevivência bicha à academia colonial.....	249
3.10	PensamenToda	254
	REFERÊNCIAS	258

PRÓLOGO e VAMOqueVAMO

A gente precisa transar mais.

Transar, isso mesmo! Colocar um corpo próximo ao outro, esfregar um corpo no outro e produzir outros cheiros, sabores, cores, fluidos e fluxos. Sentir outros corpos num mesmo corpo, passeando, dançando, roçando, misturando e movendo outros sentimentos, pensamentos, desejos, vontades e querenças.

A gente precisa transar mais. A gente transa todos os dias; mesmo um corpo sozinho consegue transar consigo mesmo. Mas é muito melhor transar com muitos corpos, não é?

Não?

Como assim?

Quê?

Nãããããooooo, eu não tô falando de sexo. Quer dizer, pode até ser de sexo, mas aí a gente não pode dizer que todos os corpos fazem sexo todos os dias, porque tem corpos que não sentem necessidade de sexo, que simplesmente não querem o ato sexual nas suas vidas. A composição de um corpo com a sexualidade acontece de inúmeras formas e muitas delas não dependem do ato sexual entre dois corpos-organismos-humanos para se afirmarem como existentes e alegres e vivas, tendeu?

Transar é outra conversa, neném. Dizer que a gente precisa transar mais tem a ver com um modo de falar que era muito comum aqui no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. Nas pesquisas que eu fiz para este trabalho, essa palavra aparecia muito e seu sentido é o de se relacionar, de se compor com outro corpo, bater um papo, trocar uma ideia, seguir um fluxo, um trelelê, misturar um corpo no outro e movimentar as composições de ambos, transformando-os no encontro, na mistura, no rela-rela de sentires, pensares, falares, dançares, moveres e tudo e coisa e coisa e tal...

A Lélia Gonzalez, a Herbert Daniel, a Cintura Fina, as Dzi Croquettes, a Madame Satã, a Cazusa e mais um bando de gente gostosa e reboativa falava e escrevia assim: transei com o pessoal do movimento tal, transei com fulano umas ideia, vamo marcar uma transa qualquer dia... Teve até disco do Caetano chamado *Transa*. Tá passada? Eu achei uó que o sentido dessa palavra foi transformado numa coisa que nem sempre é tão boa quanto o que poderia ser. Por que é que a gente ainda acha que transa só pode ser genital e penetrativa, enquanto o corpo todo sente e se relaciona e transa? Por isso, a gente precisa transar mais. Pegou? Deu? Ahazzô!

Esse é meu convite pra você: vamo transar? Vamo! Eu aqui, vestida com essas palavras e ideias e argumentos e imagens e você aí, me comendo com os olhos e me revirando em seus

pensamentos e me remexendo em suas sensações e... Será quando a gente vai se encontrar pra misturar o que você sentiu com o que eu quero saber? Me liga, me manda um telegrama, uma carta de amor... Não precisa tanto, eu só queria umas transas, mesmo, sabe?

E pra gente poder transar mais gostoso, eu quero propor três movimentos, cê acha que consegue? Pode ficar de boua que os movimentos vão acontecer devagar, nada brusco demais, eu quero mesmo que a gente vá se compondo pouco a pouco, pra ir ficando mais gostoso de perceber algumas coisas que a gente já desconfiava há tempos. Por isso, vou adiantar algumas preliminares, apresentando os movimentos pra você poder curtir melhor a viagem junto comigo, corpo a corpo, você quer? Hein? Então eu vou te dar.

O movimento hum, que vai começar daqui a pouco, não vai ser muito confortável, já adianto. Mas a gente sabe que uma transa assim, de primeira, não é tão agradável quanto o esperado e a gente vai se ajustando pra fazer rolar, num é? A gente começa falando sobre o corpo que se aprende a ser, e aqui no *Brazyl* a gente já viu que até as palavras têm as suas ações diminuídas, então imagina os corpos. O movimento acontece no sentido de ir fazendo a gente perseguir uma colonialidade do corpo, a qual a bicha apresenta aqui utilizando as caravelhas, racismo, heterocissexismo e cristianismo como modos de organização e produção de corpos na colônia que quer ser democrática. Os movimentos das caravelhas pretendem a reprodução da mesmice sobre todos os corpos, a normalização de binários opositoristas funciona de modo a separar corpos, a diminuir as suas ações e seus movimentos de vida em uma luta constante para se parecer com a referência da colonialidade: homem, branco, heterocis e cristão. Ainda bem que eu avisei que não seria tão agradável. Mesmo assim, a gente vai fazer, num vai? Quem sabe a gente consegue, nessa transa, perceber como as colonialidades ainda nos cercam e, uma vez percebidas, elas possam sentir o perigo de serem vistas, desarticuladas de um corpo?

Daí a gente vai transando nossas bonitezas juntas e entramos lindas no movimento *two* pra inventarmos maneiras de desaprender um corpo. A gente vai se mexer tanto que vamos ficar muito molhadinhas de suor... Cê quer que eu pegue uma água? Se refresque muito, pra gente poder se mover dentre as transas que eu fui fazendo com as autoras que estimularam movimentos de descolonização do corpo no próprio corpo. Vamos passear por águas e movimentos de serpente; vamos rir juntas de burrices que fazem parte dos nossos pensares e sentires, vamos debochar delas até que elas se enfraqueçam e se envergonhem; vamos criar corpos como mapas e mover até os limites mais endurecidos que ainda nos fazem acreditar que somos um Eu, único e identificável e original e imutável... E vamos gargalhar disso simplesmente porque sabemos que estamos transando juntas e não sabemos mais onde um corpo começa e outro termina. A gente vai se mover nas misturas, nos espaços entre as

fronteiras e perceber que vivemos na ação de ocupá-las com movimentos sempre em vias de ser. Assim, a gente vai se esfregando e se transformando e se misturando e percebendo que corpos e movimentos e transas vão se compondo em composições.

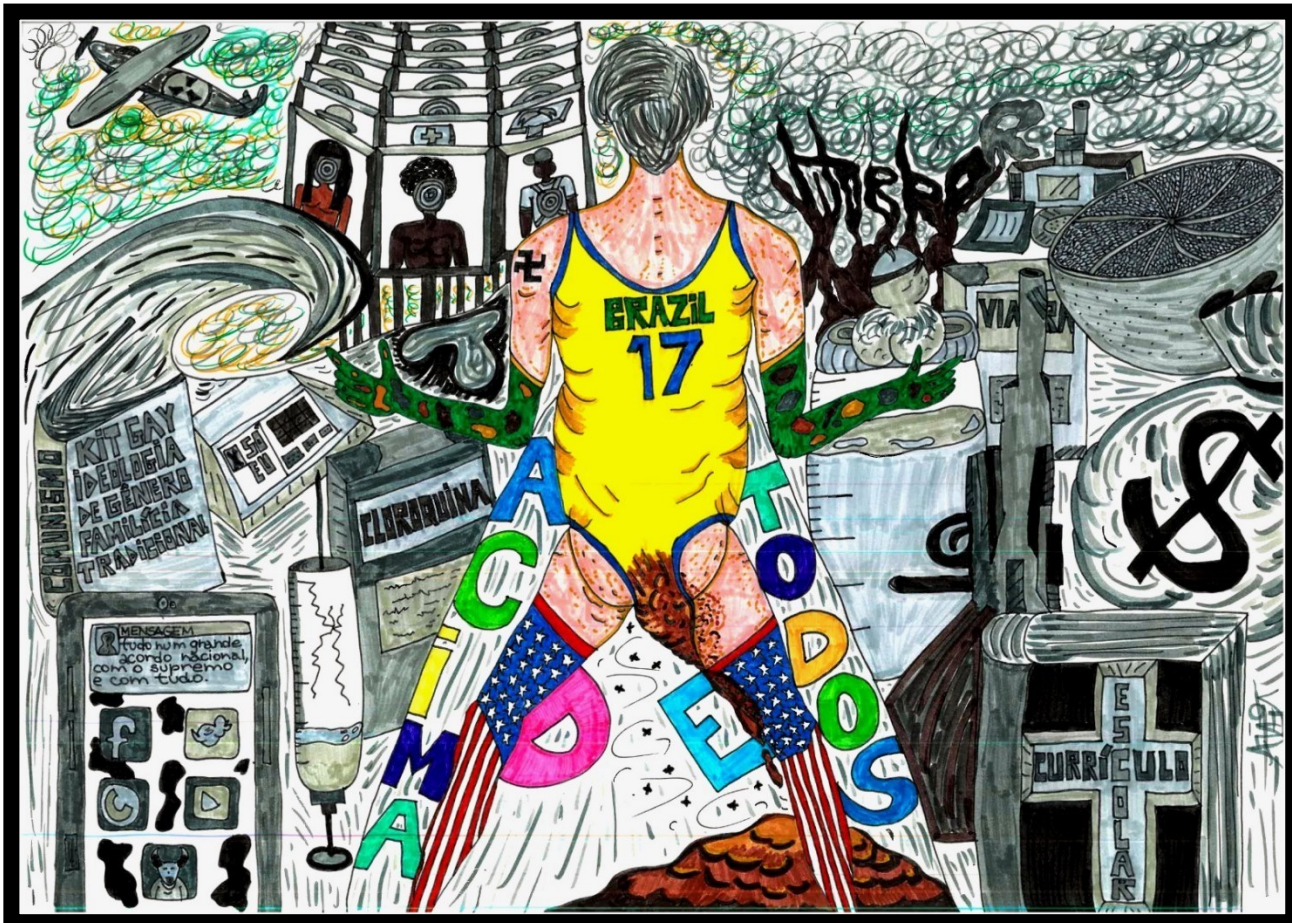
Ofegantes e molhadas, a gente vai chegar, quase sem perceber, no movimento três, e vamos compartilhar mais formas de desejar e anunciar um corpo que não existe ainda, mas que pode acontecer a qualquer momento. Nesse ponto, a gente já vai ter remexido muita coisa e desconfiado de muitas outras e é por isso que a gente não vai se largar. A gente vai se aconchegar mais e perceber aquilo que está muito perto de nós, como as emoções e os sentimentos que se movem com a gente, como a gente pode se mover com elas também; como nossos movimentos podem se compor e produzir saberes, culturas, políticas, danças, escritas, artes de todas as formas, filosofias incorporadas, tudo isso em movimento de mudança constante. Eu vou te contar ainda mais coisas sobre mim e você vai começar a perceber como sou ridícula e fracassada, que a gente é mais parecida do que você imaginava. E a gente vai perseguir em si mesmas as feiuras que a gente é e vamos envergonhá-las e fazer dos corpos outras maneiras de sentir e pensar e aprender e ensinar e fazer e escrever e viver e... Vamos fazer composições em todos os lugares e a todo momento, porque é isso mesmo o que a gente tem feito.

Você acha muito três movimentos para uma transa? Tomara que não, porque eu quero que a gente aproveite tudo isso juntas e com mais corpos, enquanto a gente quiser, nas posições que a gente preferir, com as palavras que a gente inventar. A gente vai viajar gostoso juntas por este desconhecido território de encontros entre o seu corpo e o meu e todas as nossas capacidades para os afetos e todos os corpos que vão transar com a gente. Foram muito boas as minhas transas com cada corpo aqui e desejo que com você não seja diferente. Quero aproveitar cada momento dessa transa gostosa que eu preparei só pra você. Tá querendo? Tá preparada?

Espero que sim! Ah! Fique relaxada para sentir tudo que você quiser, não estamos nos movimentando pelo certo ou errado, mas pela experimentação, que só é conhecida quando acontece. Sentir é a maneira que a pele encontrou para pensar e colocar o corpo todo em movimento; vamos transar todos os sentimentos e emoções possíveis e só queremos envergonhar as sensações de superioridade que ainda sustentam nossos corpos. A colonialidade é o atraso permanente e secular das vidas que não são reconhecidas como um corpo-referência. Ainda bem que essa transa aqui não precisa de licença para acontecer, apenas da vontade de se embolar. A gente começa assim que você quiser, eu tô te esperando nas próximas páginas. Só não demore porque eu tenho tanto pra te dar... Uma tese, uma tesinha, um tesão.

1 MOVIMENTO HUM: O CORPO QUE SE APRENDE A SER

Figura 1 – Horror Brasileiro



Fonte: Elaborada pela bicha.

A Figura 1, que abre esta seção, pode ser descrita da seguinte forma: um homem branco de costas, vestindo um maiô verdeamarelo em que está escrito “BRAZIL 17”, meias com a estampa da bandeira dos EUA e luvas camufladas, com os braços flexionados e as mãos fazendo um sinal de arma. O maiô está cheio de bosta, escorrendo pelas pernas e se acumulando em um monte. O homem está em pé sobre o monte de bosta e sobre as palavras “ACIMA DE TODOS”. À frente dele, em escalas de cinza, vê-se alguns objetos. À sua esquerda estão: um *smartphone* com símbolos de mídias sociais e uma mensagem (“tudo num grande acordo nacional, com o supremo e com tudo”); um livro semiaberto como o escrito “COMUNISMO” na lateral e, na capa, “KIT GAY, IDEOLOGIA DE GÊNERO, FAMILÍCIA TRADICIONAL”; uma urna eletrônica com os escritos “SÓ EU” na tela; uma seringa rachada; uma caixa de CLOROQUINA; uma onda com manchas de óleo que avança sobre algumas placas com imagens de corpos que têm alvos desenhados em seus rostos; um avião sobrevoando tudo isso

em meio a uma nuvem de fumaça tóxica. À sua direita estão: uma bíblia cristã com uma cruz na capa, em que se lê “CURRÍCULO ESCOLAR”; um fuzil; um saco de dinheiro com o cifrão estampado; uma mamadeira de piroca; uma caixa de VIAGRA; a metade de uma laranja; um trator que avança sobre algumas árvores queimadas, as quais, juntamente com a fumaça, formam a palavra “HORROR”.

1.1 Caravelhas à vista

É preciso perceber de onde se começa. Como o corpo está quando pensa começar algo? O que o corpo sente enquanto escreve e lê e ouve? É preciso perceber-se como corpo. Não se começa do início, a história do modo como aprendemos pretendia ser uma linha só de ida no sentido do progresso. Ordem e progresso! É o que ordena a bandeira do *Brazyl*. Mas como fazer tudo isso funcionar de maneira a colocar cada corpo a serviço da nação?

Peito para fora, barriga para dentro. Sentido! Senta direito, menina! Não abra as pernas! Não chora, menino! Vira homem!

Sente-se quieto para ouvir o professor. Não exponha suas dúvidas para não parecer ridículo.

Não expresse suas emoções. Tenha o corpo do verão com o nosso shake. Conquiste todas as mulheres com o carro top.

Faça o novo treinamento fitness que promete queimar as gorduras.

Quantos filhos você quer ter? Quais serão os nomes deles?

Nós queremos proteger a família e os bons costumes da ameaça gayzista!

Homossexuais são pecadores e seu castigo é a aids!

Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza até que a morte os separe. Filhos homossexuais são fruto de famílias desajustadas.

Não existe criança viada!

Como você lava seu cabelo? Em nome do PAI, do FILHO e do ESPÍRITO SANTO,
AMÉM!

Vossos peitos, vossos braços são muralhas do Brasil.

É homem ou mulher? Quem são as travestis? Você é seu maior inimigo.

Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil.

E daí? Não sou coveiro.

É preciso perceber seu corpo em conexão com outros corpos. É preciso perceber-se

corpo atravessado por discursos normalizadores que mobilizam tristezas, emoções e sentimentos que fazem sofrer. É preciso se livrar da necessidade de se sentir superior a alguém, seja pelo que for. O sentimento de superioridade sustenta uma organização social colonial, a qual tem como referência o homem, branco, heterossexual, cisgênero e cristão.

E Deus fez o homem a Sua imagem e semelhança.

Não se pode questionar Deus. Quem não segue aos mandamentos de Deus é pecador.

Deus fez o homem e a mulher do homem branco.

Deus está vendo o que você faz! Quem pecar vai pagar, quem pecar vai morrer.

Isso não é invenção minha, mas da Expansão Europeia do século XV, que resultou na colonização de diversos territórios pelo mundo, inclusive das conhecidas Américas, um imenso território que, segundo a história ocidental, foi descoberto pelos europeus. Como se descobre um território já habitado?

Era preciso divulgar a ideia brilhante de construir uma família branca que reproduzisse o Estado no lar e tivesse seus problemas misteriosamente resolvidos por um Deus único. Os heroicos homens brancos, munidos da paranoia colonizadora que os amedrontava com aquilo que não conheciam, desde os corpos até seus modos de vida, e estimulava-os a desbravar um território desconhecido, nomearam-se “conquistadores” e chegaram em terras desconhecidas, realizando o procedimento do colonialismo: categorizar as vidas não europeias como não humanas em relação ao modo de vida branco, heterocis e cristão necessário à dominação. Paranoia colonizadora organizada, os corpos colonizadores precisavam avançar sobre os territórios e corpos a serem colonizados. Para isso, inventaram as três caravelhas: Racismo, Cristianismo e Heterocissexismo. Foi com elas que invadiram os territórios hoje chamados de Américas – Latina, do Sul e do Norte –; são elas que ainda navegam sentimentos de superioridade e ancoram hierarquias em cada corpo aqui e ali, em todo lugar, bebezinha.

As caravelhas traziam consigo a noção de civilização, para a qual a família inglesa era o exemplo de como as relações entre os corpos deveriam ser organizadas. O homem branco, a referência do colonialismo, era o responsável por fazer a família funcionar de acordo com o regime de poder. A esposa, os filhos e as filhas eram vistas como propriedades do homem imperial e do moderno, não do contemporâneo. Ao homem branco era permitido se movimentar no espaço não doméstico por longos períodos do dia, porque tinha a função de retornar ao lar com o sustento da família; ele trazia alimentos e regras de organização a serem engolidas pelos corpos familiares. Para ser reconhecido como cidadão, vigiava e comandava os corpos que viviam sob seu domínio. À mulher branca era destinado o espaço do lar: cuidar, lavar, limpar, ceder, alimentar, cozinhar, calar, obedecer, aceitar, engravidar... Era responsabilidade da

mulher branca manter rígida a educação moral e sexual de filhos e filhas, produzindo réplicas novas dos pais; era preciso produzir mais corpos heterossexuais e cisgêneros, ou melhor, era preciso mais meninos que meninas, todos brancos.

Com o modelo inventado, os homens brancos europeus tavam a fim de transformar o mundo em uma imensa Europa, mas como fazer isso funcionar? Bom, olhe para como se vive hoje... Quantas vezes um produto, uma mercadoria, pessoa, filme, animal, corpo, pele, cabelo foram considerados melhores por serem europeus, estadunidenses, internacionais, importados...?! Mas isso é apenas o reflexo de séculos vivendo as sofisticções do colonialismo. O babado todo é a paranoia perversa dos homens brancos europeus que inventaram de apagar as culturas e as civilizações de outros povos, em outros continentes, e obrigar o sul global a viver sob dominação, exploração e escravização, produzindo a riqueza dos belhísimos tronos dos intocáveis.

Como descobrir um local que já existe? Crie histórias horrorosas sobre o desconhecido, chame de “Outro” o corpo que não é da cor do seu; demonize qualquer prática sexual que não reproduza a sua regra, qualquer gênero que não seja CIS e sexualidade que não seja HÉTERO; force no pensamento de Outros que as crenças deles são erradas, que são todos pecadores, próximos da natureza, sexuais demais, animais a serem civilizados; apague suas histórias, substitua ou reformule as suas imagens de devoção, coloque amor onde está a tortura, semeie o sofrimento como o único caminho possível; transforme em desconhecidas as formas de vida que não sejam parecidas com as suas regras, impeça que corpos não semelhantes ao seu tenham acesso às mesmas possibilidades de vida...

Há vários meios de agir para desumanizar pessoas e ainda ser conhecido como importante na história; as estátuas e os bustos dos colonizadores devem saber bem como fazer isso. As escolas passaram anos contando, obrigatoriamente, a história do bom descobrimento do *Brazyl*. Nessa história não são contadas quais relações entre as caravelhas foram necessárias para a seleção dos heróis em meio aos brancos. Cê já viu algum corpo não branco ser chamado de herói logo de cara? É preciso perceber o que o corpo aprendeu, como o corpo aprendeu. Por que aprendeu assim e não de outro modo? Quais corpos são beneficiados por uma história branca, heterossexual, cisgênera e cristã?

Para falar das caravelhas Racismo, Cristianismo e Heterocissexismo, é preciso perceber que não se fala sobre opiniões, muito menos sobre pessoas. Fala-se de como as colonizações de territórios pela Expansão Europeia avançaram sobre o mundo e inventaram a modernidade como o pontapé inicial e europeu da história do mundo como está... Sim, um horror! As caravelhas são modos de organizar a vida nas colônias, elas são constantemente misturadas,

sofisticadas e assimiladas e podem ser vistas em qualquer porto, em qualquer corpo. Ainda hoje vive-se em meio a estruturas opressivas que mantém corpos em relações desiguais e desonestas que beneficiam ao homem branco, heterossexual, cisgênero e cristão. É, tem alguma coisa a ver com pessoas, com controle de pessoas, com separação de pessoas, com governo de pessoas... As mesmas pessoas que julgam importantes as suas opiniões sobre as vidas das outras, sacoméquié?

No modo de organização social atual, ainda é possível que algumas pessoas se sintam superiores às outras. A experiência da hierarquia pode ser vivida em um olhar, em um símbolo feito com dois dedos que governou um país; todos os corpos vivenciam as consequências do distanciamento físico em níveis desiguais, uma pandemia tem a capacidade de mostrar para o mundo as consequências de se governar a partir das caravelhas coloniais, e elas estão afundando, mesmo que demoradamente! Para olhá-las mais de perto, talvez seja necessário percebê-las ancoradas no corpo, nos modos de fazer, de sentir, de pensar, de falar, de escrever. Como as caravelhas navegam em corpos?

Não é à toa que o Racismo aparece como a primeira delas. Ele está ancorado nas nossas maneiras de ver, de escrever, de falar, de pensar, de querer... Foi criado pelos homens brancos europeus como um método de desumanização: primeiro, tornando verdade uma diferença de cor para localizar no corpo não branco alguma justificativa para a desumanização. Com o tempo, a ciência branca europeia, em sua busca por um tratado científico sobre todas as espécies, contribuiu para a realização de uma taxionomia entre corpos-organismos-humanos. Sim, a ciência contribuiu para a criação de argumentos que justificavam a desumanização de pessoas não brancas ao classificarem-nas como animais, preguiçosas, canibais, demônias, primitivas, monstros, apagando todas as suas formas de produzir cultura, relações entre os corpos, com os corpos e modos de organização social. Corpos não brancos foram transformados nos Outros, aproximados da natureza e distanciados da ciência, escravizados, estudados pelos cientistas brancos; suas genitálias foram exibidas como troféu, anomalia, prova de sua inferioridade evolutiva; foram objetificados, estuprados, torturados de todas as formas pelo homem branco e sua religião e sua ciência e sua norma sexual e de gênero e seus sistemas de nomeação e sua noção de família; foram utilizados como suporte e sustento de uma civilização na qual quem não é branco trabalha para manter tranquilas as superiores vidas brancas. O homem branco criou o racismo para inventar o corpo negro como inimigo e até hoje nossa organização social persegue pessoas não brancas e pobres, com a desigualdade, com a polícia, com a fome, com a morte. O país negro é escondido pelo mito da democracia racial, o qual pretende manter a imagem da miscigenação como um grande aceite das opressões ainda

mobilizadas sobre corpos negros, indígenas e tantos outros que não são brancos. Qual ordem? Qual progresso? Qual paz? Qual povo?

No modelo de família colonial, transformada em tradicional *brazyleira*, as mulheres negras escravizadas eram forçadas a lidar com toda a carga de cuidado do lar que seria de responsabilidade da mulher branca. Eram elas que cuidavam dos filhos da mulher branca com o homem branco. Aqui no Brasil, foram as mulheres negras as responsáveis por inserir na estrutura colonial de dominação a possibilidade de resistência por meio da conexão e transformação da língua, das histórias orais, dos cantos, dos cuidados com as crianças brancas. Foi a Lélia Gonzalez que me disse isso, lá em 2020. Num é um bafafá o que um corpo continua fazendo enquanto tentam apagar a sua história? Corpos não brancos e não heterocis conhecem os horrores necessários ao sistema patriarcal para manter soberana a imagem do homem branco heterocis. São também corpos que anunciam um outro mundo, porque enxergam a organização social como um corpo que, mesmo sendo ameaçado, denuncia o esquema de opressão e cria as suas rupturas. Os corpos são beneficiados e vulnerabilizados por um esquema de categorização ligado por entrecruzamentos de raça, gênero e classe, sexualidade também e tantas outras categorizações. Ocupar os espaços criados pelos entrecruzamentos opressivos pode funcionar como pista para sentir o corpo como uma composição constante entre capturas e rupturas de movimento. Um corpo que fala do entrecruzamento opressivo que o afeta já está se movimentando para criar as rupturas possíveis; se o mesmo corpo é ouvido, o local de onde fala já foi remexido, deixando de ser um entrecruzamento opressivo para ser um território de criação de possíveis; se muitos corpos se ouvem e criam possíveis conjuntamente, quais saberes se movem? Como os corpos remexem as opressões que os afetam?

O Cristianismo é uma caravelha especial, porque com ele vem a imagem perfeita de um homem branco e heterocis que nasceu, viveu e morreu para salvar todas as almas do inferno. É óbvio que ele se chama Cristo, neah? A montagem da drag Dhizus foi ahazzadora, *honey*. A instituição de uma única maneira de pensar foi necessária ao controle e apagamento das diversidades de crença, de corpos e de relações com a natureza existentes nos territórios das Américas, reforçando ainda mais o racismo como esquema de separação e morte. O cristianismo contribuiu para facilitar a transformação de povos originários das Américas Latinas em não humanos por não serem brancos nem cristãos e também instaurou entre eles a ideia de pecado e de um Deus punitivo que vivia por sacrifícios. A caravelha cristona inaugurou uma cisão nos corpos colonizados, segundo a qual o espírito deveria trabalhar a fim de que o corpo fosse perdoado por seus pecados. Era preciso criar cisões em todos os corpos, entre todos os corpos, para que se instaurasse neles uma disputa, motivada pela busca de um padrão

inalcançável. O padrão era o próprio colonizador e sua perfeição, aos olhos de Deus. E aqui estamos, até hoje tentando ser uma cópia fracassada dos colonizadores, sejam eles novos ou antigos.

O cristianismo organizava a família, a qual, como toda boa unidade civilizatória, era encarregada de organizar os corpos de acordo com a vontade de Deus. E qual era essa vontade? Não estou falando dos Dez Mandamentos, se eles tivessem sido levados em consideração, talvez o colonialismo não tivesse obtido tanto sucesso aqui. Todos foram desrespeitados, o que significa que não são tão mandamentos assim. A vontade de Deus é a mesma vontade do colonizador: a subserviência da mulher e dos filhos e filhas ao homem, a constante desumanização de corpos não brancos e a organização dos corpos para uma vida em débito desde o início, inserida em uma busca constante de ser aquilo que nunca será. A colonialidade é a manutenção do poder do homem sobre todas as coisas e corpos, desde que ele seja branco, heterossexual, cisgênero e cristão... *He is a big God!*

Nessa organização colonial, as mulheres precisavam ser mantidas quietas, obedientes, polidas, bem apresentadas, era obrigação da mãe criar uma filha casável. Os filhos seguiam os passos do pai, cuidados pela mãe, ou melhor, pelas mulheres negras escravizadas. Desde cedo eles aprendem que seu corpo é dominador, que precisa conquistar o feminino, descobrir uma mulher, colonizar o feminino com sua masculinidade treinada. Ambos os corpos, de filhos e filhas, foram atravessados pelo gênero, por causa de um sistema de diferenciação sexual que equaliza: pepeca = menina; pintinho = menino. Assim foi feito com o pai e com a mãe; também com a mulher escravizada e com o homem escravizado, com a diferença de que estes foram, antes, desumanizados pelo racismo, tais categorias só serviram para dominá-los mais.

A sociedadzy brasileira é racista. O *Brazyl* não é laico. O uso perverso da religiosidade como dominação é sofisticado pelo neopentecostalismo, a fé é obediência e o pecado enche helicópteros com malas de dinheiro. A cada sala que se entra, um crucifixo se estende para celebrar a conquista pelo sofrimento. *In Brazyl*, não se respeita o gênero que não é cisgênero nem a sexualidade que não é heterossexual. São necessárias leis que garantam punições às pessoas para que elas possam repensar suas violências contra os corpos que não correspondem ao heteroimbecistema, com ameaça financeira ou de privação de liberdade. A sociedadzy *brazyleira* grita ser branca, cristã e heterocissexual; a sociedadzy *brazyleira* é um fracasso, uma piada pronta e uma história de horror, tudo isso junto e misturado. Hoje, é possível pensar a sexualidade e a religiosidade como próximas, como formas de afirmação da vida em cada corpo. Sua relação de dominação perde força a cada vez que um corpo exercita a sua crença sem sentir culpa pela sua sexualidade e pelo seu gênero, sem a necessidade de se punir: uma sapatona

evangélica, uma bicha católica, uma travesti papisa, por que não? Presidente-senador-deputado-prefeito-policia-pastor-professor-psiquiatra-médico-marido-namorado-pai-papa-PATRIARCAL... E onde fica o corpo em uma sociedade organizada por esses homens, para esses homens?

A caravelha Heterocissexismo, a última, mas não menos importantchy ao colonialismo, também contou com o apoio do cristianismo para organizar a família branca como seu modo de reprodução. Os povos negros escravizados eram impedidos de constituir famílias, por meio do roubo e da venda de seus filhos, da separação e morte de cônjuges, de estupros sistemáticos realizados pelo homem branco colonizador. A desumanização necessária à colonização consistia em produzir pessoas não brancas como animais, pessoas não homens como inferiores, pessoas não cristãs como demônios, pessoas não heterossexuais e não cisgêneras como abominações e anormalidades morais. É preciso perceber-se corpo atravessado por estruturas sociais hierárquicas que envolvem raça, classe, gênero e sexualidade. O que acontece quando um corpo, colonizado pelas caravelhas, inventa de se mover? Do que é feito um novo pensamento?

Com o reforço do cristianismo e da ciência classificatória branca, a caravelha heterocissexista chega bombando como normalidade a ser estimulada e seguida por todos os corpos. Como o Deus cristão é único, soberano e exemplo a ser seguido, obviamente o homem branco heterocissexual foi referência para a sua corporificação, a sua primeira criação no mundo. O homem, então, torna-se o Deus da casa, tudo sabe e tudo vê, todos devem obedecer e seguir seus mandamentos. É função do homem da família trazer para o lar o regime de poder que vigora na sociedade e organizar os corpos a partir de si. Os pintinhos serão seus projetos de homens e as pepecas serão chamadas de filhas, treinadas a obedecer e a aceitar, para serem a mulher perfeita do perfeito homem branco. A sexualidade é controlada, inclusive a da esposa. A mulher branca não era relacionada ao desejo sexual do homem branco, o qual, curiosamente, investiu-se do poder de violar os corpos das mulheres e dos homens não brancos, considerados não humanos pelos colonizadores brancos. Com o cristianismo, os hábitos sexuais não heterossexuais ganharam o nome de pecado, de tentação, de envolvimento com o demônio; a ciência, ao longo do tempo, contribuiu para reforçar a exclusão de pessoas não heterossexuais e não cisgêneras como anormais, doentes mentais, pervertidas, invertidas, desviadas. A estratégia colonial da caravelha heterocissexista, necessária ao padrão europeu de família, era categorizar, dominar e eliminar aquelas sexualidades e aqueles gêneros que não correspondiam à norma que criaram, que não faziam funcionar a família como uma unidade civilizatória, que não se compunham como corpos heterossexuais, monogâmicos, cisgêneros, cristãos,

reprodutores e patriarcais.

Ainda hoje o casamento continua sendo romantizado e pertencente à heterossexualidade e à cisgeneridade; as mulheres brancas heterocis e cristãs fazem cursos para se tornarem noivas, os homens também se aprendem noivos ao concluírem etapas até o dia especial do casamento, e se esbaldam na despedida de solteiro que permanecerá sofisticada pelas suas escapadas para gozar fora de casa. Quando homossexuais se casam, as notícias ganham chuvas de *likes* e comentários cheios de desinformação e insegurança, enquanto os casais heterossexuais enchem as páginas da internet com as mesmas fotos, sorrindo forçado para desenhar a felicidade que se busca após o: “sim, eu aceito”! Machos pensam-se como colonizadores do feminino desconhecido, ainda hoje homens heterossexuais imaginam mulheres como territórios a serem conquistados.

A depender da sexualidade e do gênero, machos demonstrarão das formas mais violentas o local que um corpo ocupa na sua lista de categorias não humanas. O casamento monogâmico heterossexual precisou ser estimulado pelo cristianismo para criar a unidade da família e manter funcionando o regime de poder do homem branco. No modelo de família, os espaços para as sexualidades são dois, estabelecidos por meio de uma diferenciação desigual dos sexos, dos órgãos genitais e de suas funções no momento do contato sexual; o sexo só pode ser penetrativo e reprodutivo. E as homem gay permanecem na tentativa de pertencer ao mesmo modelo de família, inventando os papéis de “ativo” e “passivo” para convidar a masculinidade e a feminilidade heterocis para entrarem em casa. Depois se enfurecem quando perguntam quem é o homem e a mulher da relação. Vai uma heterocisnorma aí?

A sexualidade e o gênero foram continuamente mantidos próximos da família e da religião, constantemente condenados e estimulados em cada corpo que compunha a família branca e forçados sobre os corpos que não eram brancos. Não é à toa que ainda exista a necessidade de continuar apresentando pessoas não cisgêneras e não heterossexuais a partir da explicação prévia dos gêneros e das sexualidades; isso significa que se opera por meio de uma referência e ela é heterossexual, ela é cisgênera. É quase obrigatório explicar o gênero para o pretensamente superior corpo cisgênero e a sexualidade para o pretensamente superior corpo heterossexual. Não se engane, gatinha: esse joguinho imbecil de dominação pela explicação e separação é tão comum que está em todos os corpos, cê tá me ouvindo? CADA CORPO E TODOS OS CORPOS estão envolvidos pela paranoia colonizadora que separa para explicar e tratar e categorizar e dominar e explorar e controlar e hierarquizar e pela terra e água e fogo e ar e celular. E, a depender da posição de cada corpo nesse joguinho de cartas marcadas, dá até para sentir o tanto que se perde. E como se explica a existência de um corpo não heterocis para

aquele que se pensa como superior, como a referência de todas as coisas? Quando um corpo afirma seu gênero, não é necessário que alguém o explique, é obrigatório que o respeite. Quando um corpo afirma sua sexualidade, não é preciso explicação, corpos produzem prazeres para si e com os outros corpos de formas completamente diferentes das que se possa explicar. Quais identidades de gênero são explicadas ou explicáveis? Quais sexualidades? Com quantas explicações se faz um corpo? O que faz um corpo desistir da competição?

Ao se falar sobre vidas, é necessário exercitar-se para que elas não sejam categorizadas em uma maneira de ser, representativa de uma ideia de sociedade, forçada sobre todos os corpos: essa que separa, para categorizar e dominar. Ao pensarmos nas resistências dos corpos não heterossexuais e não cisgêneros, é possível perceber cada corpo como um território que foi invadido por caravelas envelhecidas que estão com suas fragilidades expostas: caravelhas. Velho, nesse sentido, tem a ver com aquilo que é conservado, que é mantido em funcionamento mesmo que seja inadequado, violento, ultrapassado e desnecessário. Tem coisa mais velha que as caravelhas europeias do *Brazyl zil sil*?

Racismo, Cristianismo e Heterossexismo sofrem abalos em seus cascos a cada vez que um corpo se afirma como vida e exige respeito, que se afirma como corpo e desestabiliza as categorias que o explicam – quando um corpo negro cerca os racismos que o pretendem imóvel, quando uma bicha escandaliza com as normas impostas sobre ela, quando uma travesti decide sobre seu corpo para além do binário moderno de gênero, quando uma sapatão provoca a pretensão da categoria mulher, quando um corpo trans engravida de outro corpo trans, quando um corpo gordo questiona a absurda noção de corpo padrão, quando um corpo deficiente decide não corresponder às categorizações que só depositam nele as incapacidades dos pretensamente normais.

Corpos podem se mover como um território em descolonização de si. Fica atenta, buneca: quando se move como um corpo, não se assume controle de nada. Mover-se como um corpo tem mais relação com perceber e suspeitar e desarticular os diversos e sofisticados controles que limitam movimentos de vida. A gente tá falando da colônia, kiridã, querer assumir o controle do corpo é exatamente o que é preparado pra nóix, porque isso limita o movimento da vida em uma simples sentença: eu sou assim, mesmo! Mover-se como um corpo tem mais a ver com perder-se do controle, não corresponder aos comandos, ir parando de funcionar como antes e fracassar para a norma, porque movimentos de vida não estão em controles remotos.

As caravelhas também sofrem abalos quando corpos brancos, heterossexuais, cisgêneros e cristãos percebem como elas organizam muita coisa para sua vida ser mais confortável, mais vantajosa, com menor concorrência dos outros. Tudo que não era da cultura

européia foi ignorado, apagado, transformado em primitivo para ser superado pela nova e fresquinha modernidadzy ocidental. É mais fácil ganhar quando as regras do jogo são as suas. Quem é que vai competir? As caravelhas ajudaram na produção e na reprodução de uma referência de corpo necessária à sociedade que funcionaria pela desigualdade, acionada periodicamente quando os corpos com deficiência são excluídos dos debates sobre corpo, das seleções para o trabalho, da possibilidade de produzir e sentir prazer, conhecimento, saber. As caravelhas aportaram em cada corpo. Racismo, Cristianismo, Heterossexismo são entrecruzados para a produção de cada corpo em seu devido lugar e contribuem com o estímulo necessário para que cada corpo aprenda seu lugar no mundo e seja alguém na vida que está organizada antes do nascimento e depois da morte.

Cada corpo importa. Importa ainda mais perceber como corpos travestis, transexuais, sapatões, bissexuais, não binários, gordos, viados, intersexuais, crossdressers, transgêneros, pansexuais, assexuais, com deficiência e toda uma diversidade de possibilidades de vida encontraram formas de afirmarem-se como vidas possíveis, mesmo vivendo em regimes de poder que, ao longo dos anos, intensificaram e sofisticaram as combinações opressivas de raça, gênero, classe, sexualidade como caravelhas que colonizam corpos.

As histórias desvalorizadas precisam ser contadas, as formas de existir e as afirmações da vida em favor de outras formas de ser corpo são as possibilidades de existência do desconhecido. Alguém se lembra quando, na escola, os professores falaram sobre a vida de Madame Satã como a história de uma vida bicha e preta no Rio de Janeiro dos anos 1930? Ou quando exibiram nas aulas de arte e literatura a trajetória do grupo de bichas Dzi Croquettes como corpos criando vidas e artes em meio à Ditadura Militar? E quando contaram da vida de Cintura Fina, a Marilyn do presídio, a rainha da Lagoinha, a travesti navalheira que fazia voar os quepes dos guardas heterocis que a agrediam diariamente com suas regras imbecis?

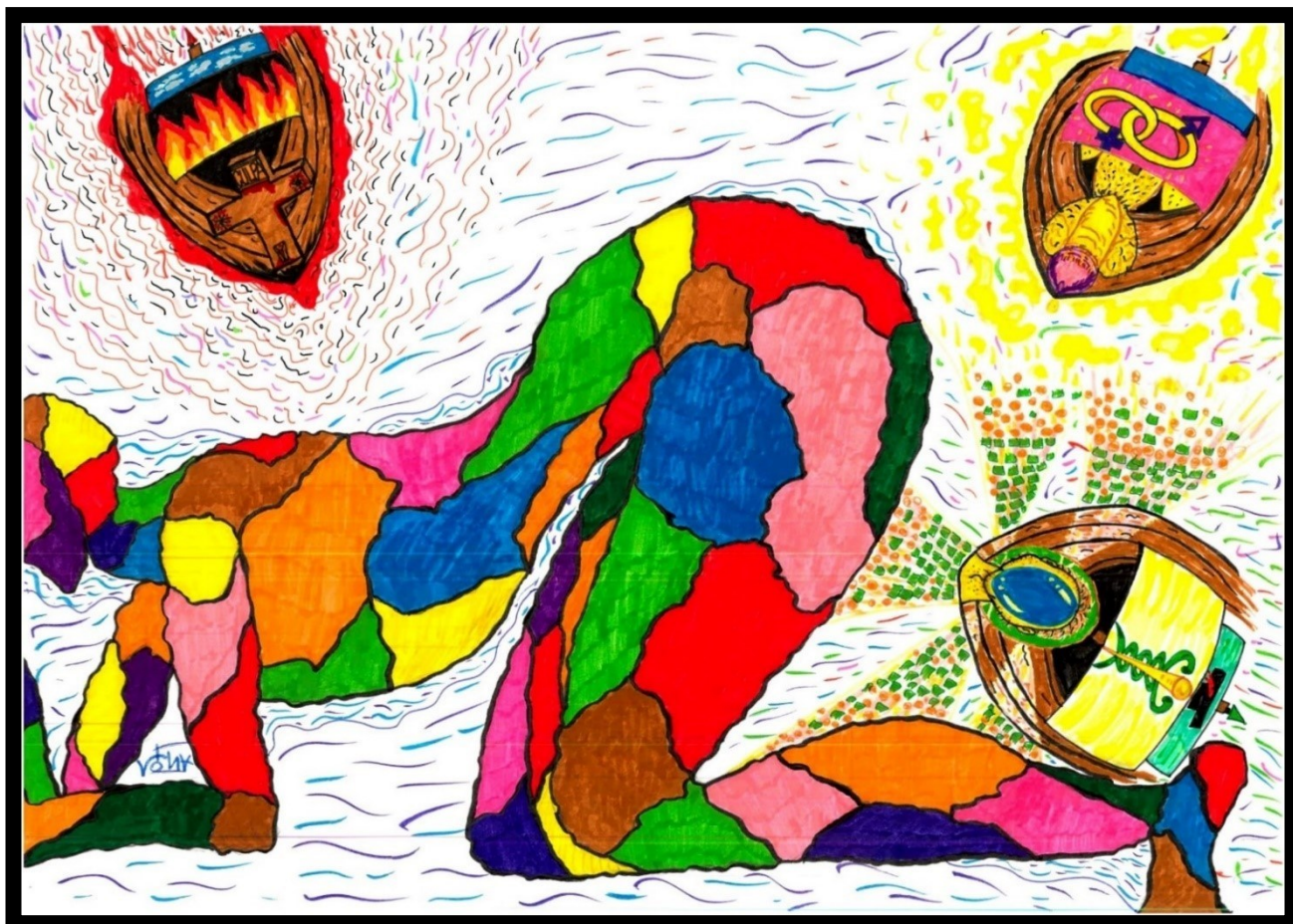
Ninguém se lembra? Qual história? Qual corpo?

É preciso perceber-se como corpo, porque um corpo colonizado é território para as constantes e sofisticadas colonizações das caravelhas. É preciso inventar-se como corpo, porque só um corpo inventado consegue desmobilizar efeitos das colonizações. Um corpo aproximado de si pode perceber aquilo que está preparado para um corpo ser, pode suspeitar, pode desistir de participar, pode não querer vencer e inventar jogos para ganhar junto. Um corpo pode se mover para longe das paranoias criadas pela colonização do homem branco, heterossexual, cisgênero e cristão. Quais caravelhas ainda sustentam a sensação de superioridade? Qualquer corpo pode se colocar em movimento, como puder, do jeito que der. Como desarticular aquilo que gera tristezas? Insistir nas alegrias é a pista que sigo. Deve ser de propósito! É o que digo.

As tristezas são atualizações das caravelhas sobre o mapa criado como corpo e produzir alegrias tem a ver com rasgar os mapas criados, queimar as direções que dominam territórios e corpos e movimentar o corpo em relação com o desconhecido, o desconsiderado, o desvalorizado, o desviado. As histórias desaparecidas precisam ser contadas, mesmo que tardiamente, porque são os corpos esquecidos que sabem dos caminhos não investigados.

Na busca por escarafunchar caminhos possíveis, é preciso cercar as caravelhas, perceber seus movimentos e sabotar seus avanços, de modo que o corpo possa investigar-se como território a ser descolonizado, desorganizado, desaprendido. Por isso, precisei passear por caravelhas e reproduções e família e corpos para chegar até aqui e questionar aquilo que ainda parece ser a referência: o que é a heterossexualidade? O que é a cisgeneridade? O que é o branquismo? E o Cristianismo? Que corpo é você? Se joga!

Figura 2 – As caravelhas no mapa-corpo



Fonte: Elaborada pela bicha.

Na Figura 2, temos um mapa com seus territórios divididos em cores variadas, representando um corpo humano em posição de quatro apoios, sobre os joelhos e cotovelos,

com a bunda empinada. Nas águas que margeiam o mapa, aparecem três caravelas se aproximando. Acima e à esquerda está uma caravela navegando sobre um mar de sangue; em sua proa está uma cruz de madeira ensanguentada em que se lê “CULPA”; as suas duas velas ilustram a oposição entre um céu azul com nuvens e um inferno em que se vê chamas sobre um fundo preto. Acima e à direita, a segunda caravela navega em um mar de porra amarelada; em sua proa aparece um pênis flácido, suas velas representam a oposição entre masculino e feminino, com os símbolos da sexualidade heterocis entrelaçados e as cores rosa e azul. À direita e abaixo está a terceira caravela, navegando em um mar de dinheiro; sua proa tem um rosto de um homem branco, com um espelho no lugar da face, o qual reflete em direção ao mapa; uma de suas velas tem o símbolo das ciências médicas e a outra, um capelo.

1.2 Colonialidade do poder e colonialidade do corpo

As colonizações europeias das Américas foram possíveis por conta de uma organização metodológica da concepção de raça, diretamente da Europa para você. Em 2020, eu falei com a Lélia Gonzalez, cêis tão sabendo, e ela me disse que a hierarquização social que estruturou as formas de vida nas colônias foi resultado de uma série de testes feitos pelos brancos europeus para tomar os territórios conquistados pelos mouros e muçulmanos. Isso se deu em uma sequência de guerras que caracterizou a Reconquista da Península Ibérica, período que durou do século VIII ao século XV e terminou décadas antes do início das missões civilizatórias nas Américas, as quais se utilizaram de processos de dominação e exploração dos territórios e dos corpos não europeus e não brancos. Aí eu pensei: quanto tempo tem pra matar essa saudadzy? Sete *fucking* séculos desse pessoal metido em guerra para treinar métodos de dominação que sustentaram a perversidade branca de criação da raça como sistema de hierarquização que se valia da diferenciação desigual dos corpos por causa de sua cor. Tem condição? Teve e ainda tem, bunecas. Isso foi só a beirinha do mar de *mierdas* que azeuropeia criaram pra zenty se afogar.

As guerras aprimoraram técnicas bélicas e judaico-cristãs para a conquista do território e concomitante hierarquização dos corpos, partindo do território-referência (Europa, principalmente Portugal, Espanha, Inglaterra e França) e do corpo-referência (homem, branco, heterocis, cristão, burguês). A união da cruz e da espada, um instrumento de tortura e um armamento militar, proporcionou a implementação de dualismos perversos, os quais impuseram um modelo de corpo e uma forma de organização social a toda e qualquer possibilidade de vida, corpo e relação com o território já existentes antes das invasões

européias. As torturas judaico-cristãs e as técnicas militares de invasão foram responsáveis pela execução metodológica da oposição desigual que impôs o corpo branco como a referência de cidadão civilizado, dentro dos moldes europeus de civilização, e corpos não brancos como exemplos do passado, do primitivo, do arcaico, do que devia ser superado e transformado em moderno, dentro da concepção eurocêntrica de modernidade, a qual significava a transformação das vidas-não-brancas e territórios-não-europeus em buscas frustradas pela proximidade com a referência universal. A superioridade europeia era, desse modo, naturalizada como a única forma de avanço social, econômico, científico, religioso, pedagógico, estético, organizacional, relacional, psicológico, emocional e corporal.

Quando *hablei* com Aníbal Quijano, lá em 2005, ele me *hablou* que eu tinha era que ficar esperta logo e parar de tentar ser aquilo que eu nunca seria. Eu fiquei bastante encucada com aquilo, mas logo percebi que precisava mesmo era ficar encorpada, porque é o corpo todo que tenta, o tempo inteiro, ser uma merdinha europeia: um branco de *mierda*, um homem de *mierda*, um heterossexual de *mierda*, um cisgênero de *mierda*, um cristão de *mierda*, um burguês de *mierda*, um intelectual de *mierda*, um cidadão de *mierda*... Tanta *mierda* que extrapola a capacidade da cuca, meuamô. Se a zenty tá afundada no mar de *mierdas* modernas eurocentradas, como é possível que o treinamento seja apenas cognitivo, que se dê apenas nas formas de pensar e não no corpo todo?

A modernidade estabelecida pelas colonizações europeias instituiu metodologias variadas e constantemente sofisticadas para a dominação do padrão mundial de poder, que possibilitou aos europeus produzirem a si mesmos como os seres humanos mais modernos, mais novos e mais avançados da espécie e utilizarem essa mesma produção de si como justificativa para categorizar corpos e modos de vida não europeus, utilizando-se de um sistema de hierarquização racial. Quando um corpo é o mais-mais, todo o resto é menos-menos, neah? Nenhuma outra sociedade poderia ser entendida como moderna se não estivesse submetida aos rigorosos padrões de qualidade europeus, os quais, basicamente, estabeleciam um concurso sem fim pelo título de melhor tentativa de cópia da paranoia eurocentrada. A modernidade eurocêntrica é o cocô no maiô da história. E ainda estamos aqui, tentando disfarçar o vexame.

Para demonstrar a perversidade desse esquema de *mierdas* brancas, Quijaninho, na mesma conversa, já lançou o babado da *Colonialidad del Poder* (2005), uma conceituação que ele inventou para cercar aquela hierarquização da qual a Lélíssima já havia me alertado. Ele me avisou que a constituição da raça se tornou mais perversa com a colonização das Américas, visto que os processos foram muitos e cada um deles sofisticava um pouco mais

as hierarquizações treinadas pelos colonizadores europeus naqueles sete séculos. É aquilo, garotas: enquanto muita gente tá pensando que as colonizações são coisa do passado, as bunecas demonstraram que elas estão em constante atualização dentro dos regimes de poder que pretendem a manutenção de um Estado-nação democrático, *pero no mucho*.

Para não incorrer na reprodução do absurdo no qual “democracia” maquia perversidades coloniais, insisto em nomear o regime de poder *brazyleiro* como demogracinha: um sistema de governo sustentado pela *Constituição Federal de 1988* (BRASIL, 1988), mas que permanece não garantindo direitos equânimes a todos os corpos que vivem no imenso território chamado de Brasil; que diz que o Brasil deve ser governado pela vontade de seu povo e que se refere ao povo como ignorante, carente, desorganizado, empobrecido, miserável, faminto, mal educado, preguiçoso, malandro, atrasado, reclamão e dependente da salvação do homem branco que o preside a cada quatro anos. – Ah, mas teve a Dilma... Sim, teve, kirida, mas cê viu o baile que os machos fizeram para inventar o golpe dado nela? Então, o que permanece é a vontade do macho.

Um país sustentado por uma *Constituição* que vem sendo emendada há 33 anos, preenchida com parágrafos que defendem, entre tantas urgências, a liberdade de expressão, o direito à saúde, à educação, ao exercício da crença, à moradia, ao trabalho, ao sustento, à terra; que buscam o desfazimento das estruturas racistas que organizaram as formas de governo, o entendimento das diferenças entre os corpos e a equalização dos acessos sem discriminações por raça, classe, gênero, sexualidade, crença, regionalidade, funcionalidade, territorialidade, nacionalidade, entre outras; que estimulam a participação social, a diminuição da pobreza e da disparidade econômica, as reformas tributária, agrária, política... Um país que vem demonstrando com sucesso o fracasso de tentar ser aquilo que foi obrigado a se tornar e sofisticando os modos coloniais de dominação. Enfim, uma *Constituição* que é uma gracinha de ler e um governo que é um horror de sentir acontecer. Foi da Silver, a travesti com quem eu sou macumunada, que eu catei a palavra “demogracinha” para compor o remeleixo que a gente quer aqui.

Muito bem! Tava falando do babado da Colonialidade do Poder (QUIJANINHO, 2005) e acabei na *Constituição de 1988* e no Brasil de 2021. Curioso, né? É que o tempo não é linear, nem a história, nem a vida, muito menos o pensamento, kiridã. Cê tá passada? O babado é que a gente já tá metida na *mierda* há séculos e eu tô interessada em como isso tudo afeta o corpo, produz uma maneira de ser corpo, cada corpo, entre os corpos. Por isso comecei esse papo, para tentar dar conta de, pelo menos, cercar um pouco da *mierda* e provocar algumas descargas. Lembrei aqui que Aníbal *también* me explicou que a Colonialidade do

Poder permanece em movimento e que, mesmo que o período colonial e o poder do rei tenham sido substituídos por outros regimes até a gente chegar ao ponto em que estamos, aqui no *Brazyl*, o buraco é mais embaixo e apaixona-se facilmente pelas técnicas coloniais de poder, celebrando-as, inclusive.

Como ele me *hablou*, a raça constituiu o padrão mental da modernidade, o que significa que as nossas formas de pensar, de analisar, de organizar, de trabalhar, de viver são orientadas por uma cognição para a qual as formas de pensar funcionam por classificações baseadas na diferença colonial, inaugurada pela metodologia branca de racialização-desumanização-dominância. Essa metodologia legitima outra relação entre os corpos, os quais agora passam a ser entendidos por meio de oposições desiguais: colonizado/colonizador, primitivo/europeu, negro/branco, sem alma/cristão, objeto/sujeito, alma/corpo, mente/corpo, emoção/razão, explicado/científico... Uma série de oposições que seguem o par inferioridade/superioridade, o qual só é possível a partir da categorização daquilo que não pode ser para a posterior criação daquilo que será a regra. Foi dessa forma que a Europa Ocidental se criou como a referência de civilização moderna, colonizando as Américas e forçando a sua organização civilizatória como regra desconhecida a ser seguida e estimulada como padrão de modernidade.

Para que fosse possível a execução e a reprodução da hierarquização colonial, um novo sistema de trabalho, estruturado na servidão dos povos indígenas e na escravização de povos de países africanos, foi imposto aos territórios colonizados. O capitalismo surge como uma nova estrutura de organização e controle do trabalho, desconhecida pelos povos colonizados, os quais organizavam-se por meio de outras relações, outras economias. A imposição desse novo sistema de exploração do trabalho inaugurou um novo padrão de poder, o qual estabeleceu deliberadamente modos de escravidão, servidão e produção de mercadorias que mantivessem o mercado mundial alimentado pelas explorações das colônias. Nessa estrutura econômica, os corpos que tinham acesso ao salário, uma compensação capital pela exploração do trabalho, eram os corpos brancos e aqueles mais próximos da nobreza e dos padrões burgueses. Quanto mais nomeados e reconhecidos como nobres dentro da estrutura de organização social fossem os corpos, mais acessos tinham aos altos cargos, invenções europeias responsáveis para manutenção do poder de controlar entre poucos. Cê tá achando que as caravelhas pararam, meuamô? Pois vá achando aí, enquanto elas continuam por todo o território-corpo criando as mais estapafúrdias justificativas racistas, heterocissexistas e cristonas para a manutenção do capitalismo neoliberal colonial multinacional que a zenty engole todos os dias e ainda agradece antes de dormir.

Como a racialização produziu uma hierarquização dos corpos pela diferença de cor, posteriormente sofisticada pelo cristianismo, pela ciência, pela educação, pela medicina, direito, psicologia e afins, não fica tão difícil entender quais corpos acessavam salários e cargos na colonialidadzy, neah? Ainda hoje naturaliza-se a destinação de subempregos aos corpos não brancos, não heterocis, deficientes e a todos aqueles que não correspondem ao padrão de corpo aceitável para o bom emprego, o bom salário, o bom cargo. O desemprego tem raça, tem gênero, tem sexualidade, tem forma, conteúdo e objetivo, ele constitui um método de seleção e delimitação dos corpos que poderão acessar quantias e poderes. Bonita a nossa história, neah? Tá gravando?

Quando Lélia (2020) insistiu que a demogracinha brasileira consiste no movimento de transformar diferenças em desigualdades, eu logo contei para ela que o Aníbal (2005) *me había dicho* que a expansão do capitalismo como sistema europeu de exploração do trabalho pelo mundo dependeu de três verbos: expropriar, reprimir e forçar. Aí ela perguntou se eu tava maluca e eu falei que não tava não, que essas três ações foram descritas por ele de uma maneira que me fez pensar em um movimento muito mais perverso do que uma dominação econômica, justamente porque não se tratava apenas da nova exploração do trabalho nas colônias, mas do estabelecimento de um novo padrão de poder que contava com instituições que entrecruzavam as suas ações sobre os corpos de modo que estes permanecessem cercados e praticamente obrigados a reproduzir o modelo de exploração ao qual estavam submetidos. E depois a maluca sou eu? Tá boua, santa, tá sentada?

Três verbos, três ações tão sofisticadas que se tornam quase imperceptíveis e são reproduzidas por todos os corpos inseridos na eterna corrida pelo reconhecimento europeu de modernidade. Expropriar é a primeira ação porque está relacionada com as colonizações, com as invasões de territórios e corpos, com o objetivo de transformá-los em produtos e produtores de mercadorias para enriquecimento do colonizador. Mas a expropriação das colônias não poderia acontecer sem parcerias, né, manas? É aqui que entra a ação de reprimir, a qual tem a ver com a desautorização de todas as produções de conhecimento, de sentidos, de criação de símbolos, de expressão das culturas e das subjetividades que não se relacionassem com a referência europeia. E a gente aqui, achando que as referências dos artigos acadêmicos são apenas sustentos para a produção de um saber nosso, enquanto estamos apenas participando da sofisticação colonial da reprodução de um saber que necessita da autorização eurocentrada. Isso faz parte de um aprendizado constante que é acadêmico e religioso e emocional e estético e educacional e artístico e cultural e corporal, tudo envolvido em um grande acordo mundial, com o Supremo e com tudo. É preciso dar o truque nos saberes

européus que pretendem dizer algo sobre as Américas e dizer logo o que essas feiuras precisam ouvir: devolve meu ouro, paranoica!

Chego no terceiro verbo: forçar. Territórios expropriados e corpos reprimidos constituem o cenário perfeito para forçar sobre os colonizados o aprendizado parcial da cultura dominadora de forma material, tecnológica, subjetiva e, especialmente, religiosa. Sim, minynas, é especialmente religiosa porque o cristianismo foi responsável pelo desfazimento das crenças e dos saberes dos povos colonizados e por forçar sobre eles um novo padrão moral que reprimia suas sexualidades, seus gêneros, suas crenças, seus rituais, suas relações com a natureza, seus cuidados com a saúde corporal, seus saberes sobre as plantas, seus modos de se alimentar, seus modos de composição das relações de parentesco. A repressão era, então, acompanhada pela imposição do modo eurocentrado de organização das relações dos corpos consigo e entre si, de modo a assimilarem as hierarquias que estruturavam a modernidade europeizante. A sofisticação desses procedimentos metodológicos de dominação é que sustenta, ainda hoje, a imbecilidade de um corpo que se diz normal, tradicional, conservador, familiar e cidadão de bem. Os bons costumes cheiram a podre, meu amor! Que nojo!

A Lélia é muito babadeira, neah? Olhando daqui, a demogracinha brasileira é mesmo o resultado de uma metodologia que objetivou a invenção da vida sob hierarquias e dominações. O aprendizado desta organização está relacionado com a mobilidade dos corpos dentro da estrutura que os hierarquiza, a depender dos entrecruzamentos de raça, classe, gênero, sexualidade e tantos quantos forem possíveis. Na demogracinha *brazyleira*, a desigualdade é necessária para manter a soberania do poder masculino e cisgênero e branco e cristão. Afundados na *mierda* colonial que rebatizaram como crise, depois de “novo normal”, os homens brancos que governam o país dizem haver uma luz no fim do túnel. Se a luz no fim do túnel é branca e reluzente, ela também é heterossexual e cisgênera e cristã, suspeito ainda que ela tenha outras nuances que, misturadas, resultem nessa brancura toda. Mas, se tem toda uma galera dentro desse túnel e apenas uma luz para onde se guiar, seria o túnel um funil? Um caminho único para um bando de corpos diferentes entre si só poderia resultar em desigualdades constituintes de uma norma, um corpo, um modo, uma maneira de chegar, uma maneira de olhar, de se mover, de se orientar.

Ainda hoje, adora-se tudo que vem da Europa e dos Estados Unidos da América, nossos mais novos colonizadores, os quais ainda tentam ser superiores aos modos de organização dos ingleses que os colonizaram. A demogracinha constitui-se, ainda, em um movimento dependente da permissividade do governo estadunidense. É só aparecer uma pequena

possibilidade de mudança social, um pequeno respiro dentro da colonialidade na qual ainda vive-se aqui, que as EUA já organizam uma forma de retomar a dominação, de dificultar as possibilidades de vida por aqui, de testar as suas tecnologias de morte: foi assim no golpe de 1964, que enfiou o Brasil em 21 anos de ditadura; foi assim no golpe de 2016, que afundou o Brasil em um mar de retrocessos políticos, educacionais, culturais, de saúde e, então, sentimos de inúmeras formas como foi viver governados pelo burro do qual o tio Sam puxa o cabresto. As eleições de 2022 impediram a permanência do *presidon't*, mas não garantem o impedimento da reprodução de colonialidades entre corpos, bêibis. Não está sendo fácil continuar a nadar!

Os três verbos da colonialidade cercaram bem os territórios colonizados e os transformaram no sustento do próprio domínio econômico. Mas a acumulação do capital pelas Coroas não ocorreu apenas no domínio do trabalho, mesmo porque o trabalho não depende apenas da exploração do território. Corpos foram explorados de todas as formas para manter a organização do modelo econômico mundial desenvolvido para a dominação europeia do globo. Com a Colonialidade do Poder, Aníbal compôs, lá em 2005, o exercício de abandonar a história da boa colonização e pensar sobre os efeitos que ainda persistem e são mobilizados para manter os novos regimes de poder que utilizam dos pilares coloniais para lucrar sobre territórios e corpos.

Foi quando bati um papo com a Luciana Ballestrin, lá em 2013, que fui provocada a investigar as possibilidades abertas por Quijaninho. Ela também estudava decolonialidade e conversava bastante com ele, por isso já fui logo fofocar e fiquei sabendo que a Colonialidade do Poder é constituída por controles diversos e que não param de ser produzidos, justamente porque a dominação econômica exige a assimilação das tentativas de fuga do sistema. A cada escape, uma nova captura: transformar as diferenças em desigualdades, lembra? Daí que a Lulu soltou que os controles que sustentam a Colonialidade do Poder de Aníbal são, para além da economia, o da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento. Quijano já havia dado a deixa com aqueles três verbos que eu contei pra Lélia; Lulu já catou a treta e deu os nomes aos controles necessários ao padrão de poder. É aquilo, *menynas*, enquanto a colonização nomeia para dominar, a *zenty* nomeia as opressões para cercar seus movimentos e criar saídas possíveis. Não dá pra parar de nadar, boba.

Agora, *cê* pensa! Todo um diagrama de controle é organizado sobre um território mantido sob domínio constante da colonialidade. Em terras *brazyleiras*, as notícias não param de naturalizar o absurdo que é viver em um país da América, este vasto continente usado para

a constituição do padrão de poder mundial, da expansão do eurocentrismo e da hierarquização de corpos e territórios, utilizando-se da racialização. A dominação estadunidense inventou o Golpe de 2016 e elegeu um governante que bateu continência para a bandeira colonizadora e disse *I love you* para o magnata estuprador que queria a *America Great Again*; a desautorização de qualquer profissional que se opusesse à política de morte estadunidense durante a pandemia de covid-19 tornou-se cena diária da demogracinha, enquanto negociavam-se vacinas e empurravam-se lotes de tratamento ineficaz nos postos de saúde e atendimentos médico-ambulatoriais¹. O governo *brazyleiro* mantém um conhecido gabinete do ódio em pleno funcionamento, responsável pela desautorização de informações sobre a prevenção à covid-19, sobre a vacinação, sobre os escândalos de corrupção que envolvem a família que governa o país, tudo funcionando no smart(?)phone mais perto de você². Áreas imensas são desmatadas, queimadas e dominadas por grileiros, a fim de expandir os domínios da monocultura que sustentam os mercados alimentícios e financeiros dos países do norte global³; durante os anos do desgoverno na demogracinha brasileira, as queimadas atingiram recordes, somadas ao genocídio de povos indígenas que nunca parou de acontecer desde as colonizações⁴; a escassez hídrica tem durado muito mais que o inverno, as contas de energia elétrica não param de cobrar suas taxas absurdas a cada mês⁵; o país é sugado de todas as formas e ainda tem contribuição do *presidon't*.

Uma das justificativas absurdas que sustentam a demogracinha está na defesa da moral

¹ Cêis podzy conferir aqui: CABRAL, Marcelo; OLIVEIRA, Joana. Bolsonaro desautoriza Pazuello sobre vacina e entra em atrito com seu terceiro ministro da Saúde seguido. *EL País*, 21 out. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-21/bolsonaro-desautoriza-pazuello-sobre-vacina-e-entra-em-atrito-com-seu-terceiro-ministro-da-saude-seguido.html>. Acesso em 28 fev. 2023. STRUCK, Jean-Philip. Na ONU, Bolsonaro defende ineficaz “tratamento precoce”. *DW*, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/na-onu-bolsonaro-defende-ineficaz-tratamento-precoce/a-59251010>. Acesso em 28 fev. 2023. CARTA CAPITAL. Mensagens mostram que Bolsonaro sabia da negociação de vacinas. *Carta Capital*, 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/mensagens-mostram-que-bolsonaro-sabia-de-negociacao-de-vacinas/>. Acesso em 28 fev. 2023.

² Esse babado pode ser visto aqui: CARTA CAPITAL. Gabinete do ódio. *Carta Capital*, 2020-2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/tag/gabinete-do-odio/>. Acesso em 28 fev. 2023.

³ Se liga nesse linque: MENEGASSI, Duda. Grileiro já tomaram quase 12 milhões de hectares de florestas públicas na Amazônia. *O Eco*, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/grileiros-ja-tomaram-quase-12-milhoes-de-hectares-de-florestas-publicas-na-amazonia/>. Acesso em 28 fev. 2023.

⁴ Tá babado, num tá? KER, João. Pantanal e Amazônia registram recorde de queimadas em outubro. *CNN Brasil*, 1 nov. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pantanal-e-amazonia-registram-recorde-de-queimadas-em-outubro/>. Acesso em 28 fev. 2023. TERENA, Luiz Eloy; DUPRAT, Deborah. ARTIGO: O genocídio indígena atual. *APIB Oficial*, 18 mar. 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/2021/03/18/artigo-o-genocidio-indigena-atual/>. Acesso em 28 fev. 2023.

⁵ E tem mais aqui: LIMA, Bernardo; VICTORINO, Luíza. Escassez de água é um problema cada vez mais comum no país. *Correio Braziliense*, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/08/4945311-escassez-de-agua-e-um-problema-cada-vez-mais-comum-no-pais.html>. Acesso em 28 fev. 2023.

e dos bons costumes, esbravejada pelos defensores da família, essa instituição que foi necessária para a incorporação do regime de poder em todos os corpos por meio de relações de parentesco que obedecem às leis do Pai, do Padre e da Pátria. Para fomentar a desinformação, os defensores estabeleceram uma única forma de família possível, a colonial: Pai como a referência responsável por fazer valer no lar o regime de poder da colônia; Mãe subserviente aos valores que sustentam o Pai, responsável pela formação dos filhos e filhas de acordo com as normas estabelecidas pelo poder do Pai; meninos criados como conquistadores e meninas, como obedientes. Atacam-se todas as outras maneiras de se organizar relações de parentesco que não sejam a patriarcal organização colonial dos corpos e de suas relações consigo e com os outros. Aqui é comum ouvir que a família precisa ser defendida da ameaça gayzista, que a educação sobre gêneros e sexualidades nas escolas é um plano de organizações comunistas para transformar meninos em gays e meninas em lésbicas. Quantos absurdos são necessários para manter o poder do colonizador? A reprodução dos ideais de masculinidade como referências de poder e de prestígio e da feminilidade como vergonha e obediência não para xamays. A dinâmica de racialização instrumentaliza a dominação dos corpos na colônia ao facilitar a produção de hierarquias entre eles, a partir da diferenciação desigual. Tudo que não for a norma de cidadão criada pela modernidade eurocentrada é categorizado, desumanizado e dominado. Na esteira da sofisticação, aquilo que não é norma torna-se identidade assimilada politicamente, servindo de oposição à mesma norma que permanece inatingível e com o poder de classificar corpos a partir de si.

É quase impossível não pensar o *Brazyl* como um imenso esquema de pirâmide que distribui terra, herança e cargos para poucos e precarização, miséria e violência para tantos. O problema é que o esquema funciona também como a manutenção da pirâmide: as hierarquias inauguradas com as colonizações e com o novo padrão de poder mundial também criam um modelo de corpo a ser seguido como referência de civilização. Para criar um corpo, também se utilizaram da intersecção de padrões eurocêntricos de corpo-cidadão, os quais configuravam uma impossibilidade desde o princípio. Como é possível que um corpo das Américas corresponda a e preencha um padrão europeu que foi criado para dominá-lo? Ezatamentchy! Não é para preencher, nem para corresponder, o padrão serve é para dominar. Lembram-se da nova organização econômica que impunha regras desconhecidas aos corpos das colônias? Pois é! Me filma, me edita!

A Luciana (2013) também me contou que o Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) criou desdobramentos a partir do conceito do Aníbal, ampliando-o para colonialidade do poder, do saber e do ser. O Grupo M/C é uma mistura latino-americana de corpos que foi se

compondo no final da década de 1990 em encontros, eventos, seminários e publicações e funcionou mais ativamente até a primeira década dos anos 2000. Com integrantes de áreas diversas como sociologia, antropologia, linguística, filosofia e direito, o M/C movimentava-se pela provocação de outras formas de pensar a vida nas Américas Latinas, estimulando as investigações decoloniais em pesquisas, eventos, seminários, livros, linguagens e teorias não hegemônicas, utilizando-se de referências de posicionamentos políticos diversos que proporcionassem um conhecimento mais bem composto sobre os grupos explorados e oprimidos.

As três colonialidades funcionam em conjunto e criam domínios econômicos, políticos, cognitivos, eróticos, educacionais, psicológicos, emocionais, relacionais, corporais... São modos de manter a colonialidade sempre atualizada pela ideia de modernidade instaurada a partir da colonização das Américas. Para o M/C, moderno é o mundo inventado pelos europeus para apagar todos os outros mundos existentes antes de suas paranoias de dominação; e a modernidade é pensada como o “marco zero” europeu, a ideia absurda que estabeleceu o poder do colonizador como modo de produção das formas de ser e de saber nas colônias. A modernidade não é um espaço, nem um tempo, é um modo de manter funcionando as relações coloniais entre os corpos que habitam os territórios explorados pelo norte global. É a modernidade que separa corpos pela raça, pelo gênero, pela classe, pela sexualidade e tudo e tal, porque ela mantém a superioridade necessária a uma organização hierárquica. É a modernidade que mantém territórios inteiros como reprodutores da metodologia colonial da racialização em níveis cada vez menos perceptíveis, cada vez mais assimilados. Isso não quer dizer que a colonialidade gerou todas as opressões, mas sim que a metodologia utilizada para a dominação colonial continua em atualização enquanto categorizam-se corpos por meio de critérios cada vez mais sofisticados que objetivam manter algum tipo de superioridade para poucos, sustentada pelas desigualdades que atingem a todos os corpos e são mantidas pelo sofrimento da maior parte deles.

É, delícias, os controles necessários à manutenção das colonialidades não descansam, não perdem tempo, estão tão próximos de cada corpo que se tornam ordinários, comuns, diariamente reproduzidos, eles podem até ser eleitos para presidente. Foi rebolando com Lélia, Aníbal e Luciana que eu fui catando que a dominação acontece o tempo todo em todos os corpos e no corpo todo.

No próprio corpo são reproduzidas metodologias de separação: a cabeça é mais importante que o restante do corpo, a mente é a casa da razão, a emoção é menos importante por ter relação com os sentidos do corpo; a presença de um pau ou de uma buceta

diagnosticam o gênero e destinam a sexualidade diferencialmente a cada corpo; uma infecção crônica causada pelo HIV transforma um corpo em território de especulação científica, midiática e religiosa para estigmatização de uma forma de se relacionar sexualmente; a ausência de um membro, a dificuldade em escutar, enxergar, falar, corresponder ao único modo de ensino são justificativas para separar corpos com deficiência do acesso ao próprio corpo.

O corpo, na colonialidade, precisa ser inserido em um padrão de poder que define qual é a forma ideal, a cor ideal, o cabelo ideal, o pensamento ideal, o peso ideal, o gênero ideal, a sexualidade ideal, o sobrenome ideal, a posição política ideal, a formação ideal, a saúde ideal, o sentir ideal, o sorriso ideal, o saber ideal... O corpo é uma frustração frente à ideal representação daquilo que ele deveria ser, jamais conseguirá e permanecerá tentando alcançar: a superioridade colonial.

Tá, mas como é que se produz um corpo na colônia? Bom, o corpo que chegou com as colonizações europeias e foi reforçado com as colonizações estadunidenses aqui no *Brazyl* continua sendo atualizado com sucesso. O corpo-cidadão-*brazyleiro* é produzido por entrecruzamentos de instituições de manutenção do poder colonial: família, religião, escola, militarismo, trabalho. Isso quer dizer que o corpo que deve ser aprendido na demogracinha tem raça, tem classe, tem gênero, tem sexualidade, tem crença, tem que se conformar com alguma função precarizada, tem que se reproduzir, tem que se acostumar com a violência, tem que aprender a ser alguém na vida que foi preparada para ele.

A cada corpo que começa a ser gerado ocorrem atualizações das violências coloniais que constituíram um padrão inalcançável de corpo-cidadão, as mesmas que expropriam formas de ser, reprimem saberes e forçam um padrão a ser reproduzido aos montes, mas nunca alcançado. As violências coloniais são formas de manter corpos horrorizados desde o início por não conseguirem ser aquilo que é exigido deles, terminando por serem assimilados pelas normas que defendem a colonialidade modernosa. Na modernidade eurocêntrica, a violência colonial tornou-se inevitável, estabelecida assim pelos colonizadores, os quais nomearam “bárbaros” aqueles corpos que se opunham às colonizações, devendo ser punidos e assimilados ou mortos. Um corpo horrorizado aprende mais facilmente a ser assimilado, naturaliza a assimilação, afinal de contas, no *Brazyl* é assim mesmo.

As opressões que forjam um modo de ser corpo na demogracinha são resultados dos entrecruzamentos criadores de binarismos que favorecem a manutenção da superioridade do colonizador. Qualquer corpo que questione alguma imposição do corpo-referência é rapidamente escalonado abaixo dele e dentro de seus padrões constitutivos, porque o corpo-

referência está em todos os lugares, nas relações, no pensamento, no desejo, no prazer, na vontade de ser. Assim, qualquer corpo que demonstre algum desacordo com a referência poderá ser desumanizado por um conjunto de práticas que justifiquem a sua não correspondência. Se um corpo não é homem, logo será diminuído, entenderá que é dependente de seu domínio, aprenderá que é mais fraco, menos sábio, que precisa se esforçar para ser desejado pelo homem; sua reprodução, sua sexualidade, seu desejo e seu prazer serão colocados a serviço do homem. Se um corpo não é branco, será investigado como suspeito, como ameaça, terá seus saberes questionados, chamados de populares, de primitivos, encontrará dificuldades de acesso a educação, saúde, moradia, seus salários serão menores, seus empregos serão poucos, geralmente destinados ao suporte dos poderes brancos; suas culturas estarão ameaçadas, a desumanização será possível a cada característica física, psicológica, fisiológica, cognitiva, emocional analisada pela ciência branca que diz como ser um corpo não branco. Se um corpo não é heterossexual nem cisgênero, terá sua sexualidade e seu gênero dissecados pela família, pela escola, pelo psicólogo, psiquiatra, terapeuta, professor, pedagoga, padre até que sua vida só seja possível de ser compreendida por meio da culpa, da falta, da anormalidade, da perversidade; experimentará todo tipo de adequação possível para que seja reconhecido por alguma instituição como um corpo a serviço do poder heterocis. Tudo isso ocorre de forma conjunta, contando também com imensas contribuições da dominação cristã que anda muito bem, neném, amém?!

Racismo, heterocissexismo e cristianismo movem-se em conjunto, cercando corpos de sentidos que produzem uma única forma de ser corpo na colônia: aquela que constitui família e reproduz mais formas de incorporar as normas que sustentam o regime de poder patriarcal, este mesmo que, desde a colonização, destina poderes e acúmulo de capital ao corpo-referência, por meio da exploração. Homem-branco-heterocis-cristão, esta é a referência de manutenção da colonialidade nos corpos, entre os corpos. Ela é mantida por constantes atualizações de padrões racistas, heterocissexistas e cristãos em cada corpo que nasce, vive e morre na demogracinha *brazyleira*. Essa falação toda com Aníbal lá em 2005, Luciana em 2013 e Lélia ali em 2020 me fez suspeitar de que um modelo de corpo deve ser constantemente reproduzido para que as colonialidades do poder, do saber e do ser possam continuar se atualizando e se sofisticando. A cada corpo que reproduz os pilares coloniais de constituição do corpo-referência, há a permissividade da violência colonial nas suas pequenas relações, consigo mesmo e com outros corpos. A atualização dessa violência estabelece hierarquias entre os corpos, sustentadas pelas pretensas superioridades que pensam acessar e que não passam de buscas frustradas de se aproximarem do padrão que os coloniza.

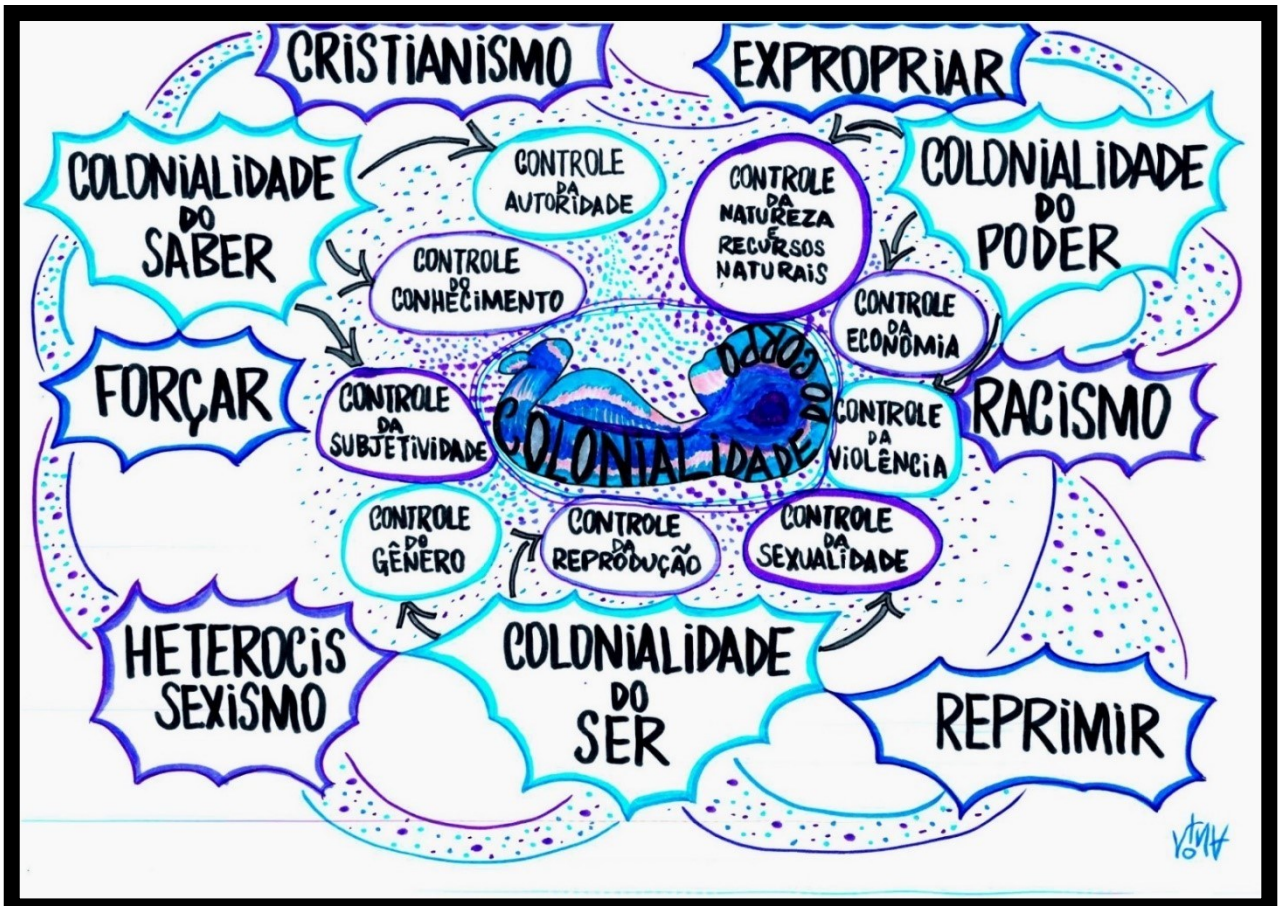
Pensar em como se produz um corpo aqui no *Brazyl* tem a ver com investigar como um corpo aprende a viver sem questionar as colonialidades do poder, do saber e do ser. As duas primeiras relacionam-se com esferas de dominação do território. Isso se dá por meio da constituição de um novo padrão econômico de sustentação dos países colonizadores pela permanente exploração das colônias e das formas de produção de conhecimento e saber, limitadas pela ciência e religião ocidentais e pela constituição de um padrão cognitivo linear que estabeleceu um pensamento, uma história, uma concepção de vida e corpo orientados para a ordem e o progresso, sempre em frente e a partir da modernidade eurocentrada. A terceira colonialidade tem relação com as duas primeiras, pois as dominações territorial, econômica, cognitiva e linear dificultaram formas de ser que não se organizassem por meio da mesma referência.

Isso não quer dizer que todos os corpos funcionem da mesma forma em todos os países que foram colonizados, apenas aponta a existência de uma organização metodológica das possibilidades de produção de vida em territórios colonizados. Essa organização dificulta que outras formas de vida já existentes nesses territórios sejam respeitadas, possibilitadas e adquiram os mesmos direitos e reconhecimentos inerentes àquelas estabelecidas como normas. O Aníbal disse que não trata de tentar ajeitar o mundo como está, modificando alguns efeitos de suas estruturas, mas de uma mudança de mundo mêmismo, tô-tal, babadeyra, destruidôura, porque o capitalismo é a manutenção sofisticada da colonialidade, que é modernidade e talicoisa. Como a gente não vai assistir a essa belezura tão cedo, fico no movimento de investigar essa *mierda* toda nos corpos. Vamo sentindo aqui.

Foi pensando na colonialidade do ser que fiquei perturbada, imaginando a concepção de um tipo de corpo estabelecido como referência, um corpo que suportasse os altos níveis de violência colonial e ainda defendesse o direito de ser violentado, de ser assimilado por um padrão que organiza as possibilidades de vida na demogracinha *brazyleira*. Um corpo que aprende que ser heterossexual é normal, que ser cisgênero é correto, que ser branco é ser melhor, que ser homem é poder tudo, que ser cristão é ser perdoado por todos os erros que comete. Um corpo que se vê refletido no corpo que foi crucificado pelo seu bem, que aceita a dívida eterna do amor de um corpo que ele aprendeu a chamar de senhor e a obedecer às suas regras, repetidas pelo padre, pastor, pai e avô. Um corpo que se imagina como o mesmo Deus que adora, que olha para si e orgulha-se de se parecer com um homem, com um branco, com um heterossexual, com um cisgênero, com um europeu, com um estadunidense, com um corpo crucificado que autoriza as violências em nome do Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Um corpo que, mesmo não correspondendo a nenhum dos critérios do corpo-referência, ainda terá à sua disponibilidade a

possibilidade de mobilizar, sobre os outros, as mesmas opressões das quais sofre. Um corpo que aprende a assimilar tanta violência como forma de vida só pode ser re-produzido por meio de mais colonialidades, entrecruzadas a todo momento. No *Brazyl*, o que se celebra é a constante sofisticação da Colonialidade do Corpo.

Figura 3 – Colonialidade do Corpo



Fonte: Esquema ilustrativo elaborado pela bicha.

A Figura 3 mostra um esquema ilustrativo em que, ao centro, está a silhueta de um feto, como a imagem de ultrassonografia, colorida com tons de azul e rosa e com as palavras “COLONIALIDADE DO CORPO” escritas nela. Circundando a imagem do feto estão as colonialidades do saber, do poder e do ser, vinculadas a seus respectivos verbos, “forçar”, “expropriar” e “reprimir”. Tanto as colonialidades quanto os verbos fazem relação com o heterocissexismo, o cristianismo e o racismo. Das colonialidades partem os controles que se aproximam da imagem do feto: da autoridade, do conhecimento, da subjetividade, do gênero, da reprodução, da sexualidade, da violência, da economia, da natureza e dos recursos naturais.

1.3 Eu acho que sou branco

Tenho suspeitado há algum tempo de que o correto é eu me convencer de que sou branco e pronto; de que sou privilegiada pela cor da minha pele e pelos meus traços físicos e pronto; de que minha vida não é ameaçada pelo fato de eu ser branco e pronto; de que 54% da população brasileira é negra e os outros 46% são racistas e que eu estou aí neste meio, sempre estive, mas nem sempre percebi. E que, mesmo depois de perceber, continuei favorecida por este sistema que transforma em minoria a maioria da população, utilizando-se de mecanismos perversos que incluem a fome, a miséria, o desatendimento em saúde, a dificuldade de acesso à educação, a perseguição policial, a manutenção de pandemias, o genocídio estatal, a democracia que não passa de uma permissividade política vinda do superior Estados Unidos da América...

Eu acho que sou branco porque vim sendo convencido disso. Digo, no Brasil eu sou branco, mas isso nunca me foi perguntado a não ser nas declarações para registro de alguma documentação: você se declara branco? Eu olhava para a minha pele e dizia “pardo”, marcava “pardo”. Eu não sabia que era para marcar “branco” até que um dia um tio me disse: é só olhar a cor da bunda! Aí eu olhei e passei a marcar “branco”. Eu sou branco porque minha bunda é branca? É simples assim? Óbvio que não era, mas eu não sabia disso, penso que era necessário que eu não soubesse e que aprendesse logo que era branco, que era favorecido por isso e que esse lugar seria mantido por uma variedade de práticas que só reforçariam a máxima: eu sou branco. Mas o que isso quer dizer?

Objetivamente, dizer que sou branco só reforça que não sou negro, que não faço parte da maioria da população que é minorizada pela dominação de uma cor que foi transformada em regra de pureza. E isso veio sendo ensinado dessa forma nas escolas, nas famílias, nos esportes, na cultura, nas artes, na psicologia, na política, na rua, na chuva, na fazenda e na casinha de sapê... Eu fui achando que eu era branco, mesmo antes de olhar a minha bunda, mesmo sentada nela eu aprendi que eu era branco, mesmo quando eu queria dar a minha bunda eu aprendi que eu era branco, mesmo quando eu quis rebolar a bunda eu percebi que eu era branco, bunda branca, vi(a)da branca.

Eu pude achar que eu era branco, porque a brancura era a referência mesmo quando diziam que não existiam raças no *Brazyl*, que éramos todos misturas das maravilhosas raças as quais, pacificamente, uniram-se para formar o povo brasileiro. Indígena, negro e branco numa mistura mais viralizante que a mistura do Brasil com o Egito, tem que ter charme pra dançar bunito e tchan! Democracia racial foi uma invenção política para mascarar a

ineficiência do Estado *brazyleiro* que ainda hoje reforça as oligarquias inventadas pela distribuição branca do território colonizado em capitanias hereditárias. O Brasil foi sendo organizado por um sistema de castas e raças, governado pelas mesmas famílias brancas que dominaram imensos territórios roubados e, atualmente, ocupam cargos de deputados estaduais, federais, senadores, governadores, prefeitos, vereadores, laranjas que comandam e sustentam a nada nova organização social da colônia democrática, protegidos pelas polícias de hoje, pelas milícias de ontem... E de hoje também.

Eu achei que era branco, porque a beleza era eu: a pele alva mantida por ácidos aplicados à noite e protetor solar durante o dia; o traço fino do bisturi no nariz; o cabelo escorrido na progressiva e loiro, mesmo que tingido; a marquinha de sunga e biquíni como uma tarja de comprovação da brancura da bunda no corpo que dizia estar moreno, mas só estava torrado de sol e descascaria inteiro dias depois; os olhos claros, mesmo que por trás das lentes de contato. Meu corpo deveria ser desejado em todos os lugares, porque este era o projeto desde o início: branqueamento da população, práticas eugênicas como esterilização de mulheres pretas e pobres para não engravidarem, estimulação do relacionamento interracial para o clareamento da prole, políticas atrativas para populações europeias continuarem a colonizar o país...

Eu acho que sou branco, porque fui produzida assim, conduzida a acreditar em mim como uma força, uma potência, uma inteligência, uma referência, um corpo que pode conquistar o mundo com a sua beleza e toda uma sorte de babaquices que não dizem nada, mas que re-produzem a ideia de que um corpo branco é único, poderoso e desejado em todos os lugares. Talvez esta tenha sido a justificativa para o exercício que fizemos em sala de aula durante o ensino fundamental: pelo menos duas vezes foi-nos dada uma folha com rostos de pessoas diferentes, nenhuma branca, para que pudéssemos marcar suas diferenças de acordo com a classificação branca das raças brasileiras. Mameluco, cafuzo, crioulo, caboclo... Cada um deles uma mistura do branco com outra raça ou de outras raças entre si, criando uma hierarquia a partir da brancura, novamente. A professora falava alto na frente da sala: mameluco é o quê? E quase toda a sala respondia a combinação de corpos que produziria um terceiro, já inferiorizado desde o início. Eu olhava para a Luana, que passava a mão com força pelos cabelos alisados para deixá-los ainda mais baixos, observava a sala e abaixava a cabeça, quieta. Eu não sabia por que ela fazia isso, também nunca perguntei.

Eu acho que sou branco, porque a minha família nos separava de quem não era. É impressionante a capacidade de penetração da racialização mesmo em uma família da roça que se mudou para a cidade para tentar outra vida. Meu avô repetia todas as frases que

separavam as pessoas negras de nós, incomodava-se quando algum amigo não branco visitava a família, enfezava-se com os filhos e netos que namoravam pessoas negras e permanecia constrangido quando perguntávamos sobre a sua família, composta pelos mesmos corpos que ele aprendeu a repudiar. Uma tia, noveleira e fofoqueira, indignava-se com os atores negros fazendo outros papéis em *A próxima vítima* e vibrou quando um deles foi jogado no poço do elevador; chamava os personagens negros de empregados e a nossa vizinha de babá, pelo fato de ela ser uma mulher negra com uma filha branca. Por vezes, fui orientada a não andar com determinados amigos, os quais minha família não conhecia, mas julgava que seriam más companhias por não serem brancos e suspeitava de seus traços físicos. Assim, aprendi a separar pessoas sem nenhum motivo desde criança, aprendi a usar o racismo contra a madrasta e sua violência heterocissexista, aprendi a sentir uma certa satisfação nisso, como se fosse impossível ela revidar com violência maior do que aquela que eu aprendera a usar.

Eu acho que sou branco, porque aprendi a admirar meu próprio reflexo, que constituiu a normalização do que é belo, desejável, bem-sucedido, cheio de qualidades. Eu estou nas propagandas de cosméticos, nas grifes, nas passarelas, apresentando programas de tv, protagonizando novelas cada vez mais enfadonhas, tendo direito ao corpo e aos desejos. Minha cor é a preferida nos anúncios de trabalho, os quais não dizem “branco”, mas buscam a famosa boa aparência e o bom relacionamento com o público; os dentes devem ser da minha cor, a virada do ano é celebrada com a minha cor, as roupas higiênicas têm a minha cor, a inveja que sinto pode ser amenizada pela minha cor, o cristianismo celebra a minha cor, os livros didáticos contam as histórias da minha cor; chamam corpos com a minha cor de heróis, desbravadores, messias, conquistadores; a luz que ilumina a meditação é da minha cor, o pensamento positivo tem a minha cor, a pomba da paz, a luz no fim do túnel, a clareza de pensamento, os bons espíritos... A brancura é propagada como positiva, boa energia, boas práticas, bons exemplos, de modo que se torna praticamente impossível aproximar o mal do branco, porque se ele só é bom, quem é que foi produzido como o mau?

Eu acho que sou branco, porque fui aprendendo assim, sendo interpelada assim. Quando comecei a fazer faxinas para garantir o sustento após ser expulsa de casa por ser bicha, era frequentemente perguntada sobre a necessidade de fazer aquilo, que faxina não era serviço para homem. Mas eu não sou um homem, sou branco e brancos não poderiam fazer faxina na casa de brancos, neah? Quando trabalhei em supermercado, restaurantes, pousadas e eventos percebia a predileção pelos funcionários brancos para cargos que exigiam maior proximidade com o público: eu era mandada para atender às mesas das pessoas mais importantes, para fazer as compras das clientes mais exigentes, para servir o café da manhã

dos brancos ricos que acabavam de acordar.

As pessoas brancas compartilham de uma proteção não dita, mas constantemente praticada e, mesmo que ocupem os cargos menos valorizados, ainda serão menos desrespeitadas que as pessoas negras. Há um pacto quase que obrigatório entre as pessoas brancas para manterem a brancura como referência de qualidade. Mesmo que a pessoa branca seja uma estúpida, uma inútil, uma imbecil, ela ainda será preferida para manter a pureza da raça que não é nomeada, mas que nomeia todas as outras a partir de si. Esse pacto branco de manutenção da autorreferenciação acontece de diversas maneiras, das imensamente sutis às abertamente violentas, de modo que mesmo a criação de leis antirracistas ainda não funcione para desarticulá-la. As pessoas brancas se protegem e fazem isso porque sabem que os cargos com maior poder de decisão ainda são ocupados pelos seus reflexos, ainda detêm um sistema de pensamento que as protege de se perceberem como violentas, criminosas, preconceituosas, racistas: o branquismo.

O branquismo cria, para o corpo branco, a noção de que sua vida é a referência de tudo, que sua violência não passa de um erro cometido, que precisa de tempo para aprender e que seu pedido de desculpas comoverá todas as pessoas que se sentirem violentadas. O branquismo é o pacto de proteção permanente das práticas racistas dos brancos. Ele possibilita as desculpas mais estapafúrdias que vão desde o clássico “eu não sabia”, passando pela absurda “mas eu tenho um amigo preto” e a estúpida “os próprios negros são racistas”. Recentemente, pudemos acompanhar mais uma sofisticação do branquismo: a espetacularização que tentou fazer colar a manutenção da superioridade branca por meio dos discursos de corpos brancos que se apresentavam como antirracistas. O palco tá sempre iluminado para brancos escaparem de serem chamados de racistas. Entra aí, bunda branca, vem dizer o óbvio para ser aplaudida, vem?

Esse sistema de pensamento mantém as bundas brancas a salvo da justiça, porque a bunda dela também é branca; o branquismo justifica a todo momento a ineficiência do Estado em fazer funcionar as políticas públicas de reparação da violência colonial ainda constante sobre os corpos negros. É pelo branquismo que se faz uso da pachorra “somos todos iguais”, ao mesmo tempo em que se atacam as políticas de cotas nas universidades e em concursos públicos; que brancos se pintam de preto e acham-se espertos, que brancos encontram sentido na noção de que pessoas negras só são vulnerabilizadas porque não tentaram o bastante, que não se esforçaram como uma pessoa branca. O branquismo faz com que brancos pensem sobre a vida dos negros em comparação com a sua, como se partissem do mesmo local da organização da vida na demogracinha *brazyleira*. O sistema de pensamento branquista atualiza

constantemente a metodologia racial para o funcionamento da sociedade de proteção dos bundas-brancas.

No branquismo é possível perceber que brancos não se pensam como iguais, mas isso é tolerável, a depender de qual tipo de branco se é: qual o sobrenome? A família vem de onde? Quais cidadanias possui? A família tem um brasão? A avó era chamada de sinhá? Tem a fisicalidade de um colonizador? Qual deles: portugueses, espanhóis, italianos, holandeses, alemães, belgas, estadunidenses, franceses, ingleses... Quantos colonizadores são necessários para escalonar as diferenças entre os brancos? No branquismo, os brancos se emocionam ao descobrirem um tataravô que foi dono de terras em algum país europeu. A ancestralidade branca não passa de um sistema de heranças e comodidades para os corpos brancos. Para o branquismo, todas as raças são iguais porque os corpos branquistas não se percebem como raça. É assim: branco específico, negro geral. O branquismo permite que o filho dê prosseguimento à carreira do pai, seja convidado a compor gabinetes políticos, a administrar uma grande empresa mesmo antes de concluir uma graduação; permite que as filhas sejam as pensionistas de uma vida inteira, desde que não se tornem propriedade de outro nome, de outro homem, outra mulher; permite que corpos brancos continuem se imaginando como prodígios apenas por fazerem o mínimo esperado deles. É muito fácil ser um sucesso astronômico dentro do branquismo, porque o sistema de reconhecimento das estrelas brancas é secular e nele não há comparações que enfraqueçam o poder de uma bunda branca.

O branquismo permite nomeações a partir de si, seja qual for o local que se ocupa na organização social. Pode-se ser um fudido, basta ser branco para poder nomear muitas coisas e corpos ao seu redor. Cria-se nome para tudo, apontando o dedo branco para aquilo que se deseja racializar, generificar, sexualizar, desumanizar, justificar, explicar, separar, dominar e matar. O sistema de nomeação e reconhecimento que ainda é utilizado no Brasil é a sofisticação das hierarquias nomeadoras criadas pelos portugueses e espanhóis há, mais ou menos, onze séculos. Não é à toa que qualquer branco que se gradue em direito, veterinária, odontologia ou medicina comece logo a bordar seus jalecos e cartões com “Doutor Fulano de Tal”. É quase uma ofensa se referir a um corpo branco como você, porque criaram a ideia de que é educado chamar alguém de “senhor” ou “senhora”. A nossa comunicação está recheada dessas nomeações que só alimentam as hierarquias mantenedoras do branquismo. Isso faz com que o branco seja constantemente aliviado das violências que sabe que pratica e sabe mais ainda que não o atingirão da mesma forma. Enquanto isso, corpos negros que denunciam as inúmeras formas de racismo que sofrem permanecem suspeitos mesmo depois de provarem o contrário. O branquismo permite que o corpo branco faça tudo e o defende de qualquer

acusação de violência. Mas branquismo não é racismo? Sim, é! Mas corpos brancos defendem-se tão bem desta palavra que precisei fazer uso do branquismo acadêmico e criar outra, quem sabe ela funcione?

Eu acho que sou branco porque fiquei com o cu na mão quando percebi a responsabilidade não assumida por mim e por tantos outros corpos brancos que frequentam a academia branca e sentem-se merecedores de seus lugares ali, como se eles já não estivessem garantidos desde o começo. Eu acho que sou branco porque me pergunto constantemente se o que estou escrevendo é racista, se estou contribuindo com a violência sobre corpos que não se parecem com o meu ao escrever sobre branquismo; e mesmo me perguntando, sei que a academia branca raramente se preocupa com isso e celebra a obviedade branquista como um avanço intelectual e conceitual. Eu acho que sou branco porque posso escrever um texto chamando racismo de branquismo, invertendo a lógica de significação da opressão para tentar afetar corpos brancos pela explicação e não pela paulada, como seria necessário, começando por mim mesma.

Eu acho que sou branco, eu me sento na minha bunda branca, eu preciso me responsabilizar por isso todos os dias, eu preciso parar de me enxergar como a referência desse sistema de reconhecimento e pensamento branco. Eu preciso me afetar mais pelo desconforto de ser branco, eu preciso parar de achar e começar a investigar as produções brancas em meu corpo, eu preciso transformar a zona de conforto em zona de confronto: com as universalidades, com as manutenções, com as hierarquias, com as violências que finjo não ver, porque não me afetam tanto. Eu acho que sou branco aqui, porque se eu sair da fronteira que delimita o Estado-nação no qual me registram como branco, deixarei de ser reconhecida assim e serei nomeada apenas como brasileira. Eu acho mesmo que sou branco?

1.4 A dor para você continua!

Em 2019, o Brasil foi considerado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o país com mais casos de ansiedade do mundo, com 9% da sua população afetada pela doença e 86% com algum tipo de transtorno relacionado a ela. A ansiedade é uma condição de saúde caracterizada pela ação conjunta de sintomas físicos, psicológicos e relacionais, podendo causar dificuldades de raciocínio, palpitação, medo, suor frio, preocupação excessiva, falta de ar, sono irregular, dificuldades para engolir, desânimo, tremores, irritabilidade, tensão muscular... Basicamente, qualquer corpo pode experimentar algum dos sintomas de ansiedade e não ser afetado pela condição de tensão generalizada provocada pela doença, mas o curioso,

aqui, é que todas essas sensações ruins parecem ser bem comuns à maioria dos corpos que vivem no *Brazyl* de hoje, de ontem, de amanhã...

As causas são diversas e apontam a constituição de contextos estressantes, competitivos, traumatizantes, ameaçadores, inseguros e violentos como os maiores responsáveis pela incorporação da ansiedade. Muito bem, *entonces* um corpo que frequenta, convive, trabalha, estuda, cresce em contextos de violência tem mais predisposição a desenvolver quadros nos quais uma sensação ruim possa desencadear ciclos cada vez mais intensos de reações corporais, que são físicas e psicológicas e relacionais e contextuais ao mesmo tempo... Entendi! Qual é o contexto do *Brazyl* em 2022, *mi amor*, *cê podzy mi-di-zê?*

34,9 mil novos casos de infecção por covid-19 e 689 mil mortes.

14,1% de desempregados em 2021, reduzido para 8,7% em 2022 por uma manobra política que incluiu os trabalhadores informais na contabilização.

Aumento absurdo no preço de aluguéis, dos alimentos, da gasolina e do gás de cozinha.

48% de aumento no número de bilionários, 30% de aumento de riqueza entre os bilionários durante a pandemia.

33,1 milhões de pessoas passando fome no território brasileiro.

Eu podia continuar a enumerar o que eu chamo de horror colonial, mas imagino que cêis já cataram qual é o rolê! Tava pesquisando a taxa de violência no *Brazyl* em 2022 e percebi que ela é medida pelo aumento ou pela diminuição no número de homicídios, mas eu desconfio que a violência acontece muito antes que um corpo seja morto pela ação de outro corpo. A violência nunca parou por aqui, desde que o primeiro erro de português foi registrado no nosso vocabulário: a colonização. A María Lugones me passou uns truque em 2014 e, entre tantas coisas, falou sobre as missões civilizatórias europeias nas colônias das Américas. Contarei outras fofocas que eu tive com essa babadeyra, a investigação aqui é sobre essa dor mobilizada para não passar e colonizar o corpo de qualquer jeito.

As missões civilizatórias constituíram-se pelo acesso rápido e violento a todos os corpos colonizados por meio de explorações que envolviam violações sexuais, controle das memórias, ecologias, recursos naturais, concepções de realidade, noção de corpo... Sua principal função era dominar e desumanizar corpos colonizados por meio da instauração de dicotomias que não pretendiam encaixar nenhum corpo, mas manter todos e cada um deles em combate entre si, facilitando a classificação das populações do mundo em termos de raça e fortalecendo a colonialidade como o método de racialização mundial a partir da dicotomia

moderna colonizador/colonizado.

Maricota tava bastante atenta para perceber que a categoria “gênero” não podia ser desvinculada da colonialidade, porque o acesso aos corpos colonizados se deu, também, por meio da separação dos corpos sexuais, em que o sexo e a raça fundamentavam a concepção de gênero. Para desumanizar corpos a partir do sexo, colonizadores ocupavam as categorias de homem e mulher ao categorizarem colonizados como “macho” e “fêmea”. Machos e fêmeas eram, então, aqueles seres que tinham as suas práticas sexuais animalizadas, suas genitálias analisadas e apresentadas como provas de inferiorização evolutiva e seus corpos invadidos pelas práticas violentas dos colonizadores brancos, cristãos e heterocis.

Os julgamentos dos corpos colonizados eram feitos a partir dos padrões estabelecidos pelos colonizadores, com contínuo apoio e estímulo da Igreja Cristona, instituição responsável pela criação de justificativas para as crueldades coloniais. Cê tá achando pouco? Maricota, bota tudo! O avanço do cristianismo nas colônias se deu através do controle dos corpos: a obrigação do serviço reprodutivo da mulher branca heterocis e a dominação da reprodução das mulheres escravizadas; a criação do matrimônio e da monogamia como regras de relacionamento entre os corpos, centralizando a família como unidade civilizatória; demonização das práticas sexuais não heterociscentradas e da sexualidade feminina cis. O sexo devia ser pensado tendo o masculino como referência, como um instrumento de desumanização de corpos que operava pela noção de que o corpo do homem, branco, heterocis e cristão era a representação da modernidade; qualquer outro sexo, gênero, sexualidade, corpo seria classificado como pecaminoso, demoníaco e promíscuo.

A diferença colonial caracteriza o exercício interminável de produção de categorias a partir de um referencial que é originalmente moderno, colonial, hierárquico, delimitador. Diferenças coloniais são constituídas por meio da distribuição desigual das violências coloniais que ainda organizam as formas de vida na colônia, são elas que são combinadas quando se entrecruzam os fatores que explicam um corpo por meio do método de racialização. María (2014) deu um truque imperdível: não é a organização social que informa quem são os corpos, são as composições entre cosmologias que possibilitam ao corpo informar como o social o atravessa. A organização social é apenas o mapa das violências estimuladas pela diferença colonial. Nesse sentido, são os corpos em composição que conseguem informar como se dá a organização da diferença colonial em seu contexto, como e quais violências os atravessam mais ou menos.

Aí eu perguntei pra ela: será que a zenty consegue mobilizar essas composições entre os corpos para cercar as violências coloniais? E ela disse que isso é possível quando um corpo

colonizado entende que ocupa um lugar fraturado, no qual identificar-se é assimilar uma categoria produzida pela diferença colonial e, atento a esse risco permanente, pode se comportar de tudo aquilo que o atravessa, desde a diferença colonial até a possibilidade de cercar suas violências. É preciso desconfiar da categoria que sustenta o conforto momentâneo de ser explicável, porque a diferença colonial é a permanência de uma das ações mais perversas da colonialidade: a redução progressiva de corpos a características que dominam, explicam e delimitam seus movimentos de vida.

Cada corpo é afetado de uma maneira, ao mesmo tempo geral e específica. Por isso é importante que cada corpo seja forçado a comportar-se dos afetos gerais, incorporando aquilo que está preparado para apertar o parafuso do sofrimento. É esse balanço que insere corpos em disputas intermináveis por quem sofre mais, destacando ainda mais a perspicácia da sofisticação da violência colonial: um corpo se apresenta por meio do acúmulo de violências sofridas, suas identidades são afirmadas nas dores que sente, ele não consegue escapar da dor porque ela faz parte da constituição do que ele aprendeu a chamar de vida, de corpo, de Eu. Há um truque babadeyro em perceber os afetos específicos como pistas para a investigação da ação opressiva sobre si e isso exige um cuidado constante: a especificidade dos afetos não informa uma identidade, nem uma maneira única de viver e de se perceber; apenas constitui as formas específicas com as quais a organização social e o regime de poder atravessam o corpo que se percebe afetado.

Um corpo informa como e quais opressões o atravessam e o localizam, um corpo percebe nas dores que acumula pistas sobre o funcionamento das opressões que o entrecortam, um corpo desiste de cooperar com as dores que tentam limitar seus movimentos de vida. As apresentações das violências sofridas por um corpo informam quais opressões o atravessam e como elas se entrecruzam para situar aquele corpo em sofrimento. As comparações de violências sofridas entre corpos informam que as opressões são tão diversas quanto os corpos; a cada corpo, uma nova maneira de ser violentado, assimilado, explicado.

Outro truque está na mudança da percepção: enquanto as violências são enumeradas para situar um corpo que se apresenta, continuam sendo percebidas hierarquicamente, como algo imensamente impossível que vem de cima para achatar os corpos. Acontece que as violências também podem ser percebidas pelos corpos em si mesmos, porque sim, elas constituem o padrão de poder e, conseqüentemente, as regras de organização e funcionamento da sociedade; por isso podem ser encontradas em quaisquer corpos. É a percepção das violências pelos corpos que informa o distanciamento que uma opressão provoca. Ao mesmo tempo, faz um corpo perceber o quanto coopera com as violências que o afetam e quais as suas

maneiras de remexê-las e mobilizá-las. Violências sofridas também podem ser utilizadas para a produção conjunta de pistas para desfazer os efeitos e as práticas das opressões. Isso depende de uma mudança de movimento: um corpo percebe como as estruturas opressivas o afetam mal, deixa de comparar seus sofrimentos com os de outros corpos, passa a compartilhar as suas percepções de como é afetado pela generalização do sofrimento, exercita-se de modo a compor conjuntamente possibilidades de não contribuir para a celebração do sofrer; são os corpos e seus movimentos de criação de saídas que são mobilizados. É possível usar os afetos específicos como pistas para investigar as ações dos afetos gerais e criar formas de desarticulá-los dos movimentos de vida. Foi nesse movimento que as bicha e as travesti vieram percebendo e avisando que era uma armadilha ficar falando de si apenas por meio dos dados de violência contra a população LGBTI+. Porque as bicha e as travesti sabiam e podiam falar sobre inúmeros assuntos, desde as histórias das suas excelências em todos os campos da sociedade até os seus sonhos de mudança das organizações sociais para garantir que vida boa e saúde e educação e emprego e dinheiro e prazer e alegria compoñham o lugar comum para todos os corpos e não sejam negociados nem vendidos como promessas a serem alcançadas depois de desencarnados.

Enquanto corpos forem mantidos falando de si apenas por meio das violências que limitam seus movimentos de vida, só as violências serão mobilizadas; corpos não apenas informam as tristezas, eles contribuem para a sua mobilização em outros corpos. Porque sabem ser alegres, corpos também sabem que não é a tristeza que gera a alegria, mas que ambas existem e são mobilizadas de maneiras diversas; é o corpo que se movimenta e se distancia dos efeitos e das práticas comuns da tristeza, que é diminuição de movimento. Porque sabem se movimentar, corpos conseguem mover também as dores que antes os limitavam em determinada identidade, para comporem com outras dores de outros corpos e perceberem nas identidades as preparações para o sofrimento geral, sentido individualmente. Porque sabem sentir, corpos aprendem a compartilhar as suas tristezas e passam a conhecer melhor aquilo que os afeta de maneira tão parecida. Por saberem aprender, corpos se ajuntam para desarticularem tristezas de seus movimentos de vida. Porque aprendem a se moverem juntos, corpos ganham velocidade, aprendem a cooperar, compõem-se com mais corpos e movem-se de formas inesperadas, vivem outros movimentos, sabem de outras coisas... Porque informam as opressões que os atravessam, corpos também aprendem que enquanto se movem embarçam linhas, rasgam recortes, transpassam atravessamentos, racham regras, abrem fronteiras, criam desvios, desarticulam tristezas, subvertem hierarquias, deslocam lugares, desestabilizam posições. Se a beira da tristeza é a morte, todo movimento de afastamento dela

só pode ser na alegria de inventar territórios de vida nas fronteiras que tentam localizar corpos.

A política brasileira tem se baseado no fortalecimento da diferença colonial e isso ficou bastante nítido com a pandemia de covid-19. Isso também foi demonstrado pela pandemia de HIV, que inicia seu percurso na década de 1980 e permanece ainda hoje como pandemia de estigmas, infecções e mortes. Esfregou-se na cara a obviedade de que os corpos que não faziam parte da referência de cidadão tiveram, mais uma vez, que lidar com os efeitos da dor, do luto, da desigualdade social, da fome, da miséria, do desemprego, da falta de vacinas, remédios, leitos médicos, oxigênio... A destruição de um país sustenta o enriquecimento de poucos, a destruição de recursos naturais sustenta o aumento nos preços de tudo; as famílias de sempre permanecem enriquecendo e desviando recursos da saúde, da educação, da pesquisa, das vacinas; o desemprego é transformado em culpa do trabalhador que não se esforçou o suficiente, a infecção é culpa do corpo que é forçado a entrar em ônibus lotados e a trabalhar para as famílias de sempre.

O progresso *brazyleiro* é baseado na mobilização constante das violências coloniais, as quais servem à manutenção da diferença colonial e, juntas, compõem o que nomeio como horror colonial ou Horror *Brazyleiro*. A sofisticação das colonialidades aqui oferece uma organização social em que se torna praticamente impossível viver sem algum efeito da ansiedade, ao mesmo tempo em que o neoliberalismo incorpora identidades em competições, transforma trabalho em precarização da vida e corpos em seus únicos inimigos. Assim fica muito fácil aprender a agir contra a vida, não só a própria, mas a coletiva, a qual, quando é impossibilitada, tem a colonização como modo único de organização.

Deve ser por isso que quando digitei “ansiedade sintomas” e cliquei em pesquisar, um dos primeiros resultados da pesquisa foi uma página de uma igreja Eva Angélica, dizendo que Jesus é a vacina para o medo das incertezas do futuro e pode acabar com a ansiedade. Eu quase mandei uma mensagem perguntando se eles sabiam como era possível que um corpo, exibido publicamente pregado a um instrumento de tortura, soubesse a cura para o medo e para a ansiedade, mas a resposta já estava dada: ele permanece em dor e atualiza a morte. Não dava para confiar na solução cristona, então continuei investigando. Sabendo que a ansiedade causa dores musculares e articulares, fui fuxicar nas notícias sobre o consumo de analgésicos e ansiolíticos e BUM: o consumo desses dois tipos de medicamentos aumentou bastante durante a pandemia de covid-19. Uma pandemia revelou que a ansiedade aumentou no país, que os corpos passaram a sentir mais as dores musculares e articulares que os afetavam há tempos e que, por isso, aumentaram as buscas por atividades físicas para alívio das dores.

Quão terrível pode ser a combinação do aumento no consumo de analgésicos com o

aumento na prática de exercícios físicos sem orientação? Fui buscar no anúncio de um deles algum tipo de resposta, já que esses remédios oferecem todas as soluções. Eu tava bem plena assistindo a alguma besteira na internet e entre milhares de propagandas de remédios, bancos, seguros e outras drogas, apareceu mais uma daquelas que transformam o absurdo em superação. Segura essa: *A gente nasceu para se movimentar, mas uma dor muscular pode interromper seus movimentos. Miorrelax, fórmula potente com 3 ativos contra dor: relaxante muscular, analgésico e cafeína. Dor muscular? Descubra Miorrelax! A dor para. Você continua!* Ah, e se as buneca quiserem assistir, tá nesse linque aqui, ó: <https://www.youtube.com/watch?v=C4FDOhpUelo&t=27s>.

Catou o absurdo? Não!? Analgésicos não têm a capacidade de acabar com uma dor muscular, o que eles fazem é interromper a sensibilidade à dor por algum momento, o que significa que um corpo poderá se movimentar e acionar a região lesionada ou tensionada sem sentir que ela dói. Isso significa que o relaxamento muscular só vai durar pelo período de administração do medicamento, que é recomendado de seis em seis horas ou até oito comprimidos por dia. A cafeína, que também está na fórmula do medicamento, é um energético e serve, obviamente, para oferecer mais energia ao organismo, estimulando-o a se movimentar. A combinação catastrófica de Miorrelax não é apenas uma solução furada para a manutenção do neoliberalismo, é também uma maneira de fazer com que o corpo não se perceba, não se atente para o que o afeta, o que o machuca, o que o tensiona, onde dói. O apagamento momentâneo ou diário da capacidade do corpo de perceber seu movimento e de investigar suas dores faz com que elas sejam aumentadas até que alguma lesão mais séria aconteça. Um corpo anestesiado não deixa de sentir as dores, ele apenas é forçado a não as perceber, forçado a produzir, a trabalhar. *Não pense em crise, trabalhe! Vai chorar até quando? Chega de mimimi!* Tá ligada agora, garota? O corpo na violência neoliberal é mantido em dor, precisa aprender a lidar com a dor e é forçado a esquecer das suas dores, enquanto permanece ludibriado pela ideia de que um medicamento está preocupado com a libertação de seus movimentos. Por isso, precisei ajeitar a pontuação do *slogan* do Miorrelax (HYPERA, 2020), vamo combinar que, dessa forma, ficou muito mais coerente com o *Brazyl*:

A dor para. Você continua!

A dor para você continua!

Para você, a dor continua.

A dor continua para você?

1.5 Pedagogias de horror *everywhere*

É preciso se re-aproximar do corpo. Não em oposição à mente, mas em composição com ela, um corpo que também pensa, sente, percebe, age, afeta a si e a outros corpos. O corpo-organismo-humano é o território no qual os regimes de poder se combinam para produzir uma anormalidade, uma doença, uma cura, um sujeito. Foi Paul Preciado, lá em 2019, quem se atentou para as mudanças nos modos de governo e criou a ideia de farmacopornografia: uma sofisticação da sociedade de controle, apresentada por Deleuze e Guatarri. O poder e a sua circulação não mais agem sobre o corpo, estruturando-o e organizando meios arquitetônicos e disciplinares de condução das vidas, como a bicha Foucault analisou bem gostoso com a sociedade disciplinar; o poder toma o corpo todo, é incorporado como forma única de vida em uma constante produção de prazeres e lucros para os corpos bilionários donos do capital multinacional, tecnológico e farmacológico.

Um esquema de excitação e frustração é necessário para manter os corpos-exploráveis – todos aqueles que não são o homem, branco, heterocis, cristão e rico – dando o máximo de si no desejo de alcançar a sempre distante possibilidade de fazer parte de algo que, ao mesmo tempo em que se apresenta como promessa de melhoria da vida, controla as ações de todos os corpos que permanecem tentando. O funcionamento do sistema farmacopornográfico se dá no corpo e em suas composições afetivas; cada parte do corpo será organizada por um regime de governo, seja ele do século XVIII, do ano 2022 e até um regime que ainda não tenha nome, que esteja acontecendo agora em cada corpo que vive, no contexto em que vive. Paulinho (2019) relacionou a sofisticação de regime para o farmacopornográfico à ocorrência da Segunda Guerra Mundial e demonstrou como as guerras foram os campos perfeitos para testes com novas drogas que transformariam a noção de corpo vigente na época, preparando um sempre novo regime de poder.

Curiosamente, na Inglaterra do mesmo período, o primeiro-ministro Winston Churchill, estimulava mulheres cis brancas a se montarem com os batons vermelhos que eram distribuídos pelo governo. A motivação dita pela estimulação governamental do bocão vermelhão era a de que essa cor empoderava as mulheres para que elas falassem – uma melhoria de vida, uma excitação – e a experimentação de efeitos binários de gênero, acoplada à ideia de empoderamento feminino durante a Segunda Guerra, não passava da sofisticação dos parâmetros necessários para manter a produção do gênero heterocis feminilizado como uma regra – um governo do corpo, uma frustração. O corpo é excitado pela possibilidade do poder e habitado pelo mesmo poder como governo de seu gênero, de sua sexualidade, de sua

expressão e de sua ação frente à guerra: para Churchill, as mulheres precisavam permanecer bonitas e bem maquiadas, pois assim estimulariam seus maridos e namorados nas guerras para que dessem o melhor de si e voltassem para casa, onde a beleza da mulher cis ainda os aguardava intacta. O *slogan* da campanha era: *beauty is your duty*, que pode ser traduzido como “a beleza é seu dever”.

Durante a pandemia de covid-19, a ideia de autocuidado ganhou força no ambiente virtual. Só que, na maior parte dos casos, significava aprender a passar delineador, copiar a rotina de uso de produtos faciais de alguma famosa, tentar copiar a maquiagem de alguma drag queen estadunidense. O mercado de maquiagens aumentou exponencialmente suas vendas onlány, o número de influencers digitais que trabalham com maquiagem também ganhou estímulo, os *reality shows* com drag queens e as competições entre maquiadores começaram a surgir em todas as plataformas de *streaming*. Churchill, no passado, estimulou a produção do efeito subserviente de gênero da mulher cis branca. As empresas de maquiagem estimularam o autocuidado como estratégia de produção de um Eu que imagina fazer alguma coisa para o mundo, enquanto se maquia sozinho no quarto para pagar as dívidas contraídas ao se tornar um influenciador neoliberal.

O espaço de experimentação de novas formas de poder acontece dentro dos corpos e entre os corpos, nos seus modos de sentir e pensar e gozar, seja pela estimulação da masculinidade por meio de testosterona e Viagra, pelo controle dos corpos feminilizados pela administração quase que vitalícia de hormônios, caracterizados científica e propositalmente como femininos e estimulados pela suposta melhoria no controle reprodutivo, pelas próteses e órteses, pelas cirurgias plásticas, as harmonizações faciais, maquiagens, os programas de tv, as mídias sociais, a engenharia genética... O governo está no corpo e o que se entende por corpo na contemporaneidade não passa de emulações e incorporações de efeitos de gênero, raça, sexualidade, sexo, classe, capacidade, territorialidade, nacionalidade e tantos outros, estimulados tecnológica, somática e pornograficamente, que se interseccionam para produzir, estimular, vender e frustrar corpos que acreditam na necessidade de se transformar em alguém na vida, em um indivíduo produtivo que trabalha por amor. E ninguém quis dar ouvido à Dilma quando ela disse que não importa quem vai ganhar e quem vai perder, vai todo mundo perder...

Muito bem! Paul contribuiu muito para que eu aprendesse que os regimes de poder se misturam e tornam-se cada vez mais sofisticados e que, dessa forma, as características soberanas de ritualização da morte, as práticas ortopédicas da produção da diferença sexual nos corpos como disciplinarização e o controle molecular das concepções médicas do gênero, do sexo e das sexualidades combinam-se para a produção de um modelo de corpo aceitável. Corpos

experimentam um horror constante para assimilarem as regras de corpo produzidas para que eles caibam nelas. A produção de um modelo contribui para a desumanização necessária ao progresso de um regime de poder: ao criar-se um modelo de humano, todos aqueles que não se encaixem nele, ou seja, quase a totalidade de cada sociedade, podem ser desumanizados. Desumanização foi a justificativa para a escravização de pessoas negras, para o genocídio indígena, para a invasão de terras que caracterizou as colonizações... A criação do *Brazyl* foi desumana.

A criação de um modelo é necessária ao início de uma cisão no corpo humano, uma oposição binária desigual, na qual quem se compara perde e quem se diferencia corre o risco de ser categorizado como dispensável ou de se tornar uma fonte de reprodução de opressão. Opressões são reiterações das desumanizações colonizatórias realizadas por homens-heterocis-brancos-cristãos e sofisticadas ao logo dos tempos por meio de instituições que produzem, justificam e incorporam suas formas de domínio. Será por isso que não há tanta surpresa quando o *presidon't* da república age como um bandeirante, um ditador, um militar perturbado e perverso? Será por isso que se consome diariamente, como entretenimento, a sofisticação das violências das colonizações, misturadas às técnicas de dominação utilizadas na Ditadura Militar?

Uma nova compreensão de espaço e corpo precisa ser articulada a partir da composição com Preciado (2019), pois o corpo e o que se chama de “ser” são o próprio dispositivo que antes pensava-se produzi-lo. O corpo é um efeito das organizações somato-tecno-políticas que o possibilitam ser alguém na vida; efeito dos entrecruzamentos dessas produções de si, porque elas acontecem no próprio corpo, seja por meio dos hormônios, das emoções, das identificações, das sensações de superioridade, das produções de prazeres, da expressão corporal. Todo o corpo é estimulado a abrir-se como um território em constante expansão para a articulação das formas de ser, necessárias à manutenção do regime de poder, por meio da economia dos afetos, a qual destina possibilidades de mobilização de si a depender dos critérios coloniais de hierarquização de corpos.

Paulitus insistiu que uma nova teoria biopolítica está mais próxima da endocrinologia do que da arquitetura e da disciplina ortopédica sobre os corpos; não se age mais apenas na superfície dos corpos, mas estimula-se a articulação desde dentro das formas produzidas e acessíveis a cada corpo para poder ser. Não se trata mais de uma ação apenas ortopédica, mas também hormonal, intercorpórea e intracorpórea. O corpo passa a ser um artefato vivo dentro de um sistema de reconhecimento político determinado pelo contexto cultural, constantemente produzido como uma construção das reações somato-tecno-políticas; um corpo que é o que está

preparado para ele sentir, ser, dizer de si, defender-se como eu, um corpo que não é corpo, mas respostas sensíveis programadas automaticamente pelo seu acesso ao reconhecimento nominal da hierarquia colonial. Um corpo é o que se produz constantemente para que ele seja e essa produção já ocorre por meio da inscrição institucional das características desejáveis para o reconhecimento de um corpo que nasce e morre, mas que continua sendo utilizado como recurso econômico. Escrevo isso com a voz de Ventura Profana dançando em minha pele: nem olhos viram, nem ouvidos ouviram o que foi preparado pra nós... Foi assim que ela cantou a Vitória em Traquejos Pentecostais para Matar o Senhor, lá em 2020.

Quando um corpo morre, as páginas e perfis de mídias sociais pipocam com mensagens de luto, fotografias enfeitadas com flores e paisagens, no exercício de celebrar o corpo que morreu. Para além de tentar entender o sentido de postar mensagens virtuais para um corpo que morreu, o que permanece é o lucro dos donos dos aplicativos de relacionamento, pois, mesmo morto, um corpo continua gerando postagens, *likes*, comentários e engajamento, o que gera dinheiro para as mesmas pessoas. Um corpo morto não pode mais viver, mas a sua vida permanece sendo remexida por documentaristas, biógrafos e fofoqueiros de plantão que sabem muito bem como lucrar ao manterem corpos mortos como zumbis virtuais que produzem lucro. É só um corpo famoso morrer que começam as especulações sobre a sua sexualidade, a sua herança, as brigas da família com amantes...

Os noticiários e os *reality shows* parecem entender bem essa política da escolha de quem morre e quem vive: *Você Decide, Linha Direta, Cidade Alerta, Big Brother Brasil, RuPaul's Drag Race, Master Chef...* A lógica competitiva e de seleção do corpo único permanece imperando, ela fortalece a concorrência e necessita da negação do outro para a existência de apenas um. Cabe ao corpo individualizado, expectador, ordinário e desconhecido, transformar-se em um justiceiro que deve decidir quem fica e quem sai, qual história é a mais verídica, qual assassino deve denunciar via telefone, se a polícia fez certo em defender a vidraça da pedra. O corpo é excitado pela urgência da escolha por um corpo só, um caminho só, uma vida só, um pensamento só, uma narrativa só.

Decidir qual comida é a melhor sem provar sequer uma garfada; qual subcelebridade merece ganhar um milhão de reais, enquanto pensa o que faria com o dinheiro, se fosse também uma subcelebridade; qual drag queen merece o prêmio de cem mil dólares e o título de melhor drag queen superstar da América, mesmo sem pisar em um *show* de drag queens estadunidenses – não americanas, vamo combiná!? Por algum momento, mesmo que os programas sejam gravados e os ganhadores definidos antes da exibição, o corpo é excitado pela opção entre um ou outro e justifica sua escolha com base nos argumentos organizados do sofá. Uma

aproximação mediada por aparelhos eletrônicos, uma empresa multimilionária de produção de *reality shows*, uns roteiros repetidos toda semana, uns corpos obrigados a falarem de seus sofrimentos e esperarem na vitória a mudança de vida e outros corpos aprendendo a decidir pela permanência de apenas um: *now, Sashay Away!*

A escolha não importa! O programa já está gravado, a narrativa já está pronta, o corpo sequer teve tempo de ler o *script*, é um contato direto e o corpo precisa escolher quem merece permanecer, precisa decidir AGORA. Em poucos minutos, avalia-se a situação e decide-se: o prato mais gostoso, a drag queen mais talentosa, a subcelebridade mais importante, a notícia mais verdadeira, a justificativa para a morte. A escolha não importa! O outro prato foi escolhido, a outra drag queen ganhou o acué, a mulher negra médica ganhou o BBB, mais um corpo foi morto, menos uma história foi contada... O que se ganha com as escolhas? Frustração!

A escolha já foi tomada, o que se ganha é a frustrante sensação de participar da decisão e a angústia de aguardar uma nova temporada para voltar a pensar em quais pratos faria em cinquenta minutos, como arrasaria no *lipsync*, como se jogaria nas festas do BBB e, o mais importante, quem deverá sair, ser eliminado, dar o pé, ser cancelado. E os jornais não param, as páginas de fofoca querem saber do biquíni cavado da amapô, da mala do machão, do procedimento estético da fulana; as notícias falsas agora são as principais preocupações, videntes apresentam suas previsões para as eleições e o futuro da democracia, o desgoverno brasileiro possui um gabinete do ódio que funciona a plenos pulmões, aspirando as vidas que foram deliberadamente deixadas para morrer por um vírus para o qual já se tem vacinas, mas que o desgoverno decidiu por ignorar por bastante tempo, enquanto impulsionava uma comprovadamente ineficaz imunidade de rebanho a ser seguida pelo gado que morria apaixonado.

A decisão não importa, mas o corpo sim, mais especificamente, importa que o corpo seja convencido de que sua decisão importa, de que ele importa mais que tudo, que é suficiente, único, independente, herói, revolucionário. Seu signo, sua numerologia, sua ancestralidade, seus afetos, seu lugar de fala, suas dores diárias, seus esforços para não fazer nada, seus pedidos de desculpa, seu vídeo de sexo amador. Tudo isso funciona como um campo de justificativas inúteis para que um corpo se sinta único, com todas as significações partindo e voltando de si e para si, um corpo que só enxerga espelhos de si mesmo. E, assim, afaste-se da percepção necessária da interdependência, da composição entre corpos, de como ela pode aumentar as possibilidades de se desfazer das hierarquias que localizam corpos mais ou menos precarizados, a depender das suas identificações e das opressões que se entrecruzam para defini-lo, explicá-

lo. Qual é a referência? Quais são os critérios de escolha? Qual a combinação necessária para que uma escolha seja feita tão rapidamente?

Enfrentando uma pandemia catastróficamente projetada, forçados a se separarem para se protegerem, corpos viveram uma incoerência para resistirem. Assiste-se nas telas de celular e tv a devastação do país, a venda de territórios imensos, a revelação já sabida de que a nova devastação foi organizada pela dominação estadunidense, a mais um assassinato negro, indígena, travesti, bicha, mulher cis, trans, deficiente, gordo, sapatão, bissexual, idosa... A violência da colônia agora mora no bolso e aprende-se, mais uma vez, por meio do horror de sentir no seu corpo, o medo de ser a próxima vítima. Um corpo já não sabe que será? A identidade também não serve para identificar quem não faz parte de uma norma e aplicar as sanções que visam ao endireitamento ou morte?!

Aproveitar os espaços para se compor mais, aprender mais, afetar-se de outras formas que produzam vida, criar alegria de propósito, mover-se no espaço dentre. Persigo estas pistas, percebendo que deve mesmo ser tudo feito de propósito, porque no modo único de organização moderna que é defendido e que mantém a roda do capital girando não cabe todos os corpos. Por isso o aprendizado é dolorido e constante, por isso as identificações fazem sofrer; porque é preciso caber, mesmo que para isso seja necessário cortar pedaços de ser. Estou longe de defender a manutenção da dor para a transformação, tensiono a possibilidade de perceber que a dor é uma das primeiras formas de percebermos o corpo, de percebermo-nos como uns corpos que vivem as sofisticações das colonialidades.

Mais que isso, as dores provocadas pelos horrores permitidos na colônia que diz ser uma democracia são as formas escolhidas pelo Estado para fazer seu regime de poder ser incorporado, fazendo parte dos corpos de modo que sua submissão e assimilação sejam quase imperceptíveis. Elas acontecem a todo momento e são sofisticadas a cada encontro das instituições de organização social com os corpos, com cada corpo. O cristianismo ensina aos fiéis que Jesus morreu para salvá-los, que o martírio é o único caminho para a salvação, que o corpo é impuro e seus pecados precisam ser confessados e perdoados pelo padre. Qual é a cor da pele, dos olhos, dos cabelos de Jesus? Quem é o padre?

A escola separa os meninos das meninas de formas diversas: pelos banheiros, nas filas antes de entrarem na sala, para aguardarem a merenda, nas práticas corporais escolhidas de acordo com a sensibilidade das meninas e a virilidade dos meninos, pelas competências para a matemática e para as artes... As mesmas escolas sofrem com o pânico moral da inventada e mentirosa “ideologia de gênero”, mobilizada pelo cristianismo neopentecostal e pelo Vaticano que busca violentar e apagar as vidas de corpos não heterocis. Gritam ser contra a ideologia de

gênero nas escolas ao mesmo tempo em que defendem que crianças estupradas sejam obrigadas a cumprir a gravidez; propagam uma ameaça gayzista ao mesmo tempo em que forçam corpos de crianças a se acostumarem com seus destinos azuis ou rosas. Ideologia de gênero não passa de uma excitação de corpos heteroimbecis para atualizarem as mesmas regras que os impedem de viver seus corpos como vida, mas como efeitos de uma programação cristã, médica, biológica, colonial do corpo colonizado. Quem é que está com o gênero e a sexualidade conduzidos aqui, querida?nha?

Os padrões de masculino e feminino que pesam sobre todos os corpos aqui na colônia não param de ser sofisticados e estão cada vez mais incorporados, produzindo corpos de dentro, mobilizando suas composições afetivas de modo que só possam se perceber como possíveis quando se sentirem parecidos com um padrão de beleza, de status social, de saúde, de imagem corporal, de inteligência, de pensamento, de prazer e de qualquer coisa que possa ser padronizada e estabelecer uma competição de quem se aproxima mais do inatingível. *In Brazil*, as mulheres heterocis foram constantemente produzidas como padrões de beleza para consumo dos homens heterocis. Na década de 1980, a racialização da mulher heterocis não branca ocorria de modo a transformar a mulata em uma categoria profissional e produto de exportação: foi numa transa com Lélia Gonzalez, que rolou em 2020, que fiquei sabendo sobre a agência Oba Oba, autorizada pelo Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e pela Riotur (agência oficial de turismo do Rio de Janeiro) a realizar formações de mulheres cisgêneras não brancas, com idades entre dezesseis e trinta anos, para se tornarem mulatas profissionais e apresentarem-se em shows nas casas noturnas do Rio de Janeiro para a apreciação de empresários estrangeiros. O modelo de mulata exportação, que ainda permanece na linguagem de homens heterocis racistas ao se dirigirem a mulheres não brancas, foi um negócio brasileiro de produção de um padrão racial como produto de consumo, vendido como democracia racial e como empoderamento de mulheres não brancas. E tem mais: mesmo empreendendo o máximo esforço físico e criativo em suas performances, para se tornar uma mulata Oba Oba era necessário que o corpo não branco apresentasse os traços finos, relacionados à beleza branca eurocêntrica.

E a sofisticação não para nunca, né, perdedoras? Como o absurdo de transformar um corpo em produto de exportação – herança maldita das colonizações e escravizações brancas, heterocis e cristonas – não seria autorizado por tanto tempo na demogracinha, a produção de corpos femininos como produtos de consumo e sustentação da masculinidade heterocis tomou muitos outros caminhos. Em 1994 apareceu o grupo É o Tchan, que virou uma febre nacional e levou para os palcos a cultura negra do Brasil com o axé, as coreografias de orixás, os batuques

e a sensualidade brasileira, conhecida pelo rebolado dos quadris e o balançar das bundas. Rapidamente, todas as mulheres heterocis e suas filhas vestiram-se com shortinhos de lycra atolados na alma e botinhas pretas com meias brancas. O grupo sofreu modificações de seus membros ao longo da carreira, mas a formação permanecia com dois vocalistas negros, um dançarino negro e duas dançarinas, a morena do Tchan e a loira do Tchan. Com exceção da primeira dançarina, Débora Brasil, todas as outras que participaram das formações do É o Tchan posaram para a revista erótica masculina conhecida como *Playboy* e alcançaram sucesso de vendas. Na segunda metade da década de 1990, era praticamente impossível um churrasco ou aniversário existir sem o momento É o Tchan. Os banheiros dos lares heterocis eram recheados pelas *Playboys* de Carla Perez, Scheila Carvalho e Sheila Mello, os programas de domingo da tv brasileira realizavam concursos para eleger as novas morenas e loiras que comporiam o grupo e os desejos sexuais heterocis; crianças, adolescentes e adultas colecionavam as roupas iguais às das dançarinas, os CDs que davam a volta ao mundo e ensaiavam as coreografias em academias de ginásticas e aulas de lambaeróbica.

Em 1998, a Tiazinha, personagem de Suzana Alves para o *Programa H*, de Luciano Huck, ficou famosa por aparecer de lingerie, cinta-liga, salto alto, máscara e chicote, depilando homens heterocis que erravam as perguntas feitas por ela em seu quadro na atração televisiva. Tiazinha foi transformada em produtos de sex shop e passou a habitar os lares heterocis como uma fantasia para apimentar a relação sexual do casal heterocis; foi transformada em fantasia de carnaval, utilizada inclusive por crianças e adolescentes. É aquela coisa, a heterocisnorma não perdoa corpo algum e as crianças precisam ser treinadas desde cedo porque o *Brazyl* defende a inocência delas. Outra personagem do programa de Luciano Huck que funcionou como produção de uma referência sexual feminina heterocis foi a Feiticeira, interpretada por Joana Prado, que dividia com Tiazinha os jogos realizados em cada quadro do show de entretenimento para homens heterocis. Feiticeira usava biquíni, saias transparentes e um véu cobrindo o nariz e a boca, simbolizando que ela não podia falar, apenas conceder os desejos feitos pelos machos que assistiam da plateia e de casa. Tanto Tiazinha quanto Feiticeira tornaram-se símbolos sexuais no *Brazyl* e estamparam capas da revista *Playboy*, seus primeiros ensaios bateram recordes de venda e garantiram a produção de um segundo ensaio, no qual elas posaram sem a máscara e sem o véu, respectivamente.

A produção pedagógica da sexualização e da racialização veio sendo sofisticada para que cada corpo feminino heterocis fosse transformado no símbolo sexual que desejava ser, mesmo que fosse para fazer sucesso apenas no seu bairro, na sua rua, na reunião da família, no quarto do casal, na gozada do marido. A mulher heterocis precisou acionar a sua Tiazinha, a

sua loira do Tchan, a sua Feiticeira e a sua morena para satisfazer o desejo do macho, inventado pelo programa de tv exibido à tarde.

Lá em 2001, a minissérie de tv chamada *Presença de Anita* apresentava um outro estímulo para a produção sexual da mulher heterocis. Anita, interpretada pela atriz Mel Lisboa, uma mulher heterocis branca de 18 anos que se muda para uma cidade do interior de Minas Gerais para morar em um sobrado onde um crime passional vitimou uma mulher heterocis, Cíntia, assassinada pelo seu amante, Luciano, o qual se matou logo em seguida. Anita deseja reviver a trágica história do casal heterocis com Fernando, um homem heterocis branco de 45 anos que está na cidade com a família, em um casamento já em frangalhos. A trama mostra as mobilizações de Anita para fazer acontecer o que ela deseja e a produz como uma ninfeta que provoca sexualmente o homem heterocis mais velho e casado para se envolver nas suas aventuras sexuais. Para Anita, nada é coincidência e tudo está escrito. Só pra ela? As heterocis vivem o poliamor, mas precisam defender a monogamia, tendeu? A personagem de Mel Lisboa também se transformou em uma conduta sexual das mulheres heterocis brasileiras, seu conjunto de anéis, seus colares e brincos eram vendidos pelos catálogos de venda de bijuterias, camisetas e calcinhas tornaram-se vestuário cotidiano das mulheres heterocis, o cigarro e as tatuagens de Anita também eram incorporados por elas. Mel Lisboa também estampou a capa da *Playboy* e estimulou as mulheres heterocis a encontrarem as suas ninfetas para satisfazerem o desejo incorporado pelos homens heterocis. Se, por algum acaso, você conhecer alguma mulher heterocis que tenha três estrelas coloridas tatuadas atrás da orelha e um tribal tatuado acima do rego, saiba que a Anita fez presença naquele corpo.

Acho que já deu pra gente transar bem as ideias sobre as sofisticações e os aprendizados necessários à manutenção de corpos reprodutores de mesmices que não passam de estimulações e frustrações que compõem a captura das capacidades afetivas de cada corpo aqui na colônia. É necessário estimular em cada corpo o distanciamento progressivo e isso ocorre por meio de reproduções infinitas de normas e regras de comportamento, de sexualidade, de gênero, de raça, de classe e tudo e tal. A perda do corpo tem uma importante combinação entre racialização, sexualização e objetificação e é incorporada de maneiras cada vez mais próximas de cada corpo, constituindo-o, fazendo-o perceber-se como um amontoado de regras a serem reproduzidas sem fim. E como a gente veio aprendendo, tanto de formas grosseiras, como as disputas para se tornar um produto exportação, quanto de formas sutis, como comprar uma fantasia e fazer uma tatuagem atrás da orelha, penso ser importante cada corpo perceber logo o conjunto de horrores que incorpora para se sentir cada vez mais distante de si enquanto corpo, enquanto vida.

As escolas também contribuem para a propagação das separações entre os corpos, como estava sendo discutido aqui até a gente visitar as décadas de 1980, 1990 e 2000. Separam os gêneros, as sexualidades e as raças, didatizando a opressão das caravelhas; separam a pobreza, que no *Brazyl* é majoritariamente negra, da riqueza, gerada praticamente pelo acúmulo de heranças e ocupação de altos cargos políticos, mantendo as dominações brancas. Quais são os corpos que precisam merendar e quais merendam porque querem? Quais corpos alcançam as melhores notas, ocupam os melhores rankings, são mais facilmente aprovados para as Universidades? O sistema educacional no *Brazyl* ainda funciona de modo a selecionar os melhores e é fácil saber o que significa ser melhor em um país que ainda se orienta pelas sofisticadas hierarquias coloniais de proteção do modelo branco de organização.

Aqui, aprender tem mais a ver com conseguir superar as impossibilidades de acesso e permanência que caracterizam o sistema educacional. E caso se consiga superar alguma delas e ainda reste alguma vontade resistindo ao cansaço de subir os degraus da cidadania, aprende-se aquilo que foi destinado, definido para cada corpo aprender. Vive-se uma Pedagogia do Horror, na qual a aproximação do corpo à profusão de afetos que o inferiorizam e amedrontam é constante. Cada uma das identidades que se afirmam para além da norma tem uma história de horror para contar; os *reality shows* e as rodas de conversa das Universidades estão recheados de sofrimentos narrados de diversas maneiras, os quais denunciam algo importante: o corpo que se diferencia da norma permanece horrorizado pelas violências constantes que a sustentam e é estimulado a revisitar repetidamente as violências que sofreu para gerar engajamento, *likes*, curtidas e comentários.

Por meio da Pedagogia do Horror, a afirmação de uma identidade sexual e de gênero ocorre na lógica do assumir-se – para quem? Para quê? A Pedagogia do Horror não racializa o corpo branco, porque seu horror colonial reatualizado consiste em criar outras formas de manter racializados os corpos negros e indígenas e asiáticos e quantas raças mais forem categorizadas pela metodologia da evolução branca. Seja pela perseguição das religiões afrocentradas, pela negação das inúmeras contribuições dos povos negros e indígenas para aquilo que se internacionalizou como cultura brasileira, pela veiculação midiática da inventada guerra às drogas, que espetaculariza o racismo cotidiano e encarcera corpos negros, enquanto o *presidon't* e ministros e governadores e senadores, todos brancos, enchem malas com dinheiro e aviões com cocaína.

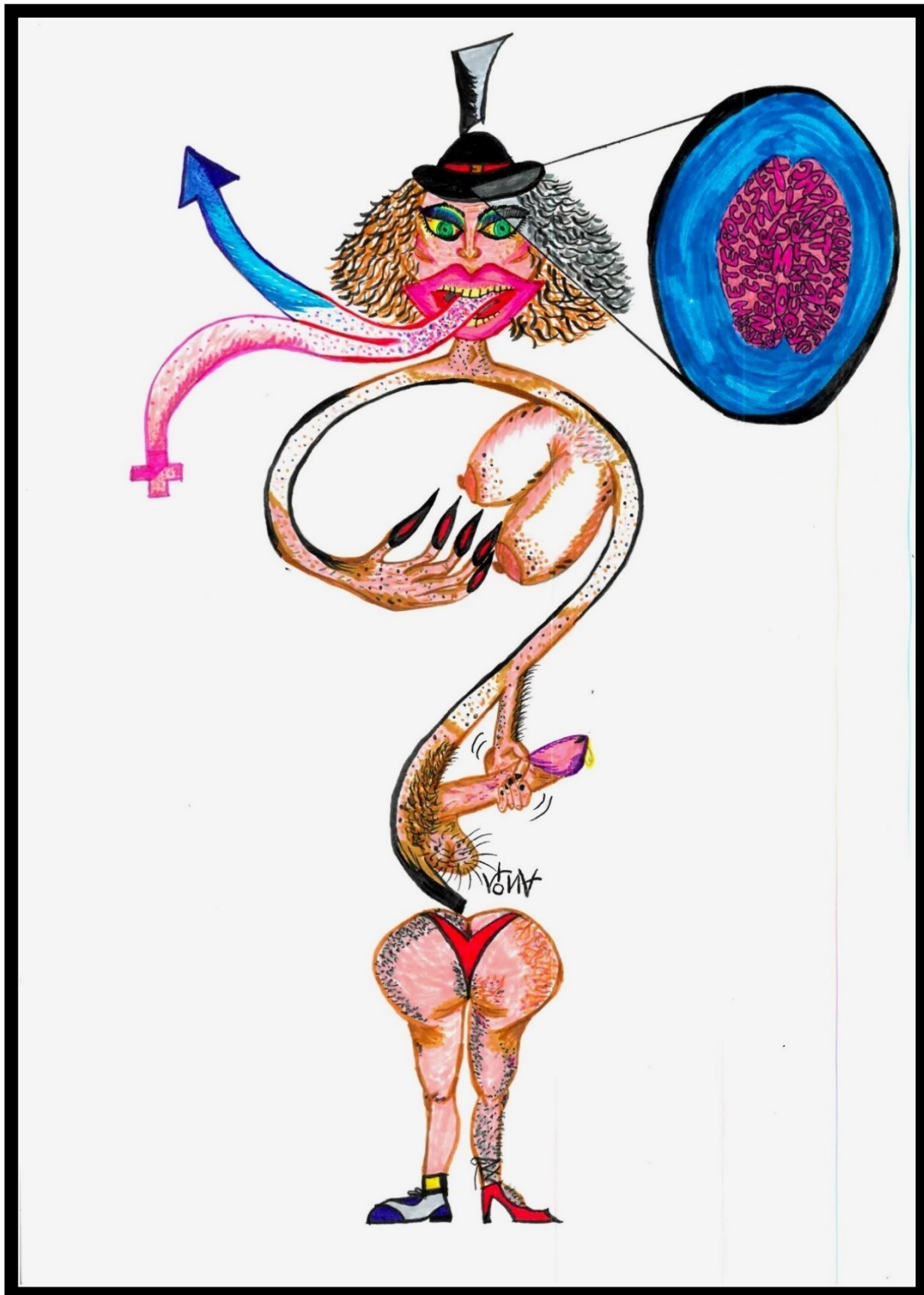
A Pedagogia do Horror só se torna possível por causa da administração da violência, dessa capacidade de disseminar o horror, tomada dos corpos colonizados pelo imperialismo branco e re-produzida constantemente pelas suas instituições. Esse roubo da violência é

sinalizado pelos corpos não heterocis que escreveram os manifestos aglomerados no livro *Bash Back! Ultra violência queer*, lá em 2020. E o crucifixo continua presente nas salas de aula, o pastor continua a dizer que Deus tem uma obra na sua vida, os símbolos sexuais da década de 1990 são as novas missionárias evangélicas e buscam o perdão massivo por terem se entregado às garras do diabo e feito dinheiro com sensualidade, nudez e pornografia. O policial continua a inventar o inimigo criado pelos europeus para as colonizações e os políticos, à esquerda e à direita, celebram a dominação masculina e afirmam que a família é a base de tudo. Quem assistia ao *Programa H*, com “H” de homem, agora experimenta o Projeto D, com “D” de deus.

É preciso se desarticular dessa maneira estatal de disseminar horrores coloniais por todos os lados. Ao mesmo tempo que demonstra a dominação do corpo ocorrendo pela ação do próprio corpo, Preciadíssimo (2019) também provocou a necessidade de re-aproximação do corpo como forma de produção de outros corpos, outras possibilidades de experimentar o corpo todo antes que sejam também transformadas em produtos comercializáveis. Se horrores são transformados em formas de assimilar corpos, é no corpo que se encontram os modos de se desarticular dessa reprodução colonial.

Tá aprendendo?

Figura 4 – Que corpo é esse?



Fonte: Elaborada pela bicha.

Na Figura 4, temos uma composição entre partes do corpo humano com pontos de interrogação e exclamação. O tronco da imagem é um ponto de interrogação com dois seios, um pênis e duas mãos, uma com unhas grandes se aproximando dos seios e a outra masturbando

o pênis, que está ereto e gozando. A cabeça representa uma drag queen com os olhos verdeamarelos, uma boca rosa da qual sai uma língua gigante e bifurcada em masculino-azul e feminino-rosa. Seus cabelos são volumosos e no topo da cabeça está um chapéu que compõe um ponto de exclamação. Do chapéu sai uma outra imagem que representa o cérebro focalizado, em que se lê as palavras: eurocentrismo, heterocissexismo, capitalismo, neoliberalismo, cristianismo, EUAcentrismo, racismo, pátria e colonial. O fim do ponto de interrogação é uma bunda com um fio dental vermelho e duas pernas que misturam pelos e estrias e pele; os pés estão calçados um com um sapato baixo azul e cinza, com meia amarela, e outro com um salto alto vermelho trançado na perna.

1.6 Eu somos muitas

Eu escrevo este trabalho, eu pesquiso para escrever este trabalho, eu leio, eu converso com outras pessoas, eu apago, eu digito textos imensos, releio, seleciono, delete, eu não guardo coisa alguma, nada aqui é meu, nada aqui é de ninguém... Eu escrevo pensando que não dará em nada, que não passará de mais uma pesquisa que será esquecida nos repositórios. Eu escrevo atormentada pela ideia de que eu já desisti, que mesmo assim é preciso fazer, não apenas pela obrigação institucional, mas porque há a necessidade de invadir a academia com outras formas de vida, com outras maneiras de enxergar o mundo que não as celebradas dentro de seus muros, os quais também são feitos de corpos. Eu escrevo composta com muitas ideias, textos, documentários, filmes, *reality shows*, danças, cenas, performances, ilustrações, leituras, conversas; enquanto escrevo, penso que a escrita só é possível porque o corpo é transformado em aglutinação de sentidos múltiplos que o atravessam incessantemente enquanto digita suas palavras que deixaram de sair pela boca para serem faladas com os dedos em movimentos sobre as teclas do *notebook*. Eu desisto a cada dia de escrever, até que eu leio um pedaço prazamiguy e vejo olhares mudarem, bocas falarem, movimentos de incômodo, vontades de fazer juntas, comentários de apoio, corpos que dizem que é preciso continuar escrevendo, cercar as normas que fazem sofrer e fazer com elas o que elas continuam fazendo com os corpos: esmiuçar as normas é um movimento feito de propósito, uma forma de devolver, bem quentinhas, as opressões que modulam por muito tempo as vidas dos corpos que me ouvem, a minha vida também. Aí eu consigo continuar o movimento, pois percebo que não me movimento sozinha e que os movimentos são múltiplos e compostos entre si o tempo todo. Escrevo porque tem me servido como exercício de perceber-me como um corpo atravessado por urgências, desistências, mudanças de movimento, desconfianças, dores, preguiças, fúrias contidas, ansiedades,

cuspidas, cansaços, celebrações de fracassos; escrever tem sido um bom exercício para perceber que eu somos muitas.

Eu falo sobre as violências que me afetaram negativamente. Eu não atualizo a dor que elas me causaram. Eu quero que elas sejam queimadas vivas. Eu preciso que elas sejam conhecidas, porque elas não aconteceram só comigo, violências são modos de permanência de colonialidades nos corpos. Escrevo sobre as violências para que fique óbvio o funcionamento do sistema heterocisnormativo sobre os corpos que desistem dele, para que seja percebido logo que ele não para de funcionar, sendo cada vez mais aprimorado, que corpos heterocis se beneficiam dele e sabem muito bem disso. Eu grito as violências que eu sofri, porque elas tentaram impedir minha vida e fracassaram e eu quero que outros corpos contribuam com o fechamento do cerco sobre qualquer forma de violência, das mais sutis às mais escrachadas. Quando falo sobre as violências, percebo suas reproduções em outros corpos e componho-me com eles para criar saídas das engrenagens que nos esmagam conjunta e individualmente. Não quero mais contribuir para o óleo que faz a roda das normas girar... E eu somos muitas.

Eu sou uma bicha, não um sujeito, nem um objeto. Fazem questão de que eu saiba disso em todos os lugares. Eu me apresento como uma bicha professora de Educação Física e algumas pessoas deixam de comparecer aos eventos para os quais sou convidada a falar, outras torcem o nariz quando ouvem a palavra “bicha”. Há também aquelas que sorriem constrangidas e as que perguntam: mas para que falar que você é bicha, isso não é errado? Eu não posso ser um sujeito, porque os estaduzunidos prosseguiram bem com o dever de casa da colonização e instauraram nas bichas daqui a busca incessante por se tornarem homossexuais e homens gays, para se limparem do estigma da aids, para serem aceitos pela organização heterocis da política, da sociedade, da vida, da sexualidade. Eu não quero ser um sujeito e não reivindico nenhuma identidade, porque penso que bichas são modos de vida que se criam mesmo em ambientes insalubres; corpos bichas se movem quebrando normas, ultrapassando fronteiras e cagando para as regras organizadoras de corpos. Bichas são multidões que se reconhecem pelo olhar, pelo rebolado, pela bunda de fora e cada bicha só é possível por conta da existência de muitas bichas. Quando me apresento como uma bicha, é para dizer que eu somos muitas.

Eu sou uma bicha vivendo com HIV. Frequento os CTAs, faço exames de sangue periodicamente, busco meus antirretrovirais a cada dois meses, ofereço-me para compor os grupos de apoio, converso com outras pessoas que vivem com HIV, consulto-me com médicos, farmacêuticas, psicólogas, assistentes sociais, tomo os medicamentos todos os dias e penso: o que é que eu engulo com isso? Aproveito que os antirretrovirais conseguem manter o corpo vivo para mover-me de outra forma e escapar dos estigmas que estão nas salas de espera, nas

pontas das agulhas, nos prontuários, nos corpos que me atendem. Eu não aceito a pena, a compaixão e nem a tolerância dos corpos que se julgam saudáveis a partir do momento em que me olham como doente, eu cuspo o estigma na cara deles. Eu grito com médicos que querem depositar em mim as suas hipocrisias: você precisa se cuidar, precisa usar camisinha, precisa transar com uma pessoa só, precisa contar para todo mundo que tem HIV, precisa tomar os remédios e parar de reclamar do atendimento... Grito porque o que fazem é mobilizar estigmas. Produzem-se como os corpos-referência enquanto culpabilizam em mim comportamentos que nem sabem se tenho, mas que fazem uso da mesma forma.

Eu sou uma bicha vivendo com HIV e cansada de ter que me explicar para pessoas que poderiam estudar um pouco mais para entenderem, de uma vez por todas, que um corpo HIV indetectável não transmite o vírus para outro corpo; que viver com HIV é viver com uma infecção que se tornou crônica e deveria ser tratada ao longo da vida como outra condição crônica de saúde; que o HIV e a aids não definem o caráter, a sexualidade, o desejo, o gênero, a responsabilidade, a vida de nenhum corpo; que as ações do HIV diferem-se de um organismo para outro, por isso existem tantas combinações de medicamentos; que corpos que vivem com HIV precisam ser ouvidos durante as consultas, pois suas vidas são atravessadas por inúmeros outros fatores que são redimensionados pelos estigmas que alimentam o vírus. Eu sou uma bicha vivendo com HIV e cansada de enfrentar a burrice dos corpos que ignoram um vírus tão complexo, enquanto permanecem falando sobre as vidas com HIV e aids sob o estigma criado nas décadas de 1980 e 1990 e mobilizado ainda hoje. Eu sou uma bicha vivendo com HIV que se indigna ao perceber que o estigma é mantido sobre os corpos não heterocis para justificar as ações perversas de líderes religiosos cristãos, políticos de extrema direita e pessoas heterocis, as quais permanecem ilesas. Eu consigo ser uma bicha vivendo com HIV e revoltada, porque eu somos muitas.

Eu sou uma bicha vivendo com HIV e doutoranda, estudo em uma universidade e faço minhas pesquisas na Faculdade de Educação. Já fui periodicamente questionada por um professor se eu realmente tinha sido aprovada no processo seletivo; durante a entrevista para a seleção, fui questionada por uma das professoras: você tem HIV? E respondi que sim, mesmo sabendo que ela já deveria saber que o sigilo sobre a condição de saúde de uma pessoa que vive com HIV é garantido por lei. Ainda penso que aquela resposta, sim, poderia ter sido facilmente substituída por um cuspe na cara, um molotov... Ando pelos corredores da Faculdade de Educação e elogiam a cor do batom, o salto, a calcinha, o shortinho, o jeito de andar, dizem que não existiam bichas assim na Faculdade, que é maravilhoso o que eu faço. Mas eu não estou fazendo nada além de viver, de me vestir do jeito que me sinto bem, de falar aquilo que eu

penso ser necessário falar, de escandalizar as injustiças ainda reproduzidas e maquiadas como saber acadêmico.

Eu sou uma bicha vivendo com HIV e doutoranda em Educação que se viu, mais uma vez, forçada a fazer da própria vida uma ocupação insistente e incômoda de espaços públicos, porque as normas não param de fortalecer lugares públicos como seguros para a heterocissexualidade branca e cristã. E percebo que só me é possível viver o que vivo e como vivo se eu aprender com outras tantas bichas que já fizeram o que eu insisto em continuar fazendo; que as bichas, vivendo com HIV ou não, estão em todos os lugares e batem seus cabelos nas universidades daqui e dali, que os movimentos que faço são estimulados pelas conexões existentes entre os corpos bichas que não desistiram de incomodar. Eu consigo ocupar espaços porque eu somos muitas.

Eu sou um corpo bicha vivendo com HIV e em movimento, movo-me pelas suspeitas, desisto de participar das celebrações das violências acadêmicas, revolto-me com as violências cotidianas que pretendem corpos como depósitos de fúrias impossibilitadas pelas leis heterocis, brancas e cristãs. Eu quero que as fúrias sejam libertadas por todo e cada corpo, eu desejo que as normalizadas aprendam o que é sentir medo, ameaça, desespero, insegurança, desautorização. Eu não devo explicação alguma: explicar-se é um movimento de assimilação das normas que organizam corpos por meio das colonialidades. Penso que são as normas e suas metodologias que devem ser explicadas, para que os corpos entendam aquilo que ainda aceitam sem questionar, para que se desnaturalizem as violências coloniais constantemente autorizadas pela demogracinha *brazyleira*. Mover-me como um corpo bicha atenta e forte não significa que as normas não se aproximam, porque elas não cessam de ser reproduzidas, atualizadas, sofisticadas, elas não param xamays. É na ação de mover-me propositalmente como um corpo bicha que consigo fazer pipocar as violências que ainda habitam tantos corpos, locais, modos de fazer. Chamam-me de agressiva, louca, não acadêmica, drogada, violenta, sem educação e continuam com fofocas para cima e para baixo, protegendo as violências em conjunto. Insisto em revelar todas as fofocas e os segredos, porque penso que um corpo que se protege com violências constantes deve ser constrangido, envergonhado e denunciado, suas ações não devem receber nenhum tipo de apoio ou convivência.

Mover-me assim afasta-me de muitos corpos, impossibilita que eu permaneça em grupos, que eu participe de celebrações, que eu feche os sentidos do corpo para as colonialidades que ainda são ensinadas e aprendidas aqui e acolá. Esses impedimentos funcionam como denúncias: quando um corpo incomoda ao se opor às reiterações de violências, já fica fácil de saber o que deve ser mantido em segredo. Quando um corpo se move, aprende a

desfazer-se das hierarquias que dificultaram seus movimentos por muito tempo e incomoda aqueles corpos que estavam confortáveis com os lugares que pensavam ter alcançado por mérito. Mover-me como um corpo bicha tem sido uma maneira de perceber que só sou em relação, que cada relação modifica o que eu penso ser, que relações são movimentos de composição entre corpos e que, uma vez composta com a possibilidade de perceber as violências sobre mim, é preciso sair da posição inerte da vítima e passar a agir para cercar as violências que atravessam o corpo, desarticulando-as aos poucos.

Quando me movo como um corpo, percebo que não faço parte de nada, que não sou integrante de grupo algum, que não sou um sujeito, nem um indivíduo, nem uma pesquisadora, escritora, professora, artista, também não sou a pesquisa, o livro, a leitura, o vírus, o relacionamento, a violência, a amizade, o sexo... Percebo que sou o movimento entre tudo isso, as conexões entre cada composição que acontecem a cada momento; que todas as possibilidades de ser que imagino só são porque me atravessam, compõem-me outra, e que pensar ser algo nesta organização da vida deve acompanhar a suspeita daquilo que se pensa como definitivo, organizado, explicável.

Ao mover-me como um corpo em composição, percebo-me em relação com outros corpos, humanos ou não; as relações interferem nos movimentos que faço, transformando-os em outros, e cada movimento pode ser capturado e transformado em algo estanque: um pensamento, um desejo, uma ansiedade, uma vontade, uma impossibilidade, um horror. Movimentos são descontinuidades das capturas e permanecem, mesmo que com pouca intensidade. E mover-me como um corpo tem mais a ver com perceber as possibilidades de me mover mais do que ficar obcecada com aquilo que parou de se movimentar. Mover-me como um corpo também é desaprender o que foi feito de mim e das minhas colaborações para a produção de alguma imagem fixa que explique quem sou; tem a ver com abandonar-me como identidade explicável e mover-me como corpo em criação do que deseja ser, ver, contar, apresentar, possibilitar, viver. Mover-me como um corpo só é possível por meio da quebra da imobilidade imposta pela identidade, pelo Eu, pela história única, pelo pensamento linear, pelo corpo organizável, pelas colonizações constantes dos modos de vida na colônia que quer ser democrática. Só é possível mover-me assim, como um corpo, porque eu somos muitas.

1.7 A boniteza acaba, a feiura conserva

Eu ouvi esta frase por bastante tempo, era Olímpia quem a repetia constantemente. Ainda hoje, mesmo depois da morte de Olímpia, que foi a minha avó paterna, repito a frase. A

boniteza acaba, a feiura conserva: o que pode significar isso? No mais óbvio, pode ser uma observação sobre a constante busca pela beleza capitalista, a qual inclui desde implantes de silicone, passando por harmonizações faciais e crossfits, até aquela simples olhada no espelho, acompanhada pela tristeza que governa corpos em lamento: eu já fui bonita... Eu quero apertar mais a fala de Olímpia para dizer do que acaba e do que é conservado.

A boniteza acaba, a feiura conserva. Quando escritas, falas, modos de pensar, composições feitas por pessoas provocam-me outros movimentos, inquietam-me e contribuem para a criação de vidas, digo que elas são bonitas, que possibilitam as bonitezas. Para mim, a boniteza tem a ver com produzir saídas, com desarticular as normas impostas, com abandonar o pensamento aprisionador, com debochar dos corpos que se julgam bonitos ao fazerem de si os superiores no escalonamento identitário do sofrimento. A boniteza não é uma característica física, estética ou padronizada para produzir as caras dos corpos sempre iguais, isso quer dizer que será bem difícil encontrá-la nas clínicas estéticas, nas academias de musculação e nos pacotes e shakes de emagrecimento. A boniteza não é uma identidade, não pode ser aprisionada, explicada, apontada, capturada; a boniteza só pode ser percebida quando acontece, porque ela é um modo de desarticular qualquer tentativa de normalização, desmobilizar categorizações, nem que seja na porrada, no grito, na baixaria, no cuspe.

As bunecas nervosas que compuseram o *Bash Back! Ultra violência queer* em 2020 também investiram na boniteza como modo de enfrentar o mundo heterocis, cristão e branco. Por mais que as bunecas dissimuladas utilizem a palavra “beleza” para comporem seus conceitos, quero aproveitar para rebolar junta com elas e seguir abrindo a roda pra enlarguecer. Boniteza tem a ver com ser admirada exatamente por aquilo que destrói a beleza imposta, com movimentos que sejam antinorma, por menor que ela seja. Sob o julgo das normas que mobilizam as colonialidades do ser, do saber e do corpo, as bonitezas constituem crimes e são condenadas pelos corpos heterocis, brancos e cristãos como agressividades, como cinismos, como irresponsabilidades e dificuldades de trabalhar em grupos. Mas os grupos de feiuras que condenam as bonitezas continuam a funcionar muito bem, mesmo quando as expulsam de seu convívio. É que a feiura acha bonito permanecer feia.

Exercitar bonitezas tem a ver com cometer um crime anti-heterocis, antibranco, anticristão, um atrás do outro, como modo de vida, atenta para o fato de que a heterocisnorma, o branquismo e o cristianismo não são encontrados apenas em corpos heterossexuais e cisgêneros, brancos e cristãos. Essas normas são engrenagens de uma organização maior entre patriarcado e assimilação, componentes necessários à superioridade eurocentrada, moderna, colonial. Por isso é preciso se movimentar pela criação de uma ditadura da boniteza, na qual

ser bonita tem a ver com denunciar, enfrentar e desarticular os parâmetros coloniais, cristãos, heterocis e brancos de produção de corpos possíveis de serem representados e reproduzidos. É necessário fazer isso em si mesma, pelo próprio corpo, como exercício decolonial e antiassimilacionista. Perceber bonitezas possíveis ao corpo, conhecer a própria boniteza a cada dia um pouco mais, exercitá-la incansavelmente, aproximar-se delas de todas as formas, sentir, cheirar, foder, dedar, lambar, chupar, gozar, experimentar, viver até que o corpo seja bonitezas em movimento. Tornar-se boniteza tem a ver com provocar as bonitezas dos corpos com os quais se compõe, mobilizar a fúria que cada corpo oprimido contém para sobreviver em um mundo de categorias em horror colonial.

A boniteza acaba, a feiura conserva. Para mim, a explicação da feiura já está dada: ela é o que faz a boniteza acabar. A feiura é responsável por conservar, o conservadorismo da direita *brazyleira* é a própria fotografia da feiura, daquelas fotos que saíam quase queimadas, de tão cafonas e ultrapassadas. A feiura tá sempre próxima da boniteza, porque se alimenta dela; quer fazer parte do bonde da boniteza, mas não consegue acompanhar, porque exercitar bonitezas é sentar a mão na cara da feiura, do jeito que der.

Não se engane! As feiuras estão sempre de butuca para gritarem que são bonitas, mas xamays serão, kiridã. Não conseguem! As feiuras conservam os pilares coloniais responsáveis pela manutenção dos mesmos corpos como referência intocável, inflados pelas superioridades das quais fazem usos para manterem seus rabinhos favorecidos, acalentados, confortáveis. A feiura não aguenta o confronto, por isso se mantém protegida por mais feiuras, as quais aprendem desde cedo inúmeras formas de se defenderem, porque sabem que a vitória é bem feiosa.

É a feiura a responsável por manter o gênero vinculado estritamente à genitália, por investigar os nomes de registro de pessoas trans e travestis, por transformar bichas em suspeitas, negros em ameaças, indígenas em revoltados. É a feiura que faz com que a racialização e toda uma sorte de violências coloniais sejam constantemente atualizadas, em qualquer lugar e corpo. É a feiura que cria as justificativas mais absurdas para deixar passar os constantes atos de violência colonial: a branca que pede tempo para aprender sobre essa coisa de racismo, ao mesmo tempo em que vomita que já sofreu racismo por ser branca; a heterocis que pede compreensão e empatia depois de reiterar suas transfobias e chamar de violenta a ação de um corpo que a impediu de continuar seu festival de violências; a cristona que monta um palanque de pregações quando um corpo fala que não acredita em Deus, a mesma que, dentro das universidades, estuda teorias decoloniais sem questionar os horrores mobilizados pela imposição cristã nas colônias.

A feiura cria o homossexual que se nomeia homem gay, sem ao menos reparar que a junção dessas duas categorias é impossível em um território colonial e que ambas, homem e gay, funcionam como apagamento das vidas bichas e travestis, separadas pelos mesmos homossexuais que foram forçados a caber nas nomenclaturas médicas e estadunidenses das sexualidades brasileiras, na década de 1970. A travesti que desautoriza pessoas não binárias e bichas maquiadas, porque acha que elas estão fazendo uso de uma feminilidade que ela pensa ter lutado para conquistar, quando na verdade faz uso de uma fatia de pertencimento oferecida como dádiva pela heterocisnorma que ela pratica para invalidar os saberes das bichinhas. A pessoa que utiliza das precarizações vividas por muitos corpos para montar um palco e gritar que também é fudida, porque sabe que fingir ser fudida em meio à fudeção neoliberal é a melhor maneira de lucrar e de esconder as suas feiuras. O brasileiro que aprendeu a idolatrar toda e qualquer coisa que venha de países europeus e dos estados unidos, enquanto regurgita as frases que lhe foram ensinadas para assimilar sua idolatria: brasileiro é preguiçoso, brasileiro não sabe nada, brasileiro não tem classe. As feiuras estão em todos os lugares para caçarem constantemente as bonitezas e imitá-las, copiar suas formas e tentar fazer igual. Não conseguem! As feiuras são incorporadas de tal modo que um corpo feioso sempre dará com a língua nos dentes, é só aguardar que a feiura será servida bem fresquinha.

A boniteza acaba, a feiura conserva. A boniteza acaba, mas não acabará; acaba porque acontece num instante e, por isso, precisa ser exercitada, movimentada de várias formas, para não parar de acontecer. A feiura conserva e conserva-se a cada movimento que a boniteza realiza; a feiura é a tentativa fracassada de parecer-se com a boniteza, alimentando-se daquilo que ficou depois que a boniteza já aconteceu. A feiura se alimenta de migalhas, aprendeu a sobreviver dos cacos e conservar os modos de funcionamento das violências que roubam bonitezas. Mas não conseguem, porque conservar é criar ausência de mudanças, impossibilidade de movimentos, dificuldade de circulação de ar, é assim que se mata uma feiura: sufocada em si mesma, achando-se bonita enquanto cai aos pedaços. Feiura e boniteza não são oposições, mas movimentos que ora intensificam a criação de possibilidades de vida, ora intensificam as imobilizações de corpos; acontecem o tempo todo, sem parar. Outra coisa que Olímpia dizia era que boniteza não põe mesa; não põe porque não espera ninguém para jantar, porque boniteza tem mais a ver com virar as mesas postas.

1.8 Aventuras bicha em pandemias ou apenas JOYCES

Sábado, 18 de abril de 2020, Belorizontem

Em meio a uma pandemia de coronaVÁIRUS e uma epidemia de ignorâncias.

Missão: comprar os ingredientes para Silver fazer as comidas dos gatos e do cachorro, no açougue e no hortifruti do bairro.

Roupas cobrindo o corpo todo, máscara, as luvas acabaram, preciso passar na farmácia também. <Inserir novo objetivo de missão/ luvas>. Objetivo inserido com sucesso.

Saio me esgueirando pelo trajeto, desviando de corpos que estão na rua para se divertir, para conversar, para fazer piadas com quem segue as orientações da OMS. Lembro-me de um vídeo que vi, no qual uma mulher heterocis gritava enfurecidamente: EU NÃO ELEGI NENHUMA OMS, VOCÊ ELEGEU? NÃO VOU RESPEITAR QUEM EU NÃO VOTEI. É isso, a OMS não é aqui.

Continuo...

Aproveito para colocar em prática exercícios de (não) contato (físico) e improvisação; na dança se faz muito exercício de ocupar o espaço, tenho feito nas minhas idas ao mercado também. Imagino uma grande bola colorida em volta das pessoas, eu também tenho minha bolona, ela é rosa chiclete. Nenhuma bola pode se tocar para não estourar a bolona de ninguém. E vou brincando assim, para distrair-me um pouco dessa doidêra que é ter que se distanciar dos corpos, logo eu que pesquiso sobre composição entre corpos. Que ironia! Que exercício!!!

As pessoas riem (de mim) e eu acho que é legal fazer alguém sorrir nesta bosta toda. Continuo fazendo...

Chego no hortifruti, local pequeno, de uma família heterocis cristona. Fica na mesma rua de casa, prefiro comprar lá porque os produtos são mais limpos e mais baratos. A missão é simples: meia abóbora, 10 cenouras, 4 chuchus. Entro, cumprimento a Possuída (nome fictício), pergunto se tá tudo bem, ela diz que sim, peço para partir uma abóbora ao meio, ela sai para lavar as mãos e cortar a abóbora. O dono entra, pedindo desculpas pela bagunça. Nem bagunçado está, penso e falo logo em seguida, aguardando minha metade de abóbora, a 2 metros de distância, minha bolona, a bolona dele. Ele começa:

– Deixa eu te falar uma coisa?

(Você já está falando, bebê.)

– Tô te ouvindo.

– Essa epidemia não vai acontecer aqui no Brasil igual está nos outros países não, viu?

– Também acho que não, Eva Anchélica (nome fictício). É pandemia e pode ser bem pior...

– Não, quê isso, sô. Não vai ser nada parecido, eu sei. Esses leitos que estão construindo aqui (em Belorizontem), não é pra ser usado pelo Brasil não, sô!

– UquÊ? De onde você tirou esta informação, Eva? (Tentando controlar a indignação.)

– Tô te falando, sô! Deixa eu continuar, te conto no final. (Sobrancelhas grossíssimas e sem fazer franzidas, olhos fugindo dos meus, presos no desenho da máscara, cara de quem tá pensando em uma maneira de se explicar, de se fazer entender...) Esses leitos que tão construindo aqui não é pra ser usado pelo Brasil não, vão ser usados quando precisar depois, pra ajudar outros países, quando vier alguma coisa ou biológica ou mundial...

– Oi? Anchélica, me conta de onde você tirou essa informação, por favor? É que é uma coisa que eu não sei ainda, tô curiosa (bem demoníaca, mesma).

– Eu vou te contar, mas pode ficar tranquilo, sô. Eu sei do que eu tô falando.

– Eu tô vendo, Eva (meio irritada, querendo morrer).

– Esses leitos que estão construindo aqui não é pra ser usado pelo Brasil não, vai usá quando precisar depois, pra ajudar outros países, quando vier alguma coisa ou biológica ou mundial... Cê vai ver. Essas coisa desse monte de caixão aparecendo nos país, isso não acontece aqui não, não vai, tá profetizado. Essa gripe vai ser igual a HN1 (sifudê, sabe nem o nome da porra), cê lembra?

– Lêeembriu (minha sobrancelha repuxando como se tivesse sido fígada por um anzol).

Ele, com os olhos mais acelerados ainda, a cada segundo buscando algum ponto de fuga dos meus, que deviam estar apontados para ele como dois dedos, continua:

– Então, esses leitos que estão construindo aqui não é pra ser usado pelo Brasil não, vai usá quando precisar depois, pra ajudar outros países, quando vier alguma coisa ou biológica ou mundial... Cê vai ver. Essas coisa desse monte de caixão aparecendo nos país, isso não acontece aqui não. Não vai, tá profetizado. Essa gripe vai ser igual a HN1, matou um pouco aqui outro pouco ali, mas não passou disso (existe uma forma de uma gripe agir além da morte aqui e ali e lá e...?). Aqui esse vírus não entra. Ele já está cercado. Tá profetizado!

– Eva Anchélica, você sabe que o vírus já está aqui, neah? Que tem gente que já morreeeu? Que os casos são subnotificados, o que significa que pode ter até 12 vezes mais casos do que é noticiaaaado??? Me fala a fonte da sua in-for-ma-çãããum? (Bem bichoquinha.)

– Vou te falar, sô... Então, esses leitos que estão construindo aqui não é pra ser usado pelo Brasil não...

– Tá, você já falou isso tudo. De onde você tirou isso, Eva?

– Eu sou evangélico, você sabe.

– Seeeeeiiii (bem devagar). E o que isso tem a ver com a pandemia? (Já querendo ser queimada viva em vez de continuar ali. As duas mãos na cintura, pescoço projetado como uma girafa irritada, quadris firmes, pés separados no chão, um à frente do outro.)

– É isso. Eu sei disso tudo. Não vai acontecer assim aqui. Tá profetizado. Eu tô te falando. Eu tive uma revelação essa noite (corpo quase agachado, mexendo aleatoriamente em umas mexericas bem bonitas, olhando-me de baixo para cima, com olhos escapando de mim, ombros pesados, pescoço rígido, costas presas, como alguém que fez uma besteira muito grande e foi pego. Eu queria um chicote).

– Uma rÊ-vÊ-UquÊ?

– Uma revelação, tô te falando... Não vai aconte...

Peguei uma cenoura bem grande e grossa e pontuda. Mirei direto e atravessei aquela bolona murcha que ainda insistia em circundar seu corpo cheio de revelações. Estourei sua bolona, ele não precisa dela se pode contar com suas revelações. Enfiei a cenoura na sua garganta, balancei rapidamente para fazer os beiços baterem um no outro e a cenoura dançar na boca toda, um belo boquete na cenoura fazendo um barulho esquisito: blalalalalalalallulou.

Não fiz isso, mas quis fazer.

Respirei fundo e:

– Anchélica, deixa eu te falar uma coisa. Agora é a minha vez, tá?

– Tá.

– Eu sei que você é evangélico (ele sorri, sem graça), que acredita em deus e tudo e tal. Eu não tenho problema nenhum com isso. (Tenho sim, na verdady. Mas não poderia dizer isso nesta situação. Conteixtuix, neah?) Que bom pra você que você tem uma religião e acredite nela e se sinta bem e tal. Só não dá pra misturar religião e ciência, NUN-CAH. Principalmentchy quando se trata de uma pandemia que já tá acontecendo, meu bem. (Olha-me confuso... Parece pensar muito, fica de pé e anda de um lado para o outro, tentando sair ou querendo que eu saia.) Então, assim, ó, de boa que você tenha suas revelações, que você fale com algum deus durante a noite e ele te revele coisas, que legal. Mas ele revela pra você e só pra você. Ele não revela pra prefeitura, que tá fazendo um trabalho interessante aqui na cidade; não revela pro governo federal que tá fodendo com todo mundo querendo que a economia continue e foda-se quem morrer, não revelou pra mim, nem pra Organização MUNDIAL da Saúde. Só revelou pra você, a Eva Anchélica, dono do mercadinho aqui da rua. Então, vai ficar difícil acreditar na sua revelação.

Possuída chega com a abóbora já embalada, separa tudo arrumadinho. (Ela é obcecada com organização. *Respect!*) Pego minhas coisas, deu cinco e pouco, pago no crédito (bolsista de doutorado, neah), quero sair e ser atropelada por uma bicicleta motorizada.

– Você vai ver se não vai ser assim. Eu sou evangélico, eu tive uma revelação, isso não é à toa. Esses leitos que estão construindo aqui não é pra ser usado pelo Brasil não...

– Tááááá...

– Vamo fazê o seguinte: daqui seis mêis, em dezembro (não seria outubro?) cê vem aqui e a gente conversa, cê vai ver!

– Eu nem sei se a gente vai tá conversando daqui a seis meses, Evinha.

– Mas cê vem aqui e vai ver.

– Tá, eu venho aqui semana que vem pegar mais frutas.

– SEIS MÊIS! (Profetizando.)

– Tá bom, fiquem bem. Desejo sorte e ciência para vocês e para seus amigos reveladores. Boa tarde, tchaaaaaaau... (Saindo quase correndo antes que eu me descabele e quebre o hortifruti todindo, desperdiçando as deliciosas frutas.)

Que doidêra! – Pensei, saindo vuada daquele portal das Eva Anchélica. Completamenthy, como é que eu posso te dizer... Continuo... Penso: JOYCES, que significa “escolhas” em inglês.

Faço mímicas no açougue para conseguir comprar as proteínas necessárias à alimentação dos gatos e cachorro. Pego nas tetas, imito um frango, mostro o número do que preciso em quilos, grito para respeitar o distanciamento necessário entre a minha bolona e as bolonas dos outros e me fazer ser ouvida pelo homem que me atende do outro lado do balcão: – EU PRECISO DE 12 KG DE PEITO DE FRANGO DIVIDIDO EM DOIS SACOS PRA EU CONSEGUIR CARREGAR, POR FAVOR, E 3 PACOTES DE FÍGADO DE FRANGO.

Algumas pessoas riem de mim, outras me chamam de doido. A maioria delas está sem máscara, gargalhando ou cochichando bem pertinho sobre a bicha doida que faz mímica para facilitar a comunicação com o açougueiro. Eu penso na falta de acesso à informação. Depois, olho para os machos rindo de mim e penso em seleção natural. O açougueiro é um dos com mais idade que trabalha ali, tem dificuldade de ouvir o que eu peço por causa da máscara que uso. A mímica parece ajudar, certifico-me de que ele tenha entendido mesmo com a barulhada toda. A administração do açougue colocou um cartaz avisando sobre as medidas necessárias para evitar a contaminação, mas ninguém respeita, nem mesmo os funcionários. O pessoal parece estar mais interessado na disputa de quem é mais forte contra o vírus. Será que também têm revelações?

Deixo o açougue, vou à farmácia comprar as luvas que acabaram. <Missão cumprida com sucesso>. O pessoal da farmácia parece estar cumprindo as normas de uma forma mais consciente. Consigo comprar rápido, mantemos a distância necessária e nos comunicamos bem, poucas pessoas no ambiente. Isso é bom. A OMS é aqui.

Volto ao açougue. Percebo que o homem que me atendeu não conseguiu captar minha mímica direito: colocou coxas e sobrecoxas de frango. Conseguimos resolver o problema sem muita dificuldade, fiz a mímica de novo, ele entendeu. Errou a quantidade de fígado, colocou três quilos. Tudo bem, eles serão necessários para a próxima leva de comida dos bichanos. Jamais encheria demais a paciência de um homem que precisa trabalhar em um local onde ninguém respeita as normas de saúde pública. Preciso melhorar minha mímica.

Voltando para casa, peso dividido entre os ombros. Respiração um pouco ofegante, resultado da máscara que aperta o nariz e dificulta a inspiração nasal. Passos largos, respeitando a movimentação do quadril, abdome protegendo a coluna. Exercitando minha bolota enquanto a preencho com pensamentos conflitantes entre indignar-me e mudar um pouco as coisas. Hoje eu fiz gente rir e tive vontade de morrer com a ignorância. Hoje também eu perdi para o cristianismo que consome pensamentos e corpos e dinheiro para devolver em curas que não curam, em promessas que não se cumprem, em uma pirâmide da fé que mantém fodido quem já está desesperado. Por aqui, há uma disputa vencida entre religião e ciência. É preciso acreditar em deus e obedecer às suas revelações da madrugada.

Qual revelação é a mais próxima de deus?

A da Eva Anchélica?

Não sei.

Ele sabe.

A obediência ao delírio é aqui: JOYCES.

1.9 Momento Gongação

Tá, eu sei que o que a zenty mais vê porraí e porraí são as tentativas frustradas de se parecer com o corpo-referência. Eu mesma já tentei horrores e fracassei com sucesso em todas as tentativas até hozy. O que a zenty não podzy negar é que as referências são esfregadas na nossa cara todos os dias como garantias de sucesso e de confiança, como exemplos de beleza. Então, para não deixar passar em branco as feiuras que insistem em permanecer como vias de regra, vamos dar uma morte mais horrível para elas, criando o “Momento Gongação”. Este é um espaço onde a boneca escreve alguns bafos e depois mostra como é que as vias de regra não

param de achar que é bonito ser feia. O babado é o seguinte: a zenty vai contando e montando o cenário todo das referências feiosas, ajuntando características ainda interpretadas como muito positivas. Depois, dá uma rasteira nelas e mostra como é que o buraco é mais embaixo e, o mais importante, tudo no deboche! Cês sabem bem que as normadivas não podem ver um deboche que já se defendem como únicas, neah? Quem nunca ouviu uma feiura como: eu sou hetera e não sou assim, eu sou outro tipo de cristã, sou branca, mas...?! E tá aberto o concurso de justificativas imbecis. Ah, como na colonialidade, o movimento é sempre pela conquista da superioridadzy, a boneca abre o espaço para a classificação que o capitalismo adoooooraaa. Você pode escolher entre as categorias, na ordem de maior importância para premiar as concorrentes: feia, margosa, péssima e, a mais concorrida, assustadora!

Vamos lá?

Luzes, vexame, gongação!

1.9.1 PRIMEIRA CONCORRENTCHY

Ela era Eva Angélica e, convencida pelas missões das quais foi encarregada pelo pastor, decidiu intervir na sexualidade de uma bicha adolescente com a sua crença. Convidou seus amigos da igreja para realizarem uma sessão de cura da homossexualidade. Falou com a bicha que precisava de ajuda para terminar uns bolos e doces para a festa da igreja e a bicha foi até a casa dela para auxiliar no trabalho.

Ela apresentou a bicha aos amigos Eva Angélicos e disse que a festa era deles e que, por isso, queriam agradecer com uma bênção coletiva para a bicha. A bicha não queria, ficou sem graça, ainda lidava com o vexame de ter sido forçada a aceitar Jesus enquanto filmava um evento na igreja para a Eva Angélica. A bicha já tinha prestado serviços demais, feito favores demais, e estava cansada de ouvir os irmãos que não sabiam o que diziam. Eles forçavam a bicha de 14 anos, constrangida depois de tentar muito não aceitar as bênçãos; falavam que Jesus tinha uma obra na vida dela, mas ela não acreditava nisso. Eles insistiram, ela insistiu, a bicha teve que ceder.

As Eva Angélicas levaram a bicha para o quarto, pediram que ela ajoelhasse e fechasse os olhos. Ela fez, mesmo sem querer; cada uma das Eva apoiava uma das mãos na cabeça da bicha e segurava a Bíblia na outra. Começaram com: “Senhor, estamos aqui hoje, meu pai, para dar a bênção para Vinícius, para livrar a vida dele do mal, para libertá-lo das garras do diabo, meu Deus...” e prosseguiram em uma gritaria que misturava palavras inventadas, com gemidos quase sexuais e gritos de exaltação da conquista que desejavam.

A bicha, envergonhada e confusa, perguntava-se o que é que o diabo tinha a ver com ela, o que ela tinha que poderia fazer tão mal assim a alguém. Ela sabia, mas não conseguia falar, não encontrava espaços seguros para isso, suas alternativas ali eram a violência e a cura. Ela começou a chorar todas aquelas emoções que voltavam com bastante força: vergonha, humilhação, culpa, insegurança... As tristezas forçadas sobre o corpo da bicha adolescente brotavam dos seus olhos, enquanto ela respondia que sim e aceitava Jesus novamente para a sua salvação. E as Eva Angélicas terminaram a bênção, que era para ser uma conversão, convencidas de terem alcançado o objetivo ao interpretarem o choro da bicha como certeza de arrependimento.

Não funcionou! A bicha continuou a se compor cada vez mais bicha. Certa vez, até criou um projeto que manteve muito tempo só para si: cagar na porta de igrejas Eva Angélicas nas madrugadas. Uma maneira de devolver para elas as violências que elas cagaram sobre um corpo de uma bicha de 14 anos. Se Jesus tinha uma obra nesta vida, quero dizer que celebro as suas ruínas! *Eat my shit, bitch!*

Qual é a bênção que as (des)gracinhas Eva Angélicas merecem?

() feias () margosas () péssimas () assustadoras

1.9.2 SEGUNDA CONCORRENTCHY

Ela era professora na universidade e selecionou uma bicha positivista para o mestrado profissional em Educação. Ela dizia que tinha sido a primeira pessoa a discutir gênero na universidade, que era aliada das minorias, que lutava pela diversidade na academia... Ela se orgulhava de si, sustentava-se assim, pensando-se aliada, sendo superior. É assim que se entrega toda a violência que sustenta a superioridade.

Ela queria que a bicha desse aulas na graduação do mesmo jeito que ela dava; ela queria que a bicha interpretasse textos com as turmas do mesmo jeito que ela interpretava; ela queria que a bicha passasse pano para as suas transfobias, homofobias, lesbofobias; ela queria que a bicha ajudasse a esconder tudo que ameaçava o seu orgulho de ser professora, a imagem de professora legal que ela havia criado e que não se sustentava mais. Ela passou a silenciar a bicha em reuniões, em grupos de trabalho; ela falava pelo departamento que a bicha era louca porque tomava antirretrovirais; ela pensou que uma bicha se sentiria ameaçada por indiretas de heterocis; ela não havia estudado o bastante para saber que as bichas aprendem a viver apesar das ações heterocis, que sabem reconhecê-las e desfazem-se delas tão rápido quanto possível.

Um dia ela chamou a bicha para trabalhar na atualização do seu Currículo Lattes e

ofereceu um dinheiro que a bicha precisava muito, já que não recebia bolsa de estudos. O dia estava muito quente, a sala abafada e o trabalho era bastante demorado. Uma caneca cheia de água estava ao lado da bicha, a sede foi dando seus gritos no corpo e: – Nossa, que calor, vou tomar essa água aqui.

Imediatamente, a professora se levantou da cadeira, agarrou a caneca e a distanciou da bicha, pegou outra caneca vazia e a estendeu na sua direção: – Toma nessa aqui, ó. É melhor!

A bicha apenas respondeu: – Não vou falar nada.

E ela complementou: – Que isso, não tem nada a ver. Não é porque você tem aids.

E a bicha: – Eu não tenho aids, vivo com HIV, sou indetectável e o HIV nunca foi transmitido pela água, nem pelo compartilhamento de utensílios.

Não é impressionante o que uma professora pode ensinar em qualquer lugar e a qualquer momento? Isso se chama humilhação: o melhor jeito de estabelecer distância entre corpos desde a colonização até a demogracinha. A feiura, kiridas, ela não para de tentar aparecer, tão vendo? Essas feiura ainda pensam sobre HIV se alimentando dos estigmas que se atualizam constantemente em seus corpos; não sabem que quem inventou os estigmas da aids foram os corpos heterocis, brancos e cristãos, não sabem que a burrice tem uma taxa de transmissão muito maior que um vírus da imunodeficiência humana e é propagada de inúmeras formas pelo corpo heteroimbecis que se pensa superior.

É de cair o cu da bunda, né não?

Qual é a categoria que essa belezura acadêmica merece, hein?!

() feia () margosa () péssima () assustadora

1.9.3 TERCEIRA CONCORRENTCHY

Uma bicha foi aprovada no concurso para professor substituto no curso de Educação Física e dentre as disciplinas das quais ficou encarregada estava a de Ritmo e Movimento, para a qual um dos planos era uma investigação conjunta com estudantes sobre corpo, movimento e emoções. Ele era um dos estudantes da turma, chegou perto da bicha professora e justificou a sua não participação nas aulas práticas com uma série de atestados médicos; a bicha disse que não precisava dos atestados, que ele assistiria e só faria um relatório contando o que experimentaria durante as aulas.

Num dos primeiros encontros para práticas corporais, ele apareceu com uma câmera com microfone acoplado e a lente tapada e disse que gravaria a aula. A bicha perguntou se as pessoas que estavam presentes autorizariam a gravação e elas disseram que não; ele ficou

enfurecido, mas não gravou nada. Em outro encontro, a mesma câmera, a mesma desautorização, nenhum relatório feito e a bicha explicou: – Olha, fulano, nessa aula a gente investiga coisas que são muito próximas para cada corpo. Não há nenhuma justificativa para gravações, a não ser que sejam autorizadas por todas as pessoas envolvidas no processo.

E ele disse que queria gravar para ter prova dos absurdos que aconteciam na universidade. A bicha respirou e decidiu não embarcar na feiura, era melhor continuar a aula.

Foi assim que apareceu o primeiro e-mail cheio de absurdos: “você está ensinando viadagem na universidade, estimulando o sexo entre os alunos, você não se dá ao respeito...” e outros o seguiram. A cada aula, um e-mail mais violento: “você jamais será um professor, você não é homem, nem mulher, é uma vergonha, eu sou faixa roxa de karatê...”

A bicha só encaminhava os e-mails para a Coordenação do programa e não recebia respostas. A situação foi se agravando e a bicha ficou sabendo que mais um professor fora ameaçado pelo mesmo estudante e que havia registros de mais confusões com outros professores em outro curso. Juntaram-se as informações em um processo administrativo, um bando de estudantes envolveu-se como testemunhas junto com a bicha, o processo demorou e o estudante foi expulso por assédio.

Tempos depois, saiu a notícia da prisão de um homem de sessenta e poucos anos que era investigado por pedofilia na cidade e a bicha ficou pensando como é que o movimento vai e como é que ele vem... Tá passada?

Como é que a zenty podzy chamar esse exemplo de beleza, minynas:

() feia () margosa () péssima () assustadora

1.9.4 QUARTA CONCORRENTCHY

A primeira vez que ele estuprou a bicha, ela estava no banho e o chuveiro parou de funcionar. Ela chamou o marido da tia para consertar o chuveiro, ele entrou, ela se cobriu com a toalha e ele: “não precisa, não”. Ela continuou coberta, ele mexeu no chuveiro de um jeito, depois de outro, ligou e funcionou. Aí ele olhou pra bicha, trancou a porta, pegou no pau e: “pode tomar seu banho”. A bicha não sabia o que fazer além de tomar o banho com ele ali; tirou a toalha e entrou no chuveiro, de costas para ele. Ouviu os passos e o cochicho de que não era para contar para ninguém, sentiu a água ficar mais fria, a sua pele mais quente, o corpo tremendo, um nervosismo aparente enquanto ele falava “shiiiiu” e colocava o pau no meio das coxas dela, indo e vindo no corpo paralisado pelo que acontecia. A bicha, num rompante, desligou o chuveiro, falou que tinha acabado e secou a espuma com a toalha, bem depressa. Ele

riu, limpou-se e saiu do banheiro antes dela, que permaneceu ali e ouviu: “Tenho que trocar esse chuveiro, tá uma merda”.

A segunda vez aconteceu enquanto algumas pessoas não estavam em casa e outras estavam dormindo. A filha dele estava doente e a bicha estava ajudando a tia nos cuidados com a febre e os remédios. Foi quando a bicha se levantou para dar um remédio para a criança que ele apareceu e “shiiiiu”, foi chegando por trás; enquanto a bicha cobria a prima doente na cama, ele desceu o pijama dela e, mais uma vez, o seu pau ficou indo e vindo nas coxas dela, melando tudo de porra muito rápido. A terceira vez aconteceu na mesma semana, no final dela: era um sábado e acontecia uma festa no vilarejo onde ficava uma das casas dessa família; amigos e familiares se reuniram para a comemoração e a bicha estava no meio do bolo, agora tinha 17 anos, mais atenta, mais forte.

Durante a festa, uma tia pediu que a bicha buscasse mais bebida na casa. Nesses vilarejos tudo fica muito perto, a festa, a casa, a igreja, o mercadinho, a praça, a norma, a violência. A bicha pediu a chave para a dona da casa e avisou que voltaria logo com a bebida que queriam, saiu da festa e seguiu o rumo. Entrou e procurava a bebida pela cozinha, em meio à bagunça de uma reforma que acontecia no quarto e no banheiro, quando ouviu alguém chegando. Ele entrou pela cozinha e passou direto, sem falar nada. A bicha começou a ouvir uns “psiiiiiu” juntos com uns assovios e decidiu por ignorá-los e cumprir a missão de levar a bebida o mais rápido possível. Não era possível que aconteceria de novo. Ele então a chamou no quarto, dizendo que precisava de ajuda com uma coisa. A burrice dos 17 anos fez a bicha cair na armadilha e, quando entrou no quarto, encontrou-o com as calças abaixadas e o pau duro: “Chupa aí! Você é um viadinho muito gostoso”.

A bicha se aproximou, com um sorriso perverso que não podia ser enxergado por aquele estuprador bêbado em meio àquela bagunça que ele chamava de casa, e a fúria contida dos 17 anos ocupou a suas mãos; uma delas apertava as bolas dele com muita força e a outra segurava o pescoço com bastante firmeza para dar logo o recado: – Você não está bêbado o suficiente para ouvir que, se fizer isso mais uma vez, eu vou arrancar seu pau fora com uma mordida. E fique sabendo que a família inteira saberá disso!

A ingenuidade dos 17 anos não deixou a bicha perceber que a família se organizava por meio do apagamento das violências que ele praticava, que outras mulheres já haviam sido caladas após denunciarem as violências sexuais que sofreram. Mesmo assim, ela falou. E descobriu que o irmão era estuprado desde os 8 anos de idade, um escândalo foi causado, a tia disse que queria a separação, depois disse que não se separaria por causa dos filhos. Os familiares decidiram, mais uma vez, esquecer a história, porque, afinal de contas, ele era um

homem respeitável, honesto e bom.

A bicha ficou enfurecida, mas não havia o que fazer, ela não sabia com quem falar e continuou se lembrando dos estupros, contendo a fúria. As violências não abandonam os corpos, elas reaparecem com mais ou menos força em muitos momentos; foi preciso aprender a conviver com elas e criar formas de enterrá-las, de contá-las para que deixem de atormentar o corpo e passem a compor uma série de histórias que comprovem que o sistema heterocis é uma metodologia de proteção das violências dos homens heterocis sobre todas as outras possibilidades de viver o corpo em sua sexualidade e em seu gênero.

Mais de uma década depois, a bicha encontrou-se com duas tias, uma delas estava muito doente e com a visão muito comprometida, a outra era a tia-mulher-do-estuprador. Durante a conversa, a bicha manifestou sua preocupação com a saúde da tia, que estava cada vez pior, dizendo que ela precisava lidar com toda a tristeza que acompanhava seu adoecimento, que o ambiente da família havia sido muito exaustivo e violento também para ela e que ela poderia arrumar meios de falar sobre tudo isso e, quem sabe, ficar melhor. As duas tias se opuseram e defenderam a família, dizendo que não era verdade que existiam violências ali dentro, que elas eram felizes e que a bicha era quem queria ficar inventando as histórias de violência e estupro para dizer que a família estava errada. A bicha insistiu que elas pensassem um pouco sobre seus diagnósticos de depressão e lembrassem-se de todas as mulheres da família que sofreram com a mesma doença. A mulher do estuprador, aproveitando a situação favorável, vomitou: “você fala que foi estupro por ele, mas isso é mentira! Se você deixou ele te comer, é porque você queria. Nunca vi um viado rejeitar um pau!”

Bom, eu poderia fazer uma lista de gongalhões para mulheres heterocis defensoras de estupradores, mas para essas duas eu só digo uma coisa: a vida já fez o que deveria ser feito! Para ele, vocês sabem o que eu desejo... Um banho de heterocisnorma e colonialidade.

Qual é a categoria para esses maravilhosos casos de família:

() feia () margosa () péssima () assustadora

E a vencedora é: A colonialidade do corpo! Ela, que não para de ser atualizada a cada violência permitida pelos corpos, entre os corpos, por todos e cada um dos corpos.

Parabéns, ficou horrível!

1.10 Só nascem heterocis...

Uma amiga veio conversar comigo para dizer que teria um bebê. Estava alegre, queria

ter filhos e tentava há algum tempo engravidar do marido; eles são um casal heterocis. *Vai ser um menino*, ela disse, *Joaquim*.

É assim, pensei, *é simples assim: Vai ser um menino* e um nome surge para que um corpo seja entendido como pertencente a um casal heterocis, que o destinará à heterossexualidade e à cisgeneridade; um corpo conformado em ser aquilo que a ciência branca colonizadora disse que ele seria: marcado pela biologia, abençoado por Deus, em nome do Pai. Concentrei minha resposta na alegria compartilhada, pois sabia que esse era um desejo dela, mas não deixei de provocá-la: – *Gata, um menino ainda não, neah? Sabemos que é um corpo com pintinho e que receberá o nome de Joaquim...*

Às vezes, eu fico meio indignada por ver as coisas reproduzidas assim, sabe? Na tora! Fico um pouco passada, dá vontade de gritar, de esfregar uma amiga no chão e depois nos sentarmos e bebermos juntas, até o fim, gritando: **DEIXA DE SER TOSCA!** Rindo para trás de tamanha estupidez. Mas eu sei que não é sobre ela, que é maior que ela, que a maternidade como uma obrigação da mulher heterocis ainda permanece como um serviço de reprodução da família. Sei também que ela sabe disso, que está agoniada com a imensidão de azuis ou rosas, carrinhos ou bonecas; que todo um caminho é pavimentado pela reprodução de uma norma sexual hétero e de gênero cis, que assim fica mais fácil de não desvencilhar o gênero do sexo, que o treinamento é feito diariamente, é feito antes mesmo de Joaquim saber que será chamado assim. Ela foi pega pela maternidade, toda uma organização de emoções atravessa um corpo que gesta um outro corpo, ela está alegre por estar grávida, ela não percebeu que já criou a vida do filho para ela e para o marido; será que Joaquim vai caber?

Eu não coube. Ainda não caibo e acho melhor assim. Não quero caber. Ainda bem, mas eu não sou um bebê. Não sei bem qual foi a reação de minha mãe quando descobriu que estava grávida aos 15 anos de idade de um cara de 19 anos que ela namorava e fodia, escondida da mãe, no motel *Love Story*. Queria ter lembranças dos batuques da bateria da escola de samba na qual minha mãe desfilou escondendo a barriga que já crescia. Acho que ela não sabia o que viria pela frente, uma adolescente pobre não devia mesmo saber muita coisa sobre sexualidade ou gênero ou feminismo em 1986. Ainda hoje não sabem, graças às políticas educacionais dominadas pelo neopentecostalismo e pela paranoia heterocissexista. Meu pai falou para minha mãe tirar o bebê: um rapaz pobre de 19 anos sabia a merda que aconteceria com a vida dele, mas não sabia muito sobre sexualidade e sexismo e gênero. *Ele tinha medo das mulheres*, era o que diziam suas irmãs.

De uma forma meio estranha eu nasci, um corpo gerado junto com um mioma que lhe roubava boa parte dos nutrientes; minha pele estava coberta por toxinas e eu não respirava. O

médico falou: *Tá morto!* O pai roubou a cena tentando se matar. A avó paterna se agarrou à devoção católica. E num é que a bicha vingou?! Vingou para ver qual era a daquele povo que esperneava loucamente pela sua vida. É possível que um corpo recém-nascido já soubesse da merda toda? Que tivesse ouvido as conversas sobre aborto, as humilhações da avó materna sobre a mãe, os desesperos da adolescente grávida vendo seu corpo mudar... E tivesse decidido se cobrir com aquela gosma cinza, estourar a placenta com as unhas para fingir que nasceu, segurar a respiração por tempo suficiente para que pensassem que ele estava morto e depois reviver de alguma forma para ser encontrado por outra pessoa, ou uma onça, e ser feliz para sempre? Isso vocês deixam para a *Disney*. Aqui o babado é certo, é forte, é pesadão!

Tenho uma suspeita bem grande de que toda a família sabe, desde a mais tenra idade, que um corpinho não corresponde àquilo que a família foi criada para dar conta de reproduzir: a cisgeneridade e a heterossexualidade. Se o dever da família, principalmente das mães – não é à toa que ainda hoje culpam as mães pela homossexualidade dos filhos, oquê? –, é cuidar para que seus filhos sejam reproduções da matriz que organiza a família de acordo com a norma social vigente, deve ser fácil para seus membros detectarem uma ameaça: um corpo que está fora do mantra performativo da heterocisnorma. Imagino que eu deva ter sido detectada como ameaça por volta dos 5 anos, quando enchi a piscininha de plástico com flores e gramas e matos para tentar copiar a capa do LP do *Xou da Xuxa N° 4*; eu queria ser a Xuxa. O que acontece quando alguém da família detecta que um corpo não faz parte do pacto heterocis?

Bom, muita coisa acontece até que esse alguém se afirme como fora da norma sexual e de gênero, muita coisa acontece depois da afirmação. A cilada é que por muito tempo a família tem o direito e o dever de se meter na sexualidade e no gênero de cada corpo que nasce sob seu domínio. Daí ela se combina com o cristianismo e depois com a escola e com o militarismo e a cidade inteira, até que um corpo deva dar provas visíveis de sua heterossexualidade e de sua cisgeneridade; experimentem essa delícia em cidades do interior... Eu experimentei em São João del Rei, uma cidade ainda chamada de colonial. Colonial, aqui em Sanjas, serve como propaganda de uma vida tranquila, relaxante e bucólica, mas funciona mesmo como manutenção do poder cristão, heterocis e branco sobre todas as decisões.

A família é apenas mais uma das instituições que agem conjuntamente sobre os gêneros, as sexualidades, as raças, os sexos, as formas dos corpos que precisam dedicar a sua vida à manutenção do capitalismo, por meio de hierarquias que se fortalecem no binário opcionista e desigual. E eu passei boa parte do domínio familiar com medo de que descobrissem, com medo de falar comigo mesma que eu era uma bicha, que eu gostava de paus, que eu admirava a sensualidade das mulheres cis, que as travestis dos shows de transformistas me fascinavam.

Isso me fez enxergar de outras maneiras. Eu precisava saber detectar as intenções de cada pessoa da família que se aproximasse, fui aprendendo aos poucos a negociar meu espaço ali naquele terreno onde parecia ter chovido homens. Coragem, coração, se joga!

Talvez a família tivesse me servido como aprendizado para lidar com as outras instituições, pelo menos nestas as pessoas não se sentiam no direito de me bater. Errado! Eu perdi as contas das vezes que apanhei dentro e fora da instituição familiar por ser uma bicha. Inventaram uma bicha para mim e bateram muito para tentar matar a bicha que criaram... Aos 18 anos segurei as mãos do meu pai, impedindo que ele continuasse com as surras que ele pensava que educavam; a violência é conhecida cedo por um corpo bicha dentro da família tradicional mineira, que é *brazyleira* e colonial. Eu estava cansada de apanhar por nada, de enxergar a vergonha no seu rosto enquanto gritava comigo... A humilhação que a heterocisnorma causava em meu pai fortalecia a sua violência homofóbica contra uma criança bicha que queria viver. CHEGA! Já deu, né?!

O que será que Joaquim aprenderá com sua mãe e com seu pai? Bom, se ele se relacionar bem com a imposição da heterocisnorma, posso esperar que uma das principais coisas que ele aprenderá desde cedo será o significado do verbo “poder”. Um homem heterocis branco e cristão pode tudo neste país, sua vida está aberta aguardando a sua decisão, desde que ele cumpra com o dever de reproduzir a mesma norma que sustenta a sua sensação de superioridade, estimulada desde criança. Ele não precisará se preocupar em criar ou defender a sua forma de vida como identidade, tá tudo pronto, é só vir buscar. Quão cruel é a manutenção da superioridade entre crianças? É preciso ter experimentado a vida sendo uma criança que não cabia no álbum de família para saber.

Eu assisti à produção de alguns homens heterocis brancos cristãos. Onde nasci, a superioridade masculina era exercitada todos os dias, desde as comparações constantes da minha sexualidade com a sexualidade dos meus primos – como é que sabiam tanto sobre a minha sexualidade? – às ameaças mensais de me mandarem para um Seminário e a espera ansiosa pelo meu alistamento militar: *Só isso vai dar jeito nesse menino!*, esbravejava meu avô paterno.

Vi meninos cercado meninas na rua para passarem a mão nas bundas delas; tive que ouvir atentamente ao marido de uma tia que ensinava aos meus primos como deixar o pau duro e colocar entre as coxas das meninas. Mais tarde descobriria, da pior forma, que esse mesmo homem branco heterocis cristão era um estuprador e que violentara muitas mulheres da família – ainda hoje ele é defendido como uma pessoa exemplar. Particpei de reunião de homens para assistir a filmes pornô enquanto meus primos e eu éramos colocados no centro da roda e

tínhamos que bater punheta até que todos gozassem, era preciso provar que saía porra de nossos pauzinhos. Cheguei a segurar cabritas, vacas e galinhas para que os primos heterocis pudessem brincar com seus pauzinhos nas pererecas e cus dos animais da roça, demorei para perceber que mais tarde seria o meu cu que seria o local secreto de diversão de adolescentes e adultos heterocis.

A masculinidade não nasce de lugar nenhum, ela é mantida por cada corpo que respira os códigos da heterocisnormatividade, reproduzida em pequenas ações; a masculinidade sustenta a pretensa pureza da superioridade de um corpo, mantida por hormônios e representada por um pau que precisa de campanha nacional para ser lavado. É preciso estar atenta e forte, mana! E masculinidade, assim como quaisquer regras de organização da vida na colônia, não pode ser entendida apenas como um atributo dos homens, porque afeta a todos e quaisquer corpos que estão sujeitos a assimilar e a reproduzir suas práticas perversas.

Todos eles sabiam o que era a minha sexualidade, que eu não correspondia aos padrões ideais estabelecidos para ser entendido como um homem e usavam isso contra mim sempre que podiam. *Esses dois nasceram no corpo trocado*: essa foi uma das frases que meu irmão e eu mais ouvíamos na infância e adolescência. Um homem trans e uma bicha afeminada causaram bastantes abalos na família que queria ser tradicional. Eis o choque de uma família que precisa cumprir com a manutenção cristã, médica, biológica da heterocisnorma sobre os corpos: ter que reconhecer em um corpo o fracasso de seu sistema de reprodução. Por isso o ataque é pesado, chega pelo soco, chega pelo abraço.

Na adolescência, após tentar suicídio e estar visivelmente deprimida, fui levada a uma psicóloga que me orientava a querer gostar de alguma menina da minha sala de aula. Ela me fazia desenhar a minha casa e a minha família; eu estava sendo treinada psicologicamente para me adequar à heterocisnorma. Eu desenhava a Jadna, uma menina da minha sala que usava um batom vinho bem escuro e lápis nos olhos, ela tinha um look que era uma mistura de rockeira com *Jovens Bruxas* e eu ainda acho essa composição lushuosa. Eu quis me apaixonar pela Jadna, eu achava que conseguiria, a psicóloga me dizia isso. Não deu certo, não era amor, era cilada heterocissexual. Corpos heterocis pensam que corpos bichas devem sentir o mesmo que eles, existem esquemas prontos para preparar um corpo para um sentir heterociscentrado e eles estão nas novelas, nas músicas sertanejas, nos filmes de comédia romântica, no bar da esquina, em cada aniversário, nas missas de domingo, no grito de gol... Corpos heterocis são corpos celebrados.

Eu acho que se Joaquim permanecer confortável com os sentidos da heterocisnorma sobre seu corpo, ele poderá se tornar um homem heterocis menos tosco do que os celebrados

homens heterocis de ontem. Sua mãe é feminista, ela já percebeu a dificuldade que é se desvencilhar de todas as normas que acompanham a maternidade heterocis. *É uma luta não cagar regra para um bebê*: Foi assim que ela respondeu à minha provocação; e depois me mandou a foto da ultrassonografia que registrou o momento em que um corpo que nem nasceu foi organizado pela mãe e pelo pai, por meio do discurso médico. *É um menino!* Ele deve ter dito, depois de vasculhar com as vibrações do ultrassom um sinalzinho, uma virgulazinha feita de pele que confere o verbo “poder” a um corpo que ainda nem se sabe se nascerá, mas já é homem. E eu penso como será a vida quando um médico anunciar para o corpo que decidiu gerar um bebê: *É uma travesti!*

Porque apenas a heterossexualidade e a cisgeneridade são dados que verificam e codificam a existência de um corpo no mundo? Ora, a sexualidade e o gênero também são categorias hierárquicas que funcionam por meio de uma lógica da oposição desigual. Manter o heterocistema de nomeação de corpos como a instauração de um binário desde o nascimento é uma das estratégias coloniais de dominação que ainda mantêm o capitalismo funcionando e é alimentada por ele. Ou você já viu por aí, na tv aberta, alguma propaganda que exalte a beleza das travestis? Alguma marca babadeira criada por homens trans com propaganda na Globo? Mas é fácil perceber como as travestis são inspirações para mulheres cis, as quais, inclusive, dizem que nasceram um pouco travesti, transformando uma vida em fantasia e escracho. Grandes estrelas e símbolos de beleza nacionais foram maquiadas, penteadas, ensinadas por travestis e mulheres trans a se tornarem símbolo sexual. O consumo e a punheta do cidadão *brazyleiro* heterocissexual era criado pelas travestis e performado pelas mulheres cis. Tá entendendo como é preciso utilizar o gênero e a sexualidade como armadilhas para alguns corpos?

Seria diferente se, como a medicina e a biologia heterocis tentaram por algumas décadas, um ultrassom detectasse que o feto seria uma bicha, uma sapatona, um homem trans? Ou seria apenas mais fácil para as instituições intervirem nos corpos mais cedo? É isso que fazem ainda hoje com os corpos de pessoas intersexo: a heterocisnorma é forçada sobre os corpos, de preferência com a manutenção do masculino hegemônico. De certa forma, não importa o momento em que se perceberá quando um corpo não é heterocis, porque o esquema de heterocisnormatização não deixará de funcionar por causa disso e nem depois que um corpo se afirmar para além da norma. Ainda hoje os velórios e enterros de corpos de pessoas não heterocis são preenchidos pelos escândalos das famílias que querem sepultar aquele corpo sob a identificação heterocisnormativa, transformando lápides em troféus de manutenção da norma sexual e de gênero que governa o país faz tempo.

Meu amôr, a família tradicional deu conta de criar um movimento de pais e mães de homossexuais que partiu da necessidade de pais e mães heterocis serem confortados e terem tempo para entender como lidar com a sexualidade e com o gênero da pessoa que eles geraram. Dá para perceber a perversidade dessa lógica? A presença de uma sexualidade e de um gênero que não contribuam com o heterocistema é transformada em um espetáculo sobre a dor da família heterociscentrada. Nem uma drag queen gosta tanto assim dos holofotes.

A lógica heterocis só pode ser desarticulada de um corpo por meio de um movimento de percepção e mudança que deve ser feito inclusive por corpos heterocis, porque há muita violência que passa batido até para as pessoas que se sentem confortáveis dentro de uma norma. Desde quando uma norma é criada para ser confortável? A zenty deveria ter desconfiado disso pelo menos uma vez. Pelamôrtededeus!

Eu tive minha sexualidade e meu gênero postos à prova, debochados, usados contra mim, utilizados como justificativa para a humilhação, para o estupro, para o abandono, para a violência. Eu já fui louca, baixa, agressiva, violenta, desobediente, escandalosa, afeminada, afetada, perturbada, mentirosa, putinha, vadia, bichinha. E precisei ser um pouco de cada uma, porque eram essas as formas que me foram disponibilizadas para me mover pelo mundo fracassado da heterocisnorma, que classifica corpos a partir do pau-macho-branco-cristão. Também fui outras que eram mantidas em segredo: quiseram que eu fosse amante; disseram que eu era melhor que a mulher deles – como assim?! –; eu vi homens vestindo a calcinha da noiva para serem comidos; eu ouvi homens quarentões me chamando de papai e pedindo que eu os maltratasse; eu já fui a Cláudia Raia e transei em todas as salas do Memorial Tancredo Neves – tem cheiro do meu cu nas salas de reunião daquela família asquerosa. Esses projetos fracassados da heterocisnorma são sujos, jogam sujo, sabem que podem fazer qualquer coisa que não serão considerados suspeitos, querem comer as bucetas em público e os paus e cus no sigilo e na discrição. Fazem uso de suas sexualidades da forma como bem entenderem porque sabem que ainda são a referência de normalidade, nomeiam todas as outras para que não ameacem restringir o seu campo de dominação sexual e de gênero.

Pensaram que seus paus continuariam sendo o símbolo mais poderoso da colonização, que invadiriam outros corpos com seus paus dominadores, atolando-os nas goelas feminilizadas. Deixaram de pensar que todo o resto do corpo grita, que cada parte pode desfazer-se de seu domínio, que corpos produzem prazeres fora do domínio do pau, para além dele, inclusive. Hoje, eles estão disponíveis de todas as formas, tamanhos e texturas no sex shop mais próximo de você. Um pau torna-se algo quando é utilizado por uma mão, uma xereca, um cu, uma boca, um corpo; paus são para usar, e não precisam vir com corpos acoplados. Um pau

não faz um homem; tornou-se objeto de consumo, tecnologia de autopenetração para compensar o fracasso do pau-heterocis-dominador; um homem não consegue mais se fazer de pau. Não é um pau que usa um corpo, é o corpo que usa um pau. A ação de produzir prazer com um pau não é centralizada no pênis, nem no dildo. Talvez os homens heterocis ainda não tenham percebido isso, pois continuam enviando suas nudes inconvenientes que centralizam a masculinidade no braço bombado que segura o pau meia-bomba. Um dildo não precisa nem das nudes, um dildo não decepciona.

Essa merda toda, de conduzir as condutas sexuais e de gênero dos corpos por meio de instituições como família, escola, religião, moda, cultura e tudo e tal, continua celebrando a permanência do masculino como norma. É preciso perceber logo como tudo é feito em nome do Pai, do batismo à Pátria, do menino-ou-menina ao papai-e-mamãe. Não é tão difícil perceber, porque está em tudo, meizmo, kiridã.

Eu queria que fosse percebido logo o jogo perverso que é mantido em funcionamento pela articulação entre maternidade, medicina, cristianismo e heterocisnorma. A imagem de um homem heterocis branco e cristão atirando com um fuzil em um balão para revelar para algumas pessoas o sexo, o gênero e a sexualidade de um corpo que ainda nem nasceu é o exemplo do nível de horror que é articulado pela vinculação perversa de códigos heterocis ao corpo que nem se sabe se nascerá. Não se celebra a vida de ninguém em um chá de revelação de gênero. Celebra-se, pelo contrário, mais uma conquista de um corpo pelo domínio heterocissexual. A feiura não cansa de encontrar meios de aparecer. Essa revelação feita com muito azul ou rosa desemboca em um grande período de violência para corpos forçados a lidar com as paranoias de um conjunto de pactos que mobilizam sobre eles a heterossexualidade e a cisgeneridade e o branquismo e o cristianismo como única possibilidade de vida e de reconhecimento.

O que importa é que o pacto não vem sendo atualizado com tanto sucesso assim, o que possibilita a investigação de como isso chega ao corpo, como conduz, movimenta, impede, hierarquiza, coloniza, produz um corpo. As normas não são incorporadas apenas pela linguagem, não são apenas interpretadas e obedecidas pelo cérebro, elas também são mobilizações de sentidos que atravessam o corpo todo e o fazem pensar-se normal com todas as suas capacidades de produzir afetos. A significação de sua vida passa pelo filtro da heterocisnorma. Qualquer corpo que nasça no *Brazyl* é primeiramente celebrado como heterocissexual; os sentidos e os afetos que comporão as suas possibilidades de vida sofrerão variações específicas a depender de sua classificação de gênero e sexualidade, ainda vinculada a confirmações genitais e registrada em documentos de nascimento. A celebração continuará ao longo da vida; ela é necessária para que um corpo se conforme com aquilo que é definido

como vida para ele.

Ainda bem que o corpo escapa... É a mão que desmunheca e encontra a cintura, o dedinho que se levanta ao tomar um copo de água, o quadril que rebola ao som do É o Tchan, o lápis crayon escondido pelos óculos escuros ou pelo capuz, a calcinha atolada sob a calça jeans, o cheiro de óleo de banho roubado da tia, o gloss labial emprestado da amiga de escola, a vontade incontrolável de ser Xuxa, Paqueta, Gretchen, Chiquitita, Scheila Carvalho, Tiazinha, Tempestade, Beyoncé, a primeira maquiagem usada quando ninguém via, o primeiro passo para subir em um salto e a alegria de andar sobre eles, a primeira vez que se encontra bonitezas pelo corpo, o arrepio que toma a pele quando os olhos encontram um corpo todo montado e trabalhado na boniteza e que se dá conta: é possível ser assim...

Eu não sei como será a vida de Joaquim, mas gostaria de contar para ele muitas das coisas que eu percebi do heterocistema que vai atravessar seu corpo de forma atterradoramente sutil. Queria dizer para ele que é lindo poder viver uma vida em um corpo que se acha bonito assim, do jeito que ele acontece; que dá para criar vida apesar de toda uma organização prévia do que se entendeu por sua vida; que ele deveria suspeitar o mais cedo possível da sensação de superioridade que o acompanhará por algum tempo de sua vida enquanto corpo que já foi chamado de menino. Eu queria dizer para Joaquim que a família tenderá a produzir e a controlar a sua sexualidade e seu gênero, e que as saídas possíveis durante muito tempo poderão ser ainda mais assustadoras, mas não posso fazer isso porque ele ainda é uma imagem de ultrassonografia mostrada pelo aplicativo de mensagens. Ele nem sabe que eu existo. Nem imagina que, na primeira vez em que meu pai me encontrou montada em casa, eu tinha 13 anos e dançava Roberta Miranda enrolada em toalhas e maquiada; e que fui surpreendida em minha performance pelo espectador-homem-heterocis-branco-cristão no momento auge da música: *a mulher em mim precisa de um homem que é você...* Tem coisa mais colonial que isso?

Boa sorte, Joaquim.

1.11 Um conto de horror no mundo dos homens

O ano é 2054 e o *Brazyl* agora é conhecido como “Terra dos Homens”, após a insistente permanência do desejo de se tornar um exemplo para os países que o colonizaram. A vida do homem, branco, heterossexual, cisgênero e cristão, tornou-se a referência a ser seguida e a imagem do seu corpo ocupa todo e qualquer espaço, como uma pedagogia que ensina a todos os outros homens que eles são a referência de tudo e que nada poderá ser feito contra eles no estado das coisas *brazyleiras*.

Apenas os homens-referência circulam pelas ruas, frequentam os espaços de lazer, ocupam os postos de trabalho, cargos políticos, religiosos, educacionais e de saúde. A polícia quase não trabalha, pois é composta pelos mesmos homens que se movimentam pelas ruas; nada os atinge, nenhum crime é cometido contra eles, tudo é possível de ser feito e produzido pelo e para o homem *brazyleiro*. Os crimes antes combatidos no país deixaram de ocorrer, pois a nova organização social, submetida às Leis dos Homens, fez com que outros corpos desaparecessem do jogo político, das instituições, das ruas, da vida. O *Brazyl* vive o sonho azul da heterocisnorma comandada pelo homem-referência: tudo feito por eles, para eles, a partir deles, um verdadeiro paraíso onde tudo dá certo.

Nas escolas militares, aprendem-se disciplinas com os homens-militares, que são responsáveis pela educação do país: aulas de tiro, demonstrações de força física, práticas de futebol, medição peniana, crossfit como prática corporal obrigatória, técnicas para gritar e esbravejar com mais eficiência, aulas de humilhação para manter a organização social, exercícios de dominação para reforçar a hierarquia que os torna a referência de tudo, competições de punheta e muito mais. É preciso aprender a ser homem o mais cedo possível, de todas as formas disponíveis e inventadas.

Para dar vazão aos efeitos da testosterona sobre a libido sexual, mercados do sexo foram abertos nas cidades, locais nos quais encontra-se satisfação para o homem que precisa gozar a qualquer custo. Nessas lojas, estão disponíveis todas as formas de despejar os jatos de porra para que a serotonina faça seu serviço nos corpos-homens: a sensação de satisfação pós-gozo e a constante busca pela mesma satisfação ao longo dos dias...

– *Seja bem-vindo à Mais Culina, a loja submetida ao seu prazer! Aqui você encontra tudo para a sua satisfação integral. Abençoado seja!*

– Que legal esse anúncio sonoro na loja, Capitão Eduardo. Assim fica mais fácil de voltar aqui.

– Pois é, General Carlos. Tem que atrair o cliente do jeito que ele quer, assim ele volta. O que o senhor deseja hoje?

– Tô de folga e querendo dar uma gozada bem farta pra aliviar. Tô querendo uns produtos bons e fiquei sabendo que o Capitão tem coisas novas pro mercado...

– Temos, sim! Chegaram ontem estes produtos aqui! Tô terminando de organizar nas prateleiras, mas já dá pra saber alguma coisa deles pelo rótulo que tá pregado na testa. O que o General vai levar?

– Da última vez eu levei aquele ali ó, o mulher-heterocis. Não entendo nada desses nomes, mas essa coisa começou a falar de amor e de engravidar e de casar e de arrumar uma

casa pra nós dois, que coisa absurda pra um produto feito pra foder. Aí, tô querendo experimentar umas coisas novas, pode ter buceta, não ligo, mas também tô querendo uns cus, quem sabe uns paus; e umas bocas, também. Quero experimentar, Seu Eduardo, só não quero essas coisas falando comigo, cê me entende?

– Claro, Seu Carlos, a gente tava mesmo tendo problemas com esse mulher-heterocis, tem ficado ultrapassado no mercado, mas alguns homens ainda procuram, não sei por quê. Ó, chegaram esses produtos aqui: tem o homem-gay, o mulher-trans, o mulata, o travesti, o homem-trans... E eles têm saído muito, principalmente porque não dá pra compreender nada que falam. É mais fácil ignorar e mandar bala.

– E dá pra meter e gozar de boa?

– O General não quer experimentar? Leva por conta da casa e me paga depois, só ã gostar. Tô precisando testar cada um deles e o senhor é de confiança, cliente fixo.

– Esse homem-gay tá meio estranho, ficou meio parecido com a gente, cê num achou?

– Ahhhh, sei não. Ainda não voltou nenhum aqui, mas os buraco é tudo igual, sô!

– Ah, o Capitão... Sempre cheio de graça. Tá bem, vou levar um travesti, um homem-trans e um mulata, com os três eu consigo dar um jeito de relaxar a tensão, pelo menos por hoje. Levo e pago amanhã, pode ser?

– Faço uma promoção pro senhor: leva os três e me paga só 100 reais, eu dou um desconto no homem-trans, que quase não sai. Não se esqueça de trazer de volta, pra gente poder descartar corretamente, essas coisas largadas em qualquer espaço tão sujando a cidade toda.

– Isso tá é caro, mas firmeza, Capitão Eduardo. Devolvo amanhã para o descarte e acerto contigo.

– Vou colocar no carro pro General.

– Obrigado. Fica com o Deus-homem.

O General Carlos seguiu para a sua casa, com o carro carregado dos produtos da Mais Culina, destinados à sua satisfação sexual. Eram 17h45 e ele pretendia tomar um bom banho antes de começar a experimentar seus novos produtos sexuais. Chegou às 18h15, colocou os produtos no sofá da sala, abriu as pernas de cada um para conferir tudo e pensar depois no que faria com eles. Abriu uma cerveja artesanal gourmet e tomou um copo numa só golada, deu um teco na cocaína e correu para o chuveiro. Tomou seu banho rapidamente e retornou à sala. Percebeu que os produtos se mexeram um pouco, suas pernas estavam quase fechadas e seus olhos abertos, voltados para ele. E pensou em como a tecnologia avançava nesses produtos, que eles poderiam ser facilmente confundidos com humanos e que por isso eram tão caros. Ele não se importou com a mudança das pernas, muito menos com os olhos abertos, qual homem seria

ameaçado por alguns objetos sexuais? E tinha outra, sua casa estava cheia de armas de fogo e não havia possibilidade alguma de um brinquedo sexual atacar um homem como ele, como todos os homens. Ele ouviu uns ruídos e não entendeu nada, os brinquedos deviam estar emitindo os sons que o Capitão Eduardo havia comentado, pensou ele, enquanto trancava as quatro fechaduras de sua porta.

Pegou no pau, começou a bater uma punheta meia-bomba para endurecer e se virou para começar a brincadeira sexual. Estupefato, deparou-se com os três brinquedos de pé, encarando-o diretamente, com sorrisos bem assustadores nos lábios... Será que são lábios? Como eles ficaram de pé se eu não dei nenhum comando? O que será que está acontecendo aqui?... Um pouco confuso e meio desesperado, Carlos correu para alcançar a arma mais próxima e resolver aquilo tudo... Ouviu os primeiros passos dados pelos brinquedos sexuais...

– NOTÍCIA URGENTE! O corpo do General Carlos, conhecido pela sua influência política na Terra dos Homens, foi encontrado morto em situação horripilante. Seu pênis foi cortado e enfiado na garganta, suas mãos pendiam por causa dos cortes profundos nos pulsos e o corpo estava pendurado no teto da casa por uma farda no pescoço. Os policiais, assustados com a ocorrência, vasculharam toda a casa e o itinerário do General, que estava de folga e havia comprado alguns produtos da loja Mais Culina, conhecida na região. Na investigação inicial não foram encontrados registros de invasão e o General não teve contato com nenhum homem além do Capitão Eduardo, dono da loja. Por isso, trabalha-se com a hipótese de suicídio motivado pelo acúmulo de testosterona no corpo, pois fazia tempo que o General reclamava de sua insatisfação sexual. As únicas pistas encontradas na casa do senhor Carlos foram uns escritos vermelhos na parede e uma folha jogada sobre alguns objetos sexuais. Suspeita-se que o General tenha deixado essas mensagens para serem decifradas. Na parede estava escrito: **05/02/2054 = 9, o fim de um ciclo.** E na folha de papel, uma mensagem: **Este é o começo do fim das suas vidas. VOCÊS NOS OUVEM AGORA?!**

2 MOVIMENTO TWO: DESAPRENDER UM CORPO

2.1 Mover-se dentre

Ali estava ela. Corpo travesti de pé, olhando para uma jarra de barro logo à sua frente. Sentiu uma súbita vontade de chegar perto, de olhar o que guardava a jarra, acompanhada de um desejo por água que lhe grudava os lábios. Viu o reflexo da água que alcançava a borda da jarra, debruçou-se sobre a boca, apoiando as mãos no barro da borda. De olhos fechados, inspirou longamente para encher o corpo com aqueles cheiros que se misturavam com a água fresca: plantas, matos, galhos, argilas, lodos das pedras, composições de corpos criavam um cheiro que poderia ser entendido como o cheiro da cor verde. Ela abriu os olhos e percebeu que a jarra havia aumentado de tamanho e seus dedos quase não conseguiam mais agarrar as bordas de barro. Olhou para si e viu-se menor, seus pés já não conseguiam alcançar o chão, só estavam ali a jarra, a água, o cheiro e ela. Fez, então, o movimento que se esperava e mergulhou na água de cheiro com suas outras dimensões corporais.

A entrada na água criou outra relação do corpo consigo, sem a sensação de peso, antes necessária para se manter de pé. O corpo era levado pelas correntezas, que são os movimentos criados pelas águas para mobilizar corpos, mas ela não era apenas levada, as correntezas não funcionavam sozinhas, eram compostas com os galhos, o lodo das pedras, as plantas, os cheiros de verdes, as texturas de cada corpo em movimento. A pele sentia os pequenos impulsos gerados pelas correntezas, ora mais intensos, ora mais suaves; em movimentos constantes e espiralados, o corpo dançava com as correntezas, girava em si mesmo, aumentava e diminuía de tamanho, sentia-se abraçado, embalado pelas correntezas que também eram plantas e gramas e matos e galhos e lodos de pedras e orvalhos e cheiros da travesti misturados com tudo isso. O embalo foi se tornando um aconchego e a grande mistura que acarinhava o corpo tomava a forma de uma entidade travesti, com os cabelos tecidos em ramas, o corpo formado por galhos e cipós, olhos e boca preenchidos com águas em movimento, todo o corpo era uma imensa composição de águas e cheiros de verde.

Sem perceber, a travesti foi levada pela entidade para a beira de um córrego, o qual margeava um pequeno vilarejo e alimentava a vida dos corpos que ali viviam. A entidade transformou-se na mistura que desenhava o córrego e a travesti ficou ali, entre o córrego e o vilarejo. Olhou para um lado e para o outro e avistou apenas as pequenas casas que formavam a vizinhança, não conseguia enxergar nenhum corpo até que ouviu: – O que aconteceu com o corpo dela? – Uma travesti alta, arrastando os cabelos pretos e pesados pela terra, com um

vestido vermelho de camadas e decotes e alças, pisava o pé no chão bem ao seu lado e gritava para o córrego: – O que é que aconteceu com ela?

Olhando para si, a travesti não se reconhecia mais: o corpo estava sem forma, não havia mais lugar para nada, a boca, as mãos, as coxas, as bandas da bunda, os peitos, o umbigo, tudo mudava de lugar a todo momento, nada se sustentava naquele todo disforme que parecia uma gelatina tremelicando. Ela parecia ser uma criança, sentia-se como uma criança, da mesma forma que ela se sentia quando era uma criança, ignorada e desautorizada sobre si enquanto corpo, pessoa, vida. Ela sentia que ninguém ali a reconheceria enquanto corpo possível, como é que uma gelatina seria uma criança? Ela pensava e girava em torno do mesmo pensamento de que ela não poderia ser nada para aqueles corpos que viviam do córrego. Ela não conhecia ninguém ali. Ela sentia os corpos se aproximando dela, olhando para ela sem reconhecê-la, julgando-a inferior por não se parecer com eles, por não pensar como eles, por não ser o corpo que eles aceitavam como correto. Eles decidiram queimá-la viva e incorporar nela os seus desejos, as suas maneiras de viver, para dar forma ao corpo que chamariam de dela, que moldariam para ela.

– **NÃO FORMATEM A CRIANÇA!** – A travesti de vermelho gritava com os cabelos ao vento, buscando intervir na decisão tomada pelas famílias das casas alimentadas pelas correntezas do córrego. De nada adiantou. Aqueles corpos foram treinados para obedecerem a um corpo só. A criança travesti precisava ser queimada e foi.

Os homens se divertiam, as mulheres acompanhavam as emoções possibilitadas aos homens, na busca por se divertirem com o horror que testemunhavam. A criança gritava as dores causadas na gelatina que era queimada para dar a forma ao corpo. A travesti de vermelho começou a bater os pés no chão. Movendo-se em giros cada vez mais amplos, dançava seu corpo, vestido e cabelos com a poeira, as folhas, os galhos e gramas e água e vento e argilas e os lodos das pedras... A entidade travesti se formava novamente, inundando a beira do córrego e apagando o fogo que queimava a criança travesti. Homens e mulheres correram para as casas, aterrorizados com a transformação do córrego em travesti e a criança retornou ao embalo das correntezas que agora adentravam seu corpo queimado pelo fogo daqueles homens e mulheres que pensavam em um só. O corpo não era mais uma gelatina, também não tinha a forma que os corpos de antes queriam incorporar, era atravessado pela água em movimento de composição constante. A respiração não acontecia da mesma maneira, não só por estar submersa. A travesti inventou outras formas de respirar e utilizava seus orifícios e poros para fazer as águas verdes de cheiro hidratarem o corpo de dentro, curando as feridas causadas pela obrigação de respirar no fogo que queimava crianças travestis.

Lentamente, a água, os galhos, folhas, frutos, lodos, lamas e flores compunham-se com o corpo da travesti e da criança, trazendo alívio para a pele que ardia, alimentando os tecidos que se moviam conjuntamente para fazer dançar a vida no corpo; estômago, garganta, nuca, panturrilhas, coração, pulmão, olhos, fígado, poros, dedos e pés moviam-se em misturas e deslocamentos, assim como as emoções, os sentimentos, as lágrimas, as dores, os arrepios. Um corpo outro aparecia pelo movimento de cuidado da água que era o córrego, que era a travesti de vermelho, que era a entidade, que era a jarra de barro e que, agora, também era a criança travesti que embalava a si mesma como um corpo cheio de vida. Corpos se misturaram e se transformaram e deixaram de ser aquilo que um dia acreditaram que seriam. Criança, travesti, entidade e água não se distinguiam mais, não era mais necessário combater os corpos que bebiam diariamente as águas do córrego que era elas.

Foi assim que a criança travesti aprendeu a ser correnteza e bálsamo e alívio e fogo e terra e corpo sem forma a ser definida. Movendo-se assim ela tornava-se, novamente, o córrego que cabia na boca da jarra de barro.

Ali estava ela. Corpo travesti de pé, olhando para uma jarra de barro logo à sua frente. Sentiu uma súbita vontade de chegar perto, de olhar o que guardava a jarra, acompanhada por um desejo por água que lhe grudava os lábios...

Silver Oliver esteve em coma por trinta e dois dias após sofrer um acidente causado por uma pane elétrica que provocou um incêndio no alojamento do navio onde prestava serviço como marinheira. Ela se lembra das experiências que atravessaram seu corpo e compuseram sentidos e sensações possíveis a um corpo em coma, criando uma outra relação com o tempo e com o espaço e com o saber. Defender as experiências dos corpos como saberes é também pensar em quais experiências são autorizadas como possíveis. O que o corpo viveu no coma, como viveu, o que experimentou, tudo isso também compõe movimentos de vida e saber.

Figura 5 – Como acontece um pensamento?!...



Fonte: Ilustração da bicha.

A ilustração na Figura 5 mostra uma multiplicidade de neurônios com cores e tamanhos

e movimentos diversos que se compõem, formando as palavras “COMO”, “UM”, “pensamento” e “acontece”, além dos pontos de interrogação, exclamação e reticências.

2.2 Escarafunchar outras formas de pensar o corpo, com o corpo...

O bate-papo agora começa com Silvia Rivera Cusicanqui (2010), para compor mais ainda essa perseguição de outras possibilidades de pensar o corpo. Antes de me jogar no bololô de pensamentos, é importante dizer que outras formas de pensar o corpo não são novidade, são apenas composições de corpos que foram estrategicamente apagadas pelas colonizações europeias para produzirem um único modo de entender o que se discute aqui. O corpo colonizado precisava ser único, corresponder às regras coloniais de organização política, territorial, educacional, cultural e econômica e funcionar como permanência de uma história organizada em linha reta.

A organização das relações entre os corpos veio ocorrendo sempre em frente e sem olhar para trás; sua origem está na colonização e implementação da noção furada de modernidade, que é a colonialidade cada vez mais moderna, de alta tecnologia e penetração facilitada. Sentiu? Pois é, garoutra, se o mais moderno na colonialidade *brazyleira* é se parecer cada vez mais com o colonizador, a zenty já consegue imaginar como é que o corpo se torna uma composição de violências coloniais. Foi assim que a zenty achou legal cantar cabeça-ombro-joelho-e-pé para as crianças e passou a só compreender a vida se ela fosse adequada à linha que define o destino de cada corpo do nascer ao morrer. Uma feiura só!

A conversa com Silvia aconteceu em 2010, mas o desejo é que ela aconteça novamente, de modo presencial, relacional, corporal; essa mulher Aymara me rodopiou inteira quando me contou os babados que ela escarafunchava com a Sociologia das Imagens. Ela tinha acabado de escrever seu livro e já tacou logo um movimento que achava necessário às pesquisas decoloniais: quebrar a imposição linear do tempo, porque ela é uma imposição das colonizações europeias com o objetivo de estabelecer um marco zero para a modernidade global, a qual significa o início e a manutenção das colonialidades dos territórios e corpos, mesmo depois de findado o período colonial. E outro: desconfiar das palavras coloniais, daquilo que elas encobrem; investigar o que não foi dito é um exercício decolonial.

Mas como fazer isso, Silvinha? Foi a pergunta que a bicha afobada fez para ela, que devolveu com um sorriso debochado: fica atenta, viada! Pensar é um exercício de compor deslocamentos de fronteiras num ir e vir que é constante e diferente a cada ida e vinda. Um turbilhão começou a misturar muita coisa em mim e eu fui catando que um pensamento também

é corpo, acontece no corpo, faz do corpo um território de conexões que se expandem e contraem a cada contato com aquilo que está para além das fronteiras impostas ao ser, ao saber e ao corpo. Um corpo pode compor-se com passados e futuros se insistir em realizar movimentos de conexão com o tempo no presente.

Pensar em corpo é pensar em movimento, é perceber-se em constante conexão com aquilo que se desconhece, é poder experimentar a cada momento a realidade de tornar-se outro corpo, virar uma chave, reconhecer-se em outro mundo, abandonar um peso, largar um cabo de guerra e seguir sem a necessidade de oposição direta... Para onde? Não há local definido quando se compõe com o desconhecido, que é sempre novo e move o corpo todo, redimensionando-o. Ser um corpo é estar sempre no meio, sempre em via de ser outra coisa, outro corpo, outra vida. Só há o movimento. Pensar corpo assim, em movimento de mudança constante, é pensar corpo como uma composição sempre diferenciada de si mesmo, uma composição que acontece no presente de cada corpo, na ação mesma de mover-se, de mudar a direção, a intensidade, a velocidade do movimento que se exercita. Quem me fofocou isso tudo foram a Deleuze e a Guatrari lá em 2012, as duas europeia que cismaram de pensar o que se poderia dizer de um corpo que não fosse um ato de incorporação, uma definição feita por meio da reatualização da estrutura física, fisiológica, funcional e organizacional dos órgãos, nem pela apresentação do corpo como um sujeito definido, um eu-todo-organizado.

Dedê e Guaguá (2012) me explicaram sobre o conceito de rizoma e eu resolvi logo botar na conversa com Silvinha (2010), porque tinha super a ver com o movimento de pensar o corpo de outras formas. Ela só respondeu: Segue o fluxo! O rizoma é um sistema que não funciona a partir de um centro de comando, não se movimenta por meio de ordenações coordenadas, é um sistema que não compreende o modo de funcionamento da liderança. Isso quer dizer que não há a figura de um líder, comandante, orientador, nem presidente que detenha o poder de decisão, de seleção, nem de separação. Rizoma é o movimento de composição constante com a diferença, que é sempre algo desconhecido, não pensado, nem sentido, porque se encontra sempre entre, acontece apenas no encontro com um corpo, num agenciamento; a diferença não existe, ela acontece.

Dê e Gê movimentam o conceito de rizoma como um rizoma, mesmo, sempre em conexão e transformação. Cada conexão realizada em um rizoma pode ser chamada de agenciamento, que tem a característica de modificar a natureza do sistema todo, que é redimensionado pelas novas relações que se compuseram no momento do agenciamento. Rizomático é o próprio movimento da vida, sempre diferente do que se espera, fazendo mover o corpo que a vive, um movimento que ainda não é e que daqui a pouco não será mais, porque

só ocorre quando acontece. Mover-se é sempre dentre, tem mais relação com a intensidade do movimento que com sua duração, porque o corpo sabe que o tempo cronológico não acompanha o tempo do movimento de transformar-se em outra coisa, muito menos o tempo de um sentir. Quando rizoma está relacionado ao corpo individuado, Dê e Gê o nomeiam de “hecceidade” e dizem que ela não pode ser separada dos agenciamentos. Isso quer dizer que mover-se como um corpo é perceber-se sempre em meio a multiplicidades de afetos que acontecem o tempo todo, a todo momento, interferindo no próprio mover-se, modificando-o. É como o corpo acontece, sempre em relação com aquilo que o moverá de outra forma, um pensamento, um alimento, um jeito de pisar, uma modificação na respiração, uma lembrança ruim, um desejo reprimido, um sonho que atravessa um corpo no meio de uma reunião e o faz sorrir sem querer, a capacidade que uma voz tem de fazer a pele lembrar da delícia que é se sentir arrepiada de tesão...

Daí eu pensei que uma pesquisa pode fazer esse mesmo movimento ao colocar corpos em contato com os passados coloniais que implementaram e fortaleceram apenas uma forma de ser corpo nas colônias, e ao mesmo tempo provocar conexões com outras possibilidades de ser corpo agora, no presente de cada corpo e no futuro que cada corpo consegue compor com suas conexões, que muitos corpos podem compor conjuntamente. Joguei para a Silvia esse pensamento e fomos compondo que só é possível falar de outras formas de pensar o corpo porque existiram e ainda existem outras formas de viver o corpo, de ser o corpo, de produzir saberes sobre o corpo, de perceber o corpo em relação consigo, com outros corpos, com as emoções, com os territórios, com as linguagens e com as palavras. E as palavras com as quais temos contato têm o poder de apagar mundos para a manutenção de um só.

No colonialismo, as palavras funcionam de modo a encobrir as histórias dos povos colonizados, justamente porque a nomeação de cargos, corpos, territórios, comportamentos e vidas foi um procedimento europeu para a invenção de um marco zero da história mundial, que é branca, heterocis, cristã e europeia. Os discursos públicos das atualizações do regime de poder colonial configuram-se como formas de dizer nada e manter a organização colonial sendo atualizada. A Silvete lançou a braba, meuamô!

Pausa para você ouvir qualquer discurso presidencial ou de qualquer um dos ministros selecionados por critérios técnicos no desgoverno, o que, no *Brazyl*, significa reproduzir e obedecer às políticas de mortes. Você pode também ouvir os discursos dos presidentiáveis da quase esquerda e da direita extrema que concorreram ao cargo de próximo homem heterocis e branco e cristão que governará o país e perceber que a disputa à presidência é conduzida pela disputa de quem é mais cristão e homem e macho.

Voltou? Viu? É isso, moninha, o que não se diz, o que não se questiona, o que se encobre, tudo isso vai formando um sedimento que estrutura as relações dos corpos consigo e entre si. O não dito é a permanência da violência colonial como modo de viver. O que fortalece as estruturas coloniais que alimentam o capitalismo global é a capacidade treinada em cada corpo para esquecer, para deixar as coisas no passado e trabalhar no presente para um futuro melhor, esse mesmo que a zenty só vê piorando enquanto nomeia-se de novo como normal, de reinvenção, empreendedorismo, coach e tudo e tal. Cê tá passada?!

Silvia (2012) continuou a provocar minha atenção para as histórias que se mostram não lineares, aquelas que são constantemente apagadas pelas práticas coloniais, e lançou que, para essas histórias, não há existência de pré nem pós, porque sua composição não se dá em linha reta, mas em uma espiral que não cessa de ampliar seu movimento a cada passagem pelo ponto que questiona, que investiga, que curiosa. O presente é o espaço em que coexistem os movimentos que conservam a colonialidade e aqueles movimentos outros que roem as estruturas de dominação colonial. O colonialismo interno permanece atualizado no presente e está tão sofisticado que é defendido como identidade e empoderamento: corpos que habitam territórios submetidos às práticas coloniais transformadas em governo, aprendem a viver em um local fraturado, cada vez mais precarizado pelas demografinhas neoliberais e que chamam de corpo as conseqüentes tentativas de se parecer com o colonizador. Essa estratégia afasta a vida dos corpos para a organização de apenas uma forma de viver o corpo, atravessada por uma categorização identitária que tem estreita relação com as ações dos colonizadores, cartógrafos, religiosos e cientistas brancos, os quais buscaram diversas maneiras de justificar o injustificável: a violência colonial precisava ser naturalizada e autorizada para produzir o corpo colonizador como a referência nunca alcançada pelo corpo colonizado.

Assim, o corpo colonizado é treinado a viver um corpo distanciado, programado pelo pensamento linear, convencido de que é um gênero ligado a uma genitália, de que sua cor é superior ou inferior, de que sua fisicalidade precisa ser a mesma de todos os outros e sua felicidade depende do sofrimento aproximado da crucificação do filho de Deus. Fui falando isso tudo para a Silvia e ela já torceu mais o babado, dizendo que aquilo que era possível para os corpos organizados sob o sistema de atualização colonial era a teatralização da própria identidade, visto que um corpo colonial não pode se compor para além do que a colonialidade pretende para ele. Ela chegou toda trabalhada na energia destruidora e a bicha aqui adora um perigo!

Minina, na hora eu saquei o celular e liguei pra María Lugones, torcendo pra que ela me atendesse, porque sabia que ela estava rumo a um feminismo decolonial desde 2014 e não fazia

ideia de quais caminhos ela havia tomado. Chamou e chamou e quase a ligação caiu, até que ela atendeu, já atormentada: – Cê tá ligando de vídeo, bicha? Tô toda remexida aqui, quê que foi? Eu respondi logo, pra ela não desligar: – Tem que ser cara a cara, tėti a tėti! Falaí, María, já encontrou o rumo do feminismo decolonial? Ela riu e já veio quente: – Primeiro a gente tem o serviçõ de fazer entender que a ideia de Eu é uma furada aqui na colônia, depois a gente tenta propor alguma coisa para as feministas que ainda se defendem com um Eu, também conhecido como A mulher. Cê vai ouvir calada agora, bicha. Ei, Silvia, aproveita o embalo e vem também. Senta que lá vem *HIStória*! E prosseguiu, maravilhosamente, nos apresentando a delícia de ser um Eu em territórios colonizados.

Para colonizar os territórios imensos de Abya Yala, que hoje são conhecidos por Américas, era necessária alguma estratégia que instaurasse uma ruptura e uma disputa entre os corpos que já organizavam formas de vida diversas em todo o continente. Eram muitos povos, dentre eles os quéchua, maias, guarani, aymara, tikuna, terena, karajás, krenak, kuna, yanomami e muitos outros que se relacionavam com a terra, as águas, as matas, o sol, o vento, o plantio, a colheita, a sexualidade, o gênero, a comida, a saúde, o espaço, o tempo, o sonho, o corpo todo de maneiras próprias, criadas no movimento mesmo de se compor com tudo aquilo que chamavam de vida. A ideia de que existia um Eu centralizava o saber em uma figura que não era conhecida pelos povos originários que viviam em relação; era um modo de avaliação desconhecido por eles, um padrão social não necessário nas organizações das vidas daqueles corpos. Cês lembram que colonizadores europeus presenteavam povos indígenas com espelhos, né? Ainda bem que não deu tão certo assim...

O cristianismo teve papel fundamental nessa dominação toda: a noção de Eu é vinculada à existência de um deus único e punitivista, definidor do bem e do mal e detentor do poder de purificar os corpos dos povos que não eram europeus. O maniqueísmo cristão funcionou muito bem para colocar grande parte dos corpos colonizados contra si mesmos, justificando os abusos cometidos pelos colonizadores e padres europeus. Com o avanço da dominação cristã, os corpos colonizados foram submetidos a uma transformação civilizatória compulsória, da qual não precisavam, forçados a acreditar que seria um bom negócio entrar na onda das caravelhas. E foram dominados de todas as formas: o controle da sexualidade era exercido pela obrigatoriedade da reprodução, resultando em uma combinação desastrosa segundo a qual sexo gerava gênero; a reprodução era justificada pelo cristianismo por meio da organização do matrimônio, o qual, por sua vez, organizava os corpos dentro da estrutura da família colonial, punindo, demonizando e dominando aqueles que não correspondessem ao ideal colonizador. Ou seja, só dá para pensar em gênero na colonialidade a partir de um ideal de dominação dos

corpos para reprodução de uma única maneira de ser corpo que deve, necessariamente, corresponder a um sistema de reconhecimento de paus e bucetas e suas funções estritamente reprodutivas. Um horror sem fim que a gente vê até hoje, não é mesmo?

Silvia (2012) já resmungava: – A gente não vive a colonização mais, mas ainda vivemos seus efeitos de inúmeras maneiras como corpos condenados a serem sempre uma cópia mal-acabada de algo muito ruim e perverso. E Maricota (2014) complementou de cara: – O que a gente vive aqui é uma colonialidade, que é um modo de sofisticação dos parâmetros coloniais sobre todos os corpos, de incorporação das estruturas coloniais como única forma de vida.

O que percebo disso tudo é a permanência da colonialidade do gênero, reproduzida incessantemente a cada nascimento, namoro, noivado, casamento, interação sexual heterocis, gravidez, maternidade, paternidade, domesticação familiar, bodas de todo tipo... A colonialidade do gênero envelhece com o corpo e se renova a cada ultrassom, a cada batismo, até que a morte os separe. A bicha aqui já entrou na discussão: – O que se vive na colônia como regra de sexualidade e de gênero não pode ser chamado de identidade. Não só porque se trata de uma regra, visto que regras são para gerar identificações e assimilações e obediências, mas também porque aquilo que os corpos que se pensam heterocis vivem nos aspectos de sexualidade e gênero não passam de efeitos de gênero, inventados na colonização e colocados em movimento pela constante colonialidade do corpo.

– *¡Exacto, maricón!* – Respondeu a Maricota. É esse o grande problema dos corpos colonizados: aprender a chamar de Eu um esquema de reprodução e manutenção de normas violentas que pretende, única e exclusivamente, reduzir ativamente a vida dos corpos. E fazem isso de modo que essas vidas sejam facilmente desumanizadas, para assim serem categorizadas, explicadas, tratadas e governadas por aquilo que limita seus movimentos, ao mesmo tempo em que estimulam que falem de si e se apresentem o tempo todo como os efeitos da incorporação atualizada da colonialidade. É por isso que eu penso que a saída para a colonialidade do gênero está nos rumos propostos pelo feminismo decolonial; porque no momento em que a gente perceber a impossibilidade de ser A mulher imposta pelo eurocentrismo, poderemos abrir espaço para inventarmos as nossas formas de ser feministas para longe da amarra do gênero, a qual sempre atualiza a modernidade colonizadora.

– E como isso pode ser possível, amapô? – Perguntei, querendo muito saber da novidade, mas María logo me deu outro baile, dizendo que era possível porque já acontecia e foi juntando um monte de porquês, pontuando-os com os dedos enquanto eram citados...

– Porque não existe apenas uma forma de olhar para o colonialismo e nem para as colonialidades, que são as manutenções de suas práticas. Porque, mesmo que a opressão da

colonialidade do gênero seja unilateral, ela gera efeitos diversos nos corpos, que podem ser entendidos tanto pela assimilação das regras da vida sob a colonialidade quanto pelas ações exercidas pelos corpos ao moverem-se enquanto subjetividades ativas, conhecendo o sistema onde vivem e, por isso, enxergando e criando as saídas possíveis. Porque descolonizar corpos da colonialidade do gênero envolve, como a bicha aí costuma dizer, um exercício diário, feito de propósito, para movimentar transformações vividas em todos os lugares que chamamos de “âmbito social”. Porque a colonização reduziu ao máximo as composições dos corpos com as possibilidades de viver uma vida muito boa e os forçou ao costume de viver uma vida medíocre e ainda agradecer por isso. Porque os corpos colonizados tiveram as suas vidas e as formas como elas aconteciam reduzidas para caber na imagem de corpo colonizado, organizada pelo colonizador. Porque, dentre os corpos colonizados, os não homens, não heterocis, não brancos e não cristãos foram os mais violentados, justamente por ameaçarem o sistema de crenças inventados pela colonialidade do corpo. Porque o feminismo decolonial é a possibilidade de mudança de movimento que demonstra a importância de contar as histórias que nunca importaram, as mesmas que, ao fracassarem para o regime de poder colonial sofisticado, revelam os fracassos existentes no próprio regime que se pretende único. Porque, ao enxergar os fracassos, também se percebe a existência de outros caminhos possíveis de serem criados. Porque o fracasso mostra que os corpos colonizados habitam uma fronteira e seus movimentos acontecem sempre no entre, nunca lá, nem ali, sempre aqui e agora, mobilizando-se entre a colonialidade do corpo, preparada para que se caiba nela, e a possibilidade de descolonização, que precisa ser exercitada diária e corporalmente. Porque, se corpos colonizados são propositalmente minorizados pelas constantes práticas de colonialidade, precisam se mover de maneira infrapolítica, sempre esgueirando-se pelas fronteiras entre os espaços de opressão e resistência. E, finalmente, porque a movimentação dos corpos minorizados pela permanente colonialidade só pode acontecer se for composta e exercitada por meio de uma lógica da coalizão, já que aquilo que os corpos colonizados têm em comum são as experiências para subverter e viver apesar das regras colonizadoras que ainda constituem crenças, emoções, sentimentos, saberes, fazeres, sentires e corpos.

– Que baphôôôô! Eu tô na chón! A senhora é destruidora mesma, viu, viada! Tô aqui quem uma barbie na caixa, ó: boca abertinha! É uma mudança no movimento do corpo todo, mesmo, tá boua? Quando a zenty passa a encarar a diferença colonial – que é racializada, generificada, sexualizada e cristianizada – e decide por não mais escondê-la nas nossas práticas e discursos, terminando por escondê-la no próprio corpo, a gente é movida de inúmeras formas. Essa ação de assumir a fronteira como um local de ocupação sempre em movimento de mudança

tem muito a ver com o nosso papo, mesmo; o próprio corpo passa a ser uma fronteira, permeável, composta de multiplicidades, sempre em movimento de composição e mudança. Sabe quem também enxerga essa relação entre corpo e fronteira, María?

– A Gloria Anzaldúa! – Ela falou, bem confiante. – Eu sei que é ela, por causa do incômodo constante que ela apresenta a partir da impossibilidade de ser um corpo único e superior.

– Sim, exatamente. Um sussexo! Eu tive um encontro com ela em 1987 e ela foi me contando sobre esse pensamento de fronteira, que se parece muito com o que você estimula na movimentação das feministas decoloniais. Ela insiste em não poder ser compreendida e nem se apresentar como uma unicidade, justamente porque tudo o que ela faz, enquanto corpo, está relacionado com a sua sexualidade, com seu gênero, com a sua pele, com os seus sentidos, com as emoções com as quais se compõe, com os desejos, com o território que habitou até ser forçada a sair pelas circunstâncias que a transformavam em ameaça à norma celebrada pela maioria que ali vivia, com a própria percepção de uma vida ameaçada constantemente pelas normas coloniais sofisticadas. É aquela coisa, né, delícias: as intersecções entre opressões podem até localizar corpos, mas elas não conseguem impedir que os mesmos corpos se movimentem a partir de si, das maneiras escolhidas para informá-las, investigá-las, desarticulá-las.

Glória (1987) me contou sobre o absurdo das substituições das imagens de devoção dos povos asteca e chicano pela dominação cristã europeia: as imagens que demonstravam um poder não masculino foram transformadas em reproduções da ideia da mulher virgem, santa, subserviente e sofredora, que chorava pelos filhos. Isso aconteceu com a Virgem de Guadalupe, a qual teve seu nome modificado para esconder a imagem de um corpo não masculino, representado pelos movimentos das serpentes que compunham a sua saia e seu corpo, o qual se relacionava com a sexualidade não masculina, com a fertilidade e com a terra. Isso demonstra como a colonização é masculina e masculinizante. E Glória ainda se certificou de que eu a ouvia atentamente, dizendo que era muito importante pensar os movimentos de descolonização a partir de uma consciência mestiça, que é uma forma de ocupação do corpo como uma fronteira em constante conexão com tudo aquilo que o compõe. Para ela, é urgente escapar das formas masculinizantes com as quais ainda se educam corpos por meio das colonialidades. Ela insiste na criação constante de outros modos de perceber-se enquanto corpo, porque o corpo, como vem sendo produzido, continua sendo a manutenção do masculino hegemônico e colonizador. Pensa-se, escreve-se, lê-se, pesquisa-se, fala-se, impõe-se, decide-se, relaciona-se, sente-se como um corpo branco, heterocis e cristão.

Eu me lembrei da Glória aqui, porque ela propõe um movimento que venha de dentro,

em composição com o fora que o margeia, um serpentear-se em si mesma para encontrar os bloqueios de vida organizados pelas colonialidades do corpo e desafazer-se deles, criando um novo modo de consciência que parte da sensibilidade exercitada pelos corpos que mais se sentem ameaçados nesse mundo que é heterossexual, cisgênero, branco e cristão. Mover-se em si mesma é uma maneira de perceber-se como uma fronteira, sempre em movimento de composição e mudança, transformando-se na própria ação de mover-se, quase que uma dança descolonizadora no corpo, sempre antirreferência e antinormalidade.

Silvia (2012), que estava quieta ouvindo e balançando a cabeça como um corpo que vai conectando os saberes movimentados durante a conversa, levantou-se e questionou: – Tá, entendi que o pensamento de fronteira é uma boa ação realizada pelos corpos colonizados, mas como é que a María vai mover mais ainda isso para o feminismo decolonial? É que a nossa discussão tá movendo formas de perceber a diferença colonial y ao fazer com que ela seja sobrecarregada de sentidos criados pelos corpos y suas sexualidades y gêneros y raças y classes y territórios y sentires y pensares, y tudo y tal, *también* ressaltamos a importância de fazer de outra forma a partir da percepção de que corpos coloniais habitam fronteiras y movem-se nelas y com elas. A María falou da lógica da coalizão, que eu acho que tem muito a ver com o que eu penso também e eu quero ouvir o que ela compõe mais a partir disso.

– *Mira*, Silvia, eu tô bem movimentada com as ideias da Gloria também. Eu enxergo a fronteira como um local marcado corporalmente e, por isso, sempre diferenciado de si mesmo, visto que cada corpo realiza as suas conexões com as suas fronteiras para permanecer em movimento de vida. Essa fratura gerada pela fronteira é, para mim e para a Gloria, um local de criação tanto corporalizado quanto povoado, simplesmente porque os corpos colonizados estão ali, movem-se ali, criam as suas resistências ali, inventam-se como vida ao mesmo tempo em que se movem pelas composições que realizam entre si e, quando a gente passa a enxergar a multiplicidade de corpos, a gente percebe a fraqueza da colonialidade do gênero, como eu digo, e da colonialidade do corpo, como a bicha tá mostrando aqui pra gente.

Sobre a lógica da coalizão, ela é mesmo um movimento de composição entre corpos colonizados, porque são eles que têm a habilidade de perceber suas opressões comuns e, principalmente, de como desarticular cada uma delas de sua vida. A coalizão acontece diariamente. Quando a bicha diz que é um exercício diário, eu acho que ela tá percebendo como a colonialidade do corpo não para de organizar novas regulações coloniais da vida. A bicha tá aí, qualquer coisa, pergunta pra ela. O que eu proponho é que corpos colonizados encarem a realidade da existência de outros mundos, o que caracteriza uma ação de abertura do seu mundo para o atravessamento de outros, também afetados pela colonialidade. Ao encontro proposital

e voluntário de corpos colonizados para compartilharem os seus mundos e desestabilizarem as lógicas dicotômicas de separação colonial, eu chamei de “ser-sendo-em-relação” quando escrevi, lá em 2014, para provocar um Rumo a um feminismo decolonial. E gosto de lembrar que isso não tem nada a ver com relacionar-se com as práticas do colonizador, muito menos negociar com a colonização; é um exercício corporal, individual e coletivo de perceber-se como um corpo que não é, porque o ser estático é uma das armadilhas da colonialidade, mas um corpo que encara a realidade de que só pode ser sendo e que está em constante transformação porque se relaciona com as vidas de muitos outros corpos.

Aí, com a fala da María, eu dei uma risada de constrangimento para contar que aqui no *Brazyl* a zenty acreditou mesmo que a identidade iria nos salvar e ela vem sendo utilizada para sofisticar cada vez mais a separação de corpos em nichos quase que incomunicáveis; que a zenty gritava que ninguém soltaria a mão de ninguém e soltou a mão e ainda higienizou com álcool em gel; que a zenty gritou que machistas, racistas e fascistas NÃO PASSARÃO e que passaram todos, e junto com eles passaram a destruição das terras, o genocídio indígena, as milícias, a perseguição das vidas negras, as violências de gênero e sexuais e infantis, o sucateamento da saúde, da educação, da ciência e da pesquisa... MONETE, passou tanta coisa que eu já tô até tonta!

E a Silvia me interrompeu: – Você pode até tontear, mas não deixe de permanecer atenta para a diferença colonial. Isso que você falou aí tem a ver com o fato de que aquilo que se vive nas colônias é uma cidadania de segunda classe, permitida pelas elites globais que investem na produção de identidades escalonadas de acordo com os critérios ocidentais de raça, gênero, sexualidade, classe e que a produção desses critérios não cessa de acontecer, pois é necessária à manutenção das colonialidades. Aí, eu me lembrei que o etnocentrismo é a imposição de uma cultura como única e superior e que, se as culturas possíveis de serem movimentadas em países coloniais resultaram das imposições parciais da cultura colonizadora, a identidade na colonialidade configura-se como um falso arcabouço de sentidos para cercar o corpo, produzi-lo como menos ou nada humano e fornecer o local de onde ele afirmará que é um Eu, desigual desde o nascimento.

María interrompeu o fluxo para se despedir da zenty: – *Cariños, me voy*. Tá ficando tarde e eu já falei demais aqui, fico cansada com essas conversas *onláyyn* que prendem a gente em quadradinhos. Depois a gente se abraça bem gostosas, aquela coisa do ser-sendo-em-relação, sacou? *Adiós*.

Foi muito gostoso trazer a María para a nossa conversa e botar os corpos para movimentar saberes conjuntamente. Tá sentindo o tanto de coisa boa circulando aqui? A

conversa não parou com a despedida de Maricotita, eu queria investigar mais formas de pensar o corpo e a Silvérria ainda tinha muito a contribuir... Retomamos o nosso remelexo das colonialidades para discutir a racialização como metodologia colonial, aprimorada desde o século IV, que estruturou e instrumentalizou as dominações dos territórios colonizados.

Como metodologia, ela funciona de uma forma muito simples: alguém aqui já viu algum homem branco heterocis e cristão fazendo algo extraordinário? Poizé! A metodologia da racialização consistiu no escalonamento de características físicas de um grupo de corpos para estabelecer uma desigualdade a partir das diferenças em relação ao corpo branco; logo, todo corpo que não era branco não era humano. Bem estúpida, mesmo, essa metodologia, tão estúpida que veio sendo atualizada para se manter em funcionamento. Os homens brancos europeus perceberam, a partir dessa criação perversa, que os corpos poderiam ser cada vez mais capturados em suas diferenças e cada uma delas funcionaria como justificativa para a desumanização a partir dos homens brancos, porque foram eles que inventaram a metodologia e ela deveria servir para mantê-los seguros e confortáveis.

Mas como fazer essa metodologia aumentar a sua dimensão e sofisticar-se ao ponto de fazer parte dos modos de vida de todos os corpos? Óbvio que não seria apenas por meio dos corpos brancos. Colonizadores eram preguiçosos e violentos, invadiram territórios imensos para se manterem sustentados e enriquecidos pelas explorações coloniais, cês acham mesmo que esse pessoal iria trabalhar com metodologias para lá e para cá? Era preciso fazer com que cada corpo aprendesse a reproduzir a metodologia necessária para a separação de corpos e territórios, utilizando-se de hierarquias, desigualdades, manutenções da superioridade colonial, que é branca, heterocis e cristã. Alguém já ouviu um branco dizendo que os maiores racistas são os negros? Taí o absurdo da violência colonial: o branco cria a racialização, desumaniza o corpo negro e indígena por meio de suas características físicas, psicológicas, comportamentais, sexuais, culturais... E, para colocar a cereja no bolo da violência, ainda retira a responsabilidade do racismo de seu próprio corpo ao projetá-la, novamente, sobre o corpo que ele imagina ser inferior.

Fui percebendo que precisava chamar mais alguém para o babado e torcer ainda mais a racialização como metodologia colonial em permanente sofisticação. Silvia futejava nas suas coisas, revirando tudo até pegar um papel e: – *¡Lo encontré!* Sabia que estava aqui. Eu tenho uma carta de uma cremosa que falou comigo exatamente sobre esse papo nosso: a Grada Kilomba. Eu fiquei embasbacada! Estava pensando na mesma pessoa, como assim? Silvia deu um sorrisinho, raspou a garganta, inspirou profundamente e expirou com força para mobilizar as musculaturas da respiração, que movimentam o ar e a voz no corpo:

– Tá preparada? **SISSI GURA!** Eu recebi essa carta da Grada lá em 2019, quando a gente ainda podia reunir multidões de corpos sem preocupação de infecção viral. A gente tava seguindo um papo sobre decolonialidade e escrita e palavra e composições de resistências não brancas e ela me mandou alguns escritos que me moveram muito bem. Vou ler para a bicha.

– Silvia e Grada juntas? A zenty vê por aqui!

Algum dia de novembro de 2019, em algum lugar desconhecido pelo branquismo.

Olá, Silvia, como vai?

Desejo que esteja bem e que estas palavras encontrem seu corpo bem alegre.

Escrevo querendo continuar aquele nosso papo sobre colonialidade e invenção branca do racismo. Queria muito que pudéssemos nos encontrar de novo, faz algum tempo que não conseguimos nos ver presencialmente. Não sinto saudades, mas vontades. Saudade só existe em português e parece mais uma atualização do passado em cada corpo. E o passado em português tem tanto de colonização... Curioso, né?

Pois bem. A gente sabe que o racismo existe não só pela realidade da dominação branca do mundo, não só pela insistência em ouvir e contar as histórias dos corpos que colonizadores brancos tentaram apagar de tantas formas, a gente sabe que ele existe porque a gente sente o racismo no corpo, em cada fibra muscular, em cada pensamento, em cada sentimento. Em cada movimento a gente sente o racismo. Simplesmente porque ele é a invenção branca para tentar impedir o avanço de um mundo negro, como disse a nossa querida Lélia Gonzalez, que você conhece bem.

Existe uma espécie de racismo geográfico, no qual os espaços da cidade são divididos, desigual e desonestamente, para beneficiar os corpos brancos com as melhores áreas, os melhores serviços, básicos e públicos. Isso acontece ao mesmo tempo em que a própria branquitude cria os espaços nos quais os corpos negros poderão viver e ser exploradas pelo mercado branco e gerar subsídio para as vidas brancas que ocupam os centros brancos. Tudo isso é sentido no corpo, diariamente: o tempo de acordar, de comer, de atravessar a cidade, de trabalhar, de relaxar, de estudar, de descansar, de viver...

O racismo cotidiano é traumático, uma experiência que não tem dimensão de resistência no corpo negro. A cada prática racista, o corpo não branco é inserido em um processo de violação de si, sua pele é ferida. O corpo é atingido em cheio, não apenas pelo evento ocorrido, mas também por toda a carga histórica que cada prática de racismo cotidiano

contém em si para atingir e machucar um corpo negro com todas as lembranças que são levantadas a cada episódio. Cada prática racista tem a ação de chocar o corpo violentado, fragmentando-o ao presentificar nele o passado colonial, deslocando a sua relação com o tempo e consigo mesmo ao ser retirado do seu movimento de vida pelo corpo branco que o violenta.

A cotidianidade da colonialidade necessita da constante atualização do racismo, da forma que for, e ela só ocorre nos corpos que a reproduzem. Os corpos que não são brancos conseguem enxergar e sair dessa lógica de benefício branco. O exercício do falar realizado pelo corpo colonizado é uma ameaça ao corpo colonizador, pois ele terá que ouvir o que não quer. Sabe aquela sensação compartilhada entre os corpos antes que um segredo seja revelado, aquela tensão coletiva? Pois é, o corpo colonizado e silenciado conhece bem a fina película que se rasga quando decide começar a falar. Quais segredos incomodam tanto e quais mantêm as estruturas de opressão funcionando entre os corpos? O que é que permanece sendo defendido pelos segredos coloniais?

Uma mulher cis negra que eu entrevistei para o trabalho do Memórias da Plantação notou, no hábito das pessoas negras se cumprimentarem nas ruas, uma reconexão com a história de um povo para a superação do trauma colonial que os acompanha durante a vida. Ela foi chamada de “sistah” por um jovem negro na rua, ficou incomodada e foi percebendo, aos poucos, que aquele cumprimento fez surgir nela uma sensação de conforto. A conexão inesperada com um desconhecido fez com que ela passasse a cumprimentar outras pessoas negras desconhecidas nas ruas, criando uma comunidade de suporte para as pessoas negras em diáspora.

Tenho falado que a descolonização do Eu tem muito a ver com a pergunta “O que o racismo fez com você?”, pois ela refere-se à ação do sujeito consigo após vivenciar o racismo. É uma pergunta que questiona o próprio sujeito em relação aos movimentos que fez consigo para ultrapassar a barreira sinalizada pelo racismo cotidiano. Um movimento do corpo para resistir consigo; é diferente daquele sentido proposto pela pergunta “O que você fez depois?”, a qual pretende uma ação do corpo negro contra o corpo branco que o atingiu com o racismo. Quando a pergunta estimula o movimento do corpo que sofreu, ele deixa de se mover como vítima e passa a agir na transformação, na resistência e na revolução de si.

A gente tem inúmeras formas para falar de nossas vidas, também podemos inventar outras maneiras para fazer com que os corpos-referência aprendam a escutar. Tenho estimulado a escrita como ato de passar de objeto a sujeito. Tornar-se sujeito da própria escrita enquanto se escreve a própria história. Marcar a escrita como um ato político, um ato de

descolonização: opor-se à outridade e reinventar-se. Uma forma de relacionar o passado com o presente, porque o racismo opera de forma atemporal. Para isso, são necessárias outras epistemologias, outras formas de produzir saber, que eu experimentei trazendo as vozes de outras mulheres negras para a minha pesquisa, um povoamento com experiências e subjetividades negras, diversas entre si e compondo-se no enfrentamento ao racismo cotidiano. Eu quis que a pesquisa fosse um local de exercício da exigência do direito de tornar-se sujeito na realidade social na qual se vive, inclusive na academia, e foi.

A produção de outras epistemologias, essas que surgem dos corpos submetidos à colonialidade sofisticada, passa pela escrita como modo de abandonar uma imagem colonizadora criada pelos brancos e criar saberes outros, saberes que estão descomprometidos com a pretensa neutralidade discursiva que só protege aos corpos brancos; saberes que são subjetivos e pessoais e, por isso mesmo, acadêmicos, pois informam à academia as perversidades que seus discursos supostamente neutros tentam esconder.

Vou finalizar com Lélia de novo, para dizer que a emoção presente no discurso do corpo colonizado compõe uma fala mais humana e com verdade contundente; eu vejo boniteza nisso que ela falou. Escrever as nossas histórias por nós mesmas tem a ver com enterrar dignamente tudo aquilo que os corpos-referência vieram dizendo dos corpos que não podiam falar.

Quando perguntei sobre as referências e histórias negras nos cursos em que eu me inscrevia para fazer, percebi que esse era um movimento de ocupação de saberes negros nas salas de aula dominadas pela epistemologia branca.

Branco enxergam espelhos nas páginas dos livros.

Aguardo a sua resposta.

Acho que escrevi demais.

Tomara que possamos compor mais movimentos de vida nos corpos.

Beijos,

Grada.

– Acabô!

– A-ma-pô, eu tô boba que cê é amigata da Grada Kilomba.

– É aquela coisa, né, bicha? A gente é corpo e corpo é movimento e movimento é mudança e mudança é vida e...

– ... Corpo é rizoma e...

– Tá! Já entendi. Deixa as europeia quieta que a gente daqui das colônia sabe muito bem o significado de ter que permanecer em movimento para não ser capturada pela linha da história branca e heteracis e cristã do mundo moderno que cheira a podre. Quero saber se você catou que a Gradinha tá bem composta com as nossas ideias aqui, porque o babado é catar logo a noção de corpo que é tacada pra gente e se movimentar para sair dela, tão rápido quanto possível.

– Movimentos de desaprender o corpo que se foi obrigado a ser. Não me parece tão complicado assim. Complicado é um corpo querer perceber que não é uma unicidade, uma coisa só, um Eu-todo-organizado, uma identidade. Complicado é um corpo querer se movimentar pela mudança propositalmente. Porque se movimentar pela mudança todo corpo se movimenta: as células mudam, a hidratação dos músculos muda, a qualidade do sono muda, o equilíbrio muda, o paladar, a textura do cocô, a cor do xixi, a vontade de conhecer, o desejo de saber, o jeito de falar, o ciclo hormonal, o exercício de ouvir... Um corpo só não se movimenta pela mudança quando morre.

– Agora, perceber e investir nisso como movimento de vida é outro babado, né, bicha? Por isso é bom perseguir o que permanece sendo sofisticado desde a colonização...

– O que permanece, hoje, é a convivência com uma metodologia racial que mantém a desigualdade entre os corpos e ela veio sendo atualizada de inúmeras formas: o cristianismo separou o corpo da alma e inventou que corpos não brancos não possuíam alma, por isso necessitavam da violência cristã; a ciência branca, alimentada pelo darwinismo, buscou incessantemente selecionar características dos corpos não brancos que servissem à desumanização iniciada pela diferença de cor e cultura; a violência colonial também é epistemológica, Grada tá bombando; as leis criadas nas organizações sociais criminalizaram quaisquer práticas que compusessem as culturas negras e indígenas e mantiveram brancos como as vítimas daqueles que não se esforçaram o suficiente para ser como eles. As propagandas, as seleções para trabalho, as escolas, o transporte, a divisão das cidades, os acessos a políticas públicas, os rituais autorizados, os jornalismo sensacionalistas, as novelas, os filmes, as salas de aula, as seleções das universidades, isso tudo e muito mais modulou as formas de pensar, de sentir e de viver o que se chama de corpo nas colônias. E ainda tem branco querendo biscoitos ao dizer que é antirracista. Enfim, Deus sabe o que faz... porque Deus é branco, mas será que ele sabe a merda que fez?

Silvinha não parava de me olhar com aqueles olhos que me moviam de dentro. Foi quando senti o corpo começar a tremer de indignação pela enganação identitária dos corpos

colonizados que ela debochou de mim novamente: – Tá tremendo de raiva, é? Fica boba, não, que a conversa nem acabou. E continuou o nosso fuxico sobre modos de escarafunchar aquilo que pensaram que a zenty não questionaria. Se o presente contém tanto a reprodução incessante das colonialidades como as formas de roer os seus pilares, um dos movimentos necessários é o de criar as possibilidades de atravessar as capturas realizadas pelas palavras que colonizam os sentidos sobre os corpos. É nesse balanço que Silvia pegou, para provocar, os Aymaras a atravessarem a imagem criada pelos brancos para classificarem seus corpos como indomáveis, selvagens e irracionais, porque é a colonialidade a responsável pelo apagamento de suas histórias, de seus modos de viver e maneiras de se relacionar, pensar, sentir e criar outros corpos possíveis.

Na ida e vinda do balanço ela foi compondo-se com os sentidos Aymaras para me dizer que a justaposição de diferenças não necessita do apagamento de uma pela outra, mas do aproveitamento das coexistências, e mandou ver:

– *Pensemos en una imagen*, a do gris jateado. *Mira, maricón*, o gris jateado é uma mistura que pode ser percebida como um todo, um bloco de cor que quase pode ser definido à distância, mas que, conforme vai se aproximando, deixa aparecer os pontos de cor que compõem a pretensa unidade que governava os olhos que viam à distância. Ao longe, esse bloco pode ser cinza, pode-se dizer que ele é cinza, um bloco de cor cinza que está longe do corpo e que os olhos enxergam cinza, o cérebro interpreta cinza e a boca fala que é cinza. Conforme se aproxima do bloco de cor, percebe-se que ele não é um bloco, mas uma composição de cores que se interpretou antes como cinza e agora é percebida de outra forma: pontos brancos, pretos, cinzas, claros e escuros, iluminados e foscos, menores e maiores, misturam-se sem perderem as suas características. Nenhum deles apaga qualquer outro, todos eles coexistem em suas individualidades, com seus antagonismos e com suas complementaridades.

Aí eu contei para ela que, quando a pandemia de covid-19 começou, eu estava morando em Belo Horizonte e, na impossibilidade de continuar com o projeto de compor encontros entre corpos, decidi por utilizar a varanda da casa que eu morava para afetar corpos que passavam pela rua. Uma das tentativas foi a de pendurar um quadro pequeno e verde nas grades da varanda e escrever algumas provocações para serem lidas rapidamente pelos corpos que se movimentavam por ali. Eu queria afetar os corpos com algum pensamento que pudesse se conectar com aquilo que o quadro gritava e, depois de pensar no que ela me contou, decidi por escrever: **UM MUNDO COMUM ENTRE DIFERENTES PESSOAS É POSSÍVEL?!** E pendurei o quadro na varanda.

Eu observava da janela, querendo ver as reações de quem lia o quadro, quando se

aproximaram dois homens heterocis, um escorado no outro, num desequilíbrio perfeito para não deixarem a bebedeira derrubá-los no chão. Pararam em frente ao quadro e iniciaram a tentativa de ler as palavras escritas com giz no quadro verde e pequeno: Um mundo...um mundo comum... entre diferentes pessoas... um mundo comum entre diferentes pessoas... é possível? Olharam-se e perguntaram-se: É? O mais bêbado respondeu: Não entendi nada! E o bêbado número dois concordou: Eu também não.

Silvia teve um ataque de risos com a história do quadro que queria provocar pensamentos bêbados e eu pensei que eles até poderiam dizer que não entendiam, mas a pergunta já tem a sua resposta quando uma bicha e dois homens heterocis bêbados buscam algum tipo de composição por meio de um questionamento. Ela logo reforçou: – Lembre-se de que existem antagonismos e complementaridades nesse todo individualizado que compõe a imagem do gris jateado. Eu chamo de “abigarrado” (2012) a mistura composta pelas diferenças em coexistência; pode ser entendido também como heterogêneo, aglutinado, composto.

Foi nesse movimento de buscar aglutinações coexistentes e antagônicas que Silvette se encontrou com a obra de Waman Puma de Ayala e me mostrou que ele relatava, por meio de ilustrações enviadas à Coroa espanhola, as relações existentes entre os corpos colonizados que organizavam a coexistência nas sociedades indígenas antes das invasões hispânicas: o plantio, a colheita, as formas de governo, os rituais, as relações com as estações do ano, com o clima, o vento, a água, o sol, o solo... Silsil me contou o quanto ficou atormentada ao perceber que a Coroa espanhola agira estrategicamente para fazer aquilo que Waman havia dito que seria catastrófico: dominar uma composição tão heterogênea de modos de vida com a subordinação de tantos corpos às dominações espanholas. A estratégia colonial em constante sofisticação é manter a noção de unicidade em pleno funcionamento em cada corpo.

No exercício de investigar o que não é dito pelos discursos autorizados pela *HIS*tória, Silvia catou logo a necessidade de ler nas ilustrações de Waman Puma as denúncias dos constantes apagamentos impostos pelas violências coloniais. Aí, ela me disse que tinha percebido também uma outra forma de pensar o corpo, a partir das ilustrações de Ayala: ela notou que nas ilustrações representativas dos assassinatos de dois líderes indígenas – Ataw Wallpa, em 1532, e Tupac Amaru I, em 1571 – responsáveis por insurgências bem-sucedidas contra as dominações da Coroa espanhola, repetiam-se os rituais de execução. Ataw Wallpa foi capturado após a vitória, enforcado e decapitado pelos colonizadores espanhóis; Tupac Amaru I foi condenado por crimes contra a Coroa espanhola, mesmo sem nenhuma prova de seu envolvimento na morte de líderes religiosos colonizadores, capturado, torturado e forçado a converter-se ao cristianismo, para depois ser executado e decapitado pelo exército espanhol.

Para os incas, o corte da cabeça de um líder não representava apenas a horrorosa morte mobilizada pelos brancos colonizadores. Foi aí que Silvinha percebeu outra forma de pensar o corpo: os incas entendiam que o corpo não era separado da cabeça, que a imposição eurocêntrica da separação entre mente e corpo, alma e corpo, razão e emoção, não fazia sentido algum. A cabeça era um meio de conexão do corpo com o mundo, ela não era responsável por organizar nada, não era um centro de comando, apenas mais uma parte que compunha um corpo, o meio de conexão das entranhas com o exterior. O corpo sente, relaciona-se, experimenta, sabe e a cabeça faz parte de tudo isso, a cabeça também é corpo, comunica o corpo que compõe.

A cabeça de uma liderança, para os incas, representava a conexão de todos os corpos que compunham os saberes mobilizados pelo corpo que liderava a organização da sociedade Inca. Separar a cabeça e o corpo do líder foi o modo encontrado pelos colonizadores para ensinar que a colonização desorganizava uma composição de sociedade para impor outra, na qual os corpos que não pensassem igual, que não crescem igual, que não se reproduzissem tal qual os corpos da Coroa, seriam desmembrados, decapitados, impossibilitados pelo horror da violência colonial.

Corta para as eleições de presidenciáveis aqui, no *Brazyl* de 2022, pra zenty ver o estímulo à violência realizado pelo *presidon't* e sua família tradicional *brazyleira*: o número de defensores do meio ambiente assassinados durante o seu governo, o tanto de pessoas exoneradas por defenderem a saúde, os direitos humanos, as demarcações de terras dos povos indígenas e quilombolas, o desmantelamento da política de aids e infecções sexualmente transmissíveis, a falta proposital de medicamentos, de oxigênio, o envenenamento de alimentos, das águas, dos biomas, as mentiras inventadas para perseguir as sexualidades que não são hétero e os gêneros que não são cis... Tá curtindo a colonialidade do corpo, bebê?

Ainda bem que o que foi entendido não era exatamente o que a Coroa queria forçar, não é mesmo? Se fosse do jeito que a Coroa impunha, contar as histórias escondidas seria praticamente impossível em 2022. Pois bem, a expectativa da Coroa era que a cabeça e os membros das lideranças incas, espalhados pelo território das cidades colonizadas, serviriam de aviso para os corpos desorganizados; a criação de uma imagem que faria corpos temerem desde cedo a sua capacidade para a revolta, para a insurgência, para a violência contra os colonizadores.

Daí vem aquela coisa do presente, no qual coexistem a colonialidade e a sua ruína: a realidade foi que os povos indígenas passaram a interpretar as imagens do corpo esquartejado de Tupac Amaru I como um corpo desmembrado, espalhado pelo território colonizado e que, por isso, residia nele a possibilidade de reunificação a cada presente que questionasse o passado

colonial e pensasse em um futuro insurgente, inaugurando um novo ciclo na história.

– Olha a zenty já percebendo o corpo como um movimento de fronteira, vamo junta com a Glorinha e a Maricota nesse movimento de ser-sendo-em-relação. Uma maneira de pensar o corpo pode mobilizar tanto o horror colonial como a capacidade para implodir os templos das Coroas que ainda habitam tantos modos de vida.

– É, bissa, cê fica atenta, porque bicha burra nasce homem gay! – Silvia sorria e continuava a me alertar: – Perceber a história do colonizador como um horror constante é a regra, o modo de aprender a cada dia a subtração de sua força de vida, justificada pela metodologia de racialização que é reforçada a cada movimento de separação, a cada tentativa de ser superior, único, identificado, explicado.

– EZÉCLY! Não há possibilidade de vida sob o domínio da colonialidade do corpo, há apenas o teatro de uma identidade que não diz nada ao corpo, mas que informa tudo sobre ele ao regime que o governa. Deve ser por isso que eu sinto um arrepio de nervoso quando ouço o mantra neoliberal reproduzido em todos os lugares: você é o seu pior inimigo! Querida, se um corpo é seu pior inimigo e se nossa vida é um campo de batalha sob colonizações, isso significa que o que se combate é a própria vida, o próprio corpo. Quem é que sai perdendo desse jogo de um só vencedor? Quando um corpo é transformado em seu próprio inimigo, o Estado venceu! É aqui que estamos?!

– *¡Si y no!* A gente tá é na fronteira, a gente se movimenta dentre, a gente enxerga e sente e saboreia e toca e escuta e planeja e inventa e goza e transa e vive de outra maneira, diferente daquela que a colonialidade do corpo prepara pra gente.

– A Glorinha já me ensinou que a sensibilidade do corpo horrorizado pelas sofisticções coloniais é o sentido de seu movimento no mundo que cria. A Glorinha, a Maricota, a Gradinha, a Lelioca e a Silvete, meuamô!

– E a Dedê e a Guaguá?

– Querida, azeuropeia fala aquilo que as colonizada sente há muito tempo. Se corpos colonizados não tivessem se movido de modo rizomático, se tivessem simplesmente aceitado a babaquice da história única, do deus único, do único homem, da sexualidade única, do gênero único e tudo e tal... Cê acha que a zenty conseguia fuxicar isso tudo aqui?

– É como a Lélia já tinha cantado, né? É só olhar para as constituições dos territórios colonizados para perceber que nunca vivemos em uma europinha. As culturas, as movimentações sociais, as conquistas de direitos, as formas de educar, as contações de histórias, as brincadeiras, as canções, as organizações políticas, as relações com o corpo e saúde e cuidado e prazer e alimentação e muito maaaaais...

– Tudo isso não foi criado por corpos brancos. A única coisa que branquismo, heterocissexismo e cristianismo criam é a separação dos corpos, desde a colonização até aqui. Até a nossa linguagem bélica vem da dominação colonial. Fico passada como a gente ainda pensa as movimentações dos corpos em sociedade como uma batalha, uma guerra, uma luta. Nessa configuração, há sempre alguém que precisa perder e temos visto quais corpos, de fato, perdem.

– A gente perde, mas se levanta e vai à luta de novo, de outras maneiras, bicha.

– Vamos perder até quando? Como é que a gente ganha alguma coisa em um território organizado pelos e para os corpos-referência?

– Movendo-se consigo e com outros corpos, sempre em composição para gerar força, para desarticular opressões comuns, para desconfiar da manutenção da mesmice colonial...

– Então não é luta, é um exercício constante, movimentos de composição realizados coletivamente para desviar das colonialidades do corpo.

– Porque as colonialidades do corpo não deixarão de existir...

– E os movimentos dos corpos também não.

– Sempre em exercício de mover-se dentre.

– Tô morta de fome! Vamo comer alguma coisa juntas?

– Já topei!

Figura 6 – Como um corpo



Fonte: Ilustração da bicha.

Na Figura 6, toda a imagem é composta pelas palavras “UM CORPO”, escrita em amarelo no plano de fundo. Um corpo desenhado com as letras que formam a expressão, cada

uma de uma cor, aparece em quatro momentos de um striptease. O primeiro aparece no canto superior esquerdo, sentado em uma cadeira, vestindo um sobretudo azul e rosa e retirando de si um rosário com um crucifixo na ponta. O segundo está no canto superior direito, em pé, de costas e retirando o sobretudo. O terceiro localiza-se no canto inferior esquerdo, de costas, com o tronco levemente inclinado e retirando uma calcinha fio dental preta. O último está no canto inferior direito, em pé e estalando um dos dedos.

2.3 O que que eu vou fazer com essa identidade?

Vamos começar com uma *HIS*torinha.

Era para ter sido uma manhã qualquer na vida de uma bicha professora, não fosse o corpo ainda cansado do trabalho do dia anterior, que se estendeu até as 23h. Não fosse a impossibilidade de a bicha dormir na sua cama e acordar no meio do mato com o barulho das galinhas e pássaros e vento e...; não fosse a realidade de a bicha estar na casa de uma família heteracis e correndo contra o tempo para comer alguma coisa, ajeitar suas tralhas e seguir rumo à carona agendada pelo aplicativo.

Corpos se movendo para lá e para cá, café da manhã sendo organizado do jeito que dava, uns ovos sendo mexidos ali, uma mesa sendo organizada aqui e a heteroimbecisnorma sendo servida em goladas bem dadas de café e recalque. Em algum movimento das conversas, surgiu o papo sobre adoção de crianças e a heteracis perguntou pra bicha:

– Você tem vontade de adotar uma criança?

– Não é algo que eu tenha vontade, mas um assunto que surge de vez em quando em conversas com Silver.

– Ai, nossa! É uma trabalhadeira, mesmo, mas é tão lindo ver um serzinho crescendo e falando e se movimentando e comunicando seus pensamentos, acho que vale a pena.

– Imagino. Você deve ter gostado, mesmo, para ter mais de um. Eu não tenho tanto interesse assim. Se for acontecer, Silver e eu pensamos em adotar uma criança de uns 3, 4 anos, não pensamos em bebê ou recém-nascido. A gente conversa muito sobre adotar uma criança bicha, porque pode ser muito bom tanto pra bichinha conviver com uma bicha e uma travesti quanto pra gente, que pode contribuir para o desfazimento do constrangimento heterocis na criança bicha.

– E como é que você sabe que uma criança é bicha?

– Ué?! Eu tô aqui falando contigo, por acaso eu brotei de algum lugar?

– Ahhhh, mas uma criança não dá pra saber não, isso é impossível!

– Como assim, heteracis? Que feiura! A criança é um corpo e um corpo tem sexualidade, tem gênero e os comunica constantemente.

– Não é bem assim! Uma criança de um ano não tem como a gente saber.

– E como é que você pode ter certeza de que uma criança é heteracis, pode me explicar?

– Nesse momento, deixei para lá a informação do Estatuto da Criança e do Adolescente que diz que crianças são sujeitos com idade compreendida dos 2 aos 12 anos, a heteracis já deveria saber, mas não parecia estar interessada nisso e continuou.

– Isso é impossível! Não tem como olhar para uma criança e saber que ela é bicha. Quando ela tá mais velha, tudo bem, ela tem trejeitos e tudo, eu dei aula pra umas crianças assim e dava pra saber...

– Pois foi ezatamentey isso que eu disse agora há pouco, heteracis. Os corpos das crianças bichas existem, tem um monte de corpos adultos que contam as suas histórias como crianças bichas, basta procurar e ler e estudar sobre isso. A questão é: a quem importa o apagamento das infâncias bichas?

– Ahhhh, você não entende nada de criança, só entende de bicha!

– *WHATEVAAAAAAAAAAAAAR!*

Comecei a rir e disse que queria mesmo gargalhar da desgraça heterocis que ainda tenta dominar corpos e formatar as vidas de crianças e bebês e fetos. De certa forma consegue, mas não por muito tempo, pois as feiuras heteracis sabem reconhecer a ameaça que a não correspondência de um corpo representa para elas, para a sua família decadente. Eu quis muito jogar a heteracis pela janela, mas estava atrasada demais para causar uma boa confusão e precisava logo comer aqueles ovos mexidos, engolir o café quente e sair correndo daquele lar que funcionava como reprodução infinita da heterocisnorma sobre todos os corpos.

Entrei no carro da carona agendada controlando a fúria que decidi não colocar em movimento naquela manhã. Eu preferi vir embora e deixar a vida heterocis exatamente como ela acontece: doentia, paranoica e frustrada desde sempre. Eu não teria nem tempo de falar tudo que a heteracis insiste em ignorar, muito menos tempo de destruir a caminha confortável que a heterocisnorma cria para que os corpos heterocis deitem e durmam felizes o sono de quem não precisa pensar na norma que segue todos os dias. Tenho tempo agora, você tem? Vem comigo, pra zenty desdizer juntas as regras que fizeram da heteracis uma frustração ambulante.

Vamos começar o movimento entendendo os modos de reprodução que se interseccionam para organizar as ideias que ainda mantêm corpos orgulhosos por se sentirem normais por ser homens, heterossexuais, cisgêneros, cristãos e permanecerem assim, como deus

criou. Estamos em composição criminosa anti-heteroimbecis com as travesbichas que escreveram o *Bash Back!*, em 2020, e com o delicioso Paul Preciado e sua onda de testogel, lá em 2018. É preciso se compor com as bandidas do gênero para sentar a mão na cara das imbecilidades que pensam estar vivas e não sabem que já nasceram todas mortas.

Os modos de reprodução são lógicas de produção de corpos a serviço do Estado e da Igreja, estejam eles separados ou grudadinhos, e ainda funcionam nos dias de hoje, porque são mais uma das feiuras modernas e ocidentais que colonizam corpos de inúmeras maneiras. As perigosas do *Bash Back!* apresentam quatro modos: criacionismo, procriacionismo, recriacionismo e niilismo, sendo que os três primeiros são os que mais produzem corpos no grande sistema de dominação de gênero e sexualidade.

O criacionismo funciona por meio da lógica do monismo, que não tem nada a ver com a produção das monas, mas com a manutenção de um sistema de produção que reduz o múltiplo ao uno. Essa lógica gera sempre cópias da mesmice, nunca descendentes, porque os corpos que nascem precisam estar configurados sob um sistema único que gera sempre a reprodução da vontade do Deus-Homem e de corpos a sua imagem e semelhança. Seu regime de governo é a monarquia. Obviamente, a primeira ameaça a esse modo de reprodução é a existência de um corpo que não pode ser homem cis, no caso, a mulher cis. Sob a lógica do monismo, a mulher cis era inexistente, seu gênero era desconsiderado pela existência soberana do gênero homem, um bloco monolítico gerado a partir da unidade chamada Deus. O advento da modernidade conta com a obrigação de inserir o corpo da mulher heterocis no sistema de reprodução, frente à impossibilidade de simplesmente negá-lo.

Assim, chegamos ao procriacionismo, que tem uma lógica dicotômica, agora produzindo e incluindo a imagem da mulher heterocis. Essa produção conta com a imagem da criança como um novo Deus; ela funciona como a prova e o mistério da procriação, uma justificativa ainda utilizada para manter a força da dicotomia entre masculino e feminino ao se basear na sua capacidade generativa. Dois opostos se unem para a produção de um terceiro, o qual justifica a manutenção dos polos opostos que categorizam corpos e passa a ser adorado como a possibilidade do futuro, que, obviamente, deverá ser heterocis. A forma de governo acionada por esse modo de reprodução é o Estado Liberal, constituído nas constantes oposições entre partidos, políticas, classes, movimentos sociais...

O Deus monista encontra a sua sofisticação investindo na trindade composta pela família heterocis e representada pelas produções que partem Dele: Pai, Filho e Espírito Santo funcionam como a captura do ato profano da procriação e a concomitante expulsão da imagem da mulher heterocis desse ato. A lógica da oposição é mantida e faz com que a mulher

permaneça reduzida à sua capacidade reprodutiva, única e simplesmente porque ela é capaz de gerar a criança do Deus-Homem, a mesma que será adorada em seu lugar, substituindo o seu papel no procriacionismo ao ser transformada na promessa de um novo mundo, que fede a mofo. Não é mais Deus quem cria, é o pau do pai gozando no útero da mãe que gera a criança.

O re-criacionismo, terceiro modo de reprodução apresentado, pretende uma ruptura com os outros dois. Não mais funciona por meio de uma reprodução cósmica a partir do Deus, nem da trepada do enfadonho papai-mamãe para gerar a criança. As tecnologias de reprodução avançaram e quaisquer corpos podem gerar fetos, desde que possam pagar para isso; os corpos heterocis estão estafados pelo estresse capitalista e os úteros das mulheres heterocis dão sinal de defeito fisiológico, mas a reprodução deve continuar. Ao superar a dialética procriacionista, a pós-modernidade, característica do modo re-criacionista, indica a reprodução constante de um eu, por meio do advento da identidade, constituída por meio de processos de identificação que atravessam todos os corpos.

Pode-se dizer que existem tantos gêneros quanto corpos no mundo e isso é um investimento do sempre novo capitalismo que percebeu nas identificações o local fecundo para a produção incessante de identidades sempre conectadas pelas mídias de relacionamento, pela precarização do trabalho e das condições de vida, pela doença e suas categorizações, pela violência constitutiva do próprio movimento de identificação, sempre um fora que coloniza um dentro e produz um corpo novo, identificável e desejante. O re-criacionismo é a constante reinvenção do Eu, cada vez mais precarizado pelo regime de poder e dominação global; a precariedade é a mola propulsora da reinvenção no mantra neoliberal. Manter a fodeção sendo maquiada pela ideia de que se é uma identidade única, original e sem cópia, é um modo de fazer com que a realidade seja sempre um produto supernovo a ser consumido em grande escala. A ruptura com os outros modos de reprodução fracassa no próprio ato de negação, pois as identidades funcionam de modo a sofisticá-los nos corpos que se reinventam: a criança, a mãe, a bicha, a trans, a travesti, a influencer, o esquerdomacho... São todos produtos a serem consumidos pelos corpos por processos de identificação.

Chegamos ao niilismo, o último modo de reprodução apresentado pelas bonecas abusadas a partir da denúncia da constante elevação do corpo a alguma substância, seja ela única ou múltipla, identidade ou diversidade. Tal denúncia aparece pela dificuldade em se perceber a subjetividade como uma destruição ativa do eu, de perceber que não se é nada. A subjetividade é um abismo, o espaço inesperado, desconhecido, onde há possibilidade de tudo e de nada, sempre um movimento de composição que se dá na negação da fixidez, da dicotomia, da oposição, da identificação, da individualização de um corpo que não para de se transformar

em outra coisa. Para esse modo de reprodução, a negação não deveria aceitar a sua transformação em parte daquilo que nega, não deveria estar em relação com o que é negado, mas demolir todos os modos de reprodução que se interseccionam para re-produzir um corpo que ainda nem existe. O babado é que, em vez de negar as identidades, o que acontece é uma proliferação delas ao infinito, uma constante produção de torres que só sabem sustentar a si mesmas, torcendo para a manutenção do seu domínio sobre o corpo, identificando-o em níveis cada vez mais específicos. O exercício aqui é um abandono constante do estímulo de reinventar-se como uma identidade nova, um movimento que enfrente o medo de morrer, de deixar de existir, uma possível ação de abraçar o abismo para fazer o corpo dançar como puder ser.

Compreender os modos de reprodução trazidos pelas perigozas do *Bash Back!* auxilia e muito na composição proposta por Preciadíssimo lá no *Testo Junkie* (2018), porque eles não têm força de ação quando analisados separadamente, mas sofisticam-se constantemente nos entrecruzamentos com sistemas de governo e produção de corpos. Ele apresenta a heterossexualidade como uma tecnologia que estimula a procriação e é acompanhada pelas políticas que compõem determinado regime de poder. Vai um chá revelação aí, heteracis?

O governo heterocissexista é produzido e produz o sentido de normalidade que une dois corpos cisgêneros por meio da combinação heterossexual de produção de outros corpos, os quais serão modulados pela mesma lógica reiteradamente reproduzida. Este é um exercício interminável de procriação de uma norma que não para de nascer, que não para de ser educada para se pensar como única, normal, referência para todos os corpos. Produzindo e sendo reproduzidos pela organização social, os corpos nascem e se organizam de modo a pensarem e reproduzirem o padrão heterocis de comportamento com todas as suas potências sendo reafirmadas a cada dia. A família é o local de segurança para a reprodução dessas normas que fazem de corpos as permanências de seus pais.

Paulinho fala sobre a manutenção de um Império Sexual que produz as subjetividades e as governa por meio da produção e estimulação do sexo, da sexualidade e da identidade sexual utilizadas como centro somato-político. Esse Império Sexual conta com a produção de uma cognição heterocissexual, favorecida pela vinculação direta entre a genitália e a identidade sexual e de gênero. Para a metodologia heterocissexual, um corpo tem seu gênero definido pelo médico e sua sexualidade produzida e controlada e estimulada por instituições como família, igreja, escola e psicologia, de modo que o par genitália-identidade não seja questionado durante a vida, mas reforçado pelos discursos e ações dos corpos sob a organização metodológica heterocis. Aqui já dá pra catar a feiura da heteracis que só enxerga na criança a sua imagem reproduzida. Alguém aí pode apertar F5 pra ver se ela atualiza?

Como o prazer e o sexo são vinculados às genitálias diferenciadoras de corpos em homens e mulheres, o cu precisa ser retirado do sistema de produção de prazeres, condenado no homem e desejado na mulher, ambos heterocis. Paulón *hablóu* que, assim como a mão e a boca, o cu precisava ser regulado e transformado em mais uma justificativa para o funcionamento do capitalismo patriarcal, sendo produzido como capital. O homem heterocis é novamente produzido como superior na hierarquia da produção capitalista do prazer sexual: seu cu é território de privatização máxima, sendo pouco tocado, inclusive pelo próprio homem – no *Brazyl* ainda são necessárias campanhas orientando a higiene masculina –; a sua boca é o órgão de emissão por excelência, sua fala é esperada por aqueles corpos que ele comanda. O contrário acontece com a subjetividade feminina heterocis: sua boca sofre de uma privatização, dificultando ou impedindo a emissão pública de sinais; sua genitália e seu cu são transformados em orifícios públicos, a serviço do prazer do homem heterocis.

E o corpo não heterocis é desvinculado desse sistema e precarizado na ação de utilizar o cu para implodir o sistema sexo-gênero, permanece servindo como orifício para ejaculação do homem heterocis e para o nojo da mulher heterocis, até que seu cu precarizado seja a única forma de identificação possível ao corpo todo. A bicha, para o heterocistema dos corpos sexuais, permanece com o pau no cu e a mão na boca; funciona como cúmplice do sigilo dos homens heteroimbecis que fogem constantemente das suas relações monogâmicas, santificadas pelo matrimônio, para conseguirem um boquetinho bem rápido em alguma quebrada ou quando a mulher heteroimbecis não está em casa. Vou dar um tempinho para você instalar o *Grindr* ou entrar no *Bate-Papo Uol*, quem sabe o *Omegle* para as bichinha de hoje, e fazer uma lista de quantos perfis você encontra com os nomes: “Casado passivo”, “Kzado safado”, “Macho sigilo”, “Hetero quer dar”, “Discreto mama”, “Casado quer leite” ou qualquer variação dessas. A questão é: quais corpos sustentam o sigilo de mais de 100 anos da heterocisnorma?

Em fofoca com Foucault, Preciado torce os modos de reprodução dos corpos, dizendo que no século XIX as práticas sexuais constituem condições categorizadas, perseguidas e controladas a partir da heterocisnorma, o que produz um determinado tipo de corpo sexual e generificado. A naturalização do sexo conta com métodos arquitetônicos, os quais criam um molde de comportamento, uma corporeidade, uma condução da sexualidade específicos assimilados pelos corpos, por meio da patologia e da comemoração da normalização. As identidades sexuais e de gênero são armaduras moldadas na heterocisnorma.

A patologização da homossexualidade em 1868 acontece como mobilização da sífilis e de seus efeitos sobre determinados corpos, objetivando mais uma oposição hierárquica: heterossexualidade e homossexualidade. Cada corpo poderá ser incessantemente investigado e

categorizado no sistema que o produz como patologia; um corpo doente precisa ser curado. Cada corpo precisa ser produzido por alguma correção que o faça caber na esteira que amontoa corpos no sofrimento constante de tentar alcançar uma norma que produz um tipo de corpo que não é possível, mas é verdadeiro e normal.

O corpo permanece dominado pelo masculino, produzido constantemente por ele, ou pelo menos por suas normas. Tudo aquilo que o corpo afirma ser, pensa em fazer, cria, sente, expressa, deve seu acontecimento à existência da norma que o produz e corrige: o corpo homossexual é investigado e produzido como uma monstruosidade que encontra justificativas esdrúxulas na distribuição dos pelos corporais, tamanhos e formatos de genitálias e até características psicológicas; o corpo negro é investigado pelos cientistas brancos e seus métodos de dimensionamento de ossos, de padrões de rosto, seios, boca, nariz, na tentativa de fazer vingar a invenção branca de sua inferioridade; o corpo feminino cis é investigado em sua histeria, a justificativa mais eficaz para silenciar os problemas de um corpo que tem sua vida definida, organizada e dominada pelo homem, um corpo obrigado desde antes do nascimento a servir gratuitamente o trabalho sexual, doméstico, reprodutivo e de cuidado da família.

Preciadao (2018) também me contou que a invenção da categoria gênero tem relação com o capitalismo industrial e aparece nos Estados Unidos, na década de 1940, como um discurso das indústrias médicas e terapêuticas. Em 1955, um psicólogo infantil chamado John Money utilizou a categoria “gênero” para diagnóstico de bebês, possibilitando as cirurgias de designação dos corpos de bebês intersexo dentro do binário masculino/feminino. A categoria clínica do gênero define a cisão dos corpos em masculino ou feminino; essa cisão inaugura o sistema farmacopornográfico de Paul sobre os corpos sexualizados e generificados. A intersexualidade era produzida como uma anomalia que deveria ser direcionada, cirúrgica e hormonalmente, desde o nascimento de um corpo, a fim de transformá-lo em macho, preferencialmente, ou fêmea, desde que venha com saúde. Acho que agora eu entendi porque a heteracis tem certeza da heterossexualidade e da cisgeneridade de uma criança. Vamos continuar o movimento!

As ciências médicas e o uso do gênero como categoria clínica estimulavam, desde o início, a criação do corpo em duas possibilidades vinculadas às duas genitálias aceitas pela ciência médica sobre os corpos, exaltando o pau heterocis como o órgão sexual e fecundador por excelência. A produção do gênero por meio do aprimoramento de técnicas disciplinares e arquitetônicas conta com modos de controle mínimo, invisível e íntimo de cada corpo. No heteroimbecistema, o reconhecimento de um corpo parte tanto de uma esfera do visível quanto de uma esfera psicológica do perceber-se. A atribuição do sexo e do gênero acontece por um

sistema de aproximação e oposição: o nascimento ocorre por meio de um reconhecimento visual que busca validar que o real é o que o corpo heterocis vê, ou seja, que piruzinho configura homem e pererequinha configura mulher. Esse reconhecimento pretende-se empírico e justificado pelas verdades científicas que produziram o gênero. O bom de focar com o Paul é que ele vai cochichando essas delícias bem no pé do meu ouvido, misturando as palavras na fumaça do cigarro. Que tessãum!

A autoatribuição do gênero, forma disponível para os corpos que não são heterocis para se afirmarem, inicialmente, como homem ou mulher, faz surgir a categoria de um “sexo psicológico”, não representável na heterocisnorma, em que o real escapa ao empírico. Essa jogada que possibilita a afirmação de um gênero em desacordo com a categorização genital heterocis ainda mantém as afirmações dentro dos ideais de masculinidade ou feminilidade, dificultando a fuga do sistema que aprisiona as pessoas na escolha por um polo dominante ou outro polo dominado, sendo possível, no máximo, uma pequena combinação entre os dois, ainda na turma das dominadas.

O imperativo da reprodução heterocissexual foi criado para ser exatamente isso: reprodução da heterossexualidade e da cisgeneridade como as regras dos corpos, de modo que todos os corpos, mesmo que não de acordo com a designação médica do gênero e da sexualidade, funcionassem como reprodutores da regra. E a reprodução não para nunca, acontece de todas as formas, a todo momento, em qualquer corpo, como deveria ser. O século XIX ocupou-se da divisão dos corpos pelos seus aparelhos reprodutivos, gametas, hormônios sexuais... Eu me lembro de aprender nas aulas de ciência a diferenciação genital que configurava o corpo da menina e o do menino, fazendo do percurso escolar uma constante corrida pela reiteração do gênero aprendido no atlas científico do corpo humano heterocis. Que século é hoje?

A partir dos anos 1950, com o surgimento dos movimentos feministas e homossexuais do norte global, iniciou-se a profusão de outros discursos que afirmavam outras formas de se relacionar com o corpo, com o sexo, a genitália, a sexualidade e o gênero. O que hoje se chama de *queer*, e tenta-se transformar em identidade fixada por uma letrinha “Q” na sigla do movimento de pessoas não heterocis aqui no *Brazyl*, aparece pela primeira vez relacionado aos corpos dos trabalhadores do norte global, dos corpos fronteiriços e não brancos. Gloria Anzaldúa, a louca e escritora e chicana, foi quem me disse, lá em 2009, que o termo “*queer*” é usado pela elite estadunidense, a partir da década de 1960, para se separar da classe trabalhadora, transformando-a em uma estranha que deveria ser melhorada por meio do trabalho contínuo para as elites. Tá sentindo a energia, mona? O cansaço que cê sente talvez seja

exploração heterocis do trabalho. O identificado é sempre o outro que precisa ser dominado pela norma de comportamento estimulada pelo regime de poder, categorizado por ela. Ao mesmo tempo, quando um corpo identificado encontra formas de se desfazer da imagem normalizadora imposta sobre si, quando consegue ultrapassar o decalque realizado sobre si, acontece o que se pode chamar de ação *queer*: uma forma de amedrontar os corpos-referência com a possibilidade de serem identificados como outros; uma maneira de avisar para esses corpos, que se pensam dominantes, que eles também são vistos, ouvidos e percebidos; um exercício de fazer com o corpo-referência aquilo que ele faz com todos os outros, explicá-lo com a mesma norma que ele protege. Quem sabe ele também desista?

As diferenças colocadas em jogo pelos novos discursos e corpos geram uma quebra do dimorfismo sexual como argumento e possibilitam perceber que os corpos que desestabilizam a categoria médica do sexo e do gênero são aqueles que criam outras maneiras de ser corpo frente ao prontuário e ao diagnóstico que ainda produzem a vida binária e desigual dos corpos. No entanto, a norma não para nunca, justamente porque se movimenta pelas novas possibilidades de categorizar e produzir o corpo; o capitalismo depende disso. Daí que, frente à possibilidade de considerar um multimorfismo sexual apresentado pelas movimentações populares da década de 1950, a decisão tomada foi a sofisticação da intervenção médica sobre os corpos a serem produzidos por ela. Cirurgia, hormonioterapia, próteses, tratamentos estéticos, treinamentos para ser mãe... O dimorfismo sexual não é só direcionado, ele é artificialmente sofisticado.

Preciado (2018) ressalta que a produção dos sentidos de gênero é intersetorial e vai desde os modos mais óbvios, como a categoria médica e biológica, aos menos desconfiáveis, como literatura, cinema, família, religião... A profusão de formas de produção do gênero binário só acontece, no entanto, quando corporificada, quando movimentada pelo corpo que é atravessado constantemente pela intersetorialidade produtiva do gênero e da sexualidade. Um sistema de conexões heterocis é preparado para o corpo viver, de modo que se torna praticamente impossível não ser afetado pelos sentidos que produzem o gênero para o corpo assimilar. Dessa forma, é possível dizer que o gênero, que antes era real porque visivelmente checado ou psicologicamente duvidado, a partir da década de 1980 passa a ser real quando corporalizado, composto com o corpo, quando suas múltiplas formas de produção encontram em cada corpo o terreno perfeito para a conexão e reprodução de uma categoria que controla e produz a vida permitida.

As tecnologias funcionam como uma das formas de produção do gênero a ser performatizado pelos e nos corpos, não apenas por meio da assimilação de regras, como também

pela assimilação do corpo inteiro, fisiológica e emocionalmente; o sujeito é resultado do entrecruzamento das técnicas cada vez mais nano de produção do gênero, da raça, da classe, da idade, da beleza, do amor, da fé, da educação, da corporalidade...

O gênero farmacopornográfico produz o corpo como por meio de uma tecnoecologia política. Como uma produção biotecnológica, acompanha e induz a produção de um EU SOU. O objetivo, segundo Preciado (2018), é a produção de uma prótese política viva, capaz de se afirmar como uma identidade e, com ela, produzir-se incessantemente de modo a assimilar os sentidos de produção da realidade que se afirma como EU. As moléculas produzem subjetividades e afetos, os remédios, os antivirais, as terapias psicológicas, as salas de aula, as conversas nos bares, as bebidas, as drogas lícitas e ilícitas, a posição política, o pensamento, as palavras...

A produção de identificações não pode cessar dentro do neoliberalismo multinacional interconectado, simplesmente porque cada corpo importa, cada corpo é um território no qual qualquer produção de um sentido de Eu pode se acoplar e produzir um sentimento interno de assimilação que resulta na afirmação de EU SOU ASSIM ou É A MINHA CARA! Não importa quem se é, quais dificuldades se enfrenta durante a vida, quais afetos compuseram e compõem o corpo, importa apenas que o corpo continue sendo produzido e se reproduzindo de acordo com os sentidos disponíveis para a sua configuração como Eu.

É na constante produção do corpo como um Eu, cada vez mais cercado pelas identidades assimiladas, que o capital farmacopornográfico de Preciado continua sendo movimentado. Quanto mais um corpo se afirmar como original, mais afetos produzirá para manter a sensação real da sua existência tal qual se afirma. E assim, um regime de poder não para de ser sofisticado, porque cada corpo produz, para si e para o regime, novas categorias de afetos que vão produzir outros corpos, que produzirão mais afetos e mais corpos que se identifiquem, que se sintam representados, que busquem a unidade vendida de todas as formas. É lindo ser um corpo identificável, neah? Próximooooooooo!

As safadinhas da *Ultra Violência Queer* (BASH BACK 2020), denunciaram a tendência reapropriadora e traiçoeira do capitalismo em pacificar os movimentos sociais radicais. A defesa dos direitos LGBTI+ tornam-se produtos a serem comercializados como se fossem específicos para um determinado público: a ideia de que seu corpo importa nunca esteve tão esfregada na cara. A identidade gay, e todas as identidades não heterocis que se pensam ameaçadoras para o capitalismo, são transformadas em imagens de reprodução e de instauração de uma busca pela referência entre os vulnerabilizados: uma excelente estratégia para esvaziar a revolta com uma fatia de atenção mercadológica. Construir o corpo não heterocis como

normal é a maneira mais eficaz de manter a reprodução da heterocisnorma, do capitalismo, do racismo, do machismo, do capacitismo, da padronização corporal, do cristianismo... É importante que cada instituição seja treinada a fagocitar o corpo desviante para representá-lo como uma identidade que ele mesmo deve seguir.

O capitalismo se reproduz na oposição das classes, o racismo na produção e oposição criada juntamente com a raça, o sexismo na oposição que sustenta a heterocisnorma, o machismo na oposição dos gêneros, a transfobia na oposição das genitálias, a homofobia na oposição das práticas sexuais, a sorofobia na oposição saúde-doença, o capacitismo na oposição com a produtividade... E, assim, a força negativa, aquilo que não é, que é a diferença, que denuncia a norma, acaba por ser incorporado na dinâmica do capital como uma máquina que o produz ao se reproduzir constantemente como um modelo.

O babado é que a gente já sabe, desde que a bicha Herbert Daniel – a guerrilheira e escritora e ativista babadeyra, também conhecida como Marilyn Aparecida – e a sapatona poetisa Leila Míccolis, escreveram, em 1983, que o corpo binário é produto de um engano médico e produtor de um beco sem saída que aprisiona as suas experiências com as sexualidades; que a genitalização de um corpo é um constrangimento que se inicia no ultrassom e é incorporado no bebê que nasceu e na criança que vive com um corpo imposto; que é no corpo que as sedimentações binárias do sexo vão constituir-se em disputas políticas e oposições desiguais para estimular a constante separação que favorece ao governo e à categorização dos corpos; que o próprio corpo é estimulado a produzir-se enquanto corpo em um contexto cultural, no qual a proliferação de regras binárias produz uma desigualdade em constante atualização e que essa produção acaba por se tornar um exercício de colocar corpos em seu devido lugar; que o sexo é a forma mais sutil e prazerosa de a política habitar a pele, os sentidos, o tesão, o prazer, o corpo todo; que o desejo de um corpo dentro da lógica capitalista será sempre transformado em um modo de explicação de si como identidade fixada. Afirmaram, ainda, que a fundação da esquerda brasileira se deu no movimento de herdar muito do conservadorismo da direita, principalmente na ação de negar as questões das sexualidades e dos gêneros como pautas políticas necessárias ao enfrentamento das dominações coloniais; que é o exercício de questionar o próprio corpo enquanto reprodução de sentidos previamente estabelecidos que promove o entendimento das ações opressivas; que o exercício de falar a partir do corpo é um modo de perceber que o corpo é o próprio movimento que realiza e que suas movimentações informam as opressões que desestabilizam; que é preciso aprender a exercitar a vida como uma bicha, sempre em movimento de criação de si, sabendo-se impossível, porque é esse movimento a criação de saídas frente à heterocisnorma; que a ação bicha vai, sim, ser vista como agressiva,

como violenta, como baixaria, gritaria, histeria, desrespeito e falta de educação e que deve ser exatamente isso, porque os ouvidos heterocis estão em outra frequência e só escutam os chamados da ordem e do progresso. Pensando bem, a gente não sabe, a gente deveria saber, mas o país heteroimbecis fez questão de não movimentar as produções bichas e sapatonas e travestis e bissexuais desse Brasil, zil, zyl.

E a gente não para por aqui! A bicha quer torcer mais a heteroimbecisnorma e mostrar maneiras de colonização do corpo, volta aqui, Preciadôôô. Precisamos continuar o show com a cara da heteracis.

Ao falar de si como um corpo T, Paul (2018) mobiliza a relação do seu corpo com o poder, demonstrando como a mistura de poder e corpo envolve inúmeras outras variáveis, tornando impossível pensar esse mesmo corpo apenas como um corpo em administração voluntária de testosterona em gel. O poder circula no corpo e o transforma em um de seus conectores somáticos, propagador de poder por todos os lados, um corpo que é treinado a produzir sentidos comuns de dois gêneros. Homem e mulher são duas ficções políticas que ainda encontram formas diversas de serem plugados ao território-corpo e funcionam como programações que fazem do corpo um meio de propagação de suas normas.

A transgressão de gênero realizada por Preciado ao intoxicar-se voluntariamente com testosterona só aparece como excitante porque existe uma norma prévia, baseada na checagem visual e justificada pelas análises científicas de produção binária de sexo-gênero, a qual organiza os corpos, inclusive, molecularmente. Na inexistência da norma, a aplicação de testosterona seria apenas a inserção de uma molécula em um sistema fisiológico. A transgressão é a excitação causada pelo ultrapassar de uma barreira normalizante previamente posicionada.

Paul demonstra como as indústrias farmacêutica e laboratorial produzem o gênero binário, a masculinidade e a feminilidade, a partir de uma molécula que, administrada ao corpo heterocis, regulariza os níveis hormonais para homens e mulheres: o testogel utilizado por Paul não continha em sua bula, chamada de “manual de microfascismo”, recomendações de uso para corpos não heterocis, apenas para homens cis e para suas esposas cis. Juntamente ao Estado, a norma binária heterocis garante seu domínio inclusive sobre os novos corpos que serão produzidos pelas moléculas da binaridade; para terem acesso a estes biocódigos, os corpos trans precisavam abandonar a identidade imposta pelo sistema sexo-gênero e migrar para a identidade oposta, mantendo-se dentro do binarismo.

A produção da masculinidade e da feminilidade em sua forma molecular demonstra como esses biocódigos de gênero e de sexualidade produzem e mantêm os corpos em sistemas binários de representação social dos quais é difícil conseguir se livrar, mesmo que se afirme um

corpo fora da heterocisnorma. O Estado e a produção farmacêutica e laboratorial do gênero fazem parte de uma organização política que força os corpos, todos eles, a escolherem entre uma identidade ou outra, por mais que esta outra ainda não tenha sido catalogada pelo heterocistema de representação binária.

Preciado me falou que só na década de 1930 foi que pareceu factível que hormônios não seriam específicos de cada corpo e que a diferença estaria na variabilidade desta proporção. Mesmo assim, ainda permanece a aproximação científica do hormônio ao gênero, levando à manutenção de argumentos sexistas e transfóbicos. O dimorfismo sexual é uma investigação biológica para categorização de animais não humanos por meio de suas características físicas e fisiológicas, a qual veio e vem sendo utilizada pela ciência, principalmente médica e psiquiátrica, mas não só, para manter uma falsa relação entre dois hormônios e a produção do gênero e da sexualidade de um feto, um bebê, uma criança, um adolescente, uma adulta, um idoso e tudo e tal. Essa permanência faz com que os hormônios possam ser entendidos não só como moléculas, mas também como um afeto produtor de corpos reconhecíveis.

Os chamados hormônios sexuais estão presentes em todos os corpos, o que os regula é a variabilidade proporcional. Mas alguns corpos são estimulados hormonalmente pelo menos desde a adolescência. Corpos heterocis chamados de femininos são regularmente estimulados com os hormônios que a ciência heterocis chamou de femininos, tendo seus corpos feminilizados compulsoriamente. Qualquer corpo que tomasse doses de hormônios feminilizadores desde a adolescência poderia ser reconhecido como feminino dentro desse sistema, mas a produção da feminilidade em corpos com buceta e útero ainda é necessária para a manutenção da soberania masculina concentrada no pau estimulado com testosterona.

Preciado (2018) chama de “falocontrole” a definição dos termos para a produção da sempre nova tecnomasculinidade, de modo que os paus permaneçam funcionais e que a testosterona mantenha a sensação de masculinidade tão bem estabelecida pelas dominações médicas dos atributos corporais. A vergonha do pau mole dá lugar ao tratamento da disfunção erétil e à autoadministração do Viagra. A captura hormonal da masculinidade e sua produção farmacológica incorporável ainda eram relacionadas à superação, à virilidade, à força, à juventude; enquanto o controle médico e farmacológico da feminilidade era mantido sobre o corpo e a sexualidade e a reprodução do feminino, com características sempre inferiores e dependentes do masculino. Assim: testosterona e Viagra estimulam e potencializam a masculinidade; estrogênio e anticoncepcionais controlam e delimitam a feminilidade.

A nomeação dos hormônios sexuais justificou a investigação científica e laboratorial do corpo feminino cis como um sistema reprodutivo disponível ao Estado, criando esse corpo

como o Outro a ser explicado pela ciência. Essa produção da mulher como o Outro da ciência e como o outro gênero para o reforço da superioridade binária masculina perdura até a criação de uma ciência específica para investigar o corpo reprodutor masculino cis. A andrologia foi criada em 1970.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a produção e comercialização de hormônios sintéticos passou a ser voltada para os países ricos controlarem os efeitos do envelhecimento nos corpos-ricos e da guerra sobre os corpos que importavam para manter os corpos-ricos ricos. A medicalização e a regulação farmacológica da vida privada ocorreram por meio da administração de hormônios sintéticos de controle dos corpos feminilizados e estimulação dos corpos masculinizados. O corpo masculino farmacopornô é produzido por meio de esteroides, anabolizantes, testosterona e Viagra. Preciado me fez lembrar que, durante a adolescência, eu via os meus primos mais velhos aplicarem *Potenay* uns nos outros e saírem para correr na avenida Leite de Castro, em São João del Rei. Essa administração acontecia na presença de toda a família e seus efeitos sobre a musculatura eram adorados por todas as pessoas da rua, estimulando outros corpos masculinizados. *Potenay* é um hormônio utilizado para aumento do tônus muscular e reposição de vitaminas para bovinos, equinos e caninos.

Os testes clínicos com hormônios sexuais foram realizados largamente sobre os corpos desumanizáveis e de todas as formas possíveis; a desumanização de corpos segue os entrelaçamentos das hierarquias categorizáveis de raça, sexo, sexualidade, gênero, classe, capacitismo. Preciado chamou a minha atenção para perceber que todo investimento na produção de um novo regime de poder necessita da execução de horrores; eu penso que esses horrores, para se tornarem assimiláveis e incorporados, contam com inúmeras pedagogias de horror, as quais agem de formas diversas, inclusive prazerosas. Os cenários serão sempre coloniais, pois reforçam a soberania sofisticada do regime de poder atual; o objetivo é sempre separar, tratar e adequar os corpos ao novo regime de poder ao qual deverão obedecer; acontece nas instituições correcionais, nas separações dos espaços das cidades, nas casas de recuperação, nas igrejas neopentecostais, nas fazendas e empresas que ainda mantêm o trabalho escravo. A diferença é transformada em desigualdade – a Lélia Gonzalez (2020) já tinha falado isso – e tratada institucionalmente para alimentar a indústria de produção da família heteroimbecis.

A eugenia é acionada e transformada em justificativa econômica que permite eliminar corpos por meio de testes com fármacos e administração deliberada de hormônios e a eliminação de muitos corpos é justificada com a diminuição da desigualdade social. A proibição de pessoas não brancas de decidirem sobre a sua vida sexual e reprodutiva acontece juntamente com a estimulação da gravidez de pessoas brancas, pois é preciso produzir a norma

constantemente. A Pílula foi um processo de eliminação de não brancos e pobres como incentivo de melhoria da desigualdade social, a qual é um dos principais pilares do capitalismo e da demogracinha e do cristianismo e da heterocisnorma. Ela também foi utilizada em larga escala em hospitais psiquiátricos e presídios estadunidenses para controlar as tendências homossexuais de pacientes e pessoas privadas de liberdade.

A masculinidade e sua superioridade na organização social impediram e ainda impedem que homens utilizem métodos contraceptivos, uma maneira de manter a virilidade e a ereção. A mulher heterocis, por sua vez, pode ser entendida como um corpo sob a administração de hormônios por, pelo menos, 60 anos de sua vida. Os corpos produzidos pelo sistema farmacopornô de Preciadão são a tecno-Barbie – corpos com buceta e útero que não menstruam e estão sempre jovens – e o supermacho – corpos tecnicamente produzidos para estarem sempre de pau duro. *In Brazyl*, é importante lembrar que esses corpos ainda são estimulados como superiores ao reproduzirem o cristianismo para todos os lados, dando provas de que são evangélicos ou católicos e compondo o sistema de separação de sexo e gênero com a justificativa requentada do Deus homem que criou o Homem heterocis à sua imagem e semelhança e a mulher heterocis a partir de uma costela retirada do corpo do homem. É mole? Aqui se vende de tudo na nossa cristona IdeoLojinha de Gênero. Enquanto pastores mamam nas tetas do Estado, os fiéis mamam nas mamadeiras de piroca.

A gente sabe que normas não param nunca, nem vão parar! Viver como um corpo é se movimentar por entre as capturas e as rupturas, usar a fronteira como impulso, aprender a enxergar de outra forma, com a pele, com as costas, com o saber de um corpo que sabe que percebe o mundo de outra maneira porque é atravessado pelas normas que funcionam de modo a definir um único lugar para um corpo identificado. Gloria Anzaldúa percebeu, lá em 1987, que o corpo que não corresponde à modernidade colonial do gênero sente o mundo de outra forma, enxerga os limites impostos pelas fronteiras do sexo, da sexualidade, do gênero, da raça, da territorialidade, da possibilidade de falar e de ser ouvido. Ezatamentechy por sentir e se mover assim, pela percepção do mundo organizado pela norma, esses mesmos corpos criam-se como outras formas de vida, investindo-se no movimento de se relacionar com a transformação constante daquilo que chamam de “ser”. Preciado se movimentou bem próximo da Gloria quando utilizou o regime farmacopornográfico para demonstrar que no corpo estão localizados os regimes de poder em constante sofisticação intersetorial, que a colonização é também hormonal e pode ser entendida como a ruína de um corpo ao mesmo tempo em que pode ser desarticulada pelo próprio corpo que se movimenta como uma possibilidade de transformação.

As bonecas perigozas do *Bash Back!* (2020) me apresentaram dois movimentos *queer*.

Um deles pretende denunciar o nada social habitado por corpos que são produzidos pelos sentidos das normas e dos aparatos políticos produtores de identificações; a elevação desse nada seria a própria desarticulação da estrutura e manutenção das normas regulatórias, um movimento de destruição ativa. O outro é o da *queerização*, ou seja, a produção *ad infinitum* de identificações e identidades diversas, apresentadas como individualidade original e capturadas pela lógica capitalista de reprodução de cópias de Eu. Um movimento negativo de destruição das identidades é suplantado por um movimento positivo de produção de identidades únicas que têm prazo de validade curto, um processo de re-criacionismo que alimenta o capitalismo com identidades produzidas em escalas mundiais.

A identidade, mais especificamente os processos de identificação e as políticas identitárias, pode auxiliar no entendimento sobre a aproximação da política ao corpo. A sofisticação dos sistemas de produção de identidade e de identificação, desde o monismo (que sustenta o patriarcado e a Igreja), passando pelo procriacionismo (que sustenta a heterocisnorma) e pelo re-criacionismo (que sustenta o capitalismo), alcançou o sucesso de fazer com que um corpo se pense como indivíduo e crie-se como um deus, ou pelo menos pense nisso e seja convencido disso – é muito importante que se seja convencido disso. O corpo foi transformado num templo onde habita a identidade que é, nada mais nada menos, que uma produção de si vendida para si mesma pelo capitalismo que se alimenta exatamente da excitação (eu sou) e da frustração (mas não o suficiente) do indivíduo em ser reconhecido como cidadão. Entre a dor e a delícia de ser quem se é, o Estado e o Capital escolheram a dor como forma de aproximar a política do corpo. A identidade é dolorida para caramba, não é à toa que ainda se medem as importâncias identitárias pela avaliação dos acúmulos de sofrimento e opressão e vulnerabilidade e risco e precariedade que localizam um corpo... A identidade consegue congelar o movimento da vida em um corpo, pois, a partir da identificação, o que se segue é um manual de como se deve ser alguém que não está na norma, mas que ainda segue as mesmas regras.

A identidade pode ser forçada em um corpo de inúmeras formas; foi assim que ela chegou ao Brasil, forçada nos corpos que deveriam obedecer aos mandos daqueles que se pensavam os criadores do novo mundo e das novas relações de exploração que sustentaram a nova ordem mundial. A partir da criação de um nome, dominações foram executadas à força militar, física, masculina, branca, cristã, heterossexual, cisgênera. As identidades são a liga que sustenta as divisões hierárquicas que organizam os territórios colonizados pelos europeus; elas ao mesmo tempo protegem e atacam, são escudo e lança, comunidade e pessoa. Ao mesmo tempo importantes e perigosas, as identidades situam-se na intersecção entre a opressão e o

movimento; e tendem mais à primeira que ao segundo, visto que são por meio dos processos de opressão que elas se solidificam, são assimiladas ou inutilizadas a depender de sua importância produtiva para a esfera de dominação capitalista e patriarcal e branca e cristã.

Estar na intersecção entre opressões e movimentos faz com que a identidade seja vivida como identificação pela dor experimentada: dois ou mais corpos compartilham experiências parecidas com a mesma opressão, nunca iguais, mas aproximadas unicamente pela opressão que lhes é comum. Ao se aproximarem pela dor que limita o movimento da vida, mais conhecida como opressão, dois ou mais corpos se compõem entre si, criando outros espaços nos quais são interseccionadas as experiências de cada corpo com a opressão diferencialmente experienciada por todos, bem como as maneiras com as quais cada um dos corpos resistiu e viveu. É no espaço criado pelas experiências em comum com a opressão que se articulam as resistências compostas; é nesse espaço que os corpos se movimentam e podem criar saídas que beneficiem a todos. Também é esse espaço que é cooptado pelo jogo político, transformado em identidade política e passa a funcionar sob as demandas dos mesmos jogos políticos que criaram a opressão superada anteriormente. Um movimento meio que: opressão gera identificação que gera movimentação que gera identidade que gera assimilação que gera opressão... E vamoquevamo, só não podzy parar.

As resistências compostas não são produzidas em espaços de liderança, não funcionam sob nenhuma hierarquia; elas são exatamente o que dizem ser: compostas. Têm pontos em comum apenas no enfrentamento ao que lhes é comum: a opressão que as exigiu movimento. Seus movimentos são múltiplos, interseccionados a partir dos corpos, das experiências de cada corpo, são resistências às políticas vigentes porque dizem de uma ocupação de lugar no mundo, de posicionamento de um corpo que fala de si e que, ao agir assim, move-se com outros corpos por meio de falares coletivos, de gritos, de berros, denúncias, corais, motins e assombros.

O que as resistências compostas podem alcançar é a desarticulação das intersecções que fortalecem as opressões. Por partirem das intersecções entre corpos e de seus movimentos múltiplos para resistir, apresentam muitas faces, muitas possibilidades de conexão – também de captura, é verdade –, movimentam-se mais rapidamente que a opressão, pelo simples fato de a conhecerem coletivamente. Quais os efeitos de desarticular uma intersecção criadora de opressões? O primeiro deles é perceber que as opressões continuam a funcionar, mesmo sem a intersecção, que a única articulação que lhes é realmente necessária é aquela feita com cada corpo que é produzido por elas.

Adianta, então, apenas conhecer o inimigo? Não, óbvio que não. A gente acorda e dorme com o inimigo há tempos e continuamos vivas, mesmo que ignorantes e colonizadas por ele. É

possível suspeitar que inimigos habitam nosso corpo como os cartógrafos paranoicos que invadiram um território para a exploração secular; como um grupo de militares que criaram regras de como viver, como ler, como sentir, como gozar, como chorar, como morrer; como um pastor que busca constantemente a obediência e o pagamento por aquilo que ele promete, mas sabe que não pode cumprir. Corpos estão cheios de colonizadores, são produzidos também por eles. Não se trata apenas de conhecer o inimigo, pois isso nos levaria ao pensamento de que a identidade seria o inimigo a combater.

É mais fácil um corpo se reconhecer em uma identidade do que se perceber corpo, porque a identidade é a produção de si a partir da identificação, um escudo opressivo contra a opressão que produz o corpo. A identidade é produzida por acúmulo de identificações sob opressões, ela também sustenta a hierarquia no corpo, pelo corpo. As identificações são resultado dos atravessamentos opressivos e intersetoriais que produzem corpos a partir da correspondência com os seus parâmetros: raça, classe, gênero, sexualidade, magreza, beleza, capacidade... Tem um parâmetro para cada corpo e todos funcionam para montar o quebra-cabeças que será chamado ostensivamente de Eu, e defendido assim, como se defende a torre de um templo.

O exercício concentra-se na criação de formas, individuais e coletivas, de desarticulação dos sentidos perversos da identidade sobre um corpo. Exercitar-se desse modo compreende a necessidade de investigar os processos pelos quais se deu alguma identificação que faz parte daquilo que um corpo ainda defende como identidade fixa – até móvel, a depender do caso –, pois já alcançamos a proeza de dizer que é fluido um conjunto de identidades já represadas. Talvez seja interessante pensar em como cada uma das opressões, com seus parâmetros de separação e dominação, produz um corpo, meu corpo, seu corpo, o corpo de estudantes, o corpo de bombeiros, o corpo de professores, o corpo político, o corpo que não pode existir, o corpo que existe, o corpo que ainda virá.

O exercício tem mais a ver com apresentar para si os colonizadores que ainda habitam o território-corpo do que apenas com conhecê-los; entender as maneiras pelas quais uma identidade coloniza e localiza um corpo em benefício ou em precariedade. É conhecendo a estrutura que o sustenta, que o torna possível, que o localiza hierarquicamente mais superior ou inferior, que um corpo pode se desarticular de uma identificação opressiva que, talvez, ocasione algum tipo de desmoronamento de templos e destruição de dEUses. Se a desarticulação puder ser realizada por meio das resistências compostas, corpos poderão se fortalecer em comunidade e agir coletivamente na destruição das intersecções que criam os becos sem saída da assimilação. Para isso, será necessário enfrentar a realidade de que um corpo é, ao mesmo

tempo, o colonizador sofisticado e a guerrilheira em movimento!

Preciado (2018) propôs que a percepção de que se é ao mesmo tempo o opressor e oprimido deve ser movimentada pela ação de rir de si mesmo, porque não há como investir em uma guerra que acontece no próprio corpo como território de disputa. Ele me falou de uma revolução do amor, que eu entendi como uma maneira de desarticular do amor os códigos da heterossexualidade, da monogamia, da constante sofisticação da colonialidade do gênero. Paul disse que a filosofia deve ser uma ocupação do corpo como um parque de experimentações de saberes, uma ação constante de transformação pelo próprio corpo e dos corpos em conjunto. É o corpo que pode movimentar-se pela desarticulação de normas de gênero, sexuais, raciais, classistas, capacitistas, estéticas... É o corpo que pode se transformar na própria ação de mover-se em si, seja com administração hormonal, com experimentação sensorial, com a produção de outros prazeres sexuais, outras maneiras de amar, de se relacionar consigo e com outro; um corpo que faça a filosofia ser uma prática anticolonial que desfaça a soberania das ideias e ataque a proliferação de desinformação como tática de dominação dos cérebros.

São os corpos que se desfazem constantemente daquilo que os identifica, a ação de mover-se em si, de se compor de outras maneiras, pode ser uma forma de perceber que a educação não está longe do corpo. Se as pedagogias de horror invadem os corpos das maneiras mais sutis e prazerosas, é preciso perceber que as resistências compostas podem ser pensadas como ações de educação, de descolonização de horrores. Esse movimento não pode acontecer na tristeza, nem na opressão, porque elas são a imobilidade frente às normas. Por ser movimento, só acontece na alegria, ganha velocidade e intensifica-se no deboche, na gargalhada, na subversão das regras sexuais e de gênero que são a piada pronta. Marilyn Aparecida e Leila Mícolis (1983) já haviam gritado a alegria como um movimento político de primeira necessidade, a alegria da diferença e da desobediência, também da raiva criativa, da fúria mobilizada, da cuspada na cara e da bunda de fora. Tenho insistido que a alegria deve ser exercitada de propósito; prefiro o exercício à ideia de guerra ou luta, porque quem guerreia ou luta pretende a derrota de um corpo e sei bem o que já tive que perder por aí. Um corpo que exercita a alegria de propósito precisa perceber que o exercício é constante, insistente, teimoso e birrento, a gente só consegue desarticular uma norma quando grita na cara dela, quando ri da sua imbecilidade e faz chacota da sua superioridade comprada a prestação.

Um corpo bicha não deseja uma nova dominação, mas enfrenta toda e qualquer dominação que deseja colonizá-lo. Um corpo bicha permanece movendo-se dentre e dificilmente é percebido por aqueles corpos que ocupam um lado só da fronteira do sexo e do gênero. A existência de um corpo bicha é uma prova viva da ineficiência da heterocisnorma.

Isso não quer dizer que exista um corpo bicha essencial, modelo a ser seguido, até porque a existência de corpos bicha é um exercício constante de fracassar para os essencialismos que o pretendem ou homem ou mulher. Se um corpo bicha ideal existisse, ele seria necessariamente uma produção heterocis – a cilada tá sempre preparada, queridinha. Um corpo bicha debocha até da sigla LGBTqueria+, porque sabe que as suas representações não passam de colonizações identitárias do capitalismo que produz os corpos que governa. Debocha porque não se reconhece nas letras, porque sabe que o movimento homossexual se compôs exatamente na exclusão das bichices e travequices, desejando se limpar da sujeira sexual *brazyleira* e que, mesmo assim, não adiantou nada.

Um corpo bicha sabe que, aqui no *Brazyl*, as identidades sexuais e de gênero estão longe do homem gay, da mulher lésbica, da bissexual, da transexual e de um suposto *queer* assimilado: bichas, baitolas, sapatonas, giletas, mariconas, anormais, fanchonas, travecas, bolachonas, entendidos, invertidos, jacarés, transformistas, viadões, lobisomens, boqueteiras, montadas, cedêzinhas, afeminadas, escandalosas, botinas, aidéticas, fechativas, assexuais, desviadas, bonecas, tomba-homens, marias-joão, mariquinhas, pederastas passivas, navalheiras, transviadas, risca-facas, transformistas, andróginas, caminhoneiras, mulherzinhas, confusentas, morde-fronhas, mulher-macho, pão com ovo, intersexos e... A gente sabe ocupar muito mais que uma sigla; sabe também fazer da sigla de letras impostas uma movimentação política dentro do sistema de reconhecimento heteroimbecis das identidades na demogracinha *brazyleira*. Movimentamo-nos dentre! Foram as bichas e as travestis não brancas que moveram as coisas, bebê, a gente tem visto isso! Quem empurra a esquerda para a esquerda não são os corpos acomodados que, ainda hoje, gritam “Ei, opressor, vai tomar no cu”, como se tomar no cu fosse algum tipo de ofensa; as bichas dão o cu com prazer e empurram a propagação homofóbica da esquerda nas mesmas goelas que gritam.

Um corpo bicha move-se nas intersecções realizadas por duas ou mais opressões, nos espaços invisíveis que sustentam as opressões como identidades e as identidades como preparações de horror nas quais caberão os corpos. Um corpo bicha não deseja o corpo formado, não está preso nos seus órgãos e nem em suas estruturas. Um corpo bicha é o próprio movimento de percepção de um corpo como não correspondente à estrutura de funcionamento que o professor de biologia ainda explica na sala de aula e que a mãe e o pai o educam para ser. Um movimento de perceber que se goza com o cu e pelo cu; que se sente prazer ao esfregar o períneo no braço do sofá; de utilizar a buceta para fazer calar a boca do macho que goza com verbos produzidos por ele e para ele e capturam o prazer que é só o dele; de produzir o corpo em *cyberskin* e gozar mais com ele do que com qualquer outro fisio-lógico; de interessar-se mais

pela vida de um garoto de programa, compartilhada pelo tempo de uma hora e paga por *Pix*, do que pela maravilhosa vida do líder espiritual que precisa de fãs que acreditem que ele é o próprio messias; de preferir as mentiras que fazem gozar e que têm a capacidade de criar um mundo e desfazê-lo em uma hora do que as criadas e mantidas há séculos para ludibriar e organizar as famílias como os primeiros campos de concentração de corpos a serem treinados para a normalidade.

Um corpo bicha sabe que já foi idoso, adulto, adolescente e criança. Sabe também que nunca foi percebido assim porque os corpos heterocis não têm a capacidade de encarar a existência de outros corpos além do próprio e único. Um corpo bicha aprende desde cedo a viver não podendo ser e, justamente por isso, um corpo bicha pode ser o que quiser, porque está em relação com todos aqueles corpos que existem e que ainda existirão. Um corpo bicha sabe que o único corpo que pode ser explicado de todas as formas é aquele que não consegue imaginar a possibilidade de encarar a sua heteroimbecisgeneridade e se desfazer dela para ser outra coisa a partir da relação.

A heteracis até quis negar para a bicha a existência da sua criança bicha.

A heteracis até quis que a criança bicha fosse impossível, que não existisse.

A heteracis quis não saber, mas agora sabe?

A heteracis quis não ser explicada, mas agora foi!

A heteracis quis...

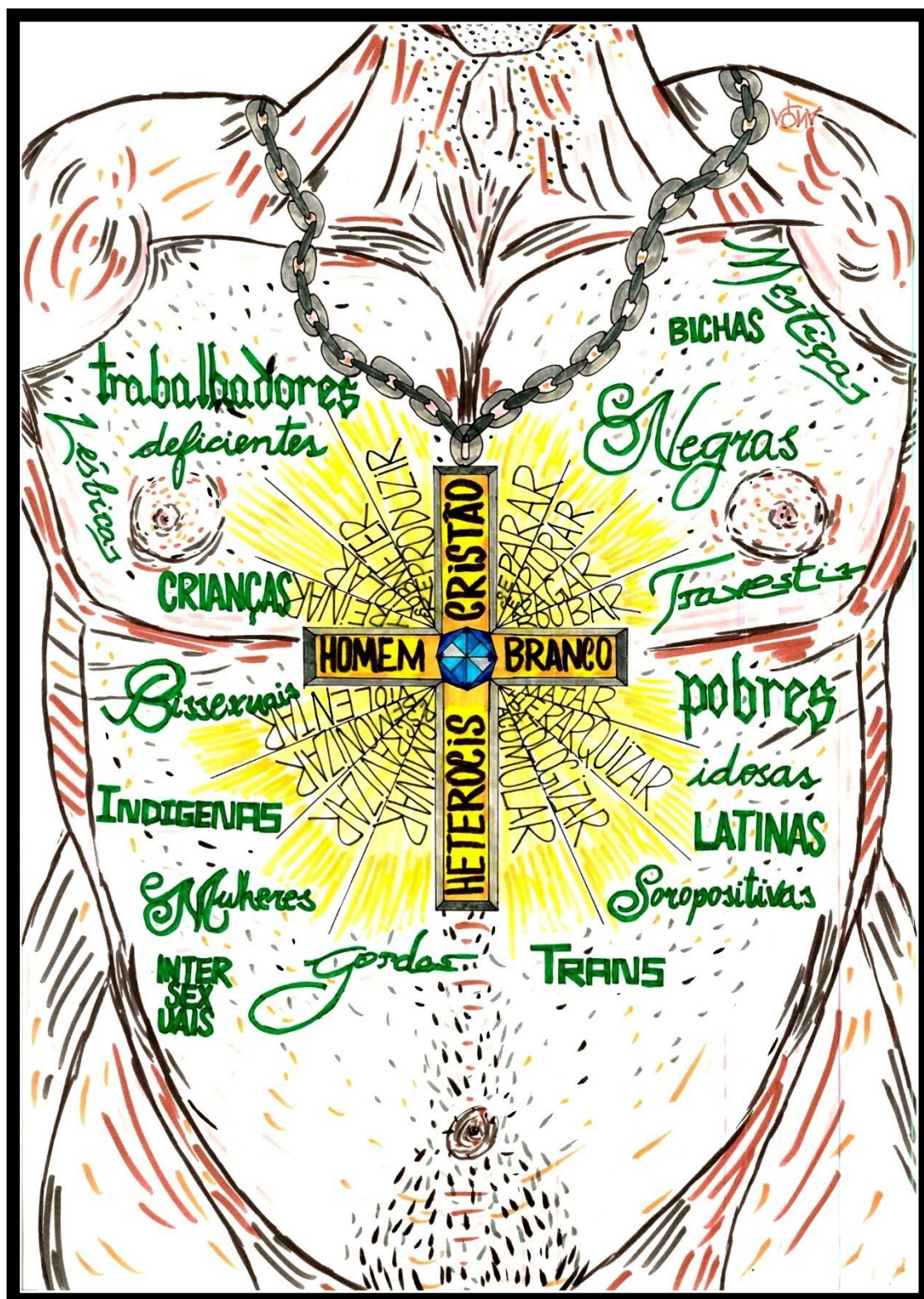
Adamarys quis...

Acácia quis...

MAS NÃO CONSEGUIRÃO, NUNCA!

Kisses.

Figura 7 – Hierarquias identitárias no corpo



Fonte: Esquema ilustrativo da bicha

Na Figura 7, temos um esquema ilustrativo em que um torso aparece de frente, usando uma corrente com um pingente de crucifixo. O crucifixo está no meio do torso e tem ao centro

uma pirâmide em azul, dividindo-o em quatro hastes. Em cada uma delas aparece uma palavra: homem, branco, heterocis e cristão. Do centro do crucifixo partem feixes de luz amarela que atravessam diversos verbos, tomando a dimensão do torso. Os verbos partem do centro da cruz em direção ao torso com as ações de separar, expropriar, apagar, roubar, matar, hierarquizar, patologizar, acumular, dominar, escravizar, demonizar, violentar, treinar, violar, submeter, reproduzir. Distribuídas pelo tronco e margeando os feixes de luz que partem do crucifixo, aparecem tatuagens diversas, representando identidades variadas: mulheres, intersexuais, trabalhadores, indígenas, soropositivas, trans, gordas, idosas, latinas, mestiças, pobres, bissexuais, travestis, negras, deficientes, lésbicas, bichas, crianças.

2.4 Cartografias daqui e cartografar como um corpo

A construção de mapas pelos cartógrafos europeus durante as colonizações representava a necessidade de capturar uma verdade feminilizada, desconhecida, temida e desejada pelos homens, brancos, heterocis e cristãos, que eram os colonizadores. Os mapas eram a produção científica, por isso, masculina, do planejamento para a conquista do feminino: a natureza e a verdade a serem capturadas, dominadas, submetidas à organização macha e branca e cristã do globo. Legal, neah? Vai vendo... Foi a Anne McClintock quem me contou, lá em 2010, da investigação que ela fez sobre os funcionamentos da racialização, da generificação e da sexualização como sistemas de fortalecimento da colonialidade imposta nas Américas. Ela priorizou as colonizações da América do Norte, o que significa que a zenty podzy tomar a liberdade de imaginar que nas Américas Central e do Sul o babado colonial foi mais pesado. O Brasil foi o país que mais fez permanecer a escravização e as práticas coloniais em seus territórios e corpos; foram três séculos que ainda são sentidos pelos corpos que sabem o significado de desigualdade.

É só assistir a qualquer filme, *reality show* ou série estadunidense para perceber logo logo que as ideias de Estado-nação e fronteira e domínio mundial estão em tudo: super-heróis estadunidenses estão sempre preparados para defender os estaduzunidos de alguma invasão – curiosamente, todo ser vivo inventado pelo cinema tem vontade de tomar os estaduzunidos –; qualquer programa que faça sucesso nos EUA é logo anunciado como um sucesso mundial; a imposição da cultura estadunidense como superior está nas palavras, nas músicas, nos cursinhos de inglês, na celebração do *halloween*, na identidade gay, na tentativa de transformar *queer* em identidade explicada. Aqui, o *Big Mac* é mais buscado que o podião do bairro, as grandes multinacionais estampam as camisas compradas nos camelôs, trabalha-se sem direitos para um

padrão que nunca aparecerá; a cumbuca virou *bowl*, o pensamento virou *mindset*, só se sabe por *know-how*, conexão é *network*... Foi aí que eu me lembrei da Cláudia Wonder e falei pra Anne: – Ei, beibi, vem pra barra pesada. O *Brazyl* faz coleção de colonizações, boba!

Para os cartógrafos, os mapas representavam o domínio, o local onde produziram a própria concepção de mundo e de território a ser descoberto. Nos mapas, as fronteiras denunciavam os perigos e as paranoias criados pelos colonizadores, eram as ambiguidades surgidas das lacunas do conhecimento masculino sobre o território nomeado feminino: sem compreender o que encontrariam nos territórios a serem invadidos, chapados tanto pelos alucinógenos, de que faziam uso sem saber, quanto pelas paranoias colonizadoras sobre o desconhecido, cartógrafos inventavam figuras como monstros, sereias, ninfas, canibais, localizadas nos mares que ainda não haviam navegado... Marinheiros colocavam figuras femininas nas proas dos navios que rumavam ao desconhecido a ser dominado, exploradores descobriam as terras virgens, filósofos desnudavam a verdade encoberta: fronteiras eram frequentemente nomeadas, imaginadas e representadas como femininas.

Anne (2010) me contou sobre o livro *As minas do rei Salomão* para mostrar o mapa de Haggard como exemplo da dominação masculina necessária ao imperialismo. O mapa é uma representação do corpo feminino cis, o qual é percorrido pelos corpos masculinos dominadores a fim de encontrarem os diamantes. O percurso colonizador começa pelo sul do mapa-corpo, que está invertido no livro e tem a cabeça representada por uma poça de água ruim. O objetivo dos homens é a morte da mãe negra, Gagool, que guarda os diamantes em um monte chamado Três Bruxas, um triângulo de colinas onde se encontram a boca da caverna do tesouro, a buceta heterocis, local de guarda daquela riqueza, do qual a saída é por trás, pelo cu. No mapa, os quatro principais pontos cardeais estão próximos da genitália feminina heterocis, indicando a dominação masculina da terra, do território-mapa-corpo feminino heterocis; a reprodução patriarcal do mundo era treinada entre os corpos heterocis, nas suas práticas e relações binárias e desiguais.

Em suas cartas à Coroa, os colonizadores referiam-se aos continentes incertos da África, Ásia e Américas utilizando-se de metáforas que envolviam características do corpo feminino heterocis. O mundo era transformado em organismo feminino heterocis; o corpo feminino e suas partes eram mobilizados para criar o homem branco heterocis europeu como conquistador do mundo, descobridor dos segredos. Organizar o mundo como um corpo feminino heterocis a ser dominado era possível por meio da sexualização dos corpos e culturas dos povos colonizados, os quais tinham suas práticas sexuais e corporais categorizadas, frequentemente, como comportamentos animais. O mundo foi feminilizado para fortalecer a dominação

masculina do globo: a Terra e a Natureza são corpos femininos à espera da conquista e do descobrimento masculino, sua existência só é possível a partir do masculino, seu tempo é contado a partir da colonização macha. As mulheres foram retiradas das narrativas de origem dos territórios colonizados e dos períodos históricos porque eram tornadas propriedades masculinas e, por isso, não poderiam participar das disputas masculinas. Povos originários também foram situados em tempo nenhum nas narrativas de colonizações, passando a existir só depois do aparecimento do homem branco heterocis cristão.

A estratégia de nomeação cria um domínio e uma origem a partir da colonização, a partir do homem, que é branco, heterocis e cristão, transformando-se na referência de humano. Ela também funciona como a hegemonia masculina, como posse sobre aquilo de que não se tem prova visível da sua participação: nomeia-se a criança com o nome do pai para marcar a posse; benze-se na religião cristã em nome do Pai para marcar o domínio do corpo por um Deus masculino; nomeia-se a mulher com o nome do marido para marcar a sua subjugação. Faz-se a retirada do protagonismo da mulher heterocis na gestação e no nascimento: o filho do homem branco renasce em Cristo pelas mãos dos homens-padres e recebe o nome do pai num belo ciclo de reprodução do poder do homem heterocis branco sobre todas as coisas e corpos.

As fofocas com Anne McClintock me fizeram pensar mais ainda sobre cartografias, principalmente porque utilizá-las como metodologia não deve produzir nenhum tipo de domínio, nenhum reforço de colonizações e, principalmente, nenhum alimento para as paranoias colonizadoras brancas heterocis e cristãs que ainda permanecem nos corpos. Pensar a cartografia como método é revisitar as conversas com Deleuze e Guattari, lá em 2012, quando a gente se enveredou por mil platôs e tudo e tal. É necessário lembrar que não se trata de um método definido, com passos a seguir e objetivos a alcançar; a cartografia é também um modo de se movimentar, de pesquisar, de compor, de agir. Cartografar é perceber os movimentos, as mudanças, as permanências, as fugas, os desejos de se compor com aquilo que ainda não se conhece, os fracassos como outras possibilidades de se mover, as multiplicidades que entram em relação e se transformam no movimento mesmo de se relacionar, mudando todo um mapa, um corpo, uma vida. Cartografar tem a ver com rizoma. Dê e Gê quiseram e fizeram as coisas se movimentarem em relação de composição para que se transformassem e se desfizessem e se reapresentassem de maneiras inesperadas. É assim que a cartografia chega aqui: ela surge entre os planejamentos de domínios pelos cartógrafos colonizadores e a possibilidade de se pensar o corpo como um mapa sempre em composição com a diferença, aquilo que só passa a ser perceptível no momento mesmo do encontro, da aproximação com as bordas de um mapa que, agora, passou a ser outro, movido pelas relações que estabeleceu ao se aproximar.

Até aqui, falei da produção dos mapas pelos colonizadores a partir das conversas com a Anninha e entrou uma outra forma de pensar o mapa junto com Dê e Gê. Elas apresentam relações e diferenças, como tudo nesse mundinho que a zenty vive. Vamos ver. O mapa dos cartógrafos de Anne (2010) pretendia definir um local de domínio, caracterizando suas ameaças – sempre feminilizadas – e cercando com suas fronteiras uma significação sobre um território a ser explorado pelos colonizadores com um único objetivo: expandir a dominação europeia do globo. Os mapas dos cartógrafos não se moviam pelas transformações mobilizadas pelo território desconhecido, mas pelo avanço dos domínios da colonização e pela definição de características específicas dos corpos e territórios pretensamente descobertos. Quando a gente olha os mapas produzidos pelos cartógrafos colonizadores, fica fácil de perceber como eles só apresentam uma evolução em linha reta, característica de um método de dominação: aqui no *Brazyl*, os registros dos mapas criados durante as colonizações informam a dominação dos litorais, seguida do aprofundamento para os interiores mais próximos daquelas zonas e, depois, de um pequeno avanço para os interiores mais distantes dos litorais. A cada avanço em direção a um objetivo, seguem-se registros de captura de povos originários, relatos que definem e apresentam as características daqueles corpos que não se pareciam com o colonizador. Os mapas dos cartógrafos colonizadores cercavam de sentidos o território desconhecido, a fim de dominá-lo mais.

A exploração de territórios desconhecidos realizada pelos brancos, heterocis e cristãos que invadiram as terras de Abya Yala aproximam-se menos da ideia de mapa do que o faz a ideia de decalque, que eu trouxe da conversa com Deleuze e Guattari (2012). Decalque é um mapa que não sofrerá alterações, que define um limite, uma característica, um significado; decalque é um registro, uma imagem congelada do mapa, a captura que impede a movimentação, pois suas linhas estão presas na fronteira definidora do espaço conquistado. Criar mapas é perceber fronteiras como bordas que se conectam o tempo todo em variações distintas e inesperadas. A cada conexão um turbilhão acontece, modificando as bordas, recompondo o mapa que não para de se mover pela conexão com o desconhecido. Cartografar é movimentar-se por meio da permeabilidade que as fronteiras oferecem, sempre entre, nem totalmente decalque, nem totalmente mapa; um movimento que se conecta desordenadamente com ambas as variáveis, ficando mais lento quando composto com decalques e ganhando velocidade quando composto com mapas. O movimento entre decalques e mapas não pode ser capturado nem por um, nem por outro, pois caracteriza o devir, esse desconhecido horror: do mapa que pode ser decalcado e do decalque que pode ser movimentado pela ação de mapear.

Cartografia é o movimento entre, exercitado por meio de linhas que não têm ponto de

origem e nem objetivos a serem alcançados, linhas que não vão de um ponto ao outro, mas que se misturam de forma turbilhonar, tangenciam, diagonalizam, giram, dobram, torcem, retornam, ocupam, desfazem, atravessam, brotam de forma rizomática na ação mesma de cartografar. Quando pensada na dominação colonial, a cartografia não é movimento, é plano de domínio, de exploração, de manutenção da linha reta da história que começou a ser contada a partir da modernidade eurocentrada, que é branca, heterocis e cristona. Nosso movimento com essa fofocaiada toda é provocar a percepção de um corpo como um mapa que se compõe a todo momento, movendo-se entre e fazendo das suas bordas o constante exercício de perceber as multiplicidades que o afetam e compõem outras possibilidades de ser um corpo em relação com outros corpos. Também estamos interessadas em aproximar os corpos-decalcados ao movimento de cartografar-se como um corpo, visto que a aproximação dos decalques aos mapas altera a natureza tanto de um quanto do outro... E o corpo move-se dentre.

Como funciona um corpo como mapa? Um corpo heterocis, branco e cristão é mais um decalque que um mapa: um corpo criador de paranoias sobre outros corpos não heterocis, não brancos, que pratica suas violências e é perdoado por um Deus que se parece com ele. Um corpo que se movimenta como um navio a definir, com sua proa, as verdades sobre todos os corpos que ele sexualiza e transforma em femininos para dominar; suas falas são guiadas pela comparação desonesta, porque toda comparação que faz é em relação a si, o corpo referência de tudo. Cria monstros sobre corpos outros, estes que devem ser conquistados, invadidos, categorizados, dominados e transformados em reprodução da mesmice, ao infinito.

ATENÇÃO, COMPETIDORAS: falar do corpo heterocis, branco e cristão composto pelas paranoias colonizadoras é uma maneira de perceber que todos e cada corpo que vive na *mierda* colonial da demogracinha *brazyleira* estão submetidos a essas estruturas opressivas. Não significa que um corpo que não é heterocis, nem branco e nem cristão está automaticamente libertado de ser um imbecil, este binarismo que cria uma lógica oposicionista a partir do distanciamento é uma cilada colonial, uma imbecilidade em movimento. Inclusive, tenho suspeitado que, quanto mais um corpo se pensa distante nas normas regulatórias da vida na colônia e do padrão de corpo estimulado, menos ele as questionará e mais *mierdas* reproduzirá em todo o corpo, território, relação, vida. Outra coisa: eu não estou, em momento algum, falando de um corpo específico, existente, orgânico, vivo, mas de decalques corporais que funcionam como preparações para a vida acontecer como a gente tem visto. Num fica boba, não! Se quiser, a gente repete, desenha, ilustra... Tudo pra você não ficar mal! Bora continuar? Bora!

O corpo heterocisbrancocristão cria decalques com o medo, porque o desconhecido o

horroriza e ele precisa alocar esse horror em algum outro corpo: as sereias, as ninfas, os demônios, os monstros, os canibais... Impossibilitado de admitir para si o próprio medo e correndo o risco de ser emasculado de alguma forma, corporifica o horror em outro corpo que não o seu e se autoriza a matar o próprio horror que criou. Exercício de dominação: utilizar o horror como estratégia de domínio – quanto mais horror de si, mais corpos serão mortos para tentar se livrar dos horrores criados por quem pode matar. Dinâmica de colonização sem fim. Qual é o corpo que morre por causa das paranoias colonizadoras heterocis, brancas e cristãs?

Ora, mas todos os corpos ainda não funcionam sob a lógica heterocis? Não temos conosco essa paranoia de dominação colonial? Como são organizados os relacionamentos, as amizades, os saberes, as escritas, pesquisas, piadas, sexos, tesões, desejos...? Como são organizadas as formas de conhecer o corpo senão por meio da confecção de um mapa de um cartógrafo colonizador? Qual tipo de corpo buscamos quando pensamos na idiota noção de corpo perfeito? Este é o decalque do corpo!

E como criar para si outros mapas? Quem pode criá-los? Corpos que desistem de corresponder às normas podem encontrar formas de criar mapas outros, mapas que partem da fronteira, do desconhecido, sempre no meio. E criam outros mapas simplesmente pelo fato de que a dissidência ainda não existe, só acontece na ação de se criar assim, de se perceber como um corpo que desviou, escapou e se livrou do decalque desenhado sobre si. Como seriam os mapas se fossem criados por cartógrafas sereias, ninfas, demônias, monstros, bruxas, canibais, pervertidas, aidéticas...? Esses mapas já conheceriam seus perigos e não precisariam colonizar as áreas desconhecidas, mas, sim, curiosá-las, desejá-las no sentido de composição: como seria encontrar outras sereias, outros monstros, outras desconhecidas? Como seria desenhar um mapa de desconhecimentos, sem precisar criar símbolos de horror e sem utilizá-los para dominar mais pessoas e territórios transformando-os em fêmeas colonizadas?

Cartografar tem a ver com registrar uma composição de movimentos, observados, vividos, experimentados, sabidos porque sentidos. Registrar o movimento não é se prender ao que ficou, cristalizou, parou de se movimentar, mas perceber aquilo que ficou como efeito dos movimentos que se cartografa, mover-se sempre entre a captura e a nova conexão do corpo. Quando uma captura acontece, move-se lentamente para conhecer-se na parada que o corpo realizou, para conhecer um pouco do corpo que ficou, que foi decalcado ali na parada do movimento, o qual pode continuar a ser cartografado pelo corpo que observa, registra, pesquisa, percebe, sente. A lentidão ocasionada pela captura pode ser substituída, vagarosa ou rapidamente, a depender das circunstâncias, pelo constante movimento de composição que constitui o ato de cartografar. A composição é desordenada e inesperada e faz da cartografia

um processo que inclui movimento, rapidez, parada, lentidão, registro, captura, movimento... Enfim, a cartografia constitui-se de movimentos que não param de acontecer, por isso ela não pode ter fim, apenas um “chega por hoje”.

Uma pesquisa que se move em cartografias permite movimentar as certezas e desestabilizar saberes a fim de movimentá-los de outras formas, a depender do corpo que pesquisa e suas relações com o ato de cartografar: insistente, mutável, móvel, múltiplo, proposital. Mas uma pesquisa cartográfica não deve encarar a cartografia como a ação de criar decalques e achar que são mapas, como faziam os cartógrafos brancos colonizadores. Não se trata de registrar locais previamente preenchidos pelas paranoias colonizadoras que motivavam as conquistas dos territórios pelo homem branco, heterocis, cristão. É preciso desvincular a cartografia da ação de dominar; uma pesquisa cartográfica não pretende construir nenhum tipo de domínio, não se trata de um império meu, nem seu, mas, sim, de uma abertura do corpo como um território que é também atravessado pelos movimentos da pesquisa.

A cartografia coloca corpo e pesquisa para dançar sem ensaio, sem coreografia marcada. Se for para construir mapas é preciso criar-se como uma cartógrafa do corpo e lançar-se no movimento da pesquisa como quem busca conhecer-se como um território novo a cada atravessamento, como composições entre corpo e território e movimento e pesquisa. Não há um objetivo a ser alcançado, mas registros de tudo aquilo que movimentou e compôs o corpo não apenas durante o período da pesquisa, composições de corpos não respeitam a linearidade moderna do tempo. A gente sabe bem que corpos conseguem mover o tempo linear até que ele mesmo se perca; os passados transformam os presentes ao mesmo tempo em que os desejos de futuros criam outros caminhos possíveis e tudo isso se transforma a depender da composição realizada pelo corpo.

O corpo não precisa da linearidade do tempo, nem da hierarquização da vida, nem da explicação de si, nem da definição de suas características físicas; não precisa ter seu movimento de vida aprisionado pelos decalques daquilo que deve sentir, de como deve se comportar, do que deve saber; não precisa buscar a salvação que vem sempre de cima, nem de se sentir acima de qualquer outro corpo, não precisa da obediência treinada pela organização familiar, muito menos da ordenação dos prazeres estimulada pela binarização que só protege ao homem, branco, heterocis e cristão. O corpo não precisa de nada disso, mas foi muito bem-educado pelas pedagogias de horror, as quais atrasam seus movimentos de vida enquanto realizam o treinamento para que ele se acostume com a reprodução do mesmo caminho que foi seguido antes pelo pai, mestre, orientador, padre, policial, professor, patrão, colonizador. Quando se movimenta em território desconhecido, tudo pode acontecer e acontece; o corpo é atravessado

por tudo aquilo que compõe o ato de cartografar, por tudo aquilo que ocorre enquanto ele registra o movimento cartográfico e desordenado da pesquisa.

Mover-se como uma cartógrafa do corpo implica perceber-se como um território desconhecido para si, perceber o próprio corpo como um território colonizado por tudo aquilo que foi feito dele, todas as formas estatais de destino, permissão, governo, produção e controle das possibilidades de ser. É preciso transformar-se em cartógrafa do próprio corpo e partir de si como um território desconhecido: desconhecer-se e desaprender-se são exercícios necessários aos corpos que se cartografam para desfazerem-se dos mapas coloniais decalcados sobre os corpos colonizados. É fundamental desaprender as hierarquias incorporadas que inserem corpos em uma busca inútil e ansiosa pela sensação de superioridade, tão necessária ao regime de poder organizado e fortalecido pela noção de normalidade. É necessário desaprender o corpo que se veio sendo.

Cartografar-se tem a ver com movimentar-se pela investigação de si como um corpo no qual hierarquias são constantemente incorporadas: o que a cabeça tem de superior ao umbigo, ao abdome, às costas, ao cu? Quais os movimentos necessários à respiração? Como um corpo permanece em pé, sem cair? Onde dói? Por que dói? Para além de movimentar-se pela fisicalidade do corpo, pela fisiologia, tem a ver com movimentar-se também naquilo que produz o que se chama de identidade, de Eu. Como as caravelhas Racismo, Cristianismo e Heterocissexismo ainda conquistam o território-corpo? Como o corpo pode abandonar as pretensas superioridades que sustentam as caravelhas? Quais caravelhas beneficiam um corpo? Como as caravelhas habitam os litorais e avançam para os interiores de um corpo?

Cartografar um corpo tem mais a ver com aproximar-se de suas bruxas, sereias e monstras, convidando-as a dançar. Tem a ver com desistir dos domínios, rabiscando os limites que pretendem estabelecer fronteiras intransponíveis; utilizar fronteiras mais como conexões do que separações de territórios e corpos. Exercitar a língua como uma navalha, os dedos como garras, a escrita como veneno, o movimento como feitiço, o corpo como denúncia das dores e chamamento de alegrias, a produção de vida como capacidade corporal de existir apesar do horror de ser assimilado pela lógica colonial de dominação. Tudo isso constitui cartografias que devem ser feitas de propósito, porque insistem no movimento que se compõe a cada encontro entre corpos, a cada torpor gerado pela diferença, e transformam-se em outro território, pensamento, sentimento, corpo... São movimentos de mudança constante. Outros mundos só são possíveis por meio de outros pensamentos, outros sentidos, outras sensações, outros corpos.

Figura 8 – Corposição em movimento



Fonte: Ilustração da bicha.

A Figura 8 traz uma composição de linhas e cores e formas e fluxos que se misturam umas com as outras, formando alguns esboços de corpos e, ao centro, a palavra “CORPOSIÇÃO”.

2.5 Corposição como metodologia de pesquisa pelo corpo

Na necessidade de desmontar a cartografia como metodologia, retirando dela as reiterações das colonizações brancas, heterocis e cristonas, quero aproximá-la do corpo de tal modo que corpo e cartografias de corpos funcionem de outra forma, conjuntamente, não mais opondo o corpo à mente, à alma, ao saber. Não é possível realizar cartografias de corpos partindo-se de uma organização mental sobre os corpos e seus movimentos. É preciso abandonar o domínio da mente explicadora sobre os movimentos dos corpos, porque esse domínio configurou a ação colonizadora de categorizar corpos não brancos e não europeus utilizando-se de animalização, exotificação e primitivização para desumanizar. A separação

entre mente e corpo serviu à retirada da capacidade de organização social dos corpos que foram colonizados, os mesmos que seriam forçados ao trabalho físico de construção da colonialidade. O golpe colonial estabeleceu o modo colonizador europeu como a referência de modernidade e os corpos dos colonizadores brancos, heterocis e cristãos como aqueles que pensam, sabem e organizam o que há de mais moderno. Para desfazer a metodologia de incorporação da colonialidade, penso ser necessário mover-se pelo corpo, a partir do corpo; desconfiar dos atravessamentos que compõem o corpo com as colonialidades, transformadas em modos de separação hierárquica. O movimento dos cartógrafos colonizadores era o de categorizar os territórios a serem colonizados, utilizando-se de paranoias diversas que os faziam pensar aquilo que desconheciam como primitivo e ameaçador. Não interessa uma cartografia que diga para o corpo o que fazer, como ser, que defina seus movimentos. Por isso o desnorreamento é necessário, porque sabemos bem que o corpo que se orienta não vai para o norte. Se o corpo é composto de violências coloniais, talvez possa se compor com ações decoloniais.

Para dar conta dessa perseguição, pensei em corposição como um conceito que ajuntasse outros modos de pensar, no sentido de mobilizar outras ações de corpos consigo e entre si: exercitar-se como um corpo que é ao mesmo tempo a pesquisa e a escrita, a pesquisadora e a escritora, o objeto e a investigação. Conforme a pesquisa acontecia, fui sendo movimentada pelo pensamento de que corposição poderia ser uma metodologia, um modo de se mover em uma pesquisa que acontece no corpo, pelo corpo, nas relações entre os corpos e seus afetos. Isso não quer dizer que corposição não possa ser movida como um conceito, incorporada como um modo de se mover em si, conceito e metodologia e... Mover-se como um corpo em uma pesquisa pode funcionar como um exercício decolonial, visto que corpos foram e ainda são os locais onde as relações de poder, que organizam o tecido social de formas diversas, tornam-se regras, dominam corpos e os fazem reproduzir-se como assimilações do regime de poder enquanto pensam-se defendidos pela identidade, pelo Eu, pelos caminhos já delimitados no sentido da ordem, do progresso. Pensar a corposição como uma metodologia pode ser um meio de perceber, e talvez de desfazer, a metodologia racial apontada pela Lélia Gonzalez (2020), que ainda permanece sofisticada e organizando as vidas dos corpos em países colonizados.

Isso não quer dizer que exista alguma pretensão de acabar com o racismo, o heterocissexismo e o cristianismo; não acredito que haja uma solução para essas formas de organizar as vidas na demogracinha e o seu fim dependeria da justiça social com corpos negros, indígenas, mulheres, LGBTI+, deficientes, gordos e toda uma variação de corpos que enfrentam a sociedade da normalidadzy. A gente já sabe que essa justiça não aconteceu e não há interesse para que ela aconteça, pois ela significa o desmantelamento da hierarquia como modo de

funcionamento da sociedade e de cada corpo, todos eles habitados pelos podres padrões cognitivos que aprisionam o corpo na constante reprodução de domínios brancos, cristãos e heterocissexistas. Isso quer dizer que o fim de normas organizadoras de corpos depende do fim da colonialidade, que também é a modernidade eurocentrada e EUAcentrada incorporada nas formas de vida, que também é o capitalismo neoliberal e toda a sorte de desgraças que atingem todos os ecossistemas e possibilidades de vida.

O exercício proposto por uma metodologia corposta é a investigação dos modos de racialização – os quais também estruturam os modos de sexualização e generificação – que compõem um corpo e que são reproduzidos por ele, que compõem as relações cada vez mais próximas de um corpo, que chegam a dominar os modos de fazer, pensar, sentir, saber, viver. Se a racialização funciona como metodologia e depende do escalonamento de vidas a partir da sua transformação em atributos corporais categorizados como não humanos, condenando um corpo todo por meio de uma categorização identitária, quero utilizar a corposição como uma outra metodologia, agora partindo de um corpo como modo de investigação, de produção de saídas, de desarticulações das colonialidades que precisam de um corpo inteiro em cooperação para ampliarem seus domínios. Quero estimular as desistências e os fracassos frente às normas destruidoras de vidas.

Quais movimentos constituem uma corposição? Como se mover em corposição? Corposição não deve ser entendida como incorporação, porque ela pretende uma ação a partir de um corpo, é um movimento corporal de colaboração consigo e com os corpos com os quais se compõe, tendo o próprio corpo como território em investigação. Incorporação é o que acontece quando se aceita as regras do jogo colonial, moderno e democrático, quando se aceita que um gênero é vinculado a uma genitália, que o branquismo é sinônimo de confiança, que sentir tesão é pecado, que viver com HIV é um castigo, que a sexualidade é algo fixo e imutável, que a identidade é um local seguro para se viver, que a criança não sabe o que diz, que não existem crianças viadas. Nesse sentido, corposição pode ser entendida como uma metodologia de desfazimento das incorporações coloniais, das imbecilidades empoçadas nos corpos, em todos e cada um deles.

Para continuar a mover-me como um corpo em corposição, é preciso criar um verbo que é uma ação sobre o mundo, a ocupação de um outro modo de fazer que, quem sabe, possa servir a outras investigações, feitas por outros corpos cansados das colonialidades de sempre. Corpor para fazer com que um corpo escape da reação, escape do horror. Quem reage, reage a algo ou a alguma força que agiu sobre si, causando movimento. Enquanto um corpo reage a alguma força que agiu sobre ele, seu movimento está definido, limitado, localizado por essa força; um

corpo reage a ela dentro dos limites estabelecidos por ela. Reações delimitadas fortalecem a produção de categorias sobre os corpos, classificando-os; é a referência quem classifica, pois se mantém por meio de um sistema hierárquico e desigual, sustentado pela comparação, competição e superioridade: mulheres, negros, lésbicas, deficientes, gordos, gays, travestis, velhos, aidéticos, transexuais, bichas, putas... Categorias definem identidades utilizando-se de sentidos atribuídos por uma referência, a qual nega aquilo que categoriza ao mesmo tempo em que se protege da categorização; a maior parte das categorias concentra-se na dominação de um atributo corporal e consequente transformação desse atributo em um todo, uma incorporação do atributo condenado que, agora, passa a categorizar o corpo todo. Corpor tem a ver com investigar as maneiras de desfazer-se das incorporações coloniais ainda mantidas pelo Estado democrático de direita e de esquerda.

Corposição constitui a metodologia que compõe este trabalho e seu movimento se dá por meio de ações de corpor, realizadas pelo corpo que pesquisa e escreve, e também pelo corpo que lê, que questiona, que pensa de outra maneira; uma pesquisa em composição não se orienta pela linha de raciocínio, não estabelece algo a ser descoberto e nem uma verdade a ser revelada. Aqui, o tempo tem a duração de um afeto, de um encontro entre corpos, de uma sensação que move um corpo em pensamento. Tudo isso pode passar em um instante e passa.

Dá uma segurada aqui, que a zenty precisa conversar um pouco sobre afeto pra compor ainda mais a nossa ideia de como um corpo move-se em si. A fofqueira Deleuze veio me contar um babado quentíssimo que ela conversou com Espinosa lá em 2017 e que tem a ver com a perseguição sobre o que pode um corpo. A fofoca rendeu e chegou ao ponto de perceber que um corpo pode afetar e ser afetado. Então, como é que a Dedê catou a teoria dos afetos de Espinosa para mover a questã? A titia bicha ficou um tempo sentada ouvindo a fofqueira falar para trazer a fofoca bem quentinha procêis, chega mais!

Para entrar nesse movimento, é importante que a gente retome a ideia do corpo como um mapa, que foi discutida no texto anterior, bem como revisitemos o papo de que um corpo se move sempre entre, sempre do meio, aquela coisa de ocupar o espaço entreaberto da fronteira. Na conversa com Espinosa, Dedê começa falando sobre os modos, que são as composições daquilo que um corpo chama de existir, e esses modos são finitos e variam tanto em movimento quanto em repouso, a depender das conexões que estabelecem com a multiplicidade desconhecida que habita as suas bordas. Quando Dedê futicou os saberes de Espinosa, percebeu que dizer que um corpo pode afetar e ser afetado tem a ver com as afecções, que são as composições afetivas dos corpos: o poder de ser afetado pode ser entendido por meio da passividade e da atividade de um corpo em relação aos afetos que, desordenada e

incessantemente, compõem as suas bordas, transformando o seu estado, informado por suas ideias, encadeadas com os sentimentos.

Todos os corpos são preenchidos pela passividade desde sempre; as ideias que os compõem são inadequadas, porque não informadas por eles, mas para eles; tomam o corpo todo, que agora é uma composição inadequada, triste, porque sofre da paixão e tem seu movimento diminuído e a sua atividade é reduzida. Passividade pode ser entendida como a potência de padecer e atividade como a potência de agir; foi assim que Dedê (2017) me disse depois que *hablou* com Espinosa. Isso quer dizer que os modos de existir são inadequados desde o início, porque informados pelas paixões que os tomam de assalto e diminuem suas ações. É importante lembrar que tanto o padecer quanto o agir são variações de estados de um corpo que duram a existência toda, constituem seu poder de ser afetado. Se um corpo tem seus modos de existir habitados pelas afecções passivas, sua potência de agir – ou seja, suas composições com as afecções ativas que geram força de existir – é diminuída na proporção em que sua passividade aumenta. O corpo não aprende nas afecções passivas porque elas mobilizam tristezas, que são dificultadoras das relações entre corpos, diminuidoras de movimentos de composição.

O existir é uma variação constante de um modo finito entre o repouso e o movimento. Um corpo tem o poder de ser afetado, o qual é informado pelos afetos que compõem a multiplicidade de conexões possíveis a um corpo que existe e vive. O poder de ser afetado é uma composição variável entre as potências de agir e de padecer. O padecimento acontece pela composição com ideias inadequadas, que são aquelas que tomam o corpo, mas que não partem dele, apenas o afetam mal, diminuindo seu movimento; um sentimento ruim, uma tristeza. Já o agir é um movimento de um corpo para sair do padecer, uma composição de passado e presente que pretende uma ação de mover-se, compondo-se com ideias que partem de si, da afecção que sofreu; é adequado o movimento que o corpo faz para um sentimento bom, para ganhar força, para a alegria, que é a possibilidade de um corpo se compor com outro e se transformar em outra coisa, antes desconhecida na tristeza. Um corpo aprende na alegria porque a composição faz com que as afecções de um corpo, misturadas com as afecções de outro corpo, transformem-se em noções comuns a dois ou mais corpos, agora movendo-se de forma inteligente para longe das paixões que os entristeceram antes.

Aqui no *Brazyl* não é diferente, *honey!* Tô falando com vocês que aquilo que estrutura o funcionamento da sociedade *brazileyra* e, conseqüentemente, compõe aquilo que a gente aprendeu a chamar de corpo, de Eu, de identidade, são sofisticacões das caravelhas coloniais que são as opressões racistas, heterocissexistas e cristonas que tomam corpos nas colônias ainda hozy. É disso que qualquer corpo colonial padece: uma composição inadequada das paixões

que o fazem se apresentar como melhor por ser branco, normal por ser heterocis, digno por ser cristão, um decalque da imbecilidade. Ao mesmo tempo, são os mesmos corpíchos que conseguem agir para se mover do padecimento, que podem compor ideias no encadeamento com os sentimentos que informam os estados de horror aos quais são submetidos diariamente. Um corpo colonial que tem a sua potência de agir aumentada pela alegria de poder viver um outro corpo em si mesmo tem também sua força de existir incrementada pela possibilidade de compor-se a todo momento com ideias adequadas e noções comuns, um corpo que passa a compreender aquilo que foi feito dele e movimenta-se para afundar caravelhas com as bordas de seus mapas.

Mas um corpo não sabe de que afetos é capaz, porque afetos não têm representação, não são sentimentos, são o próprio movimento de existir entre as ideias que compõem o corpo; só serão compreendidos quando sentidos pelo corpo, pensados com as ideias que um corpo tem a partir de si e das noções comuns criadas nas relações com outros corpos. Afetos são os movimentos entre a passividade imposta pelas paixões e o exercício da potência de agir, e esses movimentos são variáveis e constituem a potência de ser afetado de um corpo.

A vida como tem sido composta aqui na colônia, que quer ser democrática – e não só aqui –, é uma vida preenchida pelas paixões cristonas, heteroimbecis e racistas, uma vida limitada pela identidade única e imóvel, uma vida que não passa de uma programação de sofrimentos em busca de uma salvação, propagada em todos os corpos como superação. Corpos coloniais vivem uma vida triste desde o início, têm sua potência de agir diminuída pelas obrigações de sentirem-se mal, de perceberem-se pela dor, de padecerem e aprenderem a chamar isso de Eu, a defenderem-se assim, limitados por aquilo que foi feito deles. Uma vida triste que só faz retornar as vidas passadas que se repetem em cada corpo que nasce igualzinho ao pai. Como criar uma vida boa em uma vida ruim? Como se mover no sentido de ser bem afetada, em composição com alegrias, como criar ideias adequadas frente à inadequação imposta, noções comuns frente à paixão pelo Eu... Como um corpo pode ser bem afetado se não sabe dos afetos de que é capaz? A alegria deve ser de propósito, inventada pelos corpos que existem e vivem, porque a alegria que é incorporada ao corpo é falsa, cheira a hóstia e a dinheiro sujo. É preciso experimentar!

Deleuze falava, falava e eu escutava, escutava e você lendo e lendo e eu acabo de me lembrar novamente das fofocas que tive com o apreciado Paul, quando ele tava bombando na experimentação corporal com testosterona em gel, lá em 2018. Paulete compôs uma nova forma de pensar o regime de poder vigente, sobre a qual eu já falei com vocês quando a gente tava conversando sobre as pedagogias de horror. Para se mover pelos caminhos que apresentavam a

farmacopornografia, ele precisou inventar um conceito, a *potentia gaudendi* ou força orgásmica (PRECIADO, 2018). E esse conceito tem muito a ver com a teoria dos afetos de Espinosa que a Dedê tinha fofocado comigo. A fofoca come desembolada, tá vendo? A força orgásmica tem relação com o poder de ser afetado. Paul torce esse poder ao demonstrar que o capitalismo neoliberal tecnológico e farmacológico e pornográfico já tomou o corpo todo e coloca toda a sua capacidade para afetos para trabalhar. A força orgásmica é uma capacidade inerente a todos os corpos para produzir prazer molecular, compor prazer consigo e com o outro, principalmente o prazer com, alimento do capitalismo farmacopornô.

A força orgásmica não pode ser possuída, não pode ser acumulada, ela acontece no momento da excitação, promovida pelo corpo que pode ser pornificado, ou seja, todos os corpos que prestam serviços sexuais, presenciais ou virtuais, aos homens, heterocis, brancos, cristãos, donos do capital e mantenedores dos regimes de poder que produzem corpos para a sua ejaculação: os corpos de imigrantes, de adolescentes sexualmente exploradas, de crianças travestis expulsas pelas famílias, de deficientes, intersexuais, bichas, os corpos do *Only Fans*, dos filmes pornôs, da pornochanchada, o corpo do gay que pratica yoga de cueca na internet, das câmeras da banheira do Gugu, da filha adolescente sexualizada pelo pai MC, o corpo da capa da *Playboy* exposta no supermercado, da professora que quer acreditar que tem prazer na universidade, da artista que faz piruetas no sinal, do velho tarado dentro do ônibus, o corpo gordo que deseja nadar... Todos e cada corpo experimentam a *potentia gaudendi*, que é a força orgásmica, como uma relação, um acontecimento eventual, uma conexão molecular do corpo que produz prazer com algum outro corpo, ideia, sentimento, sensação, imagem, som, vídeo, voz, ludicidade, pensamento, dor, dominação... Uma multiplicidade de possibilidades de produção de prazer está relacionada ao movimento sempre mutável da força orgásmica de um corpo e essa mesma força serve como capital ejaculatório eterno para os corpos-referência.

O corpo é constantemente excitado e frustrado pelas produções pornográficas e farmacológicas e tecnológicas características do capitalismo explicado por Paul; é mantido pelas variações entre excitação e frustração, forçado a compor-se com elas, no intuito de sentir-se parte, de tornar-se um corpo sensual, sexual, erotizável, desejável. A cada movimento excitatório com algum artefato do sistema farmacopornográfico, o corpo todo, em todas as suas dimensões, é cooptado pela necessidade de produzir prazer, de produzir-se como um corpo todo conectado com a sensação do prazer. Até que ela passe e o corpo não sinta mais os efeitos da droga que modificou a composição de suas moléculas, fazendo-o se sentir outro; até que o corpo goze no meio de um pornô amador gravado com um celular escondido em algum banheiro público e perca o interesse em continuar assistindo; até que o garoto de programa faça o corpo

gozar do jeito que ele planejou e demonstre com os olhos a proximidade da hora contratada... E a capacidade para produzir prazer não cessa, nem quando um corpo morre. Os filmes já estão gravados, as fotografias tiradas, as vozes registradas, as lembranças ativadas pelo corpo atualizam as presenças de corpos que nem precisam mais estar vivos para produzir alguma sensação de prazer para o corpo que se lembra. Um corpo pode ser produzido em um metaverso, pode ser transformado em personagem de jogo pornô virtual. Não depende mais de um corpo físico a sua capacidade para produzir prazer, mas de uma programação que produz prazeres para serem performados por corpos que ainda estão vivos, uma programação que é orientada por práticas e efeitos de gênero, raça, classe, territorialidade, fisicalidade, sexualidade, idade, sexo, crença.

Tá vendo, meu bebê? Já temos um corpo produzido para você caber, um desejo pra você desejar, uma vontade para você ter, um sexo para você gozar, um tesão para você sentir, uma sede para você beber, uma fome para você comer, um *shape* para você caber, uma identidade para você ser. A-ca-bô!

Na adolescência inventei, juntamente com um amigo, uma frase que representava nossas percepções sobre as vontades que eram constantemente impedidas por inúmeros fatores, principalmente pela falta de grana e pela violência da família: a empolgação leva ao desastre! Era assim que a gente se alertava para aquilo que enchia nosso corpo com vontades e, logo depois, era frustrado pela nossa fodeção. Será que a gente já sabia que o movimento era sensual, que o movimento era sexy, que o movimento era dentre?

E o que é que esse corpinho aí vai fazer com isso?

Ainda repito essa frase em situações diversas...

Segurou?!

Agora solta e continua o movimento.

A composição é a permanente investigação do que fica em composição com o que se move, para continuar a corpor; composição e corpor são movimentos constantes, sem ordem, sem domínio, colaborações voluntárias de um corpo todo em movimento consigo mesmo e com outros corpos. Exercitar no próprio corpo o desfazimento das forças que incorporam as inúmeras sensações de superioridade, constantemente reforçadas pela organização hierárquica e excludente na qual se vive. Corpor tem relação com desorganizar um corpo e desaprender os efeitos colonizadores que ainda operam sobre o sentir, o fazer, o escrever, o aprender, o ensinar, o relacionar-se... Um corpo pode compor-se com passados, obediências, tradições, sofrimentos, identidades, imposições, regras, experiências, saberes, emoções, ignorâncias, superioridades, medos, futuros, prazeres, dores, alegrias, indignações, fúrias, abandonos, fracassos... Um corpo

é composto de muitas formas o tempo todo. O que quero provocar com a corpoição e a ação de corpor é a investigação do que fica, o abandono do que hierarquiza, a denúncia do que faz sofrer e os movimentos de constituição de saberes dos corpos, sobre os corpos, pelos corpos.

Corpor relaciona-se com o ato de perceber que um corpo todo sente, aprende, ensina, dança, age, pensa, fala, transforma, move-se. Investigar-se como um corpo que pode sentir de outras formas, no sentido de desautorizar as hierarquias incorporadas como perversas sofisticções da colonialidade: mente ou corpo; pau ou cu; pensamento ou sentimento; pensar ou agir; experimentar ou saber; viver ou conhecer; mulher ou homem... O que um corpo sente o conecta com outros corpos; as precarizações experimentadas pelos corpos que não assimilam a referência produzem sentidos comuns entre eles, nunca iguais, mas aproximados por serem frutos de um mesmo conjunto opressivo. A combinação de sentires entre os corpos constitui maneiras de superar as opressões universalizantes, pois provocam movimentos múltiplos, os quais, quando ocorrem conjuntamente, produzem rompimentos que movimentam outras corpoições possíveis. Uma multiplicidade de corpos em corpoição pode causar um colapso em uma opressão, pode modificar a sua natureza, impedir seus efeitos, desativar a sua inércia, desarticulá-la dos corpos. Pelo menos até que uma nova captura aconteça e outras corpoições sejam necessárias: viver em um sistema de dominação global significa aprender a mobilizar-se entre as capturas que não param de acontecer.

O capitalismo neoliberal e transnacional não pode ser impedido pelos corpos, a destruição dos recursos naturais só aumenta e cada corpo é inserido de alguma maneira. O mundo já acabou, kirida, e o que restou foi a incorporação das colonialidades, produzindo um corpo como modelo a ser replicado aos montes. Os corpos são as Américas da vez! Não pretendo oferecer uma saída para o capitalismo neoliberal, mas posso investigar os efeitos das suas dominações sobre o corpo que vivo, movendo-me entre eles para roer suas incorporações que me tornam mais uma de suas replicações. Frente à dominação capitalista neoliberal que produz corpos como seus próprios padrões e seus maiores inimigos, defensores da família e dos bons costumes, prefiro mover-me como um corpo desempregado, improdutivo, indecente, aidético e piranhudo que prefere se relacionar pelas amizades temporárias do que pela familiaridade duradoura.

Eu não tenho dinheiro para comprar um corpo produzido pelo Estado, mas ele constituiu-se forçosamente e produz um corpo para mim. Foi assim que quando eu nasci um corpo já estava significado por uma família, incorporado em mim. Eu não sabia disso, nenhuma criança sabe, mas eu vim aprendendo desde então que eu não correspondia ao corpo que foi produzido para mim. Quando é que a criança bicha vai poder existir? A professora dizia que eu era

diferente, um artista; a psicóloga foi paga para me transformar num igual, um menino que deveria gostar de meninas e aprender a ser homem; os familiares faziam questão de dizer que eu não era um deles, eu era um viado, um caso perdido, sempre um cu, nunca uma boca; o padre me fazia ajoelhar e rezar horrores para me livrar do pecado de tocar punhetas pensando em meninos. Eu fui aprendendo a me esforçar, a estudar mais, a tentar corresponder, a tirar as maiores notas... De nada adiantou, aprendi também que um corpo como o meu não tinha autorização para falar, pensar, ser reconhecido, respeitado.

Eu fui me cansando e me arrependendo de ter me cansado e me culpando por ter abandonado o que me fazia mal e ficando mal por isso e... Aprendi que há um ciclo de horror que é organizado para um corpo que não corresponde à referência, de modo que ele seja constantemente responsabilizado pelas violências que sofre. Eu comecei a escrever sobre o que eu vivia, a buscar nas leituras composições com aquilo que eu sentia, a conversar com as pessoas sobre aquilo que eu pensava, a falar sobre aquilo que compunha meu corpo com sentidos, a desconfiar das emoções que me mantinham no mesmo lugar, das relações que controlavam minhas possibilidades de ser... Aprendi que meu corpo era um território ocupado pelas violências que eu sofria, autorizadas desde sempre pelo modo de fazer da vida como ela está organizada na demogracinha *brazyleira*, que as pessoas que violentavam meu corpo eram as mesmas que autorizavam as violências que cometiam, que as utilizavam de maneira consciente, porque a justificativa para as violências era o meu corpo, criado por elas como o corpo que precisa ser corrigido de alguma forma.

Eu não permiti, eu não autorizei, eu não mandei que nada disso fosse feito e mesmo assim aconteceu e continua acontecendo, cada vez de modo mais sutil e escancarado. Por isso eu precisei criar um escape, uma atormentação que substituísse aquelas da organização colonial do corpo. Eu queria me mover em mim, encontrar maneiras de me desfazer de tantas merdas que compunham meu corpo de bicha vivendo na colônia da heterocisnorma, do branquismo e do cristianismo. Foi preciso a autorização de ser um corpo no mundo, composto com muitos outros corpos que experimentam opressões parecidas e que, por agirem como corpos frente à opressão, forcem rupturas que possibilitam a existência de corpos para além da regra que pretende organizar a vida na colônia que se diz democrática. Ser alegre de propósito é, também, criar as noções adequadas e aprender por meio das resistências compostas os modos de escapar, de viver apesar das normas, de se mover mesmo cansada, desestimulada e atravessada por horrores e paranoias coloniais. É criar alegrias, por mínimas que sejam, consciente da permanência das tristezas; é, inclusive, mobilizar as tristezas para transformá-las em saber, em teoria, em discussão, em aprendizado, desfazendo-as com os movimentos de um corpo todo.

A composição entre corpos que entendem os movimentos das opressões sobre si pode funcionar como uma percepção de que resistências não são ações individuais, mas sim que corpos aprendem entre si. As composições e compartilhamentos de experiências com as opressões criam ações compostas que forçam constantemente as fronteiras impostas por essas opressões, agindo sobre elas e para além delas, transformando fronteiras em espaços de criação de vidas possíveis de ser bem vividas. Mover-me em composição tem a ver com perceber-me um corpo atravessado por opressões que pretendem me individualizar, fazer da minha vida a própria opressão vivida, de modo que corpo e opressão se misturem tanto ao ponto de serem defendidos conjuntamente como uma identidade; isso é o que fica. Uma percepção de si de um outro modo provoca um espaço vazio para o corpo, um abandono daquilo que foi produzido para ser confortável para si, uma suspeita de que aquilo que se abandonou era a única forma de ser; ao mesmo tempo, pode servir como pista de que modos de vida podem ser inventados, porque vidas são diferentes, e corpos também. E são as diferenças, quando compostas entre si, que possibilitam a vida para além da regra organizadora que pretende corpos como organismos humanos a serviço da economia que os retira a possibilidade de sentir para além do que é vendido como prazer, de viver para além daquilo que foi incorporado como corpo.

Corposição e corpo podem ser pensados como exercícios de decolonialidade do corpo. O corpo colonial, atravessado pelas identidades e identificações cada vez mais produzidas para conter, é um corpo fronteiro, vive em desestabilização e permanece como possibilidade de ser, apesar do endurecimento constante das categorias definidoras da vida no sempre novo capitalismo neoliberal. Pensar em um corpo no *Brazyl* é pensar em um corpo minorizado: em uma esfera global, brasileiros serão categorizados como brasileiros pelos Nortes, não serão brancos o suficiente, heterocis o suficiente, cristãos o suficiente, precisamente porque as periferias do mundo foram obrigadas a viver a busca do sonho de se parecer com a referência da modernidade sem nunca a alcançar. Seguindo as sofisticções coloniais, os corpos *brazyleiros* aprenderam desde cedo a se separarem entre si, sofisticando o exercício global de delimitar quem pode e quem não pode ser reconhecido como humano.

Como decolonialidade do corpo, composições são orientadas no sentido de corpor-se com aquilo que é considerado menor, sem valor, desconsiderado como saber, como vida e como corpo, porque ser maior é apenas a confirmação de que se vive e aprende-se sob hierarquias que estabelecem uma competição para alcançar a superioridade; corpos que se pensam como maiores vivem apresentando seus testemunhos de superação. A superioridade colonial incorpora o combate que não tem outra função se não o enfraquecimento e a destruição de

corpos e pensamentos para a dominação posterior de ambos. A oposição serve à dominação. Domina-se tudo para instaurar em cada corpo a busca incessante por tornar-se o próximo superior: um exercício de colonização de si e consequente colonização do outro. Quando corpos minorizados desarticulam de si a necessidade de permanecer sob o enfrentamento direto com o superior corpo maior, colaboram para o desfazimento de uma norma sobre si, de seus efeitos perversos sobre como se sente, pensa, age; uma desarticulação opressiva pode ser exercitada pelo corpo para se desfazer da necessidade de continuar perdendo para a norma.

Seguindo o exercício decolonial de compor o corpo com as histórias desvalorizadas, aquelas que são menores e sem importância para o sistema de dominação global, quero sugerir alguns exercícios que aprendi em momentos diferentes e criar uma aglomeração que possa abrir caminhos para outros movimentos de desconfiança das colonialidades nossas de cada dia. Para corpor outras formas de sentir, viver, apresentar e ser o corpo, conto experiências que vivi com três corpos: Andíssima, Natasha e Maicon, três bichas que moravam no mesmo bairro que eu e que ocupam esta escrita oferecendo mais movimentos para as corposições, momentos de boniteza que precisam ser registrados. Vamos ver no que dá...

2.5.1 A MÃO DO PODER

Era quase Carnaval. Em São João del Rei, o Carnaval passa por algumas etapas: alguns meses antes, as escolas de samba iniciam as escolhas de enredo, as seleções das madrinhas de bateria e os ensaios envolvendo baterias, enredos e comissões de frente; algumas semanas antes, os blocos se organizam e definem os dias de desfile, alguns selecionam as rainhas de bateria para comporem o desfile; o Carnaval, em Sanjas, dura quase duas semanas. Isso significa que é um acontecimento que ocupa quase todo o início do ano.

Foi durante a seleção da rainha de bateria do Bloco das Piranhas que ele beijou a mão dela. O Bloco das Piranhas é um bloco do bairro Tijuco que desfila na tarde do domingo de Carnaval, é o único que seleciona como rainhas de bateria as bichas, as travestis e as mulheres trans. E lá estava ela, Andíssima, também conhecida como Angel McLaren, concorrendo ao título de rainha com outras tantas bonitezas. A quadra poliesportiva do São Caetano estava lotada, famílias inteiras reunidas para aproveitarem a música e a bebida e o babado certo do evento tijucano. Andíssima estava lindérrima, como sempre, com uma fantasia toda preta, combinando com seus cabelos pesados que alcançavam a cintura; suas sandálias de salto agulha eram trançadas dos pés até as coxas, sua calcinha era tão delicada que quase não era percebida, a transparência do *corselet* mostrava a sua pele e deixava perceber os movimentos do tronco

com o quadril. Ela usava luvas de veludo acima do cotovelo, gargantilha e brincos de *strass*; o cabelo, puxado em um rabo de cavalo bem alto, confundia-se com as penas pretas do esplendor que ela usava. Andíssima estava vestida de rainha e não restavam dúvidas.

Muita gente estava ali torcendo por ela, a bicha era conhecida no bairro, professora de Física, era procurada constantemente pelos ocós que queriam passar nas provas das instituições militares. Com as suas aulas, os ocós fechavam as provas de exatas dos concursos todos, a bicha era uma boniteza só, ainda é. Seu pai também estava lá e a história que rondava era que ele sentia vergonha da filha, que a expulsara de casa por não ser macho e que ela, para dar o troco, passava nos concursos militares mais concorridos e não assumia a vaga, de propósito. O fato é que existia um constante movimento de desautorização da bicha por causa do nome do Pai, que ainda hoje precisa ser mantido como superior, seja pelo amor, seja pela violência. Eu não sei o que o pai dela sentia durante o evento, mas posso imaginar que a boniteza da bicha tenha causado tremores inesquecíveis no pai que presenciava aquele espetáculo de um corpo bicha em vias de ser a rainha das Piranhas.

O concurso começou, a bateria ensaiou o enredo do ano, as bichas foram apresentadas, cada uma sambou o samba da forma como compuseram, enquanto a plateia gritava o chamamento do bloco: **Ahhhhh! Eu sou Piranhaaaa!** Até que chegou o momento de anunciar a bicha que seria a rainha das Piranhas daquele ano. Um semicírculo formou-se em torno da bateria e das candidatas ao título, a tensão tomou os corpos que aguardavam o resultado anunciado pelo locutor: a rainha das Piranhas deste ano é... Andíssimaaaa!

Gritos, berros, assovios, palmas e abraços aconteceram ao mesmo tempo, celebrando a vitória da bicha professora que arrasava na montagem e no samba no pé. A rainha das Piranhas era celebrada por todos os corpos, inclusive os das candidatas, muita gente queria que Andíssima fosse a nova rainha e ela foi. A bateria retomou o babado, o Tijuco sambou com a bicha o enredo daquele ano, a boniteza estava em seu auge até que a feiura quis tomar a cena. Um silêncio foi se instalando entre os corpos que acompanhavam o corpo do pai de Andíssima se aproximando dela, outro semicírculo se formou para assistir ao que aconteceria: o que será que esperavam? O que seria possível de acontecer em um momento como aquele?

Ele chegou perto dela, ela olhou para ele com os olhos de quem perguntava: okié que cê tá fazênu? Ele olhou para baixo, aproveitou o silêncio conquistado e, para satisfazer à espera dos corpos tijucanos, abriu a boca e disse: – Você me desculpa?

Ninguém sabia o que dizer, mas Andíssima permanecia linda, com os saltos fincados no chão e o corpo querendo entender toda aquela cena organizada para a feiura da heterocisnorma. Ela não respondeu nada, apenas continuou olhando para ele, que repetiu: – Me desculpa,

filho? Tô te pedindo desculpas.

A tensão insuportável e a expectativa angustiante foram cortadas por Andíssima: – Ajoelha! E ele olhou incrédulo para a filha... Ela repetiu: – Ajoelha! Ele foi ajoelhando devagar e olhou constrangido para a galera que aguardava a próxima ação de Andíssima.

Ela olhou para a quadra, para as candidatas que abriam um sorriso de apoio e deboche, e foi cortando a tensão com seus movimentos enquanto tirava a luva do braço esquerdo. Tirou devagar, dedo por dedo, aumentando o constrangimento e, imagino, a dor nos joelhos do pai que continuava esperando as suas desculpas. Com a mão esquerda sem a luva de veludo, Andíssima estendeu o braço em direção a ele, desmunhecou, mostrou as unhas, aproximou o dorso da mão ao rosto do pai e disse: – Beija a minha mão!

Ele não sabia o que dizer e só podia fazer o que ela ordenava: – Beija a minha mão!

Ele beijou.

O silêncio não existia mais, a plateia gritava mais alto que as baterias para celebrar mais uma vitória da bicha rainha. Ele estava constrangido pelo beijo e ninguém conseguiu ouvir se Andíssima havia aceitado as suas desculpas, só deu pra ver ele ensaiando um abraço que não foi correspondido por ela. Eu estava lá, uma bichinha adolescente assistindo àquela cena que poderia ser muito bem interpretada como a reunião de pai e filha, mas que, em mim, compôs outra maneira de lidar com as humilhações que eu sofria dos machos da família. Para mim, Andíssima não precisava das desculpas dele, nunca precisou; aquele momento serviu como aprendizado para o bairro todo de que uma bicha não precisa de família para ser uma rainha, que uma bicha não precisa se mover pelas relações familiares quando se relaciona pela composição de amizades, de alianças possíveis, em trânsito. Essa história da Andíssima compõe movimentos em corposição, mostra a ação de um corpo para viver bem, apesar da regra que se impõe, ensinando a outros corpos outras maneiras de se mover: subverter hierarquias é envergonhar o sistema patriarcal, expor as feiuras, constranger os movimentos machos que pretendem impedir os corpos bichas e viver apesar deles. Andíssima não sabe, mas moveu em mim maneiras de subverter hierarquias com samba no pé.

2.5.2 QUINZE ANOS EM UM DIA

Entre tantos horrores, um que ainda permanece comum nas adolescências na colônia heterocis, branca e cristã é o ritual de celebração da passagem do corpo feminino heterocis de menina para mulher. A festa de 15 anos ou de debutante é um evento esperado por muitas garotas heterocis; tem origem na Europa do século XVI e inventou um costume das famílias

burguesas de organizar uma celebração para a apresentação social da filha que se tornara mulher. Basicamente, era um modo da família burguesa dar um jeito de andar com a vida do corpo que nascera mulher e que, por isso, deveria ser logo propriedade de um homem e continuar o ciclo de reprodução da família entre todos os corpos. Aqui no *Brazyl*, as festas de debutante tornaram-se mais um grande negócio da heterocisnorma, juntamente com o aviso do nascimento, a vergonha da menstruação, a despedida de solteiro, a celebração da monogamia e a gravidez da mesmice. Uma festa de debutante pode custar até noventa mil reais – tá vendo quanto custa manter uma norma, meu pêin?

Eu já fiz 15 anos há tempos e estou no processo de encacuramento como qualquer outra bicha existente no planeta, mas encacurar não pode ser sinônimo de assimilação e nem de emburrecimento, mesmo porque a zenty que não participa do negócio da heterocisnorma aprende desde cedo a sacar toda a parafernália necessária ao cumprimento dos rituais de celebração da norma. Aprender a desconfiar do que é reproduzido como norma de vida é um exercício que compõe a vida de um corpo bicha. A maior vingança de um corpo não heterocis, não branco e não cristão frente à permanência da colonialidade é encacurar. Foi numa festa de quinze anos que eu aprendi com ela, passo a passo, como dar o truque no funcionamento das normas, não apenas isso, aprendi a dar o truque com glamour, boniteza e tudo o que pode uma bicha.

– Natasha vai dar uma festa de 15 anos! – Era o que as adolescentes da rua repetiam o dia todo. Eu também falava para todas as pessoas, curiosa para saber como Natasha conseguira tal proeza, invejando a sua conquista: a bicha branca que fingia não ser bicha com inveja da bicha preta que celebrava a sua vida, a feiura não para de invejar a boniteza, te falei? Eu olhava para o convite e sorria, achando que debochava de Natasha, mas o vexame era eu, eram as adolescentes que receberam o convite e, mesmo assim, debocharam da Natasha.

Mas Natasha não era boba, mandou os convites quando tudo estava muito próximo de acontecer, depois de ter organizado tudo; uma bicha preparada como a Natasha sabe muito bem o significado de manter-se pronta pro babado certo. A zenty teve pouco tempo para se organizar e Natasha fazia questão de exigir de cada convidado a presença no dia do evento: – Cê vai, né!? Não tinha como não responder afirmativamente à Natasha. Tudo aconteceria no fim de semana seguinte e os burburinhos eram de como seria a festa, o que aconteceria na cerimônia, como é que Natasha conseguira aquele feito. Ninguém queria saber como é que Natasha conseguira dinheiro, mas como mobilizara a igreja, o padre, a paróquia do bairro para a celebração dos quinze anos da bicha negra e empobrecida, do jeito que ela queria que fosse, do jeito que deveria ser. Os convidados de Natasha queriam que ela fosse feita de deboche, aguardavam

ansiosamente pelo vexame na missa, criavam histórias de fracasso para Natasha em sua festa.

O sábado chegou, as fofocas tornaram-se expectativas, todo mundo se arrumava para comparecer à missa dos 15 anos de Natasha, que aconteceria na Paróquia de São Caetano, às 17h. A igreja estava decorada com pequenos buquês de flores em cada banco, ligados por fitas alaranjadas. Um tapete se estendia da entrada ao altar, onde estavam as cadeiras para receber os 15 pares de corpos que representariam cada ano da vida de Natasha, também enfeitadas com flores e fitas. Entramos, sentamos e aguardamos o início da missa. O padre entrou, abençoou o momento e deu início à celebração de Natasha: um a um, cada par entrava lentamente pela igreja. Acompanhados por uma valsa bem harmônica, formavam lentamente um corredor para a entrada de Natasha. Ela surgia na entrada da igreja, no início do corredor, vestindo sapatos, calças, camisa e blazer de um amarelo claro, a pele brilhante e gloss nos lábios, linda, elegantchy e sincera; caminhava lentamente pelo corredor de pares até o altar, olhando para os convidados, sorrindo e acenando brevemente; era seguida pelos pares que, coreografados, sentavam-se nas cadeiras ao lado dela. O padre realizou a cerimônia com todo o cuidado e a zenty ali, passada.edu.br. Acabada a cerimônia, nossas caras ainda não estavam tão perfeitamente lavadas pelos truques antinorma de Natasha: a festa nos aguardava.

A igreja era perto da casa de Natasha e descemos a pé, conversando e meio atordoados pela missa da bicha. A festa aconteceria no terraço da casa de Natasha, as mesas estavam montadas, salgadinhos aos montes, cerveja, refrigerantes, um bolo de três andares, um DJ, luzes coloridas, fotógrafo, fumaça e uma foto dela, bem grande, atrás da mesa do bolo. Fomos nos encontrando nas mesas marcadas por Natasha, comendo, conversando, bebendo e aguardando a subida da bicha, que já demorava um pouco. A mãe de Natasha conversou com o DJ, a música ficou baixa até sumir, a fumaça aumentou, as luzes ficaram menos intensas e a valsa começou a tocar. Natasha surgia da escada, com uma peruca preta muito bem penteada e cheia de acessórios que a faziam brilhar muito, um vestido rosado, apertado na cintura, decotado nos peitos e flutuante como deveria ser, compondo perfeitamente as cores da igreja, das mesas, da festa toda. Natasha encontrou-se com a mãe e elas dançaram a valsa que celebrava os 15 anos da bicha, que a apresentavam para nós como uma outra pessoa, aquela que ensinava a todos os corpos presentes que é preciso aprender a dar o truque nas normas que nos aprisionam a todos e a cada um, a todo momento.

A valsa terminou, as luzes se acenderam e estouraram confetes prateados para todos os lados. A zenty gritava horrores, assoviava alto, batia palmas e ouvíamos o coro que levou todos os corpos no mesmo movimento: Viva a Natashaaaa. Vivaaaaaa! A festa estava oficialmente iniciada; a heterocisnorma, o branquismo e o cristianismo estavam desautorizados desde a

confeção dos convites até o fim da festa organizada por Natasha e pela sua mãe; as adolescentes aprenderam que uma festa só era possível quando quebrava as regras vigentes, que só se celebrava aquilo que era novo, que as normas serviam para serem quebradas.

Do meio da festa para o fim, Natasha me chamou e falou que queria abrir meu presente. Eu disse a ela que não havia levado presente, porque não tinha dinheiro e que depois compraria algo para ela. Ela sabia disso e continuou: vamos lá embaixo, rapidinho. Eu demorei, mas entendi e desci com ela. Chegamos no seu quarto, a festa rolava no terraço, a música estava bem alta e ela verificou se ninguém estaria nos vendo. Estávamos sozinhas, ela chegou perto de mim, agarrou meu pau e disse: – Eu quero meu presente e você vai me dar! Desceu minhas calças, subiu o vestido que usava para a festa, desceu a calcinha e nos agarramos por um tempo. Com medo de alguém descer do terraço, fizemos tudo muito rápido, transamos, gozamos, gostamos e rimos do apavoramento criado por nós. Sentamo-nos na cama e Natasha disse que estava feliz, que fizera tudo do jeito que queria, e eu fiquei pensando se o sexo comigo também era parte do projeto dela. Não perguntei nada, apenas ajeitamos as roupas e subimos novamente, encarando azamiguy que nos olhavam, desconfiadas pela demora e pelo sumiço. Natasha logo devolveu: – Iiiii, zenty! Não aconteceu nada não, só levei o Vini pra me ajudar a abrir uns presentes neah, Vini? Soltei um Éáh pouco convincente e seguimos até o fim da festa.

A história com Natasha corpõe minhas investigações com a importância de dar o truque, de usar o próprio corpo como uma armadilha para a heterocisnorma, para o branquismo, para o cristianismo, de modo a ocupar seus sistemas de saber, seus rituais, suas celebrações com todos os corpos. Natasha me ensinou que o truque é um modo de destruir uma lógica opressiva de dentro e ainda fazer todos os corpos normalizados baterem palmas e assoviarem para a destruição de seus modos de fazer. Natasha e eu transamos algumas outras vezes durante nossas adolescências e ela combinou comigo de não contar nada para ninguém, tudo muito escondido. Eu achava que estava segura no nosso segredo, mas hoje percebo que Natasha, aquela bicha maravilhosa capaz de hackear um ritual heterocis, branco e cristão com tanta inteligência, devia mesmo era ter vergonha de transar com uma bicha adolescente que agonizava na tentativa de se parecer com um macho e se esconder no sigilo.

2.5.3 OCUPAÇÕES PERIGOSAS

A música “Perigosa” compõe o álbum, lançado em 1977, pelas Frenéticas, que leva o nome do grupo. As Frenéticas foi um grupo formado por Dhu Moraes, Edyr Duque, Leiloca Neves, Lidoka Martuscelli, Regina Chaves e Sandra Pêra: seis mulheres que montaram um

grupo artístico performático que fez sucesso a partir da novela *Dancing Days*, tornando-se referência Disco no Brasil da década de 1980, quando se iniciava uma abertura democrática após a ditadura iniciada com o Golpe de 1964. A formação do grupo foi possível por conta do sucesso mundial chamado Dzi Croquettes, um grupo composto por treze bichas que se utilizavam do teatro, da dança, da música e da performance como formas de escrachar o recrudescimento do regime de poder que, para além de reforçar o capitalismo por meio do consumismo desenfreado, forçava a reprodução das normas sexuais hétero e de gênero cis através de instituições como a família, o cristianismo e o militarismo da ditadura. Compostas com o movimento contracultural, Bayard Tonelli, Benedito Lacerda, Ciro Barcelos, Carlos Machado, Claudio Gaya, Claudio Tovar, Eloi Simões, Paulo Bacellar, Reginaldo de Poli, Rogerio de Poli, Roberto de Rodrigues, Wagner Ribeiro e Lennie Dale debochavam da instituição familiar ao relacionarem-se como uma família em desorganização constante; cada uma tinha um nome e uma posição na desorganização familiar das bichas performáticas.

Dzi Croquettes criaram outros modos de se relacionar, outras relações de parentesco que retiravam o poder do nome do Pai, outras maneiras de compor um espetáculo teatral, de pensar o corpo, de investigar a sexualidade, de desfazer as imposições do gênero; outras formas de criar eram possíveis para dar o truque no regime ditatorial que estabeleceu censuras cada vez mais absurdas. O modo Dzi de vida foi tão intenso que atraiu muitas fãs, pessoas desesperadas por alguma possibilidade de viver apesar do horror que a Ditadura Militar impunha aos corpos brasileiros. A presença constante das fãs fez com que um vocábulo fosse criado: “tietes” foi a palavra inventada para designar aquelas fãs obcecadas que queriam, de qualquer forma, fazer parte do dia e da vida dos ídolos, aquelas que acompanhavam todo e qualquer movimento deles. As Frenéticas eram tietes das Dzi Croquettes e foram produzidas como grupo com a ajuda destas. Wagner Ribeiro, inclusive, assina a música “Vingativa”, um tango debochado que compõe o álbum. Um grupo de bichas foi responsável pela formação de um grupo de mulheres que arrasaram com suas bicharias nos palcos da era Disco brasileira. Ah, se não fossem as bichas...

Eu sei que eu sou / Bonita e gostosa / E sei que você / Me olha e me quer / Eu sou
uma fera / De pele macia / Cuidado, garoto, / Eu sou perigosa (MOTTA; LEE;
CARVALHO, 1977).

Durante um período, era comum ouvir essa música sendo cantada pelo quarteirão onde eu morava na adolescência. A casa da minha avó paterna ficava próxima à margem do córrego do Lenheiro. Na formação colonial de São João del Rei, a ocupação territorial se deu próxima das margens dos rios e córregos. Conforme a riqueza ia sendo desigualmente distribuída, as

famílias ricas se distanciavam, subindo para os altos e deixando as famílias empobrecidas margeadas pelas águas exploradas pelo ciclo do ouro. As casas das famílias importantes eram marcadas de todas as formas, incluindo a composição de um telhado triplo, com suas camadas expostas. Eira, beira e tribeira eram os nomes das camadas dos telhados ricos. As famílias empobrecidas e as pessoas que não correspondiam às normas sociais vigentes na cidade colonial eram chamadas de “sem eira, nem beira”. Naquele quarteirão do bairro Tijuco, palavra que também significa “lamaçal”, As Frenéticas foram cantadas diversas vezes e as casas sem eira nem beira eram seu público mais fiel. Bastava anoitecer e as pessoas se recolherem para começar a cantoria, pausada a cada verso. Era a Maicon a responsável por levar as Frenéticas para dentro das casas quando anoitecia, ninguém sabia por que ela fazia isso, apenas ouviam e, no outro dia, acordavam cantarolando a mesma música, enquanto encontravam as marcas de Maicon nas paredes das suas casas.

*Eu tenho um veneno / No doce da boca / Eu tenho um demônio / Guardado no peito
/ Eu tenho uma faca / No brilho dos olhos / Eu tenho uma louca / Dentro de mim
(MOTTA; LEE; CARVALHO, 1977).*

Maicon vivia no mesmo quarteirão que eu e fazia parte da turminha de adolescentes que conviviam ali; era uma bicha pequena e albina que vivia em uma família que representava mais um perigo do que um conforto para a sua vida. Conhecer a Maicon era saber que ela não se movia pelo medo, que não tinha tempo a perder com o que pensavam dela e fazia o que queria fazer desde muito nova: foi Maicon quem me ensinou a usar o cabo de vassoura como dildo e a usar as maquiagens das tias sem que desconfiassem; ela foi a primeira bicha que eu vi organizar os ocós do quarteirão em fila, todos com o pau para fora para que ela pudesse chupar um por um, dando as notas em seguida. Maicon não tinha eira nem beira, muito menos tribeira. Maicon era um sussexo a ser reconhecido! Era assim que ela catava o batom de alguma das suas tias, aguardava a noite chegar e as casas se fecharem para cercar o quarteirão, marcando a parede de cada casa com um beijo de batom vermelho a cada verso cantarolado de seu feitiço, frenética e perigosa.

*Eu posso te dar um pouco de fogo / Eu posso prender você, meu escravo / Eu faço
você feliz e sem medo / Eu vou fazer você ficar louco / Muito louco, muito louco /
Dentro de mim (MOTTA; LEE; CARVALHO, 1977).*

A dúvida pairou por algum tempo: quem é que marcava toda semana as paredes das casas com um beijo vermelho? Quem poderia ser? Mas a Maicon não queria segredos e disse logo que era ela, acabando com a dúvida e gerando pequenas raivas por causa das paredes sujas. Ela nem ligava e passava rindo das mulheres heterocis que esfregavam as paredes com sabão

para apagarem o beijo que se repetiria no próximo fim de semana ou na próxima noite. A Maicon passou a ocupar todas e cada casa, fazia parte dos assuntos das famílias no café da manhã, impedia o sono das mulheres heterocis e brancas e cristonas, que agora passavam períodos das noites de butuca nas janelas, escondidas para tentarem pegar a Maicon no pulo. Mas seria mais fácil tentar construir um telhado triplo do zero. A Maicon era esperta, sabia que elas estavam querendo confusão e passava igual a uma gata, ligeira e elegante, sem deixar de cantarolar seu manifesto, frenética e perigosa. Os beijos da Maicon fizeram do quarteirão a ocupação de uma bicha que beijava paredes e anunciava-se como bonita, gostosa, desejável e, o mais importante, perigoza.

Ninguém brigou com ela, nenhuma mulher heterocis conseguiu capturá-la e ela continuou atormentando os corpos das famílias e das casas sem dizer nada a eles, sem causar nenhum tipo de dano. Ela apenas ocupava o território com uma marca de batom que era um beijo, que era um corpo, que era uma performance, que era uma história e que atualizava nas paredes a história de seis mulheres que fizeram sucesso no Brasil todo depois de serem atravessadas pelas ideias de treze bichas performáticas que mudaram as formas de pensar arte, corpo, sexualidade e vida num dos períodos mais absurdos da nossa história.

A história da Maicon corpõe este exercício de investigação com a possibilidade de ocupar territórios com beijos, de marcar as paredes das casas e os corpos das famílias com a dúvida, o desejo e a vontade de ser perigosa, gostosa, bonita. Maicon me ensinou a me mover para além da vergonha e do perigo, a produzir-me como a boniteza em movimento, pelas paredes, pelas casas, pelos corpos, pelas cidades, pelas vidas, com a boca e com a marquinha de batom. Tudo isso sem jamais deixar de atormentar os telhados triplos que limitam corpos pela obrigação de reproduzirem heterocissexismos, racismos e cristianismos. Maicon já cagava para tudo isso e lançava seus beijos como manifestos que ocupavam a noite, as paredes, a casa e os corpos das famílias. Ela ainda avisava com carinho: – Cuidado, garoto, eu sou perigosa e vou fazer você ficar louca, muito louca, dentro de mim.

Foi com a Maicon que eu aprendi que nenhum corpo precisa de eira, nem beira ou tribeira para criar movimento, que as bicha se move no lamaçal, nas ruas, nas casas, córregos, rios e morros, que ser perigoza tem muita relação com a boniteza de se criar como um corpo que sabe que é bonita, que sabe que é gostosa e que cria as maneiras de avisar para todos os corpos que é frenética, que é Dzi, que é perigoza!

3 MOVIMENTO TRÊIS: DESEJAR E ANUNCIAR UM CORPO

- Aqueles que começaram queimando livros, acabaram...
- *GarÔta!* Aqui no *Brazyl* eles já começaram queimando as pessoa-pelo-amor-de-deus.
- Interrompeu Michele, como um raio, uma mão na cintura, e a outra estendida à frente, punho flexionado, dedos abertos, em posição de *Stop, gata!* Enquanto Dindi, paralisada, com o livro em mãos, aguardava o samba que iria começar, *tachita táchi*.
- *Prestensão!* Os cristãos colonizadores foram os primeiros a escrever cartas ao Rei *portugays* horrorizados com a sexualidade dos povos indígenas. Os corpinhos cristãos heteroimbecis ficaram chocados com o fato de outros corpos darem o cu, a ponto de pensarem não serem humanos, pode, isso? A inquisição liberou a doidêra em cima das bicha, já foi crime ser bicha no *Brazyl*, sabia? Foi da Igreja Cristona que veio a primeira culpabilização: **PECADORAS!** Precisam ser salvas e: fogo nas bicha! *Tivira* ou *tibira* era como o povo Tubinambá chamava as bicha. Foi também o nome que estava no primeiro assassinato homofóbico do *Brazyl*, na inquisição, o indígena “Tibira”. As famílias mandavam as bicha para os conventos para serem consertadas. Fomos estudadas pela psiquiatria, pela medicina, pela psicologia, a ciência tentou que tentou achar uma causa da homossexualidade, chamavam com *ismo*, um sufixo que remete à doença: **DOENTES!** A família e a pátria foram se tornando um discurso mais repressor ainda e, pra família, as bicha é o quê? **VERGONHA!** Muitas famílias sentem vergonha e expulsam as bicha. O neopentecostalismo criou um verdadeiro mercado de cura homossexual no *paíz*, embarcados nas tentativas da ciência. Demoraram vinte-e-um-anos para uma cena de sexo entre as homem-gay aparecer na televisão *brazyleira*, meu bem! O negócio atingiu o corpo, querida, como se a gente precisasse de um tipo de permissão heterocis para existir: tudo bem ser homossexual, mas não precisa ser bicha, né? Na política a gente também não podia entrar, nem na esquerda, *meuamô*, política era coisa pra *homimacho*, diziam. Ter bicha era manchar a imagem do partido. Até as bicha-macho debocham das bicha-bicha, parece que aqui tudo que é feminino é menor, que coisa idiota! Daí chegou a aids, que era escrita com letras enormes e vermelhas, como um alerta para a população do perigo que o câncer gay representava; câncer gay, *viado*, tem condição? Igreja, mídia e medicina embarcando numa onda de horror que atingia as bicha tudo, acharam a maneira de culpar alguém ao mesmo tempo em que negligenciavam atendimentos de saúde: a aids é o castigo heterocis cristão e branco para as bicha! Castigaram e ainda castigam aqui no *Brazyl*, porque a pandemia de aids, *meuamô*, ainda está entre nós. A Igreja foi contra a camisinha, *viaaaado*, vê se pode? Parece que a gente

sempre tem que tá ali, ó, prontinha, pra incorporar a vítima que é necessária para as heteroimbecis se sentirem tranquilas.

– Ahhhh, mas a gente cria no meio disso, né?

– Como assim, *garÔta*? Criar no meio desse horror?

– Ué, a gente tá aqui, não tá? A gente criou alguma coisa, sei lá, criamos vida e...

– Mas a história mostra...

– Olha aqui, querida?! A senhora não me interrompe, **NÃO!** *Cê* quis falar-eu-deixei-e-*A-gó-ra* me *Ês-cÚ-tÁ*: okay que a história mostra isso, que mostre mesmo, que mostre muito e mostre sempre. Mas a coisa não é o tanto de vez que essas merda toda que você-sabe-muito-bem aconteceram e tudo-e-tal, porque elas já aconteceram, estão lá na história e a gente precisa mesmo conhecer que elas aconteceram, entender que elas acontecerão novamentchy e que se movimentam em ciclos de trinta anos e seja-lá-o-que-for toda essa coisa que parece que nunca mais vai acabar. Entendo o horror, de fato, e como ele pesa mais ou menos, dependendo das circunstâncias dos corpos... Acho muito fácil falar das circunstâncias-dos-corpos, na verdade é como os corpos estão cada vez mais fodidos pela economia-política neoliberal cristona e multinacional e heterocis que só arrebenta nas pessoas mais vulnerabilizadas; política de morte, é uma tristeza só, um governo para eliminar pessoas, *viAdo*, isso é pra matar todo mundo, pra eliminar as pessoas de tudo quanto é lugar e fazendo uma galera de gente acreditar que é em *nome-de-deus-da-família-moral-e-bons-costumes*, é um horror mesmo, menina. Reze enquanto morre! Não pense em crise, trabalhe! O nome disso é *DÓi-dÊ-ra heterocis, racista e cristona, kirida*. O babado é que se a gente tá aqui nesse lugar que se movimenta por essas conexões de horror em horror, pra gente não ficar sempre horrorizada com aquela cara que grita por socorro, o que é que a gente faz? Cria, ué! Pelo menos vida a gente cria, a nossa vida a gente cria e a gente pode movimentar alguma coisa dessas circunstâncias que atravessam nosso corpo, a gente pode exercitar outro babado, sabe? Outra maneira, de-outro-jeito e... Como se o horror virasse pra gente, com as duas mãos na cintura e debochasse: *Tivira, viado!* E a gente tivesse mesmo que *civirá* e insistir de novo, criar! E as bicha sabe dá o truque, *né nóm?* A gente desliza até sem perceber, a gente faz *striptease* no inferno, *quê-ri-dá!* As bicha dança, atua, apresenta, desfila, dá aula, pinta, maquia, penteia, faz faxina, cozinha, cuida da mãe, da irmã, ajuda *azamiga*, estuda horrores, milita, com arte, ativismo é legal demais, né? Olha só o tanto de coisa que as bicha faz, que as bicha fez pra resistir ao horror que é ser bicha neste *paíz* que tem um monte de gente escrota querendo as bicha morta. **As bicha FEZ! As bicha FAZ!** *Tâmo* em tudo quanto é lugar, *buneca*, até nas Igrejas e na Política, a gente tá nas Universidades, *Rã-ney*. As bicha aprendeu a permanecer em movimento de mudança constante, principalmente em

momentos de horror, as bicha escapa, cria de novo, se monta e vai: **NEXT!** A gente sobreviveu à aids, mona! **AIDS**, você falou aí: um heterocistema de morte contra as bicha. Tamo vivendo apesar da aids, meu *pêim!* E atentas e alertas para os estigmas que ainda circulam nos corpíchos. *Viado*, a medicina, a mídia e a igreja colocaram a culpa da aids na gente, *viaaado*, você disse aí! Pra você ver como é que a gente resistiu ao horror de perdermos, mais uma vez, nossa humanidade, que palavra mais mentirosa! As bicha fez arte na guerra, na *dita-durÁ!*

– É isso! Importa é que a zenty vive apesar do horror. E viver apesar é uma forma de criar outros modos de olhar, de sentir, de pensar, de viver...

– É por isso que a zenty *num para num para num para não*. Só dá pra viver se for distante dessa merda toda que é jogada *ninóis*. **Correr pras montanha!** Num foi a Lélia que falou sobre as marronages, aquelas formas de organização livre e não branca que eram realizadas pelos povos negros nas Américas para fugir do sistema colonial branco?

– Nossa, eu li um trabalho da Ochy Curriel de 2009 que fala sobre cimarronaje, que tem a ver com os povos negros que resistiram à escravização na região do Caribe. Cimarrón era o nome dado pelos colonizadores espanhóis às pessoas negras que se rebelavam contra as explorações e fugiam, sozinhas ou em conjunto, para os altos dos morros, nos cumes das montanhas.

– Olha, *minyna!* Parece que a zenty tava até pensando a mesma coisa. A Lélia fala que foi nessa fuga do sistema colonial imposto que se formaram os quilombos, que são sinônimo de marronage. Babado, né? E essas marronages só permaneceram por serem organizações matrilineares que se formavam longe dos centros de poder, com outra dinâmica, na qual as mulheres negras tinham imensa importância. Ela ainda fala da Grandy Nanny, uma figura representativa, ancestral e mítica dos povos marrons, poderosíssima! A mediadora entre vivos e mortos, a que faz acontecer, a babadeyra!

– E a Ochy ainda pega a ideia e sugere uma cimarronaje intelectual, uma forma de fugir da obrigação de aprender as regras do homem branco colonizador. E quilombo é muito mais que uma forma de organização social, neah? É uma outra composição das relações entre as vidas e os saberes de corpos em movimento, uma cosmologia.

– Ma-ra-vi-lho-sa! Mas as montanhas do corpo não podem ser no cérebro, né?

– Nem pensar, gata! Se a gente tá na colônia, tem mais é que saber que a cabeça é o templo e o cérebro, o general.

– Então as montanhas tão na bunda!

– E nosso esconderijo é o cu!

– Hahahahaha. Vamo fazer quiném a Nanny e engolir as armas dos colonizadores com a bunda. Eu Prê-ci-so encontrar esse livro agora pra anotar aqui. Cê sabe onde é que tá?

– Sei lá, bicha. Referência, agora?! Bora terminar de montar, que eu não sou obrigada a ficar aqui na sua casa a *noite-tôdah!*

– Aqui, ó: *Por um feminismo afrolatinoamericano.*

– Améfrica Ladina, meu amô, aqui vamos nuas!

Figura 9 – Alegria de propósito



Fonte: Ilustração da bicha

A ilustração da Figura 9 mostra, em segundo plano e em tons de cinza, uma rua com curvas, cercada por muitos prédios. Ao centro da rua está uma sequência de bandeiras de movimentos sociais diversos e pontos coloridos ligando uma bandeira à outra. Em primeiro

plano está uma imensa bota vermelha de salto agulha; nela estão os dizeres “ALEGRIA DE PROPÓSITO”, com as letras em cores variadas. A bota pisa em um corpo que usa terno e sapatos cinzas e uma faixa em verde e amarelo com uma laranja na extremidade no lugar do braço, esmagando a sua cabeça com a base e o pênis com o salto. Da cabeça esmagada sai uma poça de sangue e do pênis uma poça de urina. O corpo esmagado segura uma bíblia cristã na mão esquerda, tem bolos de dinheiro ao seu lado e uma mamadeira de piroca. Dele saem os dizeres: “DEUS ACIMA DE TU ”

3.1 A Educação (também é) Física

Antes de um corpo nascer, ele já estava desenhado, já tinha uma forma esperada, uma expectativa para preencher, uma função a desempenhar, uma educação para aprender, um ser para caber, um corpo para ser. O manto branco protegeu um corpo do frio para que fosse levado ao conhecimento de todos os outros corpos que o elogiavam de todas as formas: vai ser garanhão, forte, peludo, lindo, macho, vai dar trabalho, vai comer a vizinhança toda, vai ser um sucesso igual ao pai. Vai ser bonita, meiga, educada, trabalhadora, singela, quieta, vai se casar bem, vai ser de família igual à mãe, o importante é que venha com saúde! Um corpo nasceu pronto para caber em fôrmas de príncipe ou princesa, sem saber de todo o ritual preparado para que ele se transformasse em alguma das duas criações de um deus branco e heterocis que o abençoará e marcará com o nome do pai, escolhido pela mãe, fruto de um pecado que dizem ser original, mas que só originou uma dívida impagável. Um amém e assim se fez o corpo do filho do homem, nomeado pelo homem e autorizado pelo homem a ser mais um corpo no mundo dos homens brancos heterocis e cristãos.

Antes do corpo nascer sua vida já estava atrasada, porque o exercício de tentar caber nas fôrmas pode durar a vida inteira de um corpo. Não se sabe quanto, nem quando, nem como um corpo percebe que foi organizado para ser, que foi pré-moldado pelas ações dos corpos aos quais teve a sua existência submetida por alguns anos, algumas décadas. Mas é da composição de um corpo a possibilidade de mudar, de entrar em contato com aquilo que não foi pensado, de se transformar em algo que jamais imaginaria, de mover-se para aquilo que deseja ser. Quando um corpo perceber que sua vida foi atrasada pelas estruturas que organizaram as vidas dos corpos anteriores a ele, quais movimentos serão possíveis para que um corpo desaprenda aquilo que foi treinado a ser? Como um corpo pode desarticular de si a necessidade de pertencer a alguma norma organizadora da vida e de ser acolhido exatamente por aquilo que ameaça a sua existência?

Depois que um corpo nasceu, ele ganhou um nome que o fez pertencer a uma família, a uma dupla de corpos que o chamarão de filho ou filha e falarão com vozes que tentam fazer parecer engraçadas, para se comunicar, e contarão seus segredos bem baixinho e chorarão suas angústias escondidos e treinarão um amor que precisa existir e que chamarão de incondicional. Um corpo que nasceu não consegue entender as relações de poder estabelecidas pelas emoções e sentimentos dos corpos que o geraram, mas já está responsabilizado, forçado a lidar com os desastres gerados pelas expectativas que o aguardavam ansiosas.

Repetem constantemente para um corpo que nasceu: – Fala papai, assim ó, paaaa-pai! Mamãe te ama, sabia? Agora fala mamãe, assim ó, mããã-mãããe! Fala seu nome pra vovó, fala assim ó, fu-lãã-nô! Mas um corpo que nasceu não se lembrará do exercício constante no qual será inserido, ele apenas aprenderá a conviver com aqueles corpos de acordo com a forma estabelecida por eles, pelo menos por algum tempo. Falará que se chama fulanO ou fulanA e este “O” ou “A” balizará muitas das ações de um corpo que nasceu. Um corpo não saberá disso, apenas experimentará relações específicas e desiguais de espaço e poder e fala, a depender do artigo que antecederá seu nome. Não saberá também que seu sexo estará relacionado a isso e, se não estiver, será forçado a caber de formas tão diversificadas que vão desde a sutileza dos discursos até a invasão de um bisturi.

Depois que um corpo nasceu, ele não esperava ser forçado a tantos exercícios: endurecer os movimentos das munhecas, manter as pernas sempre fechadas, segurar o xixi o máximo possível, estufar os peitos, falar alto, gesticular muito, esconder os peitinhos, segurar a caneca sem levantar o dedo mindinho, rebolar menos, rebolar nada, enrijecer a bunda, contrair o cu, jogar um beijinho, empinar a bundinha, olhar para baixo, cagar-se de medo, segurar o peido, arrotar bem alto, tensionar os ombros, lavar-se de nojo, abaixar a cabeça, levantar a mão, relaxar o cu, ficar calada, aprender a gritar, esconder a vontade de dançar, sentar-se no colo, morrer de vergonha, chorar de raiva, engolir o choro, controlar a vontade de dar, tremer os joelhos, arrepiar a pele da nuca, subir no salto, interromper, dançar escondido, cantar no chuveiro, masturbar-se no escuro, imaginar o prazer, possibilitar o pensamento, dedar o cu, sonhar que é real, morrer de tesão, tremer de tanto gozar, chorar de alegria, morrer de rir, realizar, sentir o exato momento que uma coisa se compõe com a outra, aprender a se mover, aprender e se mover e... Um território de experimentação de si é composto pelos inúmeros movimentos de aproximação e distanciamento realizados por um corpo no contexto em que nasceu e todas as relações que o fizeram se sentir pertencente a alguma estrutura que ele chamará de fundamental. A maior parte dos exercícios nem serão questionados, apenas reproduzidos, obedecidos, assimilados.

Quando um corpo precisou aprender a ser alguém na vida, teve que contabilizar seu tempo, compartimentar seus sentimentos, esconder suas emoções, fingir que sabia aprender o que lhe era forçado, reproduzir os modelos com os quais aprendeu, não questionar; teve que lidar com o que sabia como experiência, senso comum, coisas de um corpo; e entender, de uma vez por todas, que o saber ocupava a cabeça e que restava a um corpo ser o túmulo das ideias que não conseguiam ser expressadas pelas palavras e expressões faciais. Teve que se explicar por não ser branco, por não ser homem, por não ser heterossexual, por não ser cisgênero, por não ser rico, por não ser dono, por não ser saudável, por não ser deus, por não ser macho, por não ser funcional, por não ser pai, por não ser igual, por não ser perfeito, por não conseguir ser absolutamente nada daquilo que lhe veio sendo apresentado como regra para ser aceito pela sociedade e todas as suas instituições; teve que dizer que era coisas que nem sabia se seria ou não, pois lhes eram impostas como única possibilidade de ser reconhecido como um corpo-cidadão-do-Estado, e perceber que os acessos a direitos que deveriam ser comuns a todos os corpos eram organizados de forma hierárquica e desigual, com toda a redundância possível... E notou que de nada adiantava querer ser, porque ser, do modo como corpos estavam organizados, significava escolher uma forma de vida em uma sorte muito limitada de existências reconhecíveis.

Quando um corpo precisou ser alguém na vida, viu que quem ele deveria ser já existia e que o maior exercício possível seria desistir de tudo que lhe estivesse preparado e abandonar as expectativas e lançar-se ao movimento da vida e diferenciar-se de si a cada momento, a cada possibilidade de mudança, tornar-se algo impensado... Mas precisar ser alguém na vida significa aceitar e se acostumar com uma diversidade de limitações que conduzirão um corpo a um caminho todo projetado e pavimentado para a morte, utilizando exatamente os movimentos de insistência na vida desse mesmo corpo, que acreditará estar fazendo o melhor possível para ser o melhor alguém na vida entre os melhores alguéms das vidas. Nesta busca interminável, um corpo cumprirá os deveres da família, do racismo, da escola, do militarismo, da medicina, do higienismo, da universidade, do elitismo, do matrimônio, do cristianismo, da reprodução, do heterocissexismo, do trabalho, do neoliberalismo... E em meio a coleções de “ismos”, um corpo permanecerá no exercício de tentar ser alguém enquanto o que aprende é, na verdade, a separar todos os corpos e a permanecer cada vez mais distanciado de si, desejando-se de longe.

A cada vez que um corpo obedece a uma regrinha de norma, é distanciado mais um pouco da vida. A cada vez que um corpo é atravessado por uma regra, consegue aprender alguma maneira de desarticular, de não corresponder, de não participar, de não obedecer, de NÃO! A cada desarticulação, um corpo transforma-se em outra coisa que não combina mais

com aquela regra da norma, move-se em si e consegue provocar movimentos em outros corpos. Um corpo consegue sentir o momento da desarticulação, porque é constantemente estimulado a não se desarticular de nenhuma regra, a não se desviar de nenhuma norma; o que o corpo sente agora é um outro saber, estimulado de outras formas, desviado. Acontece que no movimento de aprender a desarticular normas, um corpo é cercado pelas diversas ações, instituições, emoções, imposições, opressões e reproduções que querem fazer de um corpo apenas mais um território infectado pela mesmice, pela ausência de movimentos de criação de si como uma vida possível; aí um corpo aceita, acostuma-se, confia, assimila e continua a viver, porque a vida, ela é assim mesmo. É também um corpo que se cansa, que desiste, que fracassa frente às expectativas e imposições normativas, que percebe que existe alegria em não ser absolutamente nada daquilo que deveria viver para ser, que cria possibilidades de vida apesar da norma reguladora, que se percebe como corpo vivo e, por isso, em movimento.

É assim, em movimento de perceber-se corpo vivo, que um corpo que nasceu chegará até a escola. É movendo-se para mais possibilidades de vida que um corpo entrará nas salas de aula. É saindo das salas de aula e ocupando os espaços sem paredes nem carteiras das escolas que um corpo exercitará as possibilidades de mover-se consigo e com os outros, durante os recreios. Um corpo também poderá aprender-se como um corpo, sentir-se como um corpo, relacionar-se como um corpo, viver-se como um corpo em movimento nas escolas quando participar das aulas de Educação Física...

A pergunta é: O que a Educação Física faz com o corpo na escola?

Quando fui para o curso de Educação Física, eu queria estudar Biologia. Tive boas notas no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e, mesmo assim, fracassei para as notas altíssimas exigidas para o curso desejado. Uma amiga minha foi quem teve a ideia de me inscrever no ProUni (Programa Universidade para Todos) e colocou lá as opções que ela achava que eu gostaria e me ligou: – Ei, cê tá aprovada! Eu nem sabia em quê e ela já saiu me falando o que eu tinha que fazer para garantir a vaga.

O patriarca se opôs violentamente, dizendo que eu deveria mesmo era trabalhar na mineradora da cidade e que já estava na hora de parar de estudar. Polly e eu combinamos escondidas a ida a Barbacena, cidade próxima a São João del Rei; eu tive a difícil missão de recolher dinheiro aqui e ali, no exercício de humilhação familiar, para conseguir pagar a passagem. Chegamos ao campus da Unipac em Campolide, um distrito de Barbacena, e a

secretária perguntou qual curso eu escolheria: – Administração, Fisioterapia, Ciências Contábeis, Publicidade e Propaganda ou Educação Física. Eu olhei pra Polly querendo saber como é que ela escolhera aquelas opções e pedi para ver o currículo de Educação Física. A secretária trouxe, eu abri e fui olhando as disciplinas, até que encontrei anatomia e fisiologia e aspectos biológicos da Educação Física e... É isso! Vamos de Educação Física.

A Biologia é uma das áreas de conhecimento que funcionam como sustento e referência para a constituição da Educação Física. Obviamente, como estamos na colônia sofisticada, não foi pelos melhores meios, mesmo que ainda sejam propagadas ideias como a de preocupação com a saúde da população ou da manutenção de um corpo saudável nas escolas. A investigação e catalogação dos aspectos biológicos dos corpos escolarizados ainda permanece como uma lembrança ruim das aulas de Educação Física nas escolas *brazyleiras*. O quão constrangedores são os testes e as medições físicas nas escolas? A sua simples execução funcionava como um horror no qual os corpos-referência certificavam-se de que eram normais, saudáveis e bonitos. Aos demais corpos, restavam o constrangimento da barriga maior, dos peitinhos crescendo, dos pelos aparecendo, do suor excessivo, da não correspondência registrada em todo o território do corpo que passava a assumir a responsabilidade de não ter o peso ideal, o tamanho esperado, os membros funcionais, a barriga para dentro e o peito para fora.

A organização médica e militar da Educação Física tem início nos países do norte global, no século XVIII, utilizando as práticas corporais das ginásticas como instrumento para o adestramento do movimento corporal e endireitamento do corpo dentro de aspectos definidos pelas ciências médicas e incorporados pelo treinamento militar. O objetivo era educar um corpo produtivo, baseando-se em um conceito de saúde voltado para a manutenção do corpo trabalhador em condições mínimas para executar o trabalho diário exigido pelo regime de governo. A entrada das práticas corporais esportivas, principalmente as de competição coletiva, como outro instrumento de produção de corpos acontece a partir do século XIX e, aos poucos, vai ganhando o espaço das ginásticas nos ambientes escolares, pois era necessário educar corpos e estimular neles os sentidos nacionalistas e patrióticos, que ganham grande representação com o surgimento das seleções e das competições internacionais.

As práticas esportivas na escola serviriam também à manutenção dos ideais necessários ao corpo-cidadão, ressaltados como os aspectos positivos da competição, aqueles que ensinariam ao corpo escolar as habilidades necessárias para se tornar um corpo trabalhador, um corpo capitalista, um corpo competitivo que busca a vitória, um corpo obediente que sabe aceitar a derrota... É um corpo que precisa perceber que depende da relação com o outro, que pode agir melhor quando se compõe com outros corpos, que se movimenta melhor quando

aprende no processo de se relacionar e não quando objetiva uma única coisa: a conquista do outro. Infelizmente, o objetivo, mesmo, era investir em um sentimento de comunidade que serviria, principalmente, à manutenção da vontade de conquista e vitória, bastante característica dos corpos colonizadores, como já discutimos.

Conversei com Tarcísio Mauro Vago em 2010 e ele foi me contando sobre a pesquisa que fazia acerca das histórias da Educação Física nas escolas de Belo Horizonte entre 1906 e 1920 e como ele percebia a constituição de um método de produção de corpos cidadãos por meio do investimento físico e moral que acontecia nos currículos escolares e suas práticas corporais. É um babado só o que Cizinho vai narrando e eu separei algumas fofocas bem gostosinhas pra compor a nossa conversa aqui.

Para dar conta de montar o cenário da produção dos corpos escolarizáveis das crianças, Tatá utilizou as nomenclaturas *gymnastica* e *educação physica*, não só pelas especificidades que cada uma suscita, mas também pela diferenciação da consequente área de conhecimento que se comporá a partir dessas duas técnicas escolares de produção de corpos, a saber, a Educação Física. A *educação physica* formava uma tríade composta com a educação moral e a educação intelectual: uma cultura de produção de corpos por meio das técnicas civilizatórias da escolarização. E a *gymnastica*, um dispositivo central para a *educação physica*, era composta de exercícios *physicos*, exercícios *gymnasticos* e exercícios *calisthenicos*. Os programas de *gymnasticas* eram baseados em métodos europeus, utilizando-se de manuais com sequência rígida de movimentações a serem reproduzidas em marcha, mais precisamente por meio do método sueco e da calistenia. Sua aplicação era diária e visava a uma higienização intelectual e moral dos estudantes. As práticas corporais não objetivavam a coletividade e nem a relação entre os corpos das crianças, mas a individualização do gesto motor para a normalização corporal. Só depois de realizadas as práticas obrigatórias, as crianças poderiam brincar livremente, sob os cuidados da professora. As práticas corporais estimuladas visavam ao aperfeiçoamento dos sentidos humanos, mas acertavam, mesmo, era na colonização do corpo da criança pobre por meio da prescrição de movimentos.

Tarcizinho me mostrou tudo durante a conversa e fazia questão de enfatizar como a normalização dos corpos por meio da *educação physica* informava a utilização da escola como instituição civilizatória, utilizando os manuais de *gymnastica* para forçar nos corpos escolarizáveis das crianças empobrecidas uma ideia única de cidadão. O projeto da educação dos corpos nas escolas pretendia apagar as experiências das crianças pobres da instituição escolar, substituindo-as por noções inventadas de como ser um cidadão republicano apto ao trabalho. Para isso, era necessário um distanciamento realizado em cada corpo, constituído pelo

constante apagamento das histórias, experiências, relações e saberes dos corpos de crianças empobrecidas e o estímulo a um modelo de corpo obediente, padronizado, apto a corrigir as suas imperfeições físicas e psicológicas e morais para caber na fôrma do cidadão-republicano-belorizontino-mineiro-*brazyleiro*. A ideia de ordem e progresso da nação colonizada era incorporada nos corpos das crianças pelas escolas por meio de exclusão e apagamento de uma diversidade de vidas para a conseqüente formatação de uma única possibilidade de viver, inventada e estimulada pelo Estado. Cêis já tão catando a sofisticação colonial acontecendo no corpicho, monetes?

A obediência e a higienização dos corpos eram padrões de comportamento estimulados pelas políticas e práticas educacionais nas escolas da capital mineira. Era importante estimular nas crianças o sentimento de superioridade, adquirido não só por meio da comparação realizada entre os corpos mais ou menos saudáveis, bonitos, fortes, mas também pelos treinamentos para competições, disputas, domínios e vitórias, necessários ao sistema econômico vigente. A escola selecionava os corpos que poderiam fazer parte da instituição e de suas práticas corporais de constituição do corpo cidadão. A colonização permanecia sofisticada para as crianças que viessem de famílias empobrecidas; seus corpos eram invadidos pelas normas vigentes e reconstituídos por meio dos valores morais e do treinamento físico realizado na sociedade, na família, na escola e nas aulas de Educação Física. Tatá também me disse que a sua pesquisa encontrou registros de uma baixa adesão das populações pobres à escola e que ele percebeu nisso a resistência dos corpos ao apagamento deliberado de seus saberes, realizado pelas instituições educativas. Os corpos-crianças resistiam com a desordem, o abandono, a bagunça e a realização de brincadeiras da rua na escola, mesmo que proibidas. Cata a boniteza em movimento!

O primeiro ano da graduação em Educação Física era composto de disciplinas sobre a história da área, valorizando apenas os aspectos europeus de sua pretensa origem; a relação da Educação Física com a Antropologia e com a Filosofia, constituindo-se nas suas bases menos técnicas e mais teóricas; e com a Psicologia, em um viés desenvolvimentista e psicomotor que compreendia a superioridade da mente sobre o restante do corpo. Também compunham o currículo a anatomia e a fisiologia humana, as temidas áreas das Ciências Médicas que dissecavam o corpo físico na investigação minuciosa de seus movimentos, comportamentos e funcionamentos. Eu fiquei obcecada com isso tudo e tentava relacionar uma coisa com a outra enquanto estudava e conversava com as pessoas da sala de aula. Fiquei bem próxima da professora responsável pelas disciplinas anatomofisiológicas e fui me tornando uma espécie de monitor não remunerado, oferecendo explicações para quem tivesse dificuldade. Eu

praticamente vivia dentro dos anatômicos junto com os corpos mortos e o formol.

Lembro-me de uma pergunta feita pelo professor de “Aspectos antropológicos da Educação Física”, logo no primeiro período do curso: o que é Educação Física? Seguida de uma afobação generalizada por tentar responder corretamente à questão. Um tempo depois e a turma respondia praticamente a mesma coisa: é uma educação do corpo, do físico, do movimento... Eu respondi que eu achava a expressão ruim porque parecia um treinamento e que eu achava que poderia ser uma educação por meio do movimento, pelo corpo físico. O professor falou que essa era uma outra discussão e que não havia resposta certa para a pergunta. Também não avançou as discussões e encerrou a aula com a mesma frase das anteriores: – Isso fica de tarefa para vocês.

Bom, estou nessa tarefa ainda hoje, como cêis podem perceber.

Deixei de investir meus esforços apenas na abordagem médica e biológica da Educação Física quando surgiu a oportunidade de transferência externa para a Universidade Federal de São João del Rei, a UFSJ; a professora ficou chateada em perder a monitoria e a companhia para estudos; eu tava desesperada pela vaga na federal porque não tinha mais dinheiro para sustentar as viagens até Campolide. Eu tentei conciliar o trabalho como balconista dos frios em um supermercado de São João del Rei para bancar a mensalidade da van que levava estudantes até a Unipac, mas o cansaço extremo dificultava os estudos e garantir boas notas era uma das prerrogativas para a bolsa do ProUni. Para conseguir a transferência, também. Desisti do supermercado, negocieei a demissão com o patrão, devolvendo parte do acerto que era meu por direito, consegui pagar a van até o fim do primeiro ano de graduação e passei em primeiro lugar na transferência externa. Ufa!

O segundo ano do curso de Educação Física começou na UFSJ. Eu não tinha turma, mas seguia o currículo da terceira turma do curso e fazia aula com todas as outras. Ser uma pessoa transferida de uma instituição privada para uma pública dificultava e, no meu caso, impedia o acesso a bolsas de iniciação científica e monitoria com os professores da federal. Não conseguiria bolsas, era preciso trabalhar. O curso era integral, com aulas pela manhã e pela tarde e eu precisava fazer o máximo de disciplinas possível para acompanhar as outras turmas. Era preciso trabalhar nos finais de semana. Comecei trabalhando como garçom em um cerimonial que organizava festas de debutante, casamento, formatura na cidade, depois fui trabalhar como garçom *freelancer* em um restaurante de alta gastronomia de Tiradentes. Enquanto o curso acontecia, eu trabalhava nos fins de semana em Tiradentes e nos horários vagos das disciplinas, dava aulas em academias e escolas, fazia animação de festas como palhaço e atendia a clientes de cabelo e maquiagem na cidade. Tá achando que a vida da bicha

é bolinho, meu bem? Assopra a vela pra você ver o horror!

A pergunta voltava: qual é a especificidade da Educação Física? E as investigações agora partiam dos estudos de pessoas da área que participaram do movimento de renovação da Educação Física brasileira, que tem muito a ver com o recrudescimento da Ditadura Militar no país e o início das formações superiores em Educação Física, as quais careciam de buscar formações de profissionais em outros países para a composição dos cursos. Outros corpos, outros saberes, tá lembrada? Na busca por compreender qual seria a especificidade da Educação Física, as pessoas que pesquisavam na área compuseram-se em um Coletivo de Autores, lá em 1992, e começaram por investigar as abordagens de ensino que, provavelmente, responderiam à questão. Como a Educação Física é uma área de conhecimento constituída a partir da necessidade de normalização dos corpos que contava com o treinamento militar e a investigação médica, fica fácil de saber que as abordagens também eram diversas e pretendiam, cada uma delas, algum tipo de corpo treinado para determinado tipo de governo.

Vou chamar o Jocimar Daolio aqui para a conversa, porque ele me contou sobre Educação Física e cultura lá em 2004 e seu trabalho pode movimentar mais ainda a nossa composição aqui. Chega mais, Jojô! Quando conversamos, ele me disse que a área de conhecimento da Educação Física carecia de embasamento teórico até a década de 1970, pelo menos, e que isso é comprovado pela dominação militar das práticas corporais que adentravam as escolas brasileiras. As abordagens desenvolvimentista, biológica e de promoção da saúde funcionaram como sofisticadas das dominações médicas, biológicas e militares da área de conhecimento e permanência do estímulo para a produção dos corpos cidadãos. Suas metodologias compreendem o movimento como um instrumento educativo e não como parte da comunicação e da linguagem de um corpo. Aqui, a Educação Física é um meio pelo qual o corpo precisa atingir os objetivos específicos para cada faixa de desenvolvimento, sendo capaz de cumprir as movimentações básicas com excelência e, com isso, adquirir uma boa saúde corporal. Jocimar diz que essas abordagens pretendem um corpo organizado a partir de um ser motor.

Já as abordagens construtivista e psicomotora subordinavam a Educação Física a outras disciplinas do currículo, fazendo-a funcionar como uma disciplina de apoio e o movimento corporal era utilizado como instrumento, distanciado do seu caráter cultural. Há um investimento maior na cultura infantil por meio de uma psicologia do desenvolvimento infantil. Isso, ao mesmo tempo, amplia a noção de desenvolvimento para além da aptidão física ao incluir a dimensão cognitiva e afetiva e restringe a ação de um corpo ao concentrar-se apenas na representação mental do ato motor a ser realizado pela criança que brinca e que joga. Ao

desconsiderar os fatores culturais envolvidos nas dinâmicas das brincadeiras e dos jogos infantis, estas concepções metodológicas inventam um corpo escolarizável apreendido por meio das suas dimensões psicológicas.

Até aqui temos os corpos escolarizáveis submetidos a ações da Educação Física por meio de abordagens que o pretendem motor e psicológico; a separação entre corpo e mente ocorre também nas práticas corporais, pois é necessário separar um corpo de si tão logo quanto possível, para que ele passe de um ser sem conhecimento para um ser reconhecido pelo Estado. Fui lá em 1999 para trazer um babado quente que Valter Bracht me lançou ao dizer que o corpo funciona como um local de intenso investimento e é mobilizado como produtivo para o capital, saudável para o sanitarismo, deserotizado para a moralidade, dócil para o controle social; precisa ser educado por meio de uma prática colonial sofisticada, na qual a Educação Física funciona como colonizadora. Não é só ela que realiza uma educação corporal, também o fazem a Igreja, a escola, a saúde, a família e 5 e 6 e 7 e 8 e vai!

As composições teóricas e as influências pedagógicas começaram a compor mais os saberes da Educação Física, o que contribuiu para que as abordagens e metodologias comessem a investigar a própria produção de corpos realizada ao longo da história da área e como ela serviria aos deveres impostos pela cultura hegemônica, que é europeia, branca, heterocis, cristã... Ainda colonial em plena sofisticação. JociMara (2004) me disse que a abordagem crítico-superadora é a primeira a movimentar a especificidade da Educação Física para fora do indivíduo, pois preocupa-se com as maneiras pelas quais as expressões dos corpos compõem linguagens e expressam saberes a partir dos sujeitos que as comunicam. Ao mesmo tempo, a abordagem centraliza suas investigações em como os aspectos sociais do movimento e das práticas corporais são acumuladas pelo corpo que vive, esquecendo-se de considerar tanto as práticas e movimentos quanto o próprio corpo, em um constante movimento de mudança. Isso fez Jojô me contar que o corpo, aqui, passa a ser considerado pelas suas características sociais, informadas pelo seu movimentar.

E ele continuou a falar até que chegou na abordagem crítico-emancipatória e disse que é a partir dela que o conceito de cultura passa a compor uma ideia de relação entre corpo, movimento e produção de cultura. As pesquisas e proposições dessa abordagem pretendem um enfrentamento à racionalidade científica sobre o corpo e sua produção de movimentos e ressaltam a importância do comportamento humano em suas dimensões simbólicas. Defendem, assim, que a Educação Física é uma área que envolve as relações entre corpo, identidade, sociedade e cultura e que as subjetividades de cada corpo compõem as aulas no sentido de fazer aquilo que se sabe e, na relação entre corpos, compor os saberes no sentido de constituir um

saber sobre aquilo que se sabe fazer. Aqui, o corpo passa a ser considerado na Educação Física como relacional e psicológico e emocional e físico e fisiológico e biológico e, exatamente porque todas essas dimensões se entrecruzam para dar conta da existência de um corpo, passa a fazer sentido a ideia de um corpo cultural.

Motor, psicológico, social e cultural não são corpos específicos, mas, principalmente, as maneiras pelas quais o corpo veio sendo apreendido e investigado e produzido pela Educação Física na escola, desde a obrigatoriedade do treinamento militar até a desvalorização constante dessa disciplina pela escola, pelo governo e pelos professores de outras áreas do currículo escolar que ainda a consideram como menos relevante para os saberes escolarizáveis. Jocimar me alertou para a necessidade de perceber que esses movimentos de produção de corpos não se dão de forma estanque, mas sempre em relação entre si, mobilizando mais ou menos determinadas características para explicar e controlar o movimento corporal de crianças e adolescentes em idade escolar. Também ocorrem no sentido de mobilizar os saberes dos corpos na constituição de uma cultura corporal de movimento, constantemente transformada na relação mesma de produção de sentidos individuais e coletivos dos corpos na ação de aprender e ensinar e comunicar o mundo.

Eu quis desistir da Educação Física no terceiro período do curso. A mudança nos horários de aula, nas disciplinas e cargas horárias, o cansaço sempre presente, a quantidade de prática física exigida pelas disciplinas, geralmente realizada sob um sol muito quente, os preconceitos que não paravam de me cercar aqui e ali pelo simples fato de eu afirmar que era uma bicha, a falta de dinheiro, o excesso de trabalho, o investimento em um relacionamento muito abusivo... Tudo isso compunha meu corpo em movimento de desistência. Não desisti! Principalmente porque não podia, era necessário insistir em uma formação superior, na vontade de ser professora, pesquisadora; eu não podia cair na armadilha da desistência porque eu sabia que não havia nada que pudesse me servir de suporte não fosse a insistência em continuar o movimento.

As aulas de desenvolvimento motor só faziam certificar o que Jocimar (2004) já havia dito: era até interessante ler e estudar sobre as fases do desenvolvimento humano, como o corpo que é bebê transita a sua movimentação no sentido de compreender corporalmente o mundo a sua volta, a sua relação com o corpo que o amamenta, que cuida da sua segurança; como um corpo que é criança investiga o mundo com as suas sensibilidades, como aproxima o que está longe do seu universo de significados, como compara, como se apresenta, como comunica o mundo que é sempre novo e modificado na relação com seu corpo; um corpo e a adolescência e as suas relações com os hormônios, com a sexualidade, com a possibilidade de perceber que

a sua relação com o mundo pode ser a de transformação e não apenas a de assimilação das regras.

Seria bastante importante que o professor responsável pelas disciplinas de desenvolvimento relacionasse o corpo com as suas fases e não as separasse como a ciência europeia determinava; assim não teríamos uma linha de raciocínio que separasse as aprendizagens motoras do bebê, da criança, do adolescente, do adulto e do idoso. Uma ação desse modo poderia ocorrer no sentido de compor saberes que se dão nas relações entre as fases de desenvolvimento motor, que compreendem que essas relações são constantemente atualizadas a cada aprender do corpo. O que acontecia era o professor trazendo imagens de seu filho, que era uma criança, e contando sobre as ações que ele fazia em casa, em uma tentativa bem psicológica de interpretar como a criança se comportava a partir do olhar do adulto. Ele também reclamava das ações da esposa, a qual não interferia bem na educação da criança. Nós estávamos aprendendo sobre o desenvolvimento do domínio do casal heterocis sobre a criança que já era categorizada como um pequeno homem.

O terceiro ano do curso veio com as disciplinas que pensavam as relações do corpo com as danças, as ginásticas, o atletismo e as suas investigações históricas e filosóficas e antropológicas. Eu tenho uma conexão muito boa com a dança e, nessa época, fazia parte de um grupo de dança da cidade, o que facilitava a minha movimentação pelas disciplinas e estimulava a minha curiosidade por saber mais a respeito de como a dança estava relacionada com os aspectos estudados nas salas de aula e vivenciados nos salões de dança e nos ensaios e nas composições coreográficas. Foi também nesse ano que um professor realizou seu estágio na área de fisiologia e, em meio a uma aula sobre a relação das proteínas para a contração muscular, achou coerente acionar seu machismo e sua homofobia: relacionou a ação de uma das proteínas ao acordo realizado entre o namorado e o pai da namorada a fim de conquistar o ato sexual heterocis, e ainda aprimorou o discurso com a falácia de que homossexuais tinham uma deficiência, a qual fazia suas células olfativas interpretarem os feromônios masculinos como femininos. Qual o sentido disso? Eu não sabia, mas a heterocisnorma já estava até nas proteínas musculares. Haja contração! As mulheres da sala não falaram nada, a bicha levantou nervosa e bateu a mão na mesa, indignada com a audácia heterocis que categorizava corpos abaixo de si. Um movimento se compôs e o estagiário sofreu um processo administrativo. Menos um!

Eu queria que esse mesmo professor se lembrasse de que Valter Bracht já havia dito, lá em 1999, que a cultura acontece nas relações de poder que são assimétricas e, por isso, a Educação Física precisa se mover no sentido de inverter a lógica da hegemonia cultural na sala

de aula, entre os corpos. Que a Educação Física é uma possibilidade de união entre cultura e educação, sempre em movimento com os saberes dos corpos, de cada corpo; que ela diz respeito a um realizar cultural e a um saber sobre esse realizar; que está impregnada da corporeidade e é composta e possibilitada pelo corpo, seu sentir e sua capacidade de relacionar-se consigo e com o outro. Que movimentar-se é uma comunicação com o mundo no exercício ininterrupto de produção cultural, é uma linguagem porque produz sentido e significado do mover-se no plano da cultura. Que quando se percebe que a especificidade da Educação Física passa pela cultura corporal de movimento, a prática pedagógica é construída e elaborada por discursos e teorias que a compõem enquanto aparato pedagógico e acontece nos desequilíbrios ocasionados pelos encontros entre os corpos. Obviamente, eu não disse nada para ele, também não quis dizer, eu só soube compreender a Educação Física dessa maneira depois de muito estudar e trabalhar e tudo e tal. Fato é que ele já poderia ter desconfiado disso, mas não quis.

As abordagens críticas da Educação Física investem na percepção de que a composição de um corpo não se dá apenas por seus aspectos estruturais, biológicos, motores ou psicológicos, mas em uma relação de cada um deles com a sua contextualidade. A gente pode compor a contextualidade de um corpo, hoje, como sendo o entrecruzamento entre as categorias produzidas a partir do racismo, da heterocisnorma e do cristianismo, decalcando corpos de acordo com as suas características desviantes da norma de cidadão vigente. Também podemos entender corpo em relação com as emoções e as possibilidades de expressá-las, de desarticulá-las; com as identidades e as possibilidades de comunicá-las, de desfazê-las; com as opressões e as possibilidades de enfrentá-las, de desestabilizá-las. O que se tem em comum nessas movimentações é a própria ação de mover-se que qualquer corpo detém: mover-se com, mover-se para, mover-se dentre, mover-se todo. Eu sei que vocês já entenderam isso, mas não custa apresentar outras perspectivas, né nóm?

O movimento é desde sempre a ação que um corpo realiza para aprender, para se transformar, para saber e viver. Os movimentos dos corpos produzem cultura, história, filosofia, educação, modos de organização social, práticas corporais como esportes, ginásticas, danças, lutas... A capoeira é umas das mais importantes linguagens da cultura corporal de movimento que acontecem no *Brazyl*, ela é dança e luta e expressividade e resistência e música e coletividade e força e composição e todo um corpo que comunica ao mundo a importância de resistir por meio de movimentos de composição dos corpos. São os movimentos dos corpos em conjunto que garantem o equilíbrio da vida, não a sua ordenação hierárquica: os hormônios comunicam-se entre si pela corrente sanguínea; a saúde dos intestinos está relacionada à saúde do cérebro; a homeostase é o constante movimento do corpo todo e de cada célula para manter

o equilíbrio entre meios diferentes. Corpos se organizam em movimento para compor coreografias, para realizarem uma aula de ginástica, para correrem juntos pelas ruas das cidades, para jogarem uma partida no fim de semana, para comemorarem uma vitória democrática, para exigirem o cumprimento da vontade popular... Corpos em movimento compuseram políticas e resistências aos absurdos da extrema direita no *Brazyl*.

Investir os estudos nas danças, nas ginásticas e em outros entendimentos sobre movimentos e corpos levou-me a conhecer as práticas que não eram apresentadas pelas disciplinas do curso: conheci o Pilates, o Domínio do Movimento de Laban, as antiginásticas de Therèse, a Dança de Klauss Viana, de Martha Graham, de Pina Bausch, de Lennie Dale, as danças brasileiras, as danças de roda, a dança das professoras rigorosas de balé, a dança que eu dançava enquanto criança bicha que se coreografava escondida na casa; estudei o corpo da Medicina Chinesa, o corpo da dança, o corpo da massoterapia, o corpo político, o corpo educado, o corpo medicalizado, patologizado, sexualizado, generificado, racializado, feminilizado, colonizado, estruturado, o corpo deficiente, o corpo que é energia, o corpo que é respiração, que é filosofia, que é performance, que é arte, que é vida em movimento de transformação constante. Ainda estou no movimento com a corposição... Que bom! Cê tá gostando?

No último ano do curso, eu precisava encontrar uma pessoa que aceitasse orientar o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Eu sabia que queria falar da ludicidade e sobre como as atividades que investissem no aspecto lúdico podiam se compor com as artes para apresentar uma nova possibilidade para o ensino da Educação Física na escola. Não havia interesse no departamento em orientar essa pesquisa; no quarto ano, alguns professores já não me suportavam e as alcunhas de maconheiro, irresponsável e maluco apareciam aqui e ali, muito relacionadas à homofobia integrada ao currículo dos cursos de Educação Física e praticada pelos brothers bombados, pelas minas gostosonas, pelos professores treinadores e pelas sapatonas jogadoras. Encontrei uma mulher heterocis que tinha uma orientadora da Pedagogia, mas precisava encontrar o que queria pesquisar. Apresentei a ideia pra ela e fomos juntas: a bicha com a ideia e sem orientadora e a mulher heterocis com a orientadora e sem a ideia.

Deu boua! Defendemos o TCC depois de inúmeras turbulências na orientação e na dificuldade de nos encontrarmos para escrever, ocasionadas pelo adoecimento da orientadora e pelo excesso de trabalho necessário à sobrevivência de uma bicha que morava de favor em casas de amigas pela cidade. A ludicidade ainda é algo que me movimenta bem, não só porque ela compõe o que se apresenta muitas vezes como o universo infantil da escola ou a capacidade infantil do adulto; a ludicidade é uma capacidade, presente em cada corpo, para criar um espaço

na ação de mover-se entre aquilo que se sabe e aquilo que se deseja saber. Não é só a criança ou o adolescente que acessam a ludicidade para resolver as questões da realidade social apresentadas no seu cotidiano pelos jogos, pelas brincadeiras e pelas variadas práticas corporais. A ludicidade é uma ação de composição acessada por um corpo para imaginar, para deslocar-se no tempo e no espaço e resolver questões simples e complexas, as quais envolvem as suas emoções, seus sentimentos, suas possibilidades de compreensão de um problema, tudo isso em movimentos constantes de composição daquilo que se entende como Eu, como corpo, como pensamento, como sentir, como ser.

É pela ação lúdica que a criança brinca de ser um grande monstro que vai apavorar o pai, que imagina seu braço muito grande e transforma seus dedos em garras ameaçadoras e inventa um rugido para a garganta e uma tensão para os dentes e uma curvatura para as costas e um barulho para as pisadas; é na ação lúdica que um corpo consegue se reimaginar. É a ludicidade o espaço acessado pelo imaginar, pelo fantasiar, pelo pensar de outra forma, pelo projetar, pelo desejar, pelo querer, pelo movimento de criar as possibilidades até que alguma coisa aconteça. Acontece que até a ludicidade vem sendo produzida para os corpos, ela é apontada nos espaços lúdicos da casa, do escritório, da empresa, da escola, localizada em cômodos com plantas e pinturas coloridas e decorações engraçadas que definem o momento para o corpo relaxar, brincar, descansar, aproveitar a pausa até ter que retornar à vida de sempre. A ludicidade é o local para onde se endereçam as propagandas de produtos que prometem uma vida melhor, melhor mobilidade, maior conforto, tranquilidade, lazer, férias, sossego: já ouviu o apelo das propagandas de carro, casa, cosméticos, bebidas e pacotes de viagem para as sensações de prazer sentidas no corpo? Já conseguiu se imaginar dirigindo o carro do ano, morando na casa moderníssima, conquistando a beleza que você pode alcançar, sentindo o frescor da cerveja gelada e a brisa do mar chegando no seu rosto durante as férias que ainda estão tão longe? Já? Pois é! Tô te contando...

O bom é que ludicidade não é um momento específico, não pode ser localizada em nenhum espaço determinado e nem pode ser autorizada ou desautorizada por outro corpo. A ludicidade é o próprio movimento do corpo que cria, que inventa, que projeta, que sonha, que deseja, que imagina e que vive. Ela acontece a vida toda de um corpo e pode ser percebida na criança que brinca, na estudante que viaja durante a aula para outro lugar em um curto espaço de tempo cronológico, no trabalhador que mantém os olhos grudados na tela do computador enquanto deseja uma grande quantia de dinheiro para pagar suas dívidas e mandar o patrão à merda, na cozinheira que queima o refogado enquanto revive o tesão experimentado na noite anterior, na pessoa que começa a gargalhar sozinha no meio de uma reunião e, envergonhada,

diz: – Foi mal, é que eu lembrei de um coisa aqui. A ludicidade é a capacidade que qualquer corpo tem para criar um espaço no qual ele pode se mover para saber mais, para reimaginar as relações entre as coisas, para se transformar em outra possibilidade a partir do que sente, pensa, faz e fala.

A graduação acabou, muita coisa se moveu e eu fui compondo essa perseguição atormentada por outras formas de perceber o corpo e seus movimentos, compostas com as danças, as performances, os jogos, as brincadeiras, as atividades circenses, as teorias, as ginásticas e as sexualidades, os gêneros, as raças, as deficiências, as leituras, as composições de corpos em sua diversidade para moverem-se para além daquilo que se pretendia deles. Isso só me foi possível pela percepção de que também sou um corpo movido por tudo isso, em maior ou menor aproximação a depender da composição que informo e percebo. Hoje, estou terminando uma tese de doutorado na qual defendo que corpos podem se mover de maneira decolonial, de modo a desfazer em si e nos outros as permanências das caravelhas que ainda colonizam corpos em todo e qualquer lugar e momento.

Jocimar (2004) insistiu em uma Educação Física da desordem, na qual o corpo precisa aprender a se opor à racionalização científica e à ordenação militar dos corpos escolarizáveis para servir à normalização corporal empreendida pelo Estado. Tarcísio (2010) mostrou a importância dos corpos que não obedeciam às dominações realizadas pelas práticas da *educação physica* nas escolas mineiras, tanto em suas fugas e desistências quanto na ação de ocupar as escolas e as *gymnasticas* com as suas experiências e seus jogos e suas brincadeiras. Valter Bracht (1999) movimentou bem a noção de cultura corporal de movimento, em composição com Mauro Betti e com Jocimar Daolio, de modo que a Educação Física fosse entendida como uma linguagem que produz cultura por meio das movimentações e dos movimentos dos corpos dentro e, principalmente, fora dos ambientes escolares. Eles que estimularam na Educação Física a composição do movimento-pensamento, a incorporação dos saberes sociológicos, antropológicos e filosóficos da área de conhecimento por meio da ação de mover-se na composição de culturas, o abandono da racionalização sobre o corpo de modo a possibilitar a compreensão de suas comunicações para além da linguagem codificada. Os símbolos do corpo engendram sentimentos, emoções, histórias no próprio exercício de movimentar a si, aos outros e produzir culturas conjuntamente, criando possíveis.

A Educação Física não tem lugar, acontece em qualquer espaço e tempo e corpo; principalmente, acontece no corpo todo a todo momento. O corpo é constantemente estimulado a agir corretamente, a adotar o comportamento considerado correto, a responder à pergunta corretamente, a ter uma sexualidade correta, um gênero correto, uma família correta, uma

religião correta, uma educação correta, uma emoção correta, um sentimento correto, uma identidade correta. A Educação Física veio, desde o seu surgimento institucionalizado em terras *brazyleiras*, servindo à correção dos corpos de acordo com as normas vigentes que constituíam a ideia de cidadão, selecionando os corpos que podiam e, conjuntamente, todos aqueles que não serviriam à concepção de corpos patrióticos e nacionalistas. Os conflitos e desequilíbrios ocorridos no ambiente escolar em resistência à manutenção da Educação Física como treinadora de corpos obedientes fizeram com que outras abordagens fossem pensadas para a manutenção da disciplina no currículo das escolas.

Desde então, a área de conhecimento serviu de apoio à investigação e ao desenvolvimento biológico, físico e psicológico do corpo na escola; foi submetida às áreas mais importantes da grade curricular; serviu de espaço de descanso, de lazer, de horário reservado aos ensaios das quadrilhas que caricaturizam a vida de pessoas do interior; de único local possível para a apresentação das culturas não brancas na escola, as mesmas que são vistas como exóticas, folclóricas e corporais demais para o ambiente escolar tradicional. Os saberes de professores de Educação Física são constantemente dispensados nas reuniões de professores e suas práticas pedagógicas são desconsideradas enquanto metodologias possíveis; enquanto suas ações fazem da escola um ambiente composto pelos saberes de todos os corpos envolvidos no movimentar-se, professoras de Educação Física permanecem em desvantagem no ambiente escolar.

Agindo assim, a escola descumpre o seu dever de introduzir os corpos nas relações que compõem a cultura corporal de movimento, de fortalecer a relação da Educação Física com a política, com a filosofia, com a história e com a cultura que cada corpo insere na dinâmica escolar. Enquanto permanecer a hierarquização que ainda causa a desvalorização da Educação Física como produção de saberes por meio da cultura corporal de movimento, mais dificultada será a percepção da área como uma prática pedagógica do movimento, da ação humana de mover-se para a constituição de outras epistemologias. Enquanto a imobilidade dos saberes da Educação Física na escola estiver presente, manteremos intacta a produção dos mesmos corpos, por meio das mesmas práticas e das mesmas relações de poder que permanecem transformando diferenças em desigualdades e produzindo corpos para aceitarem mais as segundas que as primeiras.

Paulo Freire já havia me contado, lá em 1996, que é compromisso da educação o enfrentamento a qualquer forma de discriminação, que a gente se afirma enquanto vida no exercício da rebeldia e na mobilização criativa da raiva que as injustiças sociais cultivam nos corpos e que, por isso, era necessário corporificar o conhecimento a fim de que corpos se

percebessem como sujeitos históricos sempre em relação com o outro. Corporificar o conhecimento tem a ver com valorizar mais a leitura do mundo de cada corpo, pois ela precede a leitura da palavra; um corpo lê o mundo antes mesmo de falar, pela ação de mover-se em composição. Trata-se de um exercício constante da capacidade de cada corpo para curiosar e experimentar o mundo que vive. Paulota me falou que educar é um exercício permanente de desvelar a dominação, porque cada corpo pode se rebelar contra as transgressões éticas de uma minoria que impedem a vida de uma maioria.

Para isso, é preciso que os corpos se movimentem no sentido de aproximar aquilo que fazem daquilo que pensam, de modo a perceber que uma coisa não se difere da outra, que acontecem ao mesmo tempo e precisam estar em conexão. Aprender a escutar e a compor-se com a leitura de mundo do corpo estudante é uma ação necessária ao corpo professor que pretende acessar a possibilidade de compreender e contribuir para que a leitura seja mais crítica e corporificada. Uma ação educativa é um movimento de composição entre dois ou mais corpos que pretendem um outro saber, desconhecido porque ainda não composto pelas relações entre os corpos. Todos os corpos são transformados na conexão com um novo saber, os que ensinam e os que aprendem. Outros corpos, outros saberes.

A Educação Física foi uma das disciplinas que compõem o currículo escolar que mais sofreu modificações desde a sua composição. Não estar em lugar algum da escola e em lugar nenhum da autorização sobre algum tipo de saber fez com que fossem buscadas composições com outras áreas do conhecimento para que se estabelecessem alguns tipos de saberes específicos da área. Investiu-se na estrutura do corpo e em suas abordagens biológicas, médicas, psicológicas, ortopédicas, utilizando-se das práticas corporais como dominação do movimento, principalmente as ginásticas e os métodos europeus. Foram as desistências dos corpos que ocasionaram o surgimento de outras abordagens; toda vez que um projeto de corpo era estimulado pela escola, outros corpos surgiam para desarticulá-lo.

A Educação Física acontece em todos os lugares: está no jeito de sentar, na percepção do cansaço, na dor no pescoço, no cruzar das pernas, na posição de dormir, na vontade de dançar, no tempo para espreguiçar-se, na cadeira da sala de aula, nas filas de meninos, nas filas de meninas, ao ajoelhar-se na igreja, na escola de samba, no time de futebol, no bloco de carnaval, na marcha, na torcida organizada, no sinal do recreio, no vídeo game, no celular, no influencer digital, no entregador de aplicativo, no *personal trainer*, no policial, no agachamento, no abdominal, no *shake*, na cápsula, na placa do banheiro, na depilação, no arrepio da pele, no suor de quaisquer corpos...

A Educação Física está nas relações cotidianas, da conversa no supermercado à compra

de um pacote de emagrecimento, da olhada no espelho ao desejo de caber na roupa que viu na vitrine, da fofoca sobre o corpo do outro à primeira injeção de *Botox*, na preparação do corpo para o verão, na certeza de um corpo que repete na academia os movimentos que aparecem na tela do celular. A Educação Física está na escola, mesmo que de forma precária e nem sempre exercida por professores da área. Cabe aos corpos perceberem os seus saberes, porque eles já ocorrem. Cada corpo que vive na escola movimenta a instituição para algum tipo de transformação. A Educação Física pode ser o local no qual corpos possam movimentar livremente as suas composições de vida, as brincadeiras que fazem em casa, a investigação das histórias dos jogos que conhecem, das danças que aprendem, do local onde vivem, os sentimentos que experimentam, as emoções que reconhecem, as maneiras com as quais vivem seu gênero, sua sexualidade, sua raça e todas os atravessamentos que compõem seus corpos como eles vêm sendo e como eles desejam ser.

Já sabemos que a escola produz os corpos e que veio se utilizando de meios bastante perversos para essa produção. Sabemos também que são os corpos que informam como as organizações sociais das opressões os atravessam e, por isso, conseguem compor saídas possíveis para viver uma vida boa. São os corpos que compõem a instituição escolar os responsáveis pelos questionamentos que deslocam as hierarquizações e abram espaços para o aparecimento de outros saberes, já existentes no próprio território da escola. Sabemos quais corpos a escola permaneceu reproduzindo, quais saberes, quais vidas, quais sentidos são propagados pelas instituições escolares.

A escola deveria saber que a Educação Física é a única disciplina na qual os corpos podem aprender a se esconder dos olhos que os procuram, a criar maneiras de jogar juntos, dançar juntos, brincar juntos, a perceber que são os jogos que organizam as relações sociais e que os corpos aprendem no movimento de jogar, inventando estratégias em conjunto. A escola deveria saber que é na Educação Física que corpos aprendem a dar rasteiras.

Foi na Educação Física que eu entendi a importância de corporalizar o conhecimento, de fazer uma teoria tomar corpo, um conceito se mover no corpo até que corpo e conceito e ideia componham um novo movimento, o qual será transformado em outra relação com outros movimentos de outros corpos e... Foi na Educação Física que eu compreendi que meu corpo podia dançar, assim como qualquer corpo que percebe que a dança não consegue permanecer muito tempo presa às catalogações do movimento expressivo de um corpo... A Educação Física não poderia mesmo possuir uma especificidade, porque ela se preocupa com as movimentações dos corpos e as suas produções de culturas. Seria impossível estabelecer um objeto de estudo da Educação Física, porque a sua preocupação é o próprio movimento. É como bicha professora

de Educação Física que eu corponho os saberes dos quais me aproximo e provoço corpos a se moverem por composições, a corporem outras epistemologias: corporais, movimentadas, decoloniais, debochadas, criminosas, corpostas e todas aquelas que surgirem das relações dos corpos com os saberes e com as suas criações e... Agora que sabemos algumas das coisas que a Educação Física faz com o corpo na escola, quem sabe possamos imaginar a escola como um corpo, uma escola corposta, uma escola que se componha com as composições que a sustentam e se movimente sempre dentre.

3.2 O que será que um corpo sente?

Imagino que vocês já tenham percebido que as nossas conversas aqui são maneiras de pensar o corpo de outras formas e também de investigar as formas pelas quais os corpos vieram sendo governados pelos regimes de poder que se entrecruzam para produzir as normas que são constantemente atualizadas em cada corpo. Pensar sobre as incorporações das normas e como elas são defendidas pelos corpos como identidades e como formas únicas de vida me fez rodopiar pelas ofertas de disciplina dos departamentos da UFMG, até que, em um semestre, eu encontrei, no departamento de Antropologia e Arqueologia, a disciplina chamada “Antropologia das emoções”. E lá foi a bicha buscar maneiras de compor mais bem as suas investigações envolvendo os corpos e seus movimentos e produção de saber, os quais, obviamente, envolvem as emoções e os sentimentos. Restava estudar mais como isso poderia ocorrer. Vem cumigum!

A gente estava em quarentena e as aulas aconteciam virtualmente, o que fez com que a carga de textos aumentasse de um encontro para outro, mas isso não dificultou os estudos da bicha que queria, mesmo, investigar as possibilidades de conexão da área estudada com seu trabalho de pesquisa. Foi assim que eu conheci a Maria Cláudia Coelho e a Cláudia Barcellos Rezende e elas me disseram, lá em 2010, que as emoções são afetos que organizam o tecido social de maneira hierárquica, de modo que alguns poucos corpos podem decidir se vão ou não lidar, entender, considerar as emoções que afetam outros tantos corpos, os quais precisarão aprender, obrigatoriamente, certo tipo de autocontrole emocional para não incomodarem os corpos que lhes são superiores dentro da hierarquia social. A possibilidade de sentir, a expressão dos sentimentos, o entendimento e a experiência com as emoções estão relacionados à desigualdade social e à noção de normalidade dos corpos e, conseqüentemente, organizam e delimitam as hierarquias de cima para baixo, no exercício de colocar os corpos em seus devidos lugares. Uma sofisticação colonial, uma manutenção racista, heterocissexista e cristã que se

atualiza em cada corpo que nasce e vive.

Mariola e Claudete provocam os pensamentos no sentido de entender as emoções como situadas, contextualizadas em cada sociedade ou agrupamento social; com um conjunto de regras que determinam como e se aparecerão. Isso significa que elas não são universais, como pretende a ciência ocidental, nem naturais de todos os seres humanos, mas situada nos corpos a depender de suas relações consigo, com o meio e com outros corpos, com as leis, normas, regras. As emoções também têm relação com as configurações corporais, sendo relacionadas, inclusive, com determinados hormônios e seus efeitos fisiológicos, como a TPM e a ansiedade, vinculadas ao estrogênio; a raiva e o estresse, relacionados à testosterona. O efeito desta aproximação induz ao pensamento comum de que emoções são características humanas incontrolláveis e tende a fortalecer um universalismo das emoções nos corpos, como se fossem apenas expressões, descartando o caráter social e cultural que atravessam e conduzem a expressão dos sentimentos. Até as emoções são utilizadas para fortalecer a paranoia colonial, meuamô. Tá sentindo?

Para resolver esse babado, Maria e Cláudia exercitam a estratégia de contextualização das emoções, vinculada às noções foucaultianas de discurso e relações de poder que produzem e controlam aquilo que produzem. Discurso envolve a linguagem, a fala, a comunicação, a arquitetura, as artes, a literatura, a educação, os dispositivos tecnológicos, as instituições, os corpos, as cidades, as propagandas, os gestos, os desejos, enfim, toda uma organização social estruturada e produzida e mantida por relações de poder desiguais, as quais se utilizam das emoções como possibilidades de produção de corpos localizáveis em hierarquias que se fortalecem na imposição do distanciamento.

A Maria Cláudia me contou de uma movimentação que ela fez junto com Raphael Bispo, lá em 2019, no exercício de pensar as relações entre emoções e as categorias de gênero e sexualidade. Tô repassando a fofoca pra vocês: as características negativas atribuídas à emoção têm relação com a feminização e reforçam a ideia da colonização, pois instauram a necessidade de que aquilo que é feminino, por ser caótico, descontrolado e perigoso, deva ser controlado pelo masculino nas esferas sociais, políticas, culturais, históricas. Isso estabelece e mantém sofisticada, entre os corpos, uma relação desigual de gênero, a qual será mais perversa quando entrecruzada com sexualidade, raça, classe, territorialidade, capacidade, corporalidade...

Tanto a Claudinha quanto o Rafa conversaram com a Michele Zimbalist Rosaldo, em 2019, e defenderam, junto com ela, que as emoções são pensamentos incorporados, pois tratam-se de pensamentos que passam pelo corpo e se manifestam diante de um sentido de presença do Eu; o corpo é envolvido no pensamento que sente e transformado na composição com ele.

Pensar é uma relação que acontece entre as emoções advindas dos órgãos, dos hormônios, das conexões neuronais e dos sentidos que o corpo todo produz a cada conexão que força o pensamento. A possibilidade de aproximar as categorias de corpo, pensamento e emoção borra as fronteiras eurocêntricas estabelecidas entre eles, as quais desvalorizam o corpo em oposição ao pensamento, uma separação binária necessária à dominação e à desigualdade de gênero, sexual, racial, de classe e tudo e tal. Temos mais uma forma de perceber o corpo sempre no meio, aqui movendo-se entre a mobilização estatal das emoções para manter as hierarquias conduzindo os corpos, principalmente os mais vulnerabilizados, e o esforço para incorporar ou desfazer-se das organizações emocionais preparadas para ele sentir.

A Michele (2019) veio conversar comigo para contar que os afetos, para ela, podem ser pensados como cognições, formas de conhecer o mundo, orientadas culturalmente, e que tomam o corpo todo, o *self* e a identidade. Ela cochichou pra mim que a cultura é aproximada do corpo e das emoções, porque as emoções são formas incorporadas de pensar, de sentir e compreender o mundo e são orientadas por padrões culturais pretensamente fixos. Os padrões culturais ganham mobilidade em cada corpo que tem em si incorporada uma maneira de agir por meio de um significado, específico e compartilhado, de determinada emoção. Como é que você sente o que sente?

Enquanto fui sentindo as *emotions*, Chelly já me alertou pra tomar cuidado com a arapuca colonial da universalização: não se trata de pensar que todos os corpos experimentam as emoções de forma única, da mesma maneira, nem que cada emoção agiria de forma específica em todos os corpos. Isso só reforça a ideia de que corpos não teriam ação sobre as emoções que lhes são permitidas acessar, o que significaria uma absoluta falta de ação dos corpos sobre aquilo que sentem. A zenty sabe bem que isso não é verdade, né, corpinhos?

O que a Chelly me alertou foi para a percepção de que cada sociedade inventa e incorpora uma noção de Eu interior e que a estruturação hierárquica e desigual, característica das sociedades colonizadas pela europinha, maneja os corpos por meio de experimentações de restrições, inclusive pela possibilidade de acesso a determinadas emoções. As emoções diferem-se culturalmente e são orientadas pelas formas com as quais a organização social reconhece a reivindicação do trabalho emocional de alguns corpos. Isso reforça o argumento de Michelly de que a cultura é o material de criação das subjetividades.

Trabalho emocional é o esforço de tentar mudar, em grau ou qualidade, uma emoção ou sentimento; tem o mesmo sentido de gerenciar uma emoção. Incluem-se no trabalho emocional os atos de gerenciamento fracassados, pois indicam o funcionamento de uma ordenação das emoções. Corpos que fracassam sentem de outras maneiras. A linguagem demonstra como o

trabalho emocional é compreendido por cada corpo: eu me matei de pensar, cansei de tentar, tentei entender, forcei-me a sentir, trabalhei para compreender, custei a disfarçar... Trabalho emocional é diferente de controle e de supressão das emoções, por isso tem a ver com gerenciamento, pois é uma ação sobre as emoções para colocá-las em movimento. Pode ser feito sobre si, sobre os outros e pelos outros sobre si. E em cada uma dessas relações um corpo é atravessado por um sentimento de discrepância, que o força ao exercício de tentar adequar o que sente ao modo como outros corpos pretendem e esperam que ele se sintam, de acordo com a contextualidade das relações.

Mariola e Claudinha (2010) também movimentaram as relações entre organização social e emoções, ao perceberem a existência de um controle das formas de expressão das emoções pelo social. Enquanto afetos, as emoções não são controladas, porque acontecem no exato momento de composição com um corpo, o que a organização social conduz são as obrigações de um corpo que precisa se esforçar para aprender os onde-como-porque-quando-praquê expressar as emoções. Elas utilizam como exemplo o devaneio como uma possibilidade de o corpo ocidental moderno lidar com o social, relacionando-o às propagandas de produtos e serviços, pois elas conectam o corpo à capacidade de fantasiar a novidade de um produto anunciado como a solução de um desejo seu. Tudo produzido para o seu momento único de prazer! Gostou? Paciência!

Continuei a escarafunchar esse mafuá todo que embola as emoções e os corpos e as formas de governo e esbarrei com a Arlie Russell Hochschild, por volta de 2013, achando que não encontraria mais nada de novo. Uma burrice! A cada composição entre corpos, outras possibilidades de saber, neah? Arlie foi torcendo ainda mais o mafuá enquanto me dizia que as regras de sentimento são organizadas pelas interações sociais, pelas relações entre os corpos e dos corpos consigo, são também diretrizes para avaliar ajustes e desajustes entre sentimento e situação. O fato de algumas emoções serem tratadas como direito e dever demonstra a existência de características de grau, direção e duração da emoção: tenho direito de sentir raiva de fulano, devia ter me alegrado mais com a conquista da fulana, queria ter conseguido falar que me sentia mal...

As regras de sentimentos são organizadas, pelo menos teoricamente, por aquilo que se espera sentir em determinada situação e aquilo que se deveria sentir. O reconhecimento de regras parte da reação do outro aos seus sentimentos; as avaliações ou pedidos de explicação da relação emocional denunciam as regras de sentimento implícitas. As sanções sofridas também indicam regras de sentimento: um corpo se afasta do outro para não ser afetado novamente pelos mesmos complexos emocionais; um corpo repreende o outro que o fez se

sentir mal, humilhado e distanciado em determinada situação; um corpo decide por ignorar as ações de outro corpo sobre si, distanciando-se dos efeitos da interação entre eles.

O trabalho emocional que a Arlie foi me mostrando consiste na diminuição da discrepância entre o que se sente e o que se deveria sentir; e é realizado pelo sujeito no sentido de atender ou não às regras sociais das emoções. O esforço empreendido por um corpo para diminuir a discrepância emotiva demonstra a existência de regras de sentimento que organizam as estruturas sociais. Essas regras agem de modo a delinear os limites dos movimentos afetivos de determinados corpos em seus contextos de ocorrência, a depender da precarização de cada corpo, esses limites serão mais ou menos flexibilizáveis. As movimentações de cada corpo em relação às emoções empreendidas na interação social podem ser tanto de obediência quanto de quebra das regras, incluindo as sanções específicas a depender da regra quebrada e do modo como foi quebrada. Um corpo sabe quando ultrapassa um limite imposto pelas normas sociais porque consegue sentir o momento em que ocorreu o movimento para além.

As regras de sentimento são internas e externas, existem antes das ações, conduzindo-as na maior parte das vezes; são latentes e resistentes à codificação formal. Sua relação com o sentimento de pertencimento faz com que comunidades específicas compartilhem regras de sentimento específicas, sofisticadas em cada novo corpo que as aprende desde as suas primeiras interações sociais. Quando um corpo modifica a sua posição ideológica, por exemplo, outras regras e sentidos são atribuídos aos seus sentimentos. Isso quer dizer que um corpo passa a ser afetado de outra forma pelos sentimentos e pelas suas regras quando o contexto social muda. Arlie percebeu a relação entre contexto e sentimentos e corpo nas reivindicações por direitos iguais dos movimentos feministas ocidentais, que modificaram as regras de sentimento para homens e para mulheres cisgêneros e brancos em relação ao trabalho e à família. Aqui no *Brazyl*, os movimentos feministas negros e trans insistem na modificação das regras de sentimento em relação às mulheres heterocis brancas, as quais necessitam abandonar a universalização colonial de um feminismo único a fim de perceber que o contexto colonial insere outras dinâmicas afetivas e, por isso, outras demandas para movimentos feministas que incluem a racialização, a generificação e a sexualização dos corpos, principalmente os mais empobrecidos.

Arliene ainda me contou outro babado, dizendo que, a depender da ideologia política em ascensão, corpos adequarão ou não suas maneiras de sentir em consonância com as regras de sentimento mais congruentes com a ideologia dominante. Isso significa que as pessoas podem sentir de maneiras diferentes uma mesma situação a depender da orientação das regras de sentimento. Corta para o *Brazyl* depois das eleições de 2022 e a gente pode rir ainda mais

dos corpos que se ajoelham em frente aos quartéis e rezam para que o deus cristão ilumine as cabeças dos militares e os façam tomar o poder e matar o candidato que derrotou o *presidon't*. Aqui, os corpos são mobilizados pelo absurdo, pela incoerência, pela mentira e pelo sentimento de pertencimento ao mantra mais universal do domínio colonial: Deus, pátria, família e liberdade... Mas como ser livre dentro da trindade da extrema direita? Pergunte à família.

As elites podres e oligárquicas do *Brazyl* utilizam-se dos complexos emocionais mais batidos para acessarem os meios de produção da emoção para os corpos. A propagação dos mantras da extrema direita não precisa de coerência, mas, sim, de mobilizar os corpos a partir daquilo que eles podem sentir, definindo regras específicas de sentimento para determinados corpos. As famílias de classe média e alta preparam mais seus filhos para o gerenciamento emocional do que as famílias de classe trabalhadora, evidenciando o fato de que as famílias, mesmo que inconscientemente, têm o dever de fazer com que seus filhos sejam os reprodutores das regras de sentimento que organizam e mantêm a estrutura social hierárquica em funcionamento. Um corpo que nasce vai demorar muito tempo para perceber que foi produzido para reproduzir, nas suas relações sociais, aquilo que a família produziu para ele como realidade, como sentimento, como pertencimento, como Eu. A depender da família, esse mesmo corpo passará a vida inteira impossibilitado de se perceber como um corpo que sente o que já está preparado para ele e ainda falará para todos que a família é a base de tudo. É mesmo, a base da imbecilidade heterocis, racista e cristona também!

A família é o primeiro lugar em que corpos que não são heterocis experimentam a humilhação, a violência tornada sentimento desde que os colonizadores brancos, heterocis e cristãos chegaram às terras de Abya Yala. Foi numa tricotada que eu dei com a María Elvira Díaz-Benítez, ali em 2019, que ela me contou que a humilhação funciona como modo de organização da hierarquia social aqui no *Brazyl*. Ela me disse que a humilhação é uma das formas de permanência da incorporação da colonialidade nos corpos, que vai desde os atos mais físicos até os atos mais sutis. Isso faz com que a gente aprenda a perceber o mundo e a concebê-lo por meio dos exercícios de humilhação que podem ser condensados num corpo que fala: eu coloquei aquela pessoa em seu devido lugar. A Lélia Gonzalez (2020) também tinha me falado isso quando contou dos exercícios dos brancos que permaneciam escrevendo que no *Brazyl* não existia racismo porque os negros sabiam bem o seu lugar. E as homem-gay continuam falando que as bicha são escandalosas e que precisam aprender a se controlar, a ser menos afeminada, mais discreta e sigilosa. As homigay ainda não conseguiram se mexer do lugar onde foram colocadas. Nem vão! As homigay são as maiores paquitas da heteroimbecisnorma.

A Claudinha e a outra Maria apresentaram, em 2010, cinco características do sentimento

de humilhação. A primeira é a sua dimensão pública, pois ocorre diante de um outro; a segunda é a sua dimensão dilatada de tempo, a qual faz a ação de humilhação parecer eterna; a terceira característica relaciona-se ao sentido da humilhação, que é de fora para dentro, sendo incorporada no corpo que é objeto da experiência; a quarta característica é a holística, que diz do envolvimento integral do corpo que sofre a humilhação; e a última característica da experiência corporal com a humilhação é a perda de controle da identidade. A experiência com a humilhação é uma maneira de despedaçar um corpo, deslocando-o no tempo e no espaço ao provocar um distanciamento de si para a conseqüente mobilização realizada pelo corpo que o humilha. A humilhação como sentimento preenchido da violência colonial pretende reatualizar os atos de separação inventados pelos colonizadores brancos, heterocis e cristãos com o objetivo de mantê-los intocados pelas relações sociais que estabelecem com aqueles corpos que humilham.

Na tricotada com María (2019), fui sabendo mais sobre a sua tese relacionada aos filmes pornográficos do gênero *humiliation porn* e as pessoas envolvidas na produção e atuação. Ela analisou as relações de humilhação como uma categoria pertinente para a discussão sobre as relações de gênero. Saindo da lógica de pensar a humilhação como um sentimento de homens por mulheres, apenas reforçando a hierarquia social, Marilú permanece atenta aos atos relacionais e às formas de comunicação. É importante pensar que ela investigou filmes pornô nos quais a humilhação é uma produção de prazer, modificando o pensamento de que a pornografia seria humilhante para as mulheres envolvidas, já que era o objetivo das atrizes fazer da humilhação um afeto comercializável.

Marielvira percebeu que os homens heterossexuais e homossexuais cisgêneros não eram questionados sobre se gostavam ou não da profissão de ator pornô, enquanto as travestis eram diretamente associadas à aceitação do trabalho sexual. Trata-se de uma denúncia óbvia da organização social que pretende as travestis como corpos definidos pelo estigma da promiscuidade e da prostituição, criado e sofisticado pela moral cristã e heterocis. As mulheres heterocis eram constantemente questionadas sobre se gostavam do trabalho sexual que desempenhavam, num ato de desconsideração do seu poder de decisão sobre aquilo que fazem com o seu corpo. A aproximação da moral conservadora aos corpos das mulheres heterocis funciona como justificativa para argumentos contra os direitos de trabalhadoras sexuais e organiza uma dinâmica social na qual elas serão marginalizadas.

María disse que responder afirmativamente aos prazeres das trabalhadoras sexuais em sua tese a fez perceber que argumentar a favor dos prazeres produzidos por estes corpos é transformar a argumentação em ativismo, uma forma de perceber como as normas cercam e

impedem corpos de experimentarem e viverem seus prazeres e se movimentarem para além do limite imposto. Ela percebeu o esforço realizado pelo exercício de enfrentamento à norma e pela criação de outras formas de perceber a organização social dos corpos, desfazendo-se da humilhação imposta. E me disse que o exercício era, ao mesmo tempo, alegre e triste, pois levava corpos a experiências de si completamente diferentes ao mesmo tempo em que os colocava em um local de confronto. E o corpo tá ali, no meio, dentre, movimentando a própria fronteira que habita. María abriu caminhos para a percepção de que corpos coloniais podem mobilizar as humilhações de outras formas, no sentido de desfazer seus efeitos hierarquizantes e inverter a lógica da separação imposta.

Fiquei pensando na intensa mobilidade dos corpos nas relações sociais que estabelecem e em como essas relações podem movimentar hierarquias, desfazendo seus efeitos sobre os corpos. Um exercício interminável, mas necessário a quaisquer corpos que vivem as sofisticções dos sistemas coloniais. Foi quando me lembrei da Candace Clark e as suas investigações sobre lugares e posições sociais em relação aos movimentos hierárquicos das organizações sociais, coisa que ela falava lá em 1997. A bunita me disse que o funcionamento das emoções na manutenção do sistema hierárquico tem relação com os reforços de micro-hierarquias entre os corpos envolvidos na troca emocional, pois eles localizam ambos os corpos em pontos desiguais da relação, estabelecendo a superioridade de um deles desde o princípio.

É aí que a Candace catou que lugar e posição dizem respeito a relações distintas dos corpos em trocas emocionais. Lugar designa o nível micro de um corpo no sistema de estratificação social, por isso é mais móvel e dependente das relações micro-hierárquicas. O lugar é facilmente modificado pelo contexto e pelas relações que um corpo estabelece, assim como a distância entre os lugares dos corpos em relação. É mais fácil detectar os lugares quando a distância entre eles é maior, pois a hierarquia é definida pelo aumento da distância entre os corpos.

A posição está relacionada ao nível macro do status social, construído e reproduzido pelo consenso coletivo, sendo menos móvel, pois faz parte de um sistema hierárquico de representação. O lugar de cada corpo é composto por visões tanto subjetivas quanto objetivas, construídas tanto por um corpo quanto pelos outros. Daí a dinamicidade do lugar, por depender de relações de categorização e reposicionamento. O corpo se comporta diferentemente em relações que envolvem graus diferenciados de superioridade e inferioridade; a postura e o posicionamento modificam-se a depender de com quem se relaciona, se é muito, pouco ou nada superior.

O individualismo colaborou com a proliferação de defesas de lugares como únicos e

intransponíveis. Candace (2019) me ensinou que as emoções são instrumentos políticos da contemporaneidade, que um corpo pode reivindicar lugares por meio de uma micropolítica das emoções a depender de seu status social. A negociação de lugares na micropolítica das emoções que a Candace investigou ocorre utilizando-se de uma ou mais das cinco estratégias que ela apresenta: direcionamento emocional, a fim de inferiorizar ou rebaixar outros corpos, tanto no sentido hierárquico quanto contra a hierarquia; elevação de si, ao apontar os problemas dos outros; lisonjeio ao outro, para diminuir a distância entre seus lugares; reforço da relação de obrigação e obediência dos outros para consigo, para manutenção do lugar de um corpo (muito comum em relações familiares); criação de um desequilíbrio emocional, ao estabelecer um autocontrole enquanto provoca outros corpos.

Quanto mais houver correspondência do nível macro da posição com o nível micro do lugar de um corpo, mais fácil é a manutenção das coisas como estão, pois as posições hierárquicas não serão questionadas pelos corpos que reproduzem as relações já postas. As micropolíticas das emoções, apresentadas por Candace, podem ser mobilizadas de forma a criar desestabilizações nas relações hierárquicas, podem funcionar como formas de borrar as fronteiras entre lugares pretensamente distintos, denunciando-os como representações de uma imagem macro do status. Os corpos inferiorizados pela organização social das colônias dispõem de estratégias emocionais próprias para desestabilizar os lugares pretensamente superiores, a depender das relações estabelecidas.

É aquela coisa dos corpos que conseguem enxergar o mundo por meio das brechas existentes no sistema de organização social. Cada corpo, colonizado pelas intersecções moventes entre raça, sexualidade, gênero, classe e tudo e tal, consegue informar como cada uma das categorias age sobre ele na intenção de normalização e distanciamento do ideal de cidadão. O babado está em não querer permanecer na luta por reconhecimento, que vem terminando na derrota do corpo que quer ser reconhecido e só é assimilado pelo heterocistema branco e cristão de reconhecimento de corpos. Para esse sistema, o sucesso está sempre garantido para os mesmos corpos, desde a colonização até aqui.

O que nos resta? Fracassar! Eu venho fracassando há tempos para as normas que me produziram enquanto corpo, principalmente na ação de desfazê-las pelo próprio corpo e de desistir de reproduzi-las. Isso não significa que eu estou distante delas, mas que as percebo como regras e exercito-me para desfazê-las. É possível desistir, não participar, não comparecer, não compartilhar, não querer, não concordar, não aceitar a imposição de uma norma. É possível fracassar com sucesso! E tem muito mais corpos fracassados do que se imagina no sistema de produção de um corpo referência. Imagina nós tudo junta!? Foi conversando com Jack

Halberstam em 2020 que a noção de fracasso foi ganhando mais movimento. Ele percebeu a necessidade de dismantelar as noções de sucesso e fracasso atualmente vigentes, porque elas estão relacionadas aos corpos referência.

São os corpos perseguidos pelas normas vigentes que conhecem o fracasso de perto, são os experts em fracassar como modo de vida em uma sociedade que definiram os corpos destinados ao sucesso. Corpos que desistiram da lógica do “tente outra vez” ao perceberem que ela só funciona para manter corpos tentando. Corpos que buscam as recompensas do fracasso por saberem que o sucesso é impossível para aqueles que não funcionam na mesma lógica normativa. A mesma lógica que se apoderou, inclusive, do pensamento positivo, transformando-o em uma positividade tóxica, resultado da desresponsabilização das colonialidades do corpo, as quais mobilizam os entrecruzamentos de raça, gênero, sexualidade e classe para determinarem os corpos que têm acesso ao sucesso. Os corpos fracassados também inventam outras formas de sentir, maneiras de desfazer a lógica opressiva da humilhação constante necessária à hierarquia colonial.

Jack estimula o mover-se pelo fracasso como um exercício de não assimilação da vida pelas identidades políticas formatadas pelo domínio da heterocisnorma, nas quais é preciso forçar um corpo a caber na representação heterocis de sua vida, sexualidade, gênero, raça e sexo. Movimentar-se pela perspectiva de um corpo perdedor em uma sociedade que se alimenta de competições cada vez mais desnecessárias é movimentar-se de outra maneira, uma maneira na qual o mundo não está interessado, uma outra vida a partir da escolha pela perda, da utilização da desistência como outro caminho. Fica esperta, bobinha: isso não tem relação com o mais novo mantra neoliberal que diz que o perdedor é o novo vencedor, esta é mais uma cilada binária que só tem como objetivo realizar a manutenção da ideia de que ainda é possível se sentir um vencedor, mesmo perdendo para as regras de premiação do corpo-referência. Quem é que tá ganhando aqui?

A heterocisnorma é uma tentativa de produção dos corpos como normalmente heterossexuais e naturalmente cisgêneros. É uma tentativa que fracassa a cada vida de uma criança bicha dentro da família, a qual mantém corpos de crianças reféns das lentes binárias heterocis. Movimentando a arte *queer* do fracasso, Jack foi me contando sobre um estudo que ele fez a partir dos trabalhos de biólogos que estudavam os comportamentos animais. Tais trabalhos funcionavam como uma heterossexualização da natureza, pois os cientistas heterocis transferiam as suas interpretações das relações heterocis humanas para os comportamentos dos animais. Essa ação pode até parecer pequena, mas a imposição de um comportamento heterocissexual sobre as dinâmicas estabelecidas pelas outras espécies de animais dificultou o

avanço de pesquisas sobre a importância da biodiversidade e das ações de animais transexuais, intersexos e não monogâmicos. A imposição de uma única análise sobre os comportamentos de outras espécies de animais também dificultou a percepção de outros arranjos de parentesco, relacionamento, afetividade e relação sexual entre as espécies categorizadas. Óia procê vê! A heterocisnorma não para, kirida, nem as outras espécies de animais ficaram livres da IdeoLojinha Heteroimbecisgênera.

A estupidez é o principal movimento do homem branco, heterocis e cristão e está relacionada ao poder de esquecer, característico dos processos de dominação. Essa estupidez funciona como uma dádiva de violentar deliberadamente quaisquer corpos e de escolher ser sensível às políticas de reparação e aos movimentos antiopressão. Uma vez que a opressão é o fundamento da hierarquia que mantém os corpos-referência inatingíveis, o esquecimento aparece como uma ótima ação para que esses mesmos corpos continuem praticando as suas violências.

Jack (2020) ainda me disse que, para o homem branco heterocis cristão, fracassar é a chave para transformar a ira em violência exercitada constantemente contra todos aqueles que, para a sua lógica, não poderão encontrar satisfações em suas vidas. Dei até um beijinho no ombro, que é pro recalque passar longe! É por isso que ele estimula o fracasso entre os corpos que não fazem parte da referência, porque o fracasso para quem já nasceu perdendo tem outro significado, sugere outros movimentos, inventa outras possibilidades. Corpos para os quais fracassar tem a ver com recusar-se a corresponder às lógicas de dominação e superioridade; com desfazer-se das positivities que só funcionam como recheios meritocráticos para os corpos já fodidos; com mover-se pela coletividade em vez da domesticidade, pela amizade em vez da familiaridade. Esse tipo de fracasso é desconhecido por corpos que vieram sendo acalentados pelas normas que os produziram. O bom é que sempre há tempo para desconfiar do conforto, neah? Que tal começar agora?!

É preciso acionar um modo de autodestruição no qual qualquer busca por felicidade e por relações geracionais e cumulativas da família sejam os piores meios para a infecção dos corpos com o vírus da colonialidade. O que se passa adiante senão uma tradição, uma norma, uma regra, uma forma de vida...? É preciso rejeitar a família como a forma de organização social porque ela é a matriz de reprodução de relações assimétricas de poder que desfazem as outras possibilidades de vidas dos corpos por as considerarem perigosas, não normais, pecaminosas, impossíveis. Tô contigo, Jack! Vamo peidar nessas família de merda!

Estimular fracassos como modo de vida é uma estratégia de desfazimento das normas nos corpos, nas vidas, nas relações, nas escritas, nas pesquisas, em todos os lugares possíveis

de serem invadidos por fracassos que denunciem a pretensa estabilidade das normas vigentes. Jack me alertou que o fracasso tem relação direta com os saberes que vêm de baixo e eu disse para ele que meu sobrenome deveria ser baixaria, porque eu me interesse mesmo é por aquilo que está descartado, jogado num canto. Ele me disse que são esses os saberes considerados inacabados, ingênuos, pouco ou nada científicos, desautorizados e desclassificados desde o princípio. E que, ainda assim, a universidade precisa dos fracassados porque são eles que apontam os caminhos impossíveis de serem conhecidos com suas lentes colonizadoras. E eu senti até um arrepio no meu rego enquanto ele continuava dizendo que os corpos fracassados desde sempre precisam aprender aquilo que conseguem ensinar para si e que isso faz com que as suas teorias funcionem como desvios, simplesmente porque eles aprendem de outra forma. Os corpos fracassados possuem os mapas dos caminhos que ainda não foram tomados, tem boniteza melhor que essa?

A seriedade e o rigor são geralmente relacionados ao ato de criar uma escrita, um modo de pesquisar, um modo de vida apesar da academia e funcionam como formas de localizar corpos sob treinamento acadêmico. Assim o fazem sofisticando a reprodução dos modos de fazer pesquisa, aos montes, seguindo metodologias que apregoam o distanciamento e a separação. Fracassar para esse acordo acadêmico é questionar o conforto desesperador das normas sobre um corpo que não identifica os padrões de pesquisa naquilo que lê: que escrita é essa? Que pesquisa é essa? Jack ainda contribuiu com meus movimentos ao dizer que modos de saber diferentes fracassam para a linearidade colonizadora, para a narrativa preparada e sequencial. Eles acontecem na efusividade da memória que aparece e se desmancha em muitas outras; um pensamento é uma articulação momentânea que possibilita a criação de outros movimentos no corpo todo.

Foi me movendo de fracasso em fracasso que eu me tornei uma bicha pesquisadora fracassada para a academia branca, heterocis e cristona: fracassei em cumprir com as regras de sentimento que organizaram formas de sentir sempre entristecedoras para o corpo que eu vivo; fracassei para a organização familiar que já tinha uma vida preparada para mim; venho fracassando para as relações que pretendem ser de amizade, mas que logo se mostram dominadoras, familiares, heterocisnormativas, cristãs, racistas, colonizadoras; fracassei para a monogamia, para o amor romântico, para o estigma da aids; fracassei para o comportamento esperado do intelectual, para a representatividade, para a originalidade, para a obediência. Só se inventa outros movimentos com o próprio corpo quando se fracassa com sucesso!

VAMO JUNTAS, FRACASSADAS!

3.3 O dia que um homem entrou aqui

O dia que um homem entrou aqui foi o pior dia da quarentena. Entrou, como qualquer homem, sem avisar, sem pedir licença, sem sequer ser chamado ou convidado. Homens entram em qualquer lugar e a qualquer momento, porque sua composição é fortalecida todos os dias por cada corpo que vive em sociedade; e é celebrada também. Não sei como um homem entrou, apenas encontrava-se sentado na sala, ao fim de um documentário sobre pessoas trans no cinema, olhando-me nos olhos no exato momento em que meus ouvidos escutavam: “eu sou uma mulher”.

A partir daquela afirmação, um homem continuou dentro da casa, da casa toda. Cada cômodo continha aquele cheiro de virilha suada que homens carregam nas suas cuecas sujas. O banheiro cheirava a desodorante barato como aqueles que, ironicamente, chamam de Avanço. Um homem avançava em cada cômodo, observava a vida de uma mulher em afirmação, que se construía um pouco mais a cada dia. Seguia aquele corpo de mulher recém-nascida com um apetite que só homens têm, insistindo no descuido, avançando sobre o corpo sem ser chamado, um homem não sabe criar espaço, porque foi treinado a dominá-los todos.

No quarto, um homem aproveitava-se da madrugada para abrir os olhos e decifrar todos os novos sentidos que ocupavam aquele cômodo à noite. As noites também eram novas, cheiravam a cuidados de mulher, a tecidos de roupas compradas, a produtos de limpeza facial e cuidados corporais. E um homem comia com seus olhos nojentos um corpo de mulher deitado de costas, com a calcinha que o convidava ao abuso. Não sei se um homem tocava o corpo da mulher afirmada. Na verdade, duvido que qualquer mulher que se afirme e se posicione como a mulher que é permita que algum homem, algum dia, avance sobre ela.

Um homem encontrava-se em todos os cômodos da casa. No outro quarto também, encostado nas quinas das paredes, olhando tudo em sua volta, na busca por algum instante que lhe permitisse dizer: agora eu moro aqui! Pensam-se espertas essas criações coloniais que chamamos de homens, pois eles são articulados com as certezas que explodem suas mentes e enchem seus corpos com a conquista, a dominação, a estupidez, a ocupação de espaços e corpos para a celebração de sua invasão. Como esperado, ele andava muito próximo do corpo da mulher, esta criação subjugada a ele desde o início. Cada palavra da mulher parecia fortalecer a presença de um homem, de modo que quase se podia ouvir suas gargalhadas, aquelas mesmas que eles dão quando encontram alguma justificativa ridícula para dizerem, logo após um gole na cerveja choca: “eu sabia!”

Não sabem nada! Pensam que sabem, enganam-se assim. Continuam sentados sobre seus cus mal lavados e cabeludos e inacessíveis, cagando as merdas de suas conveniências arranjadas para mantê-los intactos. Mas aqui, não, machão! Aqui não tem espaço para homem, não nessa casa, não nesses cômodos, não nesses corpos e nem nas suas relações. Em poucos dias, um homem sumiu da casa e passou a ocupar os sonhos, talvez porque, ali, ele sabia que conseguiria entrar e atormentar os corpos que precisavam dormir. Queria fazer como a Igreja Cristona e pregá-lo em uma cruz, com pregos bem grossos e atravessar algumas vezes uma lança pelo seu tronco, certificando-me de sua morte. Mas nem com a Igreja funcionou. Inventaram que um homem pediu perdão e morreu por todos os cristóins, esses panacas que acreditam em *HIS*torinhas de cobras que falam, maçãs envenenadas pelo pecado e apedrejamento de prostitutas. Homens dominam pensamentos e um homem começou a tentar dominar os nossos sonhos. Aparecia em forma de pai opressor, tio estuprador, ex-namorados violentos, amigos traiçoeiros e atormentava os sonhos dos corpos na casa por noites a fio. Um homem conseguiu a proeza de fazer parte do café da manhã, quando os sonhos eram comentados e seus absurdos eram debochados a cada mordida no pão que o viado amassou.

Homens não aguentam deboches e curiosamente são os seres mais debocháveis nessa construção social que ainda se sustenta. Mesmo sendo debochado em todo café da manhã, um homem insistia em permanecer de algum modo. A cada momento em que a mulher falava sobre si, um homem buscava explicá-la, compreendê-la, decifrá-la. *Ughn*, esses homens! Sempre encontrando formas de serem a referência das palavras emulheradas. Já não dava mais, um homem estava ameaçando as vidas na casa. E foi quando a mulher quase desistiu de continuar a tornar-se ela que a decisão foi tomada: **É preciso matar um homem!** Mas como, se não se consegue tocá-lo, se um homem está nas palavras, nos entendimentos, nos pensamentos e até nos sonhos? Como é possível matar um homem, se ele aparece quando quer e da maneira que quiser?

Seguiram-se os deboches, as risadas que ridicularizavam os sonhos invadidos por um homem e os corpos da casa continuavam se movimentando, rápida e lentamente, na busca por eliminar conjuntamente um homem da casa. Exercitaram-se muito, exaustivamente, de todas as formas encontradas, para desarticular as maneiras criadas por um homem para entrar em casas e corpos. Do sexo, fizeram busca de outros prazeres, de outras partes dos corpos, de outras performances e abdicaram-se da necessidade de gozar, tão favorável à presença de um homem. Dos dias fizeram rotinas de conversa, leitura, movimentos de aprender e ensinar. Do relacionamento, fizeram outro, outra coisa, como sempre souberam que seria, e ficaram mais fortes, porque juntas. Da casa, fizeram outro espaço, agora ocupado por mais cheiros de

feminilidades em afirmação, com perucas que se tornaram cabelos, depois decorações; calcinhas que passaram a ocupar mais o varal da varanda; com barulhos marcados em compasso pelos saltos de madeira que andam o dia todo para lá e para cá, como danças que espantam homens; com maquiagens que pintam rostos e criam outras expressões, como máscaras e carrancas que assustam maus agouros.

Os exercícios foram se intensificando de modo que os dois corpos, ameaçados por um homem que os invadiu, tornavam-se mais fortes a cada dia, a cada conversa, a cada risada, a cada carinho, a cada trepada. E foram compondo-se juntas, até que, num dia qualquer, o corpo que se afirmara mulher deu o golpe derradeiro para decapitar a presença de qualquer homem. Insistindo na vida que tentava esconder sob a imagem já carimbada da mulher-da-ciência e fortalecida em um relacionamento que, felizmente, não encontra lugar nos manuais que classificam a união mercadológica de dois corpos para manterem seus direitos, aquela mulher que durou algumas semanas abraçou-se com a bicha com a qual está macumunada e, mais uma vez, afirmou-se: “eu sou uma travesti”.

Bye, bye, homem!

3.4 Escrever como um corpo bicha posithiviva

Cada corpo importa. Sim, cada corpo tem importância, isso também. Cada corpo importa para que um regime de poder seja mantido em funcionamento; digo isso provocada pelo Paul Preciado, desde 2018. Importa que cada corpo se produza como o Eu, este indivíduo, individual, organismo-humano-chamado-de-Eu, original, sem cópia, único: um corpo é governado por um regime de poder que precisa que ele se pense como superior e autossuficiente, e hierarquize os outros corpos com os quais se relaciona abaixo de si, pois o Eu é o sucesso! O Estado é o Eu. Cada corpo importa, mesmo que seja para agir contra a própria vida. Importa também que cada corpo não perceba a sutileza da colonialidade nas suas palavras, ações, gestos, comportamentos, movimentos; que permaneça excitado pelo ódio que produz e alimenta enquanto combate todos aqueles corpos que não lhe são semelhantes, que não pensam da mesma forma.

A produção do Eu depende há tempos da cor da pele, do gênero, do sexo, da sexualidade, do nome, da riqueza, da religião, da capacidade de criar mentiras e cometer crimes. O Eu é um local que protege de ameaças as pessoas que mais ameaçam a vida no território *brazyleiro*, as famílias que herdaram imensos territórios e continuam a governar com suas oligarquias, suas

capitanias hereditárias. O Eu foi transformado em uma plataforma de ricos, o acesso é mediado por quantidades grandiosas de dinheiro, fé perversa e autoritarismo branco.

Abaixo do Eu estão os outros corpos: o povo, os negros, as mulheres, os indígenas, as bichas, as sapas, as bissexuais, as travestis, as pessoas trans, as não binárias, as assexuais, as intersexos, as deficientes, as velhas, as gordas, as... as... as... Êêêêpa, tem corpo pra caramba abaixo do Eu, tem muita vida abaixo do indivíduo, tem muito corpo abaixo da cabeça, tem muito corpo em cada pensamento, tem muito corpo em cada ação. E cada corpo importa!

Importa mais ainda como cada corpo que sabe que não é um Eu movimenta-se no sentido de criar uma vida para si; importa como cada corpo que não é um Eu maiúsculo produz para si um eu minúsculo, desconhecido, que não reproduza o modelo, que crie movimentos de vida que demonstrem a ineficácia do EU, esse grande modelo que pretende todos os corpos como sua imagem e semelhança.

Importa como cada corpo possui em si a capacidade de enfraquecer a norma que o governa, que o limita, que o torna mais um universal do sofrimento, da violência, da agressividade. Para isso é preciso que cada corpo desvie da necessidade de tornar-se um Eu já pronto e passe a exercitar a criação de eus consigo e com outros corpos. Quantos eus existem nas sexualidades não heterossexuais, nos corpos não brancos, não magros, não homens, não cristãos, nos corpos com deficiência...? Quantos corpos existem longe dos eus, dos eles, dos nós? Tem como criar um corpo sem pronomes? Um corpo só pode ser se for nomeado? Vê uma palavra aí pra mim, por favor. Pode ser um palavrão, que eu sou bem grandona.

Cada corpo importa, repito como um mantra que me força a pensar que existem muitos outros corpos além de mim, que eu escrevo apenas as agonias de um corpo que está exausto das palavras, das identidades e suas nomeações, das maneiras de ser que nunca são, das distâncias, das dificuldades de trazer para o texto algo que grite desesperadamente: **VOCÊ É UM CORPO, VOCÊ É TODO UM CORPO, CADA PARTE DO CORPO É VOCÊ, EXERCITE PENSAR SEM SER COM A CABEÇA ORGANIZADORA BRANCA HETEROIMBECIS E CRISTONA E SEM QUERER SE TORNAR UM EU.**

Isso é impossível!? Será? Como um corpo, consigo perceber a confusão em outros corpos quando me olham, consigo sentir o ar ficando mais agressivo quando estou rodeado de homens machos heterossexuais cisgêneros, quando estou em seus territórios, consigo ver as bocas segurando as risadas de deboche quando olham as roupas, os lábios coloridos e os olhos sublinhados. Consigo perceber que não gostam de mim, que duvidam de mim, que ridicularizam o que penso, chamando de sentir, de experiência; mal sabem que isso também é pensar, é saber. É também como um corpo que percebo que não sou igual, na relação com todos aqueles que

pensam ser; mais que isso, é como um corpo que consigo perceber que posso permanecer não sendo igual, que posso me transformar constantemente, longe da ansiedade que busca sempre algo novo para se ocupar e abandonar, próximo da percepção dos movimentos de criação de si: um corpo colonizado tem um território inteiro para conhecer.

É como um corpo que consigo aprender-me corpo, passeando em mim; deixo de acostumar-me a perceber-me corpo pela dor, de respirar automaticamente, de andar sem perceber os apoios dos pés e as relações entre as articulações das pernas. É como um corpo que consigo perceber o peso dos ombros e modificar seus movimentos acostumados, a relação daquela dor de cabeça com a quantidade de gordura que ingeri e afetou mal o fígado, a modificação na alimentação, a dificuldade de cagar, a lubrificação anal, a mudança na hidratação, no consumo de líquidos. É como um corpo que consigo sentir carinho, proteção, segurança, confiança, desejo; também é como um corpo que sinto a ameaça, a raiva, o medo, o pânico, a coragem. É como um corpo que modifico e movimento as coisas, os corpos, não só como pensamento. O corpo todo importa a qualquer movimento de mudança, porque todo um campo de conexões é alterado ao movimentar-se como um corpo-todo, aquele babado lá do rizoma de Dê e Gê, que a gente discutiu com a Silvinha.

É como um corpo que me sinto, que me movo de outra forma, que me percebo em constante mudança, uma ruga que se aprofundou na testa e registrou um movimento tão repetido que fez a pele ceder, os cabelos que se pintaram de cinza e os que começaram a ceder espaço para a pele da cabeça sentir mais o ar. É como um corpo também que aprendo a sentir, a procurar os sentimentos, o amor que mora no peito, a alegria que brilha nos olhos, a raiva que esquentava o fígado, o medo que aperta o estômago, a tristeza que pesa o peito e puxa os ombros para baixo, a preocupação que esmaga a cabeça, de tanto rodear a si mesma, o tédio que prolonga o tempo da pele. Como um corpo eu aprendi a guardar pessoas no coração, a perder o jogo das pernas, a rir de desespero e gargalhar de alegria, a ver o sorriso da lua e o nascimento do sol, a cozinhar com carinho, a morder um pedacinho do céu e fazer da língua uma explosão de sabores, habitei o coração da casa, acompanhei o trajeto de uma gota de suor investigando a pele das costas, torci o nariz para imbecilidades, revirei os olhos de impaciência, engoli o choro e cuspi a fúria. Como um corpo eu dei a mão, meti o pé, sentei no meu rabo, fechei a boca, dei um passo maior que a perna, abracei o mundo e o carreguei nas costas, tomei no cu, troquei os pés pelas mãos, requebrei as cadeiras, falei merda, cresci de alegria e me encolhi de constrangimento, comi até o cu fazer bico, rasguei o verbo, segurei a barra pesada, ralei o cu na greta, desci na boquinha da garrafa, arreganhei os dentes, meti o nariz onde não era chamada, matei nos peito, chutei o pau da barraca, tremi nas base, olhei pro meu umbigo, abri o peito,

senti o bolo na garganta, mordi a língua, esfriei a cabeça, tive pulgas atrás da orelha e xêros no cangote, dei de ombros, corri para as montanhas, caguei e andei e sumi num piscar de olhos...

É como um corpo que paro de ocupar a cabeça como torre e de defender o cérebro como uma princesa indefesa e vulnerável que precisa da vaga certeza oferecida pelas opiniões; e desço para experimentar todas as possibilidades de um novo mundo de sentidos e sensações que um corpo pode proporcionar para si mesmo: sei com as mãos, sinto com a barriga, suspiro de vontade, vejo com as costas, sento com os joelhos, seguro com os pés, cheiro com os dedos, encho os pulmões de ar para expulsar o cansaço, como com os olhos, gozo com o cu, falo pelos cotovelos, tenho borboletas no estômago e arrepios atrás da orelha...

É como um corpo que eu me reconheço, que transformo a pele em território de saberes e cada poro em um cu que experimenta os prazeres do movimento do suor, do ar, do arrepio, do calor e da água. É como um corpo que eu me experimento em mim, também é como um corpo que desarticula a necessidade de ser um Eu, porque o próprio corpo desorganiza as palavras com seus movimentos, experimenta-se de outras maneiras, transforma a pele em território de experimentação em vez de um órgão que o define e limita. Um corpo se desorganiza para fazer surgir outros tantos corpos, impedidos por aqueles que antes se buscava, desesperadamente, ser. Um corpo experimenta em si, inclusive, o que foi feito dele.

Teoria também é corpo, é forma de vida, teorizar nada tem a ver com ficar sentado nas salas das universidades e batendo cabeça com os pensadores europeus que foram alimentados pela paranoia de que tudo que eles falassem seria vertido em regras de organização social nas colônias e nos corpos colonizados que são obrigados a lê-los e, muitas vezes, forçados a obedecer às suas palavras como quem se torna um súdito de um deus que manda e pune. A academia, funcionando assim, torna-se mais um templo de reprodução do saber branco, macho, heterocis, cristão; não há local para os saberes que não passem pela alfândega da correspondência ocidental, não há saber que seja reconhecido como tal antes de ser violentado como experiência, local de fala, vivência e vitimismo.

Não há mais fôlego, nem ânimo para continuar pedindo licença para existir em um local que deveria estimular a criação de saberes outros, mas que ainda funciona de modo a selecionar os melhores cérebros. Aqueles que já sabem que devem obedecer e acatar todo o modo de funcionamento acadêmico que transforma orientadores em atormentadores de vidas; que endossa a violência maquiada pelo discurso acadêmico que ainda diz que pesquisadores não sabem nada; que precisam aceitar e acarinhar o ego inflado do professor que é especialista no teórico tal.

Criar uma teoria é criar a partir de si, da experimentação de mundo que o corpo

possibilita, da percepção de mundo que é possível ao corpo. E criar a partir de um corpo já é um afronte à academia branca que solidificou suas metodologias objetificando corpos aqui e ali, chamando seus saberes de populares, folclóricos, senso comum, distantes das teorias...

Os métodos que observaram os comportamentos dos corpos-objetos-de-pesquisa operavam pela dinâmica simples e binária de separação colonial entre corpo e mente, tão necessária à dominação europeia de territórios nos quais a separação de um corpo em capacidades mentais-superiores e corporais-inferiores era impossível de funcionar. A construção de saber da academia depende da separação, do distanciamento de quem pesquisa para não ser contaminado por aquilo que pesquisa, da separação entre teoria e prática, da celebração do pensamento como pertencente ao aprisionamento da mente em teorias batidas aqui e ali e conceitos requentados para funcionarem novamente nas aulas enfadonhas. Não funcionam! É só aguardar a defesa de um trabalho de pesquisa em Educação que a pessoa responsável logo falará da maneira como se envolveu com as pessoas que participaram da pesquisa, como aquelas realidades afetaram seu corpo, modificaram seu pensamento, mudaram os rumos da pesquisa.

Teorizar com o corpo depende de perceber-se um corpo organizado por uma dinâmica social que valoriza poucos corpos, enquanto suga toda a capacidade para afetos de muitos outros, atravessando-os com identidades mobilizadas por dores e violências, nas quais os corpos devem se encaixar e operar com seus discursos disponíveis, repetidos *ad infinitum*. O corpo produz saberes ao ser atravessado pelas identidades e pelas opressões que as compõem e esses saberes estão além da tentativa nula de defender-se como uma identidade fixa, imutável e protetora do eu. Saberes corporais estão nas relações de tensão que existem entre a identidade imposta pela dinâmica social de distribuição hierárquica do poder e o corpo que não consegue se perceber representado na identidade que defende com unhas e dentes. Cêis tão lembradas dos movimentos dentre que fofoquei com a Glorinha e a Maricota e a Silvinha e a Lelíssima? A zenty sabe bem o que é viver nem lá nem cá, sem nunca perder o rebolado.

Os saberes corporais passam pela genitália, mas sem a necessidade de genitalização da existência, passam para fazer delas uma produção de saber, para que elas sejam produzidas pelo corpo e não pela ciência, medicina, mídia, educação, psicologia... Uma buceta, um pau, um cu não definem um corpo, mas podem denunciar as inúmeras artimanhas acessadas pelo sistema de governo para produzir um corpo rotulado pelo sexo que tem, pelo sexo que faz, pelo sexo que quer fazer. Os saberes corporais passam pelo cu para desfazer a imbecil oposição entre ele e a boca, dois extremos de um tubo que produzem atos de fala, locuções com sentidos múltiplos, aprendi isso com a Jota Mombaça lá em 2015. Pelo cu são denunciados os golpes baixos que

sustentam a heterocisnorma organizadora de corpos, o cu é a destruição do homem heterocissexual, um simples dedinho entrando ali faz desmoronar séculos de produção de uma masculinidade que só não é mais falsa do que a ideia de que existe o homem perfeito. Os saberes corporais demonstram como um corpo percebe-se corpo no mundo, na sociedade, na cidade, no bairro, nas suas relações mais próximas, nas suas composições afetivas com outros corpos e consigo mesmo, não foi à toa que a María Lugones já cantou a pedra lá em 2014 de que são os corpos, cada um deles, que informam como o sistema de opressões coloniais os atravessam e não o contrário.

Os saberes corporais têm relação com a identidade: fazem o corpo perceber que a identidade é vivida mais fora que dentro, que ela é, muitas vezes, criada para controlar o corpo, os sentidos do corpo, os prazeres do corpo, os desejos; fazem um corpo perceber que pode agir sobre a identidade, que pode dissolver seus efeitos perversos de dominação sobre uma afirmação de vida. Ao mesmo tempo em que podem denunciar as perversidades da identidade como mais uma atualização do regime político vigente pelo corpo, os saberes corporais também são cooptados pela organização social e pelas suas instituições: família, escola, militarismo, política, religião, psicologia...

A cooptação dos saberes corporais pelas instituições são ao mesmo tempo gerais e específicas, não têm uma frente única; agem de forma difusa, rápida e eficaz. Um casal faz um chá de revelação do “sexo” do bebê; um pai proíbe uma criança de dançar em frente à tv; a mulher heterocis negra repete diariamente a lista de estratégias de sobrevivência na esperança de que seu filho não seja morto pela polícia branca a caminho da escola; a pedagoga faz uma fila de meninos e outra de meninas; o médico entrega nas mãos do paciente dois potes de remédio, fala como deve tomar, devolve o exame de sangue e avisa: você tem HIV e a vida é normal; a menina que usa saia é envergonhada ao querer subir em uma árvore; a Marinha aposenta compulsoriamente a oficial que se afirmou uma travesti; a esquerda impossibilita o debate de sexualidades e gêneros em suas células por considerar política uma coisa de macho; a mulher heterocis permanece incomodada enquanto cede à violência sexual do marido heterocis que precisa gozar antes de dormir; o líder espiritual violenta bichas e meninas adolescentes e afirma que seguia as ordens de deus para transferir sua pureza; o psicólogo não entende a agonia de um corpo que não quer ser categorizado dentro do binarismo de gênero e anota em sua prancheta: sofre por estar no corpo errado.

Não é o corpo que está errado! Erradas são as formas pelas quais se proíbe o corpo de ser exatamente como ele se apresenta; errado é pensar que um corpo não percebe e não sente as violências que as suas teorias ainda despejam sobre eles nas salas de aula e grupos de

pesquisa; errado é matar todo dia um corpo e noticiar durante o almoço a tentativa branca de reproduzir na tv o inimigo que foi criado para as colonizações; errado são corpos se debatendo para caber em uma identidade, porque ela é a única possível para o reconhecimento político; errado é ainda lutarmos pela aceitação, enquanto quem aceita pode escolher se vai ou não, quem vive e quem morre; errado é um corpo esperar da hierarquia o reconhecimento de seus saberes; errado é pensar que a mente não mente.

Para mim, escrever como um corpo tem muito a ver com escrever como uma dança, como a vida se apresenta, a cada momento diferente de si. Escrever é um outro modo de olhar para o corpo, a bicha, a vida na soropositividade. É lembrar de muita coisa, um exercício de não esquecer do que me acontece, para que o corpo esteja preparado para não retornar, para não reproduzir os mesmos movimentos, mas se exercitar por criar outros e por fazer outras danças dos movimentos lembrados. Escrever uma tese movimentando saberes a partir de um corpo bicha é um belo exercício de alegria de propósito. Escrever como um corpo bicha positivista também me parece um exercício de borrar os limites que insistem em prender os movimentos da vida em identidades, como se registrassem na pele de um corpo: você é isso! É uma forma de escapar desses registros do que se deveria ser, e criar, confundir, movimentar, dançar de novo.

– Você é a bicha aidética! – Define o limite.

– Eu sou uma bicha positivista! – Digo com meu corpo no ato de escrever.

São duas afirmações quase iguais, não fosse o “quase”. A diferença está em quem diz. O limite define uma coisa carregada de dores, às quais é muito fácil se acostumar, pois elas emolduram existências, encapsulam vidas em limites horrorosos. A aceitação de um limite destina pouco movimento a um corpo bicha que vive com HIV, como uma cerca eletrificada por dominações sobre existências: que a homofobia mata uma vida LGBTI+ a cada 23 horas no *Brazyl*; que um corpo bicha tem que morrer; que não é um corpo amável, desejável, mas um buraco para receber a porra e aliviar a tensão que ser macho impõe aos corpos com pau que se pensam homens; que um saber bicha não é válido; que um corpo bicha está destinado a permanecer na pandemia de aids que começou na década de 1980 e permanece em curso; que quando uma bicha abre a boca, nada que sai dela importa, a não ser que seja o sofrimento que alimenta a solidariedade cristã, a qual olha para aquele corpo e diz: coitado, deus tem uma obra na sua vida; que um corpo bicha precisa rebolar menos, desmunhecar menos, falar mais grosso, servir como chacota, comportar-se como homem, como mulher e todas essas regras que insistem em gritar: você deve!

Tenho exercitado a escrita para afirmar a vida que eu vivo e que é boniteza, alegria de propósito. Para remexer também todas as dores que os limites infligiram ao corpo, como marcas registradas de um sistema que impede corpos de viver uma vida boa, alegre, celebrável. Quando escrevo como um corpo, é para dizer: estou cansada! Não devo nada! Eu vou viver apesar dos limites. E afirmar a vida e apagar os registros das dívidas eternas com as sequelas coloniais ainda sustentadas pelo regime heterocissexual, branco e cristão que governa. E suspirar palavras que, combinadas, exalem: a vida é colocar estátuas para dançar. E coreografar, dançar, dirigir, ensinar, aprender, escrever a vida que vivo aqui neste corpo, neste tempo, neste espaço. Essa vida que é muito brilhante, sim, porque acontece sempre em relação com muitos outros corpos, com os quais um corpo bicha aprende a ser mais vivo, mais forte, mais corajoso, mais alegre!

Escrevo para abrir espaço no corpo, na casa, nas aulas, na dança, na vida, como quem abre as janelas para a luz e o vento entrarem na dança da casa... Espaços para aprender mais, para enxergar melhor, escutar os sussurros e gritos e compor meu corpo com isso tudo, meu corpo com outros corpos, e desejar que a vida seja mais dançante. Incinerar os limites, inclusive aqueles mantidos em segredo, queimá-los todos! Ou pelo menos mover o corpo para além deles, de modo que seja possível percebê-los assim: apenas como limites.

Escrever como eu mesma é escrever para criar espaço de existência, não apenas a minha, mas todas as existências que quero e que admiro, principalmente aquelas que ainda não conheço, com as quais sonho em muitas noites. Escrevo para ampliar a beleza dos corpos, que me interessam tanto, que me fazem ainda perceber que é possível viver bem sendo um corpo no mundo. E quero todos os corpos comigo, nem que seja na minha escrita: quero corpos gordos e suas barrigas de fora e calças de cintura baixa e shortinhos atolados no cu e... Quero corpos trans e as malas marcando e os chuchus no rosto e os seios peludos e os paus de *cyberskin* e... Quero corpos negros gozando litros e debochando das bocas que ainda celebram as colonialidades e reanimando os saberes negros que foram embranquecidos neste território que ainda busca ser uma europinha de merda e... Quero corpos indígenas pisando em seu compasso que marca a resistência da vida na terra batida pelos pés e movem-se pelo retorno de nossa história selvagem e próxima ao corpo e com o corpo na terra... Quero corpos idosos com suas rugas e seus movimentos celebrados e com suas pelancas à mostra e com seus fios brancos brilhando à luz do sol e celebrando que seus corpos vivem e... Quero corpos deficientes sentindo prazer e destruindo os limites que só registram neles as incapacidades de todos os outros e... Quero corpos sapatões coçando o saco e exibindo suas axilas peludas e celebrando as caminhoneirices com seus violões desafinados e... Quero corpos fluidos e em trânsito constante

para confundir, todos os dias, a cada hora, as normas que buscam limitá-los e... Quero travestis negras no comando da nação, como deveria ser, e suas vozes anavalhadas e seus saltos de acrílico e suas palavras que destroem heterocisnormas e Quero corpos bissexuais vivendo e não escondidos nos aplicativos de pegação, mascarados pela monogamia, e mostrando que prazeres e sexualidades não precisam de um caminho só e Quero todos os corpos que ainda irão existir para além das normas que permanecerão como feiuras, para além das representações e representatividades, para além das siglas e das categorias, para além das descrições e dos comportamentos esperados e sempre em movimento de acontecer.

E quero tudo isso porque, a cada dia, quero mais ainda ser a bicha que rebola e que retira a calcinha do rego com a mesma rapidez com a qual relaciona conceitos filosóficos tão complexos e Quero beijar o macho hétero dono do bar da esquina no rosto e deixar nele a marquinha de batom que diz: bom dia e seja alegre de propósito e Quero falar na cara aquilo que o corpo já percebeu, mas a mente colonizada e colonizadora mantém escondido em suas técnicas para dissimular o que se sente e Quero uma suruba de corpos e seus pensamentos que rasguem os boletos das sequelas coloniais e gritem em alto e bom som: não devemos nada! Não temos medo de mais nada e vamos quebrar tudo e !

Escrever como uma bicha posithiviva é uma insistência na escrita como uma ocupação do mundo. Criação de outros mundos também, para serem ocupados pelos corpos que já existem e pelos que hão de se inventar nos movimentos da vida no mundo, na terra, na água, no fogo e no ar. Escrever para que o corpo, junto com todos aqueles que me atravessam e me compõem alegremente, deixem de fugir para as montanhas e construam montanhas sobre os prédios de concreto e florestas nas ruas pavimentadas e lotem as avenidas com suas formas bichas de ser o bicho que escolherem.

Escrever para fazer do luto um carnaval de movimentos aglomerados, para fazer da dor trampolim de muitos corpos, para fazer do limite uma faixa a ser cortada para a inauguração de outros mundos possíveis, porque já existentes. Escrever para não romantizar nada, para ocupar com palavras e corpos um papel que me sirva ao mesmo tempo de denúncia, romance, conto, notícia, poesia, margem, carta, música, movimento, dança, seriedade e baixaria, deboches honestos, vidas em trânsito constante, corpos em composição e...

Escrever para compor-me, para fazer do corpo que vivo a existência que ele já é, para compor-me com outros, para olhar-me no papel como quem se olha em um espelho e deseja: eu quero ser você! E, quem sabe, neste movimento de desejar-me, eu também consiga desejar-nos mais e exercitar o que mais me importa, a celebração de sermos mais parecidas do que imaginamos, simplesmente por sermos movimento de mudança constante. Escrever para

inventar uma epistemologia de corpos descoloniais, a qual só acontece pela criação de outras maneiras de pensar, misturadas com as emoções, com a voz, com o movimento e o sentir e o corpo todo. Escrever tudo isso sem a necessidade de permissão do corpo branco, heterocis e cristão, porque ele já criou o mundo a sua imagem e semelhança e a gente tem visto a feiura que é...

3.5 Corpos em todo lugar a todo momento

Era uma vez um corpo em contato com muitos outros corpos sem se preocupar com a proximidade entre eles. A possibilidade do contato físico era celebrada em cada abraço apertado e a cada beijo segurado por mais que um segundo na bochecha. Uma vez em que um corpo não se importava em suar junto com outros corpos, amontoados em baladas realizadas em locais que mais pareciam um quartinho; frequentava as saunas durante a noite e banhava-se com outros corpos, esfregava-se com eles, a dois, a três, a quantos quisessem; pulava suado em meio a batucadas de vários blocos misturados no Carnaval. Um corpo organizou-se em movimentos com muitos outros corpos, em manifestações, nas ruas, nas praças; reuniu-se em aulas, em rodas de conversa, em experimentações nas ruas, em danças e teatros, festejou embaixo de viadutos, com passinho, voguing, drag queens, requebrou até o chão.

Era uma vez um corpo que vivia em contato com muitos outros corpos e pensava em si como um templo a ser preservado; como uma identidade única e imutável, a qual nenhum outro corpo conseguia afetar; uma posse de algum ser sobre uma estrutura feita de ossos, músculos, órgãos e pelos: – Esse corpo é meu! – Diria o Ser. E ocuparia um corpo como uma vestimenta, uma mercadoria, e se chamaria de Eu a partir do Outro. A depender de como um corpo do Ser fosse pensado pelo cérebro do Eu, em uma organização social na qual corpos eram categorizados por suas relações com os Outros, seria então mais beneficiado ou mais vulnerabilizado, hierarquizado sob categorias interdependentes, mas não comunicantes. Uma vez que um corpo fosse categorizado e vivesse em uma organização social hierárquica, atravessavam-lhe a raça, o gênero, a classe, a sexualidade, o capacitismo, o etarismo, como sistemas de opressão que se interseccionam e estruturam dificuldades e vulnerabilidades maiores ou menores a depender das contextualidade dos corpos, obedecendo a uma referência de corpo: homem, branco, heterossexual, cisgênero, cristão. O corpo do Eu era atravessado por vários Outros...

Um corpo era? Um corpo pretérito imperfeito, no passado, mesmo? Mas um corpo não é? No presente? Um corpo: presente! Existe corpo no futuro? Era uma vez?

Um corpo, assim como a história, não é linear. Aprende-se sobre a história como uma enumeração de acontecimentos em datas específicas; a passagem de um período para outro como uma quebra, um salto, perdendo-se todas as conexões. Uma linha do tempo com passado e presente orientados para o futuro, uma linha para o progresso contando as histórias dos corpos-referência: o capitão, o doutor, o soldado, o ator, o escritor, o cientista, o papa, o rei, o presidente. Conta-se a história de um corpo de forma semelhante: quando eu era criança, quando eu era adolescente, quando eu era magra, quando eu era novinho; um corpo está em um passado impossibilitado de voltar. Refere-se, também, a um corpo como promessa: quando eu emagrecer, quando eu animar, quando eu aprender, quando eu estiver pronta, quando eu for alguém na vida, quando eu tiver tempo; um corpo vive ansiando ser o que ainda não é... Para um corpo situado em uma limitante linha do tempo, a distância é quem está no presente e um corpo é lembrado conforme as instituições o categorizam, incorporam-se nele. Um corpo é doença, é dor, é ausência; é triste, horrorizado, enlouquecido, indisciplinado, empobrecido, ansioso pela busca da referência e por ela racializado, generificado, sexualizado, desumanizado.

A pandemia de covid-19 demonstrou bem isso: a confirmação do novo vírus colocou corpos em um local novo, situados entre o que era o normal e o que será o novo normal. Corpo entre passado e futuro. Mas e um corpo no presente? No presente, corpos precisam se reinventar, é o que se diz, é o que se tenta fazer. Muita coisa permaneceu a mesma, outras pioraram, como as desigualdades sociais, por exemplo. A pandemia de covid-19 mostrou que a história não é linear, que o autoritarismo pode voltar, que o fascismo pode voltar, que os direitos podem deixar de existir, que vidas podem ser impedidas com sofisticações cada vez maiores, que corpos podem ser constantemente distanciados de si, quanto mais a ignorância puder governá-los, quanto menos souberem sobre suas histórias, quanto menos puderem contá-las, quanto menos importarem, desde a colonização até a demogracinha.

A pandemia de covid-19 passará, os efeitos do vírus nos corpos podem ser controlados e até impedidos com vacinas e medicamentos. Muito do que era comum aos corpos voltará a acontecer, de alguma forma, não da mesma. Inclusive hoje, muitos corpos se reúnem de maneiras muito parecidas com aquelas como eram antes do vírus, que não para de se transformar em outras variantes. Mas alguma coisa mudou, sabe-se da presença do vírus, mesmo que se continue ignorando-a; basta uma tosse ou espirro na rua para algum grito surgir: Aô, coronavírus! Máscaras nos rostos, álcool em gel nos estabelecimentos, placas informando sobre as formas de prevenção, notícias sobre a infecção, notícias falsas sobre a infecção.

Pensar a história em linha reta atrasou a percepção de que uma outra pandemia poderia oferecer estratégias de ação para o enfrentamento da atual. A pandemia de aids não acabou,

seus quarenta anos de existência continuam em movimento sobre os corpos. Em uma escala global, a Unaida apontou, em 2021, há 38,4 milhões de pessoas vivendo com HIV e ocorreram 40,1 milhões de mortes desde o registro de seu início. Aqui no *Brazyl*, o cenário veio sofrendo com a ofensiva governamental sobre os corpos que vivem com HIV: o *presidon't* já disse que pessoas vivendo com o vírus são uma despesa para o Estado, associou a vacinação contra a covid-19 à infecção por HIV, retirou R\$407 milhões dos recursos destinados às políticas públicas de aids e infecções sexualmente transmissíveis para alimentarem o conhecido orçamento secreto, o maior escândalo de corrupção do *Brazyl* desde a redemocratização que serviu, entre outras coisas, para o enriquecimento de seus parceiros políticos e para a compra de votos durante o período eleitoral de 2022.

O que a pandemia de aids ensinou ao Brasil foi a necessidade de não separar corpos em doentes ou saudáveis; a urgência em pensar que uma pandemia se adequa ao cenário político do país e se movimenta mais facilmente entre os corpos já precarizados; a necessidade de se investir na diminuição das desigualdades sociais para evitar mortes; a priorização de planejamentos educativos que desfaçam as informações falsas sobre as infecções e eduquem corpos a se moverem de outra forma, pela ação de aprender; a campanha para a prevenção das infecções focada nas ações educativas, individual e coletivamente; o desfazimento de estigmas propagados sobre quaisquer infecções, os mesmos que estão vinculados aos corpos mais vulnerabilizados, os quais geralmente são culpados pelas ações de vírus em geral; a possibilidade de se desvendar o horror, utilizado como prática pedagógica sobre os corpos, que conta com a disseminação de mentiras, ódio e pânico em todo o território, empurrando corpos para a morte.

Quem sentiu a pandemia de aids no corpo conseguiu relacionar os seus efeitos com as propagações estigmatizantes surgidas na pandemia de covid-19. Assistiu a líderes religiosos tentando resgatar da aids a culpa homossexual pela transmissão de vírus na pretensa sociedade heterocis cristã e branca, ouviu as constantes xenofobias praticadas contra chineses e pessoas com descendência oriental, sentiu novamente o desconforto de encostar em um corpo, de trocar fluidos com ele, de transar novamente. Os prazeres de todos os corpos foram capturados pelo medo de se infectar – com a aids foi inventado o medo de transar, de compartilhar prazer com outros corpos; com a covid-19, esse mesmo medo foi sofisticado, fazendo com que corpos sentissem pavor só em pensar na possibilidade de estar em um lugar lotado, em abraçar um outro corpo. Ao invés de estimular nos corpos a criação conjunta de estratégias de prevenção e cuidado e prazer, as pandemias vem servindo à separação, à condenação e ao distanciamento constante entre os corpos. A cada vez que pandemias acontecem, um cenário de horror é

sofisticado e os corpos permanecem atrasados pelos seus efeitos até que consigam se mover para além dele, sempre conjuntamente, em relação com a criação de resistências compostas.

Como estão os corpos em meio a tudo isso? O que cada corpo está fazendo para aprender a viver em uma nova configuração? Como cada corpo aprende com outro corpo mesmo pelas telas de computador e smartphones? É possível aprender a ser corpo a partir daquilo que foi feito do corpo, desarticular os aprendizados do corpo, aprender de outra forma...

Como um corpo vivendo em um país colonizado, iniciei uma busca eurocêntrica para a invenção de um conceito; pensava que deveria ser algo imenso, intocável, distante, difícil de falar sobre ele. Um conceito sempre longe de quem o pesquisa, como algo que o persegue e o atormenta, porque amedronta o corpo... Que paranoia! Uma relação entre corpo e conceito não pode ser estabelecida por uma dominação de um sobre o outro, uma guerra para a conquista: a vitória de um pela morte de outro, gritada em duas palavras que aprisionam o que foi morto – EU SEI. Criar conceitos é uma invenção que se relaciona com o movimento de viver. Eu precisava experimentar o que eu escrevia, como um corpo, compondo corpo e conceito de modo a transformá-los em uma ação, um verbo. Corpor: ação de exercitar um corpo para desarticular em si as capturas de uma forma única de aprender; percepção de um corpo como movimentos constantes de composição com outros corpos; exercícios de descolonização no próprio corpo, para desaprender-se; corpo como uma composição constante.

Um corpo como um território coletivo, sem dono, sem posse, sem um líder. Composição compreende um corpo transformado a cada atravessamento; um corpo que se exercita para desarticular em si as sensações de superioridade; que quer desestabilizar as hierarquias que organizam corpos pela separação e morte, desfazendo em si o que foi feito pelos aprendizados coloniais sofisticados ao logo dos anos. Nesse território coletivo, cada encontro é uma composição nova, um corpo é outro, como acontece com cada corpo, a cada momento; distante das ideias de corpo MEU, corpo TEMPLO, corpo SAGRADO, as quais permanecem reforçando uma unicidade que aprisiona corpos em locais mais ou menos vulnerabilizados, com possibilidades de mudança reduzidas. Corpor como uma possibilidade de criar de novo, outro corpo, outras vidas no mesmo corpo-organismo-humano. Em vez da saudade do passado e da ansiedade pelo futuro, um corpo sem começo, sem fim, sempre meio, porque muda constantemente, percebe-se outro, aprende-se novamente, conecta-se, compõe-se, transforma-se.

O que há em um corpo que é composição com outros corpos? Como seria o encontro da criança que se era com aquilo que se deseja aprender? Do adolescente com o corpo que não foi alguém na vida, mas que percebeu a possibilidade de criar outras vidas para o corpo que se é;

do corpo jovem com o corpo que envelheceu e percebeu no inacabamento a possibilidade de viver de novo. Quais corpos atravessam um corpo no momento da leitura? Um corpo pode ser um território ocupado por normas que conduzem a determinados tipos de hierarquização e separação: um corpo normalizado. Pode também ser uma ação que possibilite o enfraquecimento e a desarticulação das distâncias, das superioridades, das identidades colocadas em pedestais intocáveis. Insisto: um corpo, qualquer corpo, inclusive o organismo humano chamado de Eu, pode ser percebido como movimentos constantes de corposição. Um corpo pode provocar a desarticulação daquilo que foi aprendido desde a colonialidade: que um corpo era pecado, que um corpo era errado, que era doente, anormal, invertido, pervertido, incapaz, animal, não humano.

Mas não existem separações entre passado, presente ou futuro nos corpos. Não dessa forma: o corpo era. Há a possibilidade de ser atravessado por qualquer uma das colonialidades a qualquer momento, porque elas fazem parte da organização social, da forma como se aprende, pensa, age, escreve, lê, transa, vive, fala, escuta. Um corpo não destruirá séculos de racismo, de heteroimbecisnormas, de cristianismo, de opressões inúmeras realizadas pelas colonizações de corpos nas inventadas Américas Latinas. Não se trata de uma oposição; um corpo não está em uma batalha, mesmo que seja mantido de frente àquilo que o limita; o corpo organismo humano vive por pouco tempo e as colonizações foram atualizadas com sucesso.

É preciso exercitar os movimentos de mudança constantemente, percebê-los, porque eles já acontecem. Seja serpenteando-se em si, como propôs a Gloria Anzaldúa, lá em 1987, na conexão entre passados, presentes e futuros, de modo a desfazer a noção linear que impede que corpos não referência contem suas histórias, conheçam suas lutas e celebrem suas conquistas, ao se moverem de dentro. Seja pela ação de ser-sendo-em-relação, proposta pela María Lugones, em 2014, encarando de frente a existência de outros mundos; seja fazendo da vida o exercício da coexistência entre mundos diferentes, como propôs a Silvia Cusicanqui, em 2010; correndo para as montanhas e realizando uma cimarronaje intelectual, o exercício proposto pela Ochy Curiel em 2009; insistindo na alegria e no deboche como necessidades urgentes à movimentação política e sexual e de gênero no *Brazyl*, como propôs a Marilyn Aparecida, *a.k.a.* Herbert Daniel, em 1983... Seja como for, é preciso exercitar em si as corposições possíveis, fazendo algum movimento, por menor que seja, de desfazimento das colonialidades do corpo.

O corpo, antes um território colonizado por uma ideia única, uma identidade imutável, uma superioridade perversa e uma busca ansiosa por tornar-se a referência, tem em si a possibilidade de mudar, de corpor-se outro, no encontro com aquilo que era desconhecido, impensável, ainda não experimentado e que, por isso, corpõe outra existência no mesmo

organismo vivo. Quantos aprendizados colonizam um corpo? Quais colonizações ainda são mantidas em cada corpo?

Cada corpo é ensinado a pensar com a cabeça, a casa do cérebro. O que torna a cabeça superior ao corpo? O cérebro superior à pele? A boca superior ao cu? Corposição como forma de desorganizar as hierarquias corporais: o que o corpo aprende com as costas, com os pés, com a parte posterior das coxas, com os cotovelos, com o períneo? O que se aprende com o movimento de cada parte do corpo, do corpo todo? Qual corpo surge quando a superioridade da cabeça é desfeita?

O saber pode ser produzido por outras partes do corpo e não só pela cabeça. Não se aprende apenas pela oralidade; as danças são saberes e conexões do corpo com o território, com outros corpos; o canto é uma resistência musicalizada; o movimento de mudança permanece constante e é mais próximo do corpo do que se imagina. O corpo pode ser treinado, educado, controlado, governado, limitado, aprisionado. Quanto mais distanciado de si, menos saberá sobre suas possibilidades de corposição, menos se corporará com outros corpos. Em uma organização social na qual a tristeza é ampliada pelo constante distanciamento dos corpos entre si e consigo mesmos, é necessário que cada corpo se movimente como der, da forma que puder, na intensidade que lhe for possível, para desarticular as tristezas que o afetam de modo a impossibilitar a vida, a criação de possíveis.

Corposição tem a ver com um movimento de insistência na vida, na produção de afetos alegres. Se a manutenção de afetos tristes é necessária ao Estado para capturar os movimentos da vida de cada corpo, em cada corpo, a produção de afetos alegres tem que ser voluntária, teimosa, de propósito. Quanto de cada corpo ainda se compõe com afetos tristes como racismos, machismos, homobitansfobias, patriarcalismos, colonialismos? As opressões são bem conhecidas, bem próximas de cada corpo, chegam até a ser confortáveis para alguns. Elas até governam um país, incorporam-se. E cada corpo conhece bem as opressões que sofre, conhece também como elas o afetam. A questão é: um corpo consegue se exercitar para desarticulá-las?

Cada corpo pode sentir aquilo que o fere, pode conhecer aquilo que o aprisiona, pode desarticular aquilo que ainda o coloniza. Corpos foram dominados pela colonização, pela ciência branca, pela educação heterocis, religião cristona, psiquiatria macha, medicina rica, política oligárquica... Corpos como objetos classificáveis em velhas roupas coloridas. Está perto do corpo, o governo está no corpo; não se trata de uma fala neoliberal que terminará com uma justificativa porca para encaixar a palavra “empreendedorismo” ou “*coach*”, mas de uma provocação para que cada corpo investigue em si as separações e hierarquias que o limitam: dualidades instaladas há muito para organizarem corpos em uma estrutura que permite alguns

poucos e ignora muitos outros. E a busca não para, a oposição não para, a superioridade não para... A não ser que cada corpo exercite-se para deixar de ser aquilo que não é. Sênkiu, Aníbal Quijano.

Cada corpo pode desfazer em si os suportes de uma demogracinha que vive alimentada pelo colonialismo, que opera por meio da racialização, da desonestidade, das desigualdades sociais. Foi Paul Preciado quem disse, lá em 2018, que em cada corpo está sua ruína e sua possibilidade de transformação frente a um regime de poder que adentrou seus poros e capturou suas produções de prazer. Se a um corpo organismo humano foi possibilitada a percepção e elaboração de si por meio da fala, que tal exercitar-se de modo a perceber-se também por meio do movimento, das outras partes que compõem o que se chama de MEU corpo? Se os prazeres produzidos são reproduções capturáveis pelo mercado, é preciso investigar os prazeres que se produz para si, consigo, distante daquele esquema já manjado de prazeres produzidos pelo sexo penetrativo que ainda celebra a conquista de um pau. É mesmo necessário ejacular para se ter um orgasmo? O sexo também pode ser um exercício de corpor-se como um território coletivo, abandonando a pretensão de ser MEU corpo metendo, gozando e indo embora. Um corpo pode se movimentar, pode se conectar, pode se transformar, pode desarticular, perceber, sentir, saber, criar, produzir-se como movimentos de insistência na vida. Cada corpo pode, do jeito que der, da forma que conseguir, corpor-se. Cada corpo pode se perceber como uma corposição. Está em cada corpo. Ela só pode ser de propósito.

TOMARA!

3.6 Corposições em pandemias

No início do pandêmico ano de 2020, antes mesmo de se tornar pandêmico, tivemos uma reunião de planejamento do grupelho, “Grupo de Pesquisas e Ações em Filosofia e Educação”, do qual participo durante o doutorado. Combinamos de cada uma levar suas propostas a serem desenvolvidas com o grupo todo, relacionadas aos seus problemas de pesquisa. Decidi que necessitava colocar os corpos-grupelhos em movimento. O grupo funcionava assim: todos os corpos estavam disponíveis para as investigações de todos os corpos. Solicitei, inicialmente, dois encontros para minhas propostas de movimentar os corpos agrupelhadados, sabendo que necessitaria de mais. Uma semana depois e **TCHARÂN**: o coronavírus é anunciado como um vírus com proporções pandêmicas e já fazia parte das terras tupiniquinhas desde antes do nosso primeiro encontro. Pausa, trava, clica, grita: **QUARENTENA!**

Corpíchos em casa e recomendações aos montes: lavar as mãos com sabão por vinte segundos (quem fez isso?), álcool gel, álcool 70° em tudo, água sanitária na casa toda, retirar a roupa fora da casa, tomar banho logo em seguida, evitar aglomerações, usar máscara, usar luvas descartáveis, investir na alimentação... Tudo isso para quem podia e conseguia fazer; para a maioria da população brasileira a realidade era outra: ônibus lotados, máscara compartilhada ou usada várias vezes, demissões, falta de dinheiro, alimentação precária, alimentos envenenados, falta de água, miséria, fome, rua, auxílio emergencial que não chegava, o vírus que não dava para ver, a quarentena impraticável e insuportável. O que o corpo sentiu não foi só a infecção, a tosse, a febre ou a dificuldade de respirar, o que foi sentido primeiro se chama desigualdade social, aumentada pela tão aclamada “gripezinha”, que se tratava mais de uma infecção respiratória mortal, com possibilidade de reinfeção e que se movimentava mais facilmente entre os corpos já vulnerabilizados pela política de morte que ganhou força a partir do golpe de 2016 no *Brazyl*.

Uma pandemia aconteceu e forçou os corpos a se movimentarem pela prevenção ou, pelo menos, deveria. Os movimentos do desgoverno de extrema direita ganharam força com um *presidon't* e sua família perversa, aproveitando-se do desastre para acelerarem suas políticas cruéis e incentivarem o aumento das infecções e das mortes nos corpos que, para a família, eram apenas números a serem diminuídos. Assim, atingiu-se a marca de 34,8 milhões de infecções acumuladas e 688 mil mortes: a política de morte da família, de deus, da pátria e da liberdade transformou em simples números as interrupções dos movimentos da vida de tantos corpos. Somam-se a essas políticas as pressões realizadas pelos empresários nas prefeituras pela reabertura do comércio, mesmo sabendo que os países que controlaram a curva de infecções – o que não foi o caso do *Brazyl* – haviam informado sobre o perigo do retorno das infecções após a reabertura. E os carrões continuam a buzinar: o *Brazyl* não pode parar! E não parou, nem vai...

Para escapar do movimento de morte estimulado pelo desgoverno *brazyleiro*, o grupelho insistiu nos encontros, desta vez, onlány. Inicialmente, a exacerbação dessa única forma de se reunir incomodou-me bastante: eu não queria que a vida, os encontros, os corpos, as conversas, os estudos, os trabalhos, as leituras, os movimentos fossem assim, onlány. Eu ainda não quero, mas compreendo que muitos afazeres burocráticos podem ser facilitados com essa ferramenta. Tente aí dar qualquer aula que envolva corpo e movimento e criação e depois me conte da sua frustração. Diziam que era em caráter emergencial, mas a emergência logo se tornou o novo normal, estimulado pela tão repetida reinvenção: de quê? De quem? Foi assim que eu percebi algo sobre a composição, **uma nota**: ela não acontece por imposição, muito menos de uma nova

normalidade que tem mais a ver com o aprofundamento do antigo, cafona e cruel normal, que é colonial.

A pandemia colocou muitos corpos em casa, evitou que eles se aglutinassem em movimentos nas ruas, nas universidades, nas praças, nas festas, em manifestações... Demonstrou, ainda, o quão distantes de si estão os corpos: a busca por atividades físicas em casa aumentou, as compras de equipamentos de ginástica, as notícias sobre a importância do exercício físico para enfrentar o período de quarentena tornaram-se constantes, as láivas de Pilates e Yoga pipocaram no *YouTube* e no *Instagram*, até cantoras e atrizes que não sabiam absolutamente nada sobre exercícios físicos deram treinamentos virtuais para emagrecer e deixar a bunda durinha. Reclamou-se do aumento de peso, da obrigação de cozinhar, da alimentação ansiosa e inconsequente, da flacidez, das dores nas costas, da dificuldade para dormir, da falta de tônus muscular, das articulações cada vez mais engessadas, reclamou-se muito de tudo que corpos denunciam e que ficou cada vez mais evidente. Reclamou-se e anestesiou-se, as dores e os incômodos físicos surgiram e as notícias sobre o aumento no consumo de analgésicos e polivitamínicos continuaram aparecendo. Um corpo é dolorido, um corpo é anestesiado, um corpo é estimulado a continuar.

A atividade física, antes utilizada para “manter a forma”, reinventou-se e foi vendida para “entrar em contato consigo”. Donos de academias de musculação pressionaram as prefeituras, insistindo na reabertura de seus estabelecimentos por considerarem seus serviços essenciais – mas essencial, mesmo, era manter as academias lotadas de corpos buscando uma forma inalcançável e pagando seus infinitos pacotes mensais de promessas de um corpo perfeito. Muitos corpos mantiveram suas práticas de atividade física nas ruas, mesmo com pesquisas alertando sobre o aumento na dispersão de perdigotos em atividades físicas como corridas, ciclismo e caminhadas. A preocupação não parecia ser com a saúde, mas com a manutenção da forma corporal; o movimento não parecia ser o de cuidado com o coletivo, mas o de cuidar da própria vida para permanecer egoisticamente mais estético. É muito sobre o corpo, e o corpo, onde está?

Corposição não é um movimento forçado, nem pode contar com um molde, com uma forma de como fazer. Não se obriga um corpo a compor-se com outros; quando isso ocorre não se trata de uma corposição, mas de uma obediência corporal à reinvenção de um Estado que necessita manter corpos afastados de si, doloridos e buscando as anestésias às quais têm acesso de acordo com suas circunstâncias, para satisfazer suas reclamações. Uma corposição forçada é mais parecida com uma incorporação das formas estatais de permear suas capturas pelas moléculas, células, fibras, tecidos, músculos, órgãos, sentidos, discursos, tempos, prazeres dos

corpos, de cada corpo; é assim que eles importam: distantes de si, cercados pela obediência ao superior. O Estado é *brazyleiro* e não desiste nunca! O corpo que se reinvente para reclamar mais, para doer mais e sentir-se cada vez menos. **Outra nota:** se a composição não pode ser imposta, ela pode ser um movimento anti-Estado. Percebo-a como uma maneira de escapar, de desobedeSer de novo ao normal. As composições entre corpos durante uma pandemia foram maneiras de insistir no movimento da vida que só existe nas relações entre os corpos.

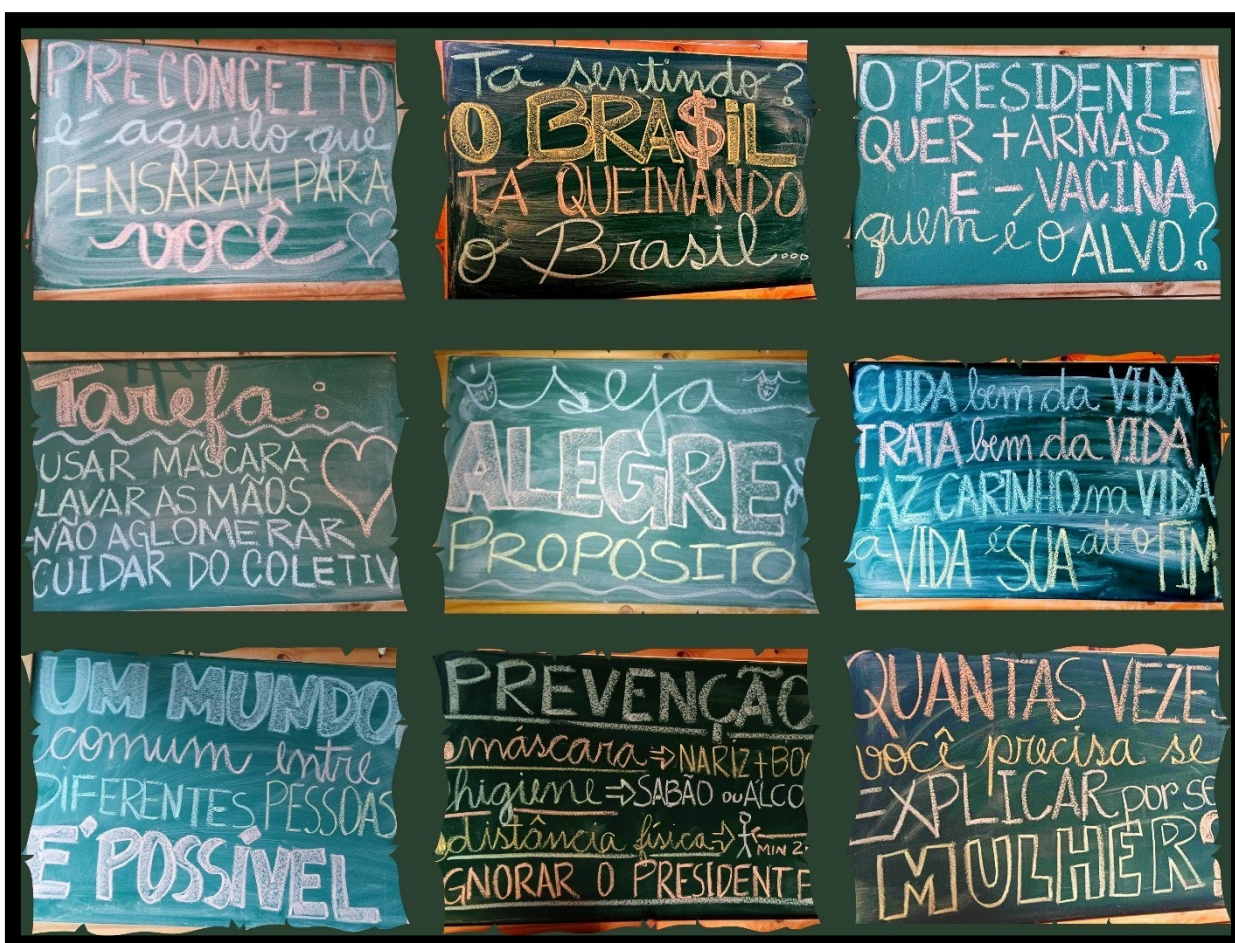
Nos meses em quarentena, as propostas de atividades surgidas no grupelho buscavam ultrapassar o espaço da casa e provocar nos corpos, agora circunscritos por paredes e janelas e varandas, em apartamentos e casas, a necessidade de atravessar os limites impostos pela pandemia. A insistência do grupelho em fazer Filosofia com o corpo na rua vem das pesquisas da renata lima aspis, lá em 2021, e foi transformada conjuntamente em inventar formas de afetar alegremente os corpos da vizinhança, a partir das janelas, varandas, portas, corpos, escritas, danças, performances, fotografias... Era preciso passar pelo corpo a necessidade de se aglutinarcom outros corpos sem se tocar, mantendo uma distância segura para todos, buscando aliviar o horror de uma pandemia que ainda atinge corpos de várias formas. Poucas pessoas embarcaram nessa, cada uma com suas motivações. Eu precisava remexer meus movimentos para continuar com a pesquisa, mesmo trancada em casa, mesmo conversando virtualmente com as pessoas: dei aulas de automassagem e alongamento, montei programas de exercícios físicos para serem feitos em casa, no quarto, na cozinha... Eu não cheguei a participar das ações realizadas nas ruas com o grupelho, devido ao fato de ter entrado para o doutorado depois de elas terem acontecido, mas consegui remexer corpos que estavam em outros estados utilizando o computador, a internet, o corpo e sua composição afetiva para inventar maneiras de se mover mesmo onláiny. Contribuí com algumas ações do grupelho que aconteceram na Faculdade de Educação e na Praça de Serviços da UFMG, também participei da elaboração de outras ações com o corpo na rua, que ainda não aconteceram, mas que estão imaginadas e desejadas.

Eu dei a sorte de ter conseguido alugar uma casa com varanda, um desejo antigo que tomou forma com a mudança para a capital mineira. Passei a ocupar mais a varanda da casa, ao mesmo tempo em contato e distanciada da rua, um ótimo local para composições em pandemia. Decidi-me logo por utilizar um quadrinho desses verdes, bem pequeno, igual ao que eu utilizava para fingir ser professora durante a infância, dando aulas para minhas impacientes primas-estudantes. Encontrei nele uma maneira de colocar o corpo de uma bicha professora de Educação Física para fora da varanda: pendurei-o na grade, amarrado com barbante, e escrevia algumas frases na tentativa de provocar algum pensamento, um sorriso ou apenas a curiosidade dos corpos que passam pela rua durante o dia.

Não segui uma frequência na modificação das frases, isso dependia da vontade e tinha relação com como eu me sentia em relação a tudo que acontecia. A primeira delas foi uma frase que eu já mantinha escrita no mesmo quadro, quando ele decorava a sala: **Seja alegre de propósito!** Que tem a ver com as provocações de Caio Fernando Abreu e de Herbert Daniel sobre a necessidade de insistir na alegria, seja botando um tamanco e uma saia e um batom na boca e ficar rodopiando na sala, seja escrevendo e se reunindo em debates sobre as questões que envolvem ser uma bicha nesse *Brazyl*. Eu tenho fotos de alguns dos quadros que foram pendurados na varanda, vou mostrar para vocês daqui a pouco.

Uma casa antiga e sua varanda serviram-me de material para tentar provocar movimentos em um bairro onde corpos ainda se recuperavam do horror das enchentes de janeiro de 2020, em Belo Horizonte, e buscavam encontrar formas de sobreviver aos horrores de uma pandemia, da qual se duvidava da existência, e de um governo que estimulava esta mesma dúvida para continuar passando suas boiadas. Os corpos passavam, desaceleravam os carros para lerem o quadro, pensando ser alguma promoção ou anúncio de serviço, alguns esboçavam um sorriso, outros acenavam negativamente com a cabeça, discordando ou talvez sentindo-se enganados pelo quadro que não prometia nada, apenas provocava. Existiam aqueles que atravessavam a rua para ler melhor, crianças apontavam para o quadro e questionavam: o que é aquilo ali, mãe?! Um dos textos sobre cuidar da vida foi uma adaptação de uma fala do filme *Inferninho* (2019), de Guto Parente e Pedro Diógenes, na qual o Coelho interrompe a tentativa de suicídio de Deusimar, insistindo que ela pare de se maltratar. Na semana que o texto foi pendurado, uma mulher heterocis idosa que passava devagar pelo passeio diminuiu os passos, apertou os olhos para ler e disse: – Que bonito, deuzabençoe! Sorriu e seguiu. E eu pensei que o quadrinho atravessava a rua, chegava aos corpos. Continuei insistindo enquanto morei naquela casa. Quer ver as fotcheenhas? Olhaláááá!

Figura 10 – Os quadrinhos da varanda



Fonte: Fotografias pela bicha.

A imagem da Figura 10 apresenta nove fotografias organizadas em colunas de três, cada uma delas mostra uma lousa pequena, com dizeres escritos com giz colorido.

Assim, estendia vagarosamente as roupas, cuidava das plantas, escondia-me na rede para ouvir os comentários e observar as reações das pessoas aos textos do quadrinho, fazia alongamentos, tomava sol, lia muito, escrevia, brincava com os gatos e com o cachorro, dançava, performava, gravava vídeos, fotografava... Fazia tudo na varanda; insisti em compor meu corpo com a varanda na tentativa de realizar uma composição entre os saberes que me atravessavam, os corpos que passavam e a insistência em não ficar mais triste do que a pandemia já vinha sendo. **Ôtanota**: composição pode ser um exercício constante e voluntário de não entristecimento. Tem um registro de uma das minhas peripécias na varanda, se joga aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=Gi6L243WUzo>. É importante exercitar outras formas de saber com o corpo todo, desestabilizando o saber obrigatoriamente localizado na cabeça, esse mesmo saber que retornou nas láivas, enquadrando os bustos que pareciam saber bastante sobre a pandemia, mas pouco sentiam sobre o corpo que ainda perguntava: *Are you still alive?*

De certa forma e do jeito que eu consegui, fiz com meu corpo as propostas que eu havia pensado para experimentar nos encontros do grupelho. Pratico o exercício de testar com meu corpo as ideias que persigo, penso que esta é uma forma de buscar os sentidos delas, sentindo-as com o corpo, pelo corpo, corpondo-as. Ser uma bicha professora de Educação Física me fez conhecer logo o significado de corporificar os saberes sociológicos, antropológicos e filosóficos da área, como eu contei procêis das fofocas sobre a Educação (que também é) Física. Quando estudava anatomia, passava o dia movimentando os músculos e repetindo seus nomes, experimentando suas movimentações e sentindo como eles se contraíam. Fazia o mesmo para entender os ossos. Na dança, eu também busco a mesma coisa: uma sequência coreográfica não faz sentido para mim se for baseada apenas na repetição dos movimentos concatenados, preciso sentir os movimentos com o corpo todo, suas torções, velocidades, forças, contrações e expansões, para criar as frases dançadas e expressá-las. Ao escrever também busco o movimento de composição das ideias e das palavras com meu corpo e aquilo que sinto. O texto precisa fazer sentido, precisa passar pelo meu corpo como um arrepio que vai ganhando dimensão na pele toda; o texto é um estímulo da dança das palavras no corpo. Talvez essa seja uma perseguição que inventei com a corposição: estimular as composições que já acontecem entre os corpos. Dei nome àquilo que percebo acontecendo o tempo todo entre os corpos com o corpo que vivo também.

Percebi corposição nos movimentos maiores, nos grandes acontecimentos. Percebi-a quando li a notícia que dizia sobre o controle no número de infecções por covid-19 realizado na favela de Paraisópolis, em São Paulo. As ações conjuntas dos moradores abrangeram desde o combate às *fakes news* – constantemente utilizadas pelo desgoverno para disseminar o horror entre os corpos mais vulnerabilizados – até a contratação de médicos, o treinamento de socorristas na própria comunidade, a criação de bases de emergência, a distribuição de cestas básicas e a utilização das escolas como locais de cuidado com as pessoas infectadas. Foram movimentos de composição entre corpos vulnerabilizados para resistir ao horror perpetrado pelo Estado *brazyleiro*, o qual insistiu em exercitar e fortalecer a ausência e o abandono para atingir o objetivo de diminuir os corpos-números e aumentar a super faturação na compra de vacinas. Prática antiga ainda realizada nas colônias que querem ser democráticas: investir na eliminação da vida de determinados corpos para reduzir o número de corpos precarizados com a morte e, conseqüentemente, propagandar a diminuição das desigualdades sociais. Corpos se compuseram para aumentar sua capacidade para viver mesmo em um desgoverno que permaneceu negando a pandemia e destruindo os princípios do Sistema Único de Saúde.

Paraisópolis ensinou e fez, em pouco tempo, muito mais do que o Estado *brazyleiro* fez desde o princípio da pandemia de covid-19.

Outro grande movimento realizado durante a pandemia foi a greve dos entregadores. A quarentena necessária aumentou o número de serviços *delivery* nas cidades, principalmente nas capitais brasileiras, o que fez com que os serviços de entrega fossem considerados essenciais. A essencialidade destes serviços denunciou o que já existia e vinha sendo desconsiderado pelas políticas neoliberais *brazyleiras* que, desde o golpe de 2016, desmantelaram as relações trabalhistas com o argumento de que os trabalhadores poderiam criar a sua rotina de trabalho e, assim, tornarem-se seus próprios patrões. O empreendedorismo foi utilizado, nesse caso, para disfarçar as péssimas condições de trabalho às quais os entregadores vieram sendo submetidos pelas empresas multinacionais sem nenhum tipo de garantia ou proteção contratual, sem distribuição de equipamentos de proteção individual, sem assistência médica e vínculo empregatício.

Enquanto a quarentena desacelerou a vida de alguns corpos, os trabalhos de entrega por aplicativos aumentaram e incrementaram a escassez de tempo de vida dos entregadores: motos e bicicletas atravessaram as cidades para entregar a comida pedida pelo smartphone e os corpos entregadores continuaram batalhando para superarem a precarização do trabalho e denunciarem a falta de compromisso das empresas com suas vidas, constantemente expostas à infecção pelo coronavírus no novo normal território *brazyleiro*. A não aceitação da precariedade das condições de trabalho pelos entregadores forçou um movimento de corposição entre eles, apoiado por grande parte dos clientes e por entregadores de outros países. O “Breque dos apps”, como ficou conhecida a paralisação dos serviços de entrega, começou no dia 1º de julho de 2020 e ganhou adesão, culminando em organizações entre entregadores para a criação de suas próprias cooperativas, demonstrando a crueldade articulada pelo mantra neoliberal que propaga a desigualdade com a promessa de ser seu próprio empresário. Corpos se uniram para enfrentar uma precariedade comum e enfrentaram a imposição de uma vida esgotada pelas caixas nas costas.

ATENÇÃO! Não se trata de pensar a corposição como um movimento que tem início em alguma precariedade, pois isso terminaria por colocar as precarizações e as opressões em um altar e permanecer aceitando a imposição do horror como necessária à movimentação dos corpos. Este movimento só reforça a formação cristona dos corpos *brazyleiros*, presente em todos os lugares, da sessão da tarde ao conselho da amiga: é só sofrendo que a gente aprende, se não sofre não tem graça. Tem graça, sim! Deve ser muito melhor poder viver uma vida muito boa sem precisar sofrer por isso, sem precisar aceitar uma dívida eterna e impagável que só

rende sofrimentos. Corpos se movem para além do horror não porque cada corpo tem um horror específico para superar, mas porque todo o modo de governo do país está estruturado em organizações opressivas que atingem a todos os corpos, com maior ou menor intensidade. Até o corpo do homem branco heterocis e cristão mais tosco e violento e estúpido deseja permanecer vivo, só se utiliza de meios imbecis para isso porque pode. Corposição tem como característica o movimento de mudança constante dos corpos para escapar de suas precariedades, não porque elas os estimulam, mas sim porque eles as conhecem bem e sabem quais são seus efeitos sobre eles.

Em grandes acontecimentos, fica nítida essa mudança: ao não participarem das crueldades neoliberais que destroem as seguridades conquistadas pelos trabalhadores, um movimento de mudança acontece pela composição entre corpos que não aceitam viver sem as condições mínimas de segurança enquanto atravessam capitais para conseguirem manter um salário-mínimo, cada vez mais reduzido pelas condições impostas pelos aplicativos de entrega. Um movimento de reposicionamento dos corpos, cansados da ausência constante e crescente do Estado, acontece e cria uma realidade para a sua saúde e para sua vida em uma pandemia que exacerbou as desigualdades sociais que já os vulnerabilizavam, resultando na diminuição expressiva dos casos de contaminação.

Acontece o tempo todo: os movimentos antirracistas que retomaram sua notoriedade a partir do cruel assassinato de George Floyd pela polícia de Minneapolis, nos Estados Unidos; os movimentos antifascistas que reapareceram para denunciar as arbitrariedades cometidas pelo ex-presidente do *Brazyl*, que vomitou suas violências, estimulou as infecções por coronavírus entre os mais vulnerabilizados, exaltou o racismo e agiu de forma a impedir que seus filhos e laranjas não fossem investigados pelos inúmeros crimes que cometeram juntos a ele; os movimentos de defesa da Educação, do piso salarial da Enfermagem, as paradas LGBTI+, os movimentos de cobrança por políticas públicas para enfrentamento à aids, os movimentos de desfazimento de estigmas, as insurreições indígenas, negras, bichas, travestis, os movimentos de corpos com deficiência... Uma infinidade de movimentos de corposição vem sendo necessária ao exercício constante de desfazer as práticas das colonialidades dos corpos na colônia *Brazyl*. Não surgem da colonialidade, são movimentos que partem do corpo que está sempre dentre.

É preciso se mover. E eu não parei de exercitar o que a pesquisa propunha. Particpei de eventos, palestras, seminários, tanto como palestrante quanto como organizadora: a Semana da Revolução do Gênero, no IFMG de Bambuí; o seminário *O que pode um corpo?*, organizado pela RedeSub, do pessoal da Psicologia da PUC de Belo Horizonte; a palestra sobre corpos,

gêneros e sexualidades com o pessoal da Educação Física da USP; a palestra ministrada em conjunto com Piê, escritor e ativista trans de MG, na qual pudemos trocar muitas delícias sobre a ação de escrever; o curso de Curadoria Dissidente, no movimento de desejar a ampliação de espaços de arte não heterocis, crístona e branca. Tanto movimento bom!

Tudo isso aconteceu onláy e, a cada encontro realizado no computador, era possível perceber os corpos lidando com aquela nova realidade: sentar em frente a uma tela por horas a fio, entender-se com as telas apagadas, falar sozinha para um computador sem nenhuma resposta de estudantes que assistem à sua aula, desconectar-se da sala virtual e permanecer sentada, sentindo vontade de conversar com a pessoa tal que falou uma coisa muito legal durante a discussão, mas que também se desconectou... Era comum ouvir as reclamações de todos os corpos que ainda estavam muito incomodados com a impossibilidade do contato físico, inclusive as minhas. Antes de a pandemia acontecer, movimentos estudantis enfrentavam as políticas educacionais impostas pelos donos de instituições privadas que queriam virtualizar cursos superiores e, depois que ela aconteceu, participei de uma reunião na qual o ensino virtual emergencial já estava aceito mesmo sem ser discutido entre estudantes e professores. É aquela coisa do cenário de horror produzindo outras movimentações dos corpos, outras assimilações.

E foi isso que a gente veio experimentando desde o início da pandemia de covid-19. Como é que uma sala de aula pode acontecer onláy? Muita coisa se perdeu e os corpos sentiram: a dificuldade de acompanhar as aulas que travavam por causa da conexão ruim de internet, a dificuldade de apresentar arquivos para todas as pessoas acompanharem, a dificuldade de respeitar as deficiências que compõem muitos corpos, a dificuldade de ouvir primeiro e depois falar... Muitas pesquisas foram atrasadas, outras inviabilizadas, a maior parte modificada pelas novas configurações impostas por um vírus. A cada convite para encontros que eu recebia, iniciava-se um processo de inventar uma maneira de falar que desfizesse a chatice de ficar sentado em frente a uma tela ouvindo horas de falação; após cada encontro, permanecia a vontade de conversar mais, de compor saberes conjuntamente, de enxergar os corpos e suas reações enquanto ouviam o que era falado. A gente foi percebendo que o onláy não funcionava bem como substituto dos encontros entre os corpos, mas que, mesmo assim, deveria ser utilizado para estimular movimentos, mesmo que individuais, para cuidarmos juntas da coletividade que queria se esfregar.

Em julho de 2020, a convite da bicha professora João Barreto da Fonseca, fui participar de uma palestra onláy com o tema “Corpos, gêneros e sexualidades em tempos de pandemia”, que fez parte do *1º Seminário Jornalismo, Comunicação e Cultura Contemporânea no tempo de múltiplas telas*. Incomodada com a aparição dos bustos enquadrados em telas, decidi por

transformar a palestra em algo bem ridículo, de modo que o deboche pudesse funcionar como mais uma forma de aprender. Compus uma coreografia que misturava cabaré e palhaçaria e era dançada com uma cadeira de escritório, uma bola de Pilates, boá, máscaras faciais, peruca, cílios e muito brilho. A estratégia era desmontar o corpo ao longo da tentativa fracassada de parecer sensual e, logo depois, fracassar mais um pouco frente à expectativa criada por corpos que assistiam a uma palestra sobre gêneros e sexualidades. Não me movimentei no sentido de explicar os gêneros e as sexualidades não heterocis; em vez disso, remexi as questões que relacionam gênero, sexualidade e colonialismos para mobilizar a questão com a qual me ocupei bastante durante o doutorado: quem explica as normas enquanto elas explicam os corpos? Se a boneca tiver animada para assistir, é só dar aquela visitadinha aqui, ó: https://www.youtube.com/watch?v=hNL_dqX3r40.

Em dezembro do mesmo ano botei em movimento um projetinho que deveria ocorrer nos corredores da Faculdade de Educação. *Eu não sou a sua aidética* foi uma performance virtual que contou com fotografias feitas por Silver Oliver e com uma vídeo-leitura do texto que recebe o mesmo nome. As fotos foram postadas durante uma semana no perfil do *Instagram*, até que terminassem com a publicação do vídeo-texto no dia 1º de dezembro de 2020. A vontade era exercitar desfazimentos dos estigmas que ainda sustentam as argumentações cristonas sobre as pessoas que vivem com HIV. O texto modificado se tornou um artigo a ser publicado na coletânea *Aids sem capa*, pela editora Devires, intitulado “Perseguir estigmas pelo corpo”. O que havia era a possibilidade de utilizar a internet como ferramenta para insistir na composição entre corpos e a percepção de que o fato de poder trabalhar em casa e permanecer em quarentena era um privilégio acessado por poucos corpos, quando deveria ser obrigação do Estado garantir a boa vida de todos e de cada corpo frente a uma pandemia que exigia o distanciamento social.

Eu fui usando a virtualidade dos encontros para manter o estímulo às desobediências funcionando, pelo menos nos encontros de que participei. A estratégia de não explicar as vidas que não correspondiam às normas heterocis, cristonas e racistas é uma maneira de cercá-las, de insistir na percepção de que são elas as que permanecem protegidas pelos corpos que discutem os gêneros e as sexualidades e as raças e as crenças dos outros. A mesma coisa acontece com o estigma da aids; enquanto permanecerem as desigualdades impostas pelas normas de sexo, gênero, raça, classe, sexualidade, corporalidade etc., os estigmas da aids não deixarão de existir, o que nos leva à percepção de que os movimentos devem continuar apesar dos estigmas, cercando-os, percebendo-os no corpo todo. Tem umas fotinha da performance virtual aqui.

Figura 11 – Eu não sou a sua aidética



Fonte: Fotografias por Silver Oliver.

A Figura 11 é uma imagem composta por cinco fotografias, sendo quatro em segundo plano e uma ao centro, em primeiro plano. As fotos mostram a mesma pessoa, com uma peruca preta curta, maquiagem borrada nos olhos e boca, pacotes de preservativo, preservativos inflados, bulas, caixas e embalagens de medicamentos antirretrovirais. As fotografias em segundo plano mostram interações diversas com os aparatos utilizados: preservativos inflados como seios e como uma bolha de ar na bunda, bula sendo fumada, embalagens amarrando o corpo e sendo mordidas. A imagem ao centro mostra o busto da pessoa com um vestido branco de tela e um preservativo na boca, representando uma bola de goma de mascar.

Em 2021, a performance *Eu não sou a sua aidética* chegou aos corpos de pessoas que vivem com HIV que mobilizavam suas resistências por meio das linguagens artísticas. O grupo *HIV-arte* é composto por uma variedade de corpos que têm em comum a busca de relações entre HIV e linguagens artísticas, a fim de desestabilizar os efeitos dos estigmas e inventar maneiras de educar para a prevenção, o cuidado e a vida com HIV. Comecei a participar do grupo em 2021, em reuniões semanais, que se tornaram quinzenais, mensais e, depois, permaneceram no grupo de mensagens. Nas reuniões, conversávamos muito sobre como era para cada corpo viver com HIV e conviver com os estigmas, como inventávamos nossas maneiras de transar e produzir prazeres diversos, escrevíamos e compartilhávamos textos, trocávamos dicas de filmes, peças e livros, falávamos sobre as relações entre as pandemias de covid-19 e de aids, lembrando sempre da negligência que percorria a manutenção das duas. Produzimos, conjuntamente, um texto que movimentava a ideia de Caio Fernando Abreu sobre as *Cartas para além dos muros*, chamado “*Cartas abertas para além do fim do mundo*”, que também será publicado na coletânea *Aids sem capa*.

Em 2022, logo após a qualificação da pesquisa, foi iniciado o retorno gradual às atividades presenciais na Universidade. Aproveitei para movimentar um pouco mais a pesquisa de forma presencial, mesmo que com poucos corpos mascarados. Em conversa com a renata, inventamos a possibilidade de um laboratório acontecer na Universidade e montamos a ementa do curso *Saber com o corpo: experimentações em movimento*, oferecido pelas Formações Transversais da UFMG, na área de “Culturas em movimento e processos criativos”. Antes de o laboratório ocorrer, organizei três oficinas abertas, nas quais só compareceram poucos corpos do grupelho. A sequência foi: *Que corpo é você?*, *Escrever como um corpo* e *Mover-se como um corpo*. As três oficinas foram planejadas com o intuito de provocar outras movimentações dos corpos com os seus saberes.

Em *Que corpo é você?*, os corpos eram estimulados a se perceberem de outras formas, investigando as dores, os apoios, as maneiras de respirar, as tensões, os relaxamentos, as formas encontradas para ficar de pé, andar, rastejar, pular; também se estimulavam as investigações das composições dos corpos e as incorporações das normas, utilizando como material caixas de papelão e gizes de cera. Cada corpo se compunha com outro no exercício de registrar na sua caixa aquilo que sentia, que percebia de si, como imaginava que outros corpos o categorizavam, seus medos, raivas, alegrias, vontades de gritar. A caixa, então, era trocada entre os corpos, de modo que cada corpo pudesse registrar na caixa do outro aquilo que sentia sobre ele, podendo, inclusive, alterar aquilo que já estava registrado. A oficina ocorria no exercício de fazer com a caixa aquilo que se faz com o corpo: registrar nela todas as maneiras pelas quais as identidades

são fixadas e mantidas estáticas. Nada melhor para colocar identidades em movimento de composição do que uma caixa de papelão e gizes de cera e relações entre corpos. Ao final da oficina, cada corpo recebia a sua caixa novamente, com todas as modificações realizadas por outros corpos. A caixa, então, era apresentada como a identidade de cada corpo, tornava-se a categorização realizada sobre o corpo que se constituía na oficina. O último movimento proposto só poderia ser: a caixa é a sua identidade, será que você vai caber?

Em *Escrever como um corpo*, os corpos eram convidados a se deitarem de costas em um grande tecido de algodão cru, com os olhos fechados. Compus dois momentos: um de percepção corporal a partir da sensibilização ativa, guiada por falas que estimulavam a consciência dos pés, pele, ossos, peso, forma, mobilidade, mãos, boca, respiração e por aí foi, até que os corpos chegassem a se levantar do chão, ainda sobre o tecido; o outro momento era mobilizado para que os corpos se percebessem como grandes pincéis sobre uma grande tela. Utilizando-se da percepção de seus movimentos, compostos com tintas variadas, os corpos eram levados a realizarem rolamentos, alongamentos, caminhadas e toda uma variedade de movimentos em planos altos, médios e baixos, sempre em cima da tela e com a pele composta com tintas diversas. O resultado era uma escrita dos movimentos de composição dos corpos consigo, entre si e com as tintas e as músicas e as propostas que os estimulavam; a escrita de cada corpo fez surgir uma tela de cores, intensidades e movimentos que se compuseram de formas inesperadas. A tela ainda está aberta a mais composições entre corpos que queiram se movimentar como enormes e deliciosos pincéis. Bora pintar?

A oficina *Mover-se como um corpo* não ocorreu, por falta de corpos disponíveis para a sua composição. Ela foi acontecer no laboratório realizado no segundo semestre do ano de 2022. A proposta era partir, mais uma vez, da sensibilização de cada corpo consigo e com o outro, agora utilizando-se de materiais que proporcionassem sensações diferentes na pele dos corpos que participavam. Foram utilizados materiais como penas, buchas vegetais, tule e toques corporais que aconteciam sem organização prévia, a fim de estimular a percepção cutânea como um saber do corpo todo. Esses movimentos de percepção continuavam a ser estimulados pelas sensações de ouvir, cheirar, olhar, provar e se mover de formas inventadas, criadas nas relações que aconteciam entre os corpos durante o laboratório. A estimulação corporal se transformava em forma de se movimentar, em criação de um som para se comunicar, tanto individual quanto coletivamente. Os movimentos e sons criados eram, então, colocados em relação até que uma coreografia coletiva se compusesse e toda uma movimentação antes inimaginável fosse corporificada e fizesse sentido naquele momento, naquela aula, naquela experimentação de si como um corpo outro, agora composto com outros.

As experimentações com as oficinas fizeram as práticas corporais transformarem-se em outras propostas para comporem o laboratório oferecido pelas Formações Transversais. O laboratório *Saber com o corpo* aconteceu em setembro e outubro de 2022, em quatro encontros que aconteceram às sextas-feiras pela manhã e à tarde, com seis horas de atividades presenciais. As inscrições nas Formações Transversais são abertas a todas as pessoas que quiserem participar dos cursos, sejam elas da comunidade acadêmica ou não. Inicialmente, contávamos com cinco inscrições, que se tornaram oito ao longo do processo, pois uma pessoa foi trazendo outra enquanto o laboratório acontecia. Foram muitas bonitezas vividas e registradas a cada encontro, a desconfiança nos olhares dos corpos que esperavam uma aula comum e deparavam-se com um espaço aberto no meio da sala, as cadeiras e mesas ajeitadas nos cantos, os materiais utilizados, as músicas, a simples ação de iniciar uma aula perguntando e querendo ouvir as respostas de cada corpo que ouvia: como você está se sentindo hoje?

O laboratório aconteceu assim: a cada semana, era aberto um fórum na plataforma *Moodle* que propunha investigações a serem realizadas pelos corpos participantes até o encontro presencial de cada sexta-feira. É preciso manter o movimento, né nó? Cada corpo trazia as suas investigações e compartilhava com os outros como elas aconteceram, como modificaram a sua percepção de si em relação ao movimento corporal, físico ou não. As investigações funcionavam como material para as composições sugeridas nos encontros presenciais, juntamente com as músicas, as canetas, as caixas, os papéis, os tecidos, as penas, as buchas vegetais e todos os materiais utilizados para os encontros. A cada semana, uma nova investigação era proposta e um novo encontro acontecia para mover as buscas de cada corpo tanto consigo quanto com os outros corpos, em movimento de composição constante. Aos poucos, cada corpo entrava no movimento de investigar-se mais como um corpo que vive, que sente, que se emociona, que comunica o mundo com o qual se compõe. A cada troca realizada nos encontros presenciais, todos os corpos percebiam as suas proximidades, como eram afetados de maneiras curiosamente muito parecidas, como era gostoso inventar aquele espaço de poucos encontros como um local de segurança, confiança e relações consigo e com outros corpos.

Iniciamos as investigações nas rotinas de cada corpo: como se deita, escova os dentes, mastiga, fica quieto, fala, irrita-se, sente prazer, ri... O exercício proposto era sentir como cada corpo se movimenta pelos dias, durante os dias, na relação consigo e com suas ações rotineiras. Continuamos com o exercício de mobilizar as questões que relacionavam cada corpo com as emoções e sensações e sentimentos que faziam parte dele, no sentido de perceber cada corpo no mundo que vive e as relações que estabelece. Algumas questões estimulavam a investigação:

Quais emoções são mais próximas do seu corpo? Quais as suas bonitezas e feiuras? Como seu corpo se relaciona com gênero, raça, sexualidade e fisicalidade (forma corporal)? Não ofereci nenhuma explicação prévia sobre os conceitos, nem sobre as identidades existentes para os corpos aqui na colônia. As questões que surgiam nos encontros presenciais tinham relação com os movimentos de cada corpo e eram discutidas em grupo, sem a necessidade da hierarquia do professor que sabe e transmite o conhecimento. A estratégia era remexer os corpos para sacudir suas caravelhas.

A terceira investigação contou com a leitura de fragmentos de textos que movimentavam as questões referentes às colonialidades dos corpos. Foram utilizados fragmentos de Gloria Anzaldúa, Paul Preciado, bell hooks, Herbert Daniel, Judith Butler, Bash Back!, Paco Vidarte, Lélia Gonzalez e Leila Mícolis. As provocações surgidas a partir da leitura dos fragmentos eram registradas por cada corpo e utilizadas como ações em composição nos encontros presenciais. Para isso, cada corpo precisou escrever alguma coisa com base na pergunta: como você se move a partir do que leu? A última investigação buscou misturar todas as outras no sentido de escarafunchar, inventar e compor movimentos e sons, individuais e em conjunto, que corporificassem um modo ridículo de ser, debochado e alegre de propósito, um modo desconhecido de se movimentar, que fizesse surgir a vontade de rir de si mesma, de rir coletivamente da possibilidade de perceber conjuntamente a imbecilidade de querer se parecer com aquilo que a academia branca, heterocis e cristã exalta em todos os seus espaços. Se o movimento era o de sacudir as colonialidades, era necessário, ao perceber que elas constituem as formas de perceber o corpo, inventar maneiras compostas de rir delas, debochar do próprio corpo que ainda se enxerga como superior, normal, correto, tradicional, sério e toda essa parafernália que só informa a ausência de movimento.

Nos encontros presenciais eram realizadas práticas corporais variadas que tinham relação com as investigações feitas por cada corpo durante a semana. Foram utilizados jogos de contato e improvisação, jogos de cooperação, atividades de conscientização do movimento, de sensibilização cutânea e de consciência corporal, brincadeiras em dupla e em grupo, jogos teatrais, exercícios de investigação de movimento em planos, intensidades, velocidades, força, práticas para a criação de sons com o corpo todo, massoterapias, exercícios coletivos de equilíbrio, segurança, confiança e relação de respeito entre corpos. O movimento proposto com os encontros presenciais era inventar corpos possíveis de serem vividos na fronteira entre o horror de ser identificado na colônia e a alegria de perceber-se ridículo, de desfazer-se do corpo colonizado, normalizado. A cada encontro era necessário que cada corpo falasse de si, de como foi a semana de investigação, de como estava se sentindo naquele dia, do quanto se sentia

disponível a participar das atividades que eram sugeridas. Uma aula que envolve corpos e seus movimentos precisa encarar a contextualidade de cada corpo envolvido no acontecimento. Tá acompanhando?

Figura 12 – Saber com o corpo



Fonte: registros do laboratório pela bicha.

A Figura 12 traz um mosaico de fotografias diversas, mostrando corpos em relação consigo e com outros corpos, durante as atividades propostas no laboratório. Aparecem corpos deitados, emboçados, abraçados, em movimento e com as cabeças dentro de caixas de papelão; também aparece um tecido com marcas de pé.

Após cada encontro, outra atividade acontecia no ambiente virtual: cada corpo era estimulado a escrever a partir das experimentações de movimento realizadas no encontro presencial. Esse exercício era uma maneira de manter o laboratório acontecendo e os corpos em movimento de composição. Também funcionava como possibilidade de falar aquilo que ainda não tinha sido formulado pelo corpo durante o encontro. Além de manter o movimento do laboratório, a continuação da investigação por meio da escrita contribuiu com outras maneiras de compor-se com os afetos que surgiam nos encontros. O riso, a vergonha, o choro, o carinho, a segurança, a dúvida, a timidez, a vontade, o relaxamento, a tensão, a boniteza... Cada corpo escrevia pelo menos um parágrafo que envolvesse as sensações, os sentimentos, as emoções e os movimentos que aconteceram durante e após cada encontro presencial.

O primeiro exercício de escrita foi bem geral e buscava apenas o registro de cada corpo sobre a sua experiência com o primeiro encontro, uma aula inesperada para os corpos que estavam acostumados com as aulas expositivas e as cadeiras enfileiradas. A segunda escrita, realizada após o segundo encontro, provocava os corpos e as suas maneiras de sentir percebidas durante a atividade com as caixas de papelão, a qual gerou um desconforto inicial e um alívio geral após a conclusão. A pergunta que estimulava as escritas era: *como você se percebe como um corpo que sente?*

O terceiro exercício de escrita ocorreu após a atividade realizada com os fragmentos de textos, a qual terminou com uma ocupação do prédio da Faculdade de Educação pelos corpos participantes que faziam ecoar pelos espaços as frases criadas a partir da leitura dos textos sugeridos e da experimentação de movimentos no encontro presencial. As perguntas que movimentaram os textos eram: *quais corpos eu já fui? E quais corpos eu quero ser?* A quarta e última escrita aconteceu no sentido de revisitar as experimentações anteriores e escrever novamente a partir da percepção de um corpo que se movimentou por todo o laboratório, que encarou a existência de outros mundos, que teve seus movimentos afetados por outros corpos, que se transformou em outro corpo, impensável no início do laboratório. As escritas foram estimuladas pelas perguntas: *quais mundos são possíveis quando corpos se encontram para criar? Quais saberes acontecem na ação de se movimentar? O que acontece quando um corpo se reconhece e se percebe como um corpo?*

O laboratório terminou com um cortejo realizado pela Faculdade de Educação, composto por corpos que se movimentavam de maneiras inventadas no dia e propagavam estranhos sons para se comunicarem com os outros corpos. Um exercício de fazer a aula sair da sala e os saberes de cada corpo ocuparem os espaços dos prédios a fim de afetar outros corpos com seus movimentos inesperados. Os espaços estavam pouco ocupados, visto que a reabertura

dos ambientes ainda estava em andamento, mas isso não impediu que as experimentações de cada corpo ocorressem e que os movimentos de corpos em conjunto fossem realizados. Para finalizar o laboratório, produzi um documentarizinho composto com gravações realizadas pelo celular durante os encontros presenciais. O texto do vídeo é composto pelos fragmentos de texto escritos após cada encontro pelos corpos participantes. Misturam-se imagens de corpos em movimento de composição com seus textos escritos a partir daquilo que sentiram ao longo da experiência com o laboratório, uma maneira de registrar um pouco das movimentações que fizemos juntas, de propósito, com vontade de investigar outras formas de saber. Socêis tiverem a fim de ver, é só bisbilhotar aqui, ó: <https://youtu.be/S829Q6bxKQk>.

O documentarizinho ainda serviu de material para a performance realizada durante o *XVIII Encontro de Pesquisa em Educação*, da Faculdade de Educação da UFMG, durante a apresentação dos grupos de pesquisa. A performance *Há uma luz no mêi do cu* acontecia durante a exibição do vídeo, em uma sala escura, com uma lâmpada vermelha acesa bem no centro. Um corpo bicha se movimentava com a luz, comunicava-se com movimentos, respirações, gritos, gestos e sussurros, enquanto retirava as suas roupas, deixando o território de saberes desnudado na busca pelo conhecimento. As movimentações eram conduzidas pelas falas que compunham o documentarizinho exibido, enquanto um corpo bicha investigava com a luz o espaço da sala, as reações dos outros corpos, e buscava, iluminando o território que compõe o seu corpo, o local exato onde a luz do conhecimento poderia ser instalada. Seria na cabeça, no suvaco, na virilha, nas costas, nos pés, na garganta, nas mãos, no cu? Onde é que se localiza a luz do conhecimento de cada corpo? Onde é que estão os saberes criados em cada corpo? O que significa saber com o corpo todo? Assim, a performance foi acontecendo até que o documentarizinho anunciava: *Há uma luz no mêi do cu!* E o corpo bicha caía no chão e, lentamente, ficava de quatro, fazendo com que a luz do conhecimento iluminasse o extremo oposto do tubo comunicativo de qualquer corpo.

Foi assim que a Faculdade de Educação da UFMG, pela primeira vez, aprendeu que o saber está no corpo todo. Foi assim que todas as pessoas que assistiam à performance bateram muitas palmas para um cu de um corpo bicha que produz saberes no mundo. Cêis querem mais fotcheenhas, num querem? Segue o fluxo!

Figura 13 – Há uma luz no mêi do cu



Fonte: Fotografias por Wagner Nascimento.

A Figura 13 traz nove fotografias que mostram momentos diferentes da performance realizada. Apresentam um corpo que se move com a luz vermelha para encontrar o local da luz do conhecimento. Seu rosto aparece coberto com uma máscara vermelha, também aparece sem a máscara, revelando uma maquiagem em tons de azul, preto, branco e rosa. As roupas utilizadas são um macacão colado vermelho, o qual é retirado e revela outro macacão, em tons de azul, rosa, preto e branco, que representa a pele do corpo.

3.7 Saber com o corpo: experimentações em movimento

Eu não tenho dançado, eu não tenho sonhado acordada e o futuro me dá ansiedade. Não tenho lido muito, não tenho amado ninguém. O que eu não tenho pode ser negado a mim a vida toda. Eu tenho cicatrizes e sei daquelas que deixei no mundo. Eu tenho alunos que me ensinaram e professores que me deixaram mais burro. Eu tenho a memória dos caminhos que fiz e daquilo que sei, e o que eu não sei, invento.

Sou o acúmulo das coisas que não tenho. Sou o acúmulo das coisas que perdi e das que deliberadamente deixei pelo caminho, como se fosse um rastro, uma pegada para que eu me encontre num futuro presente, com o acúmulo das coisas que sou. Eu sou um corpo e o espaço que ocupo no mundo.

O que deixamos embaixo do tapete, escondido dos olhos da razão, é onde realmente moramos. O EU não é meu limite, é a minha explosão. Em certo nível, ser brasileiro é ser sobrevivente de um massacre.

– *Repetir, repetir, até ficar diferente.*

Posso dançar se eu não tenho a dança no meu corpo? Ter é abraçar o mundo, mesmo sabendo que não é possível.

Estava compartilhando segredos quase confortavelmente nessa sexta-feira que passou. Procurei caminhos dentro da sala de aula e encontrei espelho, feiura, beleza, gritos contidos coletivamente, verdade presente o tempo inteiro. Senti-me vulnerável e reconheci a boniteza da vulnerabilidade de outros. Chorei no caminho de volta para casa. Sinto força nos nossos encontros, é muito bonito.

Fujo de sentimentos que me tornam vulnerável. Sentir é doloroso. Sinto-me presa em uma teia diferente, que escancara como me vejo, quem me feriu, as marcas camufladas pelo sorriso. É forte! Chorar é doloroso. O choro contido transborda e me molha. Braços dos quais conheço o toque me acolhem.

Abraço.

Força.

Trans bor dar.

Sinto-me leve e viva. Sinto-me, apenas sinto-me. Um pensamento martelava na minha mente quando eu pensava com a cabeça: estou aprendendo a pensar com o corpo todo.

Mover-se com o outro, entrelaçados... Mover-se fortemente. É tão difícil me mover... Sinto desconforto no corpo por perceber demais... E isso me incomoda. É uma ferida que não cicatrizou. Toco-a com o dedo para me sentir viva novamente.

– *Mas já não estou vivendo?*

– *Não!*

O automático me tirou isso. O processo é longo, não começou agora. Desconforto é uma palavra que fica. A busca pelo “eu” talvez deva começar com um perder-se, um não se ser, no momento em que mais nada for, tudo será.

O corpo inicia o caminho. Estou cansada, tonta, sinto como se não tivesse forças. Permaneci muda, escondi-me, observei. Foi difícil não ter o que gritar porque queria muito gritar algo. Mas não saiu. Talvez na próxima. Vou até onde consigo, com calma; esbarro-me com os outros corpos e os vejo se movendo como coisas esquisitas e até mesmo engraçadas; enxergar o outro nesse percurso é enxergar a si mesmo. Eu achava que conhecia meus movimentos, mas eles são muitas vezes automáticos. Perceber que o corpo pode alcançar espaços imagináveis e inimagináveis é uma forma de ir mais longe. Vi o que realmente desejo ser: um corpo que grita!!!

A corrida pelo grito começa.

DES CONS TRU ÇÃO

LIBERDADE!

Uma semana antes, escrevi na minha caixa que às vezes eu quero gritar. Juntaram-se o desejo e a oportunidade. A coisa simplesmente aconteceu! Soltar a voz que há dentro é tão difícil. Principalmente para quem foi silenciado a vida toda, como fazer gritar uma voz que nunca produziu grito? Sinto minhas cordas vocais atrofiarem, mas o grito surgirá uma hora ou outra. Imploro para que me escutem sem que precise falar.

– *Veja-me o corpo,*

sinta-me o corpo,

olhe-me os olhos.

Os olhos sabem não enxergar, sabem ver tudo de uma cor que ainda não tem nome. Os olhos sabem quem eu posso ser. Eles se acham os mais importantes, querem encontrar saídas, experimentar a luz. São os primeiros que fogem. Eles veem quase tudo, porque sozinhos eles não se enxergam. Eles entregam o jogo, eles sabem das mentiras, sabem da beleza e da indiferença, dos desejos; eles sabem do horrível; sente-se com os olhos.

As mãos conhecem as palavras, a caneta, o papel, a escrita. Minhas mãos sabem de mim. Minhas mãos tocam outras pessoas, outras plantas, outras texturas, outras formas. Minhas mãos sabem do mundo. Sabem do gozo, do amor, do nojo, sabem muito bem do medo. Conhecem o desconforto, o acalento, o frio e o sol. As mãos querem saber do céu, das nuvens, do mais profundo do chão, do mais profundo do chão, chão, chão.

As pernas sabem suportar, esquivar e se articular para que o resto do corpo fique de pé. Sabem da distância até o chão e que os joelhos, que as partem no meio, não aguentam fazer essa viagem tantas vezes ao dia. Sabem sobre o silêncio da madrugada, sabem ser firmes e se sentir bambas, sabem sobre as dores e os estalos nos pés. Minhas pernas sabem somente o que se acostumou saber. Mostram por dentro o caminho das formigas que causam a dormência. Elas sabem de algo... Elas poderiam fazer mais.

O corpo adormecido e angustiado acorda, o corpo se move com leveza nos encontros. A dança se torna diferente, meus passos se transformam quando encontro outro corpo. Sinto meus pés no chão, minhas mãos flutuarem, meus olhos encontrando corpos em movimento. Algo me sustenta, a melodia da música me desperta, danço e me sinto livre. Danço com mais alegria do que nunca. Olho para o cenário acadêmico e vejo a vontade de nos decapitar, centralizando o pensamento na cabeça e deixando corpos atrofiarem abandonados. O desconforto se move e eu danço com ele. Eu estou aprendendo a pensar com o corpo todo.

Escrever por escrever faço todos os dias: pela manhã, ao acordar, sentada numa cadeira escutando alguém falar, enquanto leio, choro, rio, mas nunca enquanto danço. O que posso dizer que já não esteja impresso em mim? A sensação do dançar me libera sempre as entranhas e não pode ser reduzida às palavras. Já não fujo, já não corro, já não me canso de mim. Danço e me deixo em paz – mesmo que não seja pela música inteira.

E me sinto solta. E me sinto calma. E me sinto forte.

Se danço livre no meu quarto, depois de um tempo tudo some e fico ali – eu, a dança e todo o resto do mundo. Nada tenho.

Eu já fui um corpo limitado pela escoliose e pela introversão; um corpo fechado e sempre para dentro. Já fui um corpo calado, acovardado e fraco. Meu corpo não consegue mais fazer essa ação naturalmente. Hoje, tento me mover em direções contrárias. Tudo parece desajeitado e combinado.

Vem de pequena essa minha dificuldade de caber em identidades. Nunca soube me descrever, ver-me, dizer da minha cor favorita, da música, do filme; dizer o que sou e o que deixo de ser. Era como se me faltasse algo, como se houvesse algum lugar secreto onde todos pudessem entrar, menos eu. É difícil não ter ideia do que significa afirmar-se enquanto algo, não caber em nada, não se ver em lugar nenhum. Costumo me sentir sempre deslocada, mas naquela sexta, não.

Gostei de investigar maneiras não convencionais de mover o corpo. O simples ato de caminhar pode virar algo extremamente ridículo se não fizermos da forma como aprendemos. A caminhada modifica o corpo todo, que também deseja se mover com a música e criar uma

maneira de se comunicar. Os corpos mostram seus sons e movimentos inventados. Sinto-me estranha e ridícula mostrando, mas trabalhar a estranheza é bom!

Não tenho dúvidas de que estávamos criando e me impressionava poder observar como um outro corpo cria, escreve, dança, e para fazer isso tudo era preciso disponibilidade e liberdade.

– *Abraçar-se ao ridículo!*

Tento e falho, isso é tão significativo para mim. Meus pulmões doem com o riso não contido, fazia tempo que não ria assim.

– *Rir de si mesma é um ato de resistência.*

Foi um grande alívio ver a caixa se romper, não caber, rasgar-se toda. Foi muito bom não precisar caber em nada. Ainda ouço o som das caixas se rasgando, os gritos, os choros e sinto os abraços que demos uns aos outros no final de tudo isso. Eu me senti bem, mesmo depois do desconforto. Senti que, mesmo sem caber em nada, ainda assim existia algo. Já me cansei das perguntas, já desisti das respostas, já não quero mais achar, nem perder. Quero algo outro, algo no espaço entre dois suspiros, entre dois silêncios, entre dois corpos que dançam e já não sabem mais de si. Tento lembrar da aula anterior em que berrei "**GRITOOOOO!**", mas nada parece mudar. Acho que eu estava em um dia estranho, daqueles em que nada parece dar certo.

– *Minha tia teve orgasmo pela primeira vez aos 68 anos.*

Há uma luz no mêi do cu!

3.8 O exercício das caixas

Cada corpo recebe uma caixa de papelão, não importando o tamanho. Uma pergunta é feita: *que corpo é você?*

Sugere-se que cada corpo mostre a sua caixa para si e para os outros, exibindo-a, movimentando-se com ela, fazendo carinho, protegendo-a dos olhares dos outros corpos. Essa movimentação pode ocorrer com ou sem música. Cada corpo precisa defender a própria caixa: *essa é a minha caixa!*

Distribuem-se canetas, gizes de cera, pincéis e tintas para que os corpos possam, cada um, enfeitar as caixas. Lançam-se perguntas aos corpos para que eles registrem nas caixas as suas respostas, as suas sensações, as suas vontades: *quais emoções são próximas de você? Quais as suas bonitezas? E as suas feiuras? O que você pensa sobre seu corpo? O que você acha que pensam sobre seu corpo? O que você gosta em si? O que não gosta? Como se relaciona com gênero, sexualidade, raça, corporalidade, idade...?* A cada pergunta realizada, somam-se os

registros dos corpos na caixa de modo que cada corpo possa estar representado pela caixa que compõe.

Movem-se novamente pelo espaço, cada corpo mostrando para todos os outros a sua caixa, falando alto as características registradas nela, criando uma composição de palavras faladas em voz alta que se misturam umas com as outras. Repete-se a pergunta: *que corpo é você?*

Sugere-se que os corpos formem duplas e troquem as caixas entre si. Agora, cada corpo está com a caixa de outro corpo e é estimulado a intervir nas escritas da caixa do outro. Pode-se rabiscar o que estava escrito, modificar as palavras, adicionar características, ressaltá-las, apagá-las, modificá-las, tudo em relação com as questões propostas durante a composição das caixas.

Com as caixas modificadas, cada dupla irá se apresentar para o restante da turma. Um dos corpos coloca a caixa na cabeça e o outro lê em voz alta alguma característica registrada na caixa-cabeça. A cada palavra lida, o corpo que está com a caixa na cabeça precisa representá-la com movimentos e sons, sem dizer nenhuma palavra, pode andar pelo espaço e se mover da forma que achar necessária, sempre conduzido pelo corpo que o lê. Repete-se esse exercício com todas as duplas.

As caixas, então, são devolvidas aos corpos que iniciaram a sua composição. Agora elas estão modificadas, suas características são outras. Os corpos caminham pelo espaço, falando em voz alta as novas características que receberam dos outros corpos, percebendo-se outros a partir do atravessamento. Sugere-se que as caixas comecem a entrar em contato, uma sendo esfregada na outra, seguidas pelos corpos que também se conectam e se movem em conjunto com as palavras e as caixas e as músicas e as criações de movimento. Pergunta-se novamente: *que corpo é você?*

Sugere-se que as caixas sejam colocadas no chão, com a abertura para cima. Os corpos olham para as suas respectivas caixas e se relacionam com elas, enxergam as novas palavras que compõe a caixa-corpo-em-composição, aproveitam o tempo para sentir, perceber, enxergar na caixa aquilo que as relações entre os corpos registraram nelas. Pede-se para que os corpos circundem as caixas, movimentem-se perto delas, estejam bem próximos delas, até que eles sejam as próprias caixas. *Essa caixa sou eu!*

Com a possibilidade de ser a caixa que foi composta aparecendo para cada corpo, fala-se sobre a composição das identidades, como elas são relacionais e impostas e normalizadas e fixadas e movimentadas em cada corpo, entre os corpos. Para finalizar, sabendo que a caixa pode representar a identidade de cada corpo e que o sistema de reconhecimento de corpos se

vale disso, sugere-se o que se deveria fazer: *caiba na caixa que é você!*

É uma delícia se divertir com as caixas sendo rompidas pelos movimentos dos corpos.

SE JOGUEM, PINTOSAS!

3.9 Manual de sobrevivência bicha à academia colonial

Considerando que a heterocisnorma, o racismo e o cristianismo são entendidos aqui como modos de funcionamento de uma metodologia colonial da superioridade, os mesmos corpos se valem de regras que não cumprem para humilhar e escalonar os outros corpos que não correspondem ao seu ideal de normalidade. Considerando, ainda, que esse exercício é interminável e que tem todos os caminhos para favorecer aos mesmos corpos que ainda se pensam brancos, heterocis e cristãos, estes são mantidos intocados pelas merdas que reproduzem a todo tempo e, mesmo movendo-se de formas desrespeitosas, sutis e escancaradas, esses mesmos corpos ainda encontrarão meios de exigir empatia, compreensão, arrependimento e aceitação dos corpos que desrespeitam.

Considerando que, mesmo assim e apesar disso, é urgente que corpos não heterocis, não brancos e não cristãos ocupem os espaços de saber, e que façam isso reagindo aos desrespeitos, denunciando os assédios, revoltando-se contra as humilhações e movendo-se em composição para envergonhar todas as merdas nas quais branquismos, heterocissexismos e cristianismos nadam de braçada para dormirem o sono gostoso de quem violenta e pode esquecer. Considerando que a presença de corpos não adequados ao sistema de reconhecimento de talentos acadêmicos deva funcionar de modo a desarticular, mesmo que à força, os mecanismos que ainda mantêm as colonialidades do corpo em pleno funcionamento, reiteramos que a presença deve ser constante, crescente e esmagadoramente apavorante para aqueles corpos beneficiados por séculos de adoração ao homem, heterocis, branco e cristão, acostumados a ser celebrados por não terem competência para fazer o mínimo que se espera de uma universidade, a saber, respeitar todos e quaisquer corpos e seus movimentos na produção de saberes.

Considerando que a bicha aqui deseja tudo isso e quer estar viva para ver e ser parte do ataque massivo às imbecilidades que são defendidas como cultura branca, heterocis e cristã dentro de ambientes acadêmicos; que a bicha aqui busca agir de modo a agredir as normas que ainda a querem amansada pela academia e suas práticas de sofisticação colonial. Considerando que talvez esse enfrentamento possa levar a bicha aqui ao cansaço, à desistência e aos frangalhos físicos e emocionais, é preciso, apesar disso, fazer alguma coisa. É por isso que a bicha organiza este manual de sobrevivência: para registrar as tentativas fracassadas da

heterocisnorma e do cristianismo de calarem a sua boca, para oferecer pistas às bichas e a todos os corpos que ainda duvidam de si quando sofrem desrespeitos e violências nas universidades. Este manual é para denunciar as práticas do racismo em todos os níveis possíveis a uma bicha que acha que é branca, a fim de que ela perceba, para debochar dos corpos capengas que tentam de tudo para esconder seus exercícios de superioridade e, nessa mesma ação, deixam todos eles expostos. Para avisar às feiuras que elas também são vistas por aqueles olhos que tentam fechar e para insistir na percepção de que o movimento é interminável, não objetiva uma vitória, nem uma oposição, mas a criação de movimentos de vida para além da lógica colonial do sofrimento, que podem ser realizados por todos e cada corpo.

Este manual permanecerá em aberto, no desejo de que outras bichas possam compô-lo mais bem, com sutilezas que só corpos bichas conseguem fazer existir nesse mundo que cheira a cueca suja e calcinha dura.

Vamos lá?

Vão duvidar de você, vão dizer que sua fala é agressiva, afeminada, violenta; vão fazer piada com seu corpo, com seu sexo, com seu prazer, com seu desejo; vão se trancar em sanitários privados quando você entrar no banheiro público; vão dizer que têm medo de você os assediar; vão reparar em tudo no seu corpo, até que encontrem alguma justificativa para dizerem que você é louca, anormal, confusenta, faladeira; vão cobrar que seu corpo esteja visualmente confortável para os olhos deles; vão fazer de tudo para que você se sinta desconfortável nos espaços comuns e exigir que você funcione como entretenimento para heteroimbecis.

Vão desejar você, objetificar sua sexualidade, perguntar o tamanho do seu pau, se você já operou, se você usa vibrador, se você pode ensinar a dar o cu, se já transou com mulheres, com homens, se você não acha nojentas as suas práticas sexuais; vão dizer que você pecou, que é promíscua, que você faz programa, que você se veste de mulher, de homem, que você enlouqueceu assim porque tem aids e é culpa do remédio, vão desejar que você fique com deus, que você vá com deus, que você precise de deus, graças a deus; vão fazer de você um corpo passável, exercitando constantemente as explicações sobre a sua sexualidade e seu gênero e sua cor e seu corpo até que você caiba no limitado sistema de classificação que a cognição heterocis e branca e cristã permite a um corpo acessar.

Vão ignorar o seu saber e os saberes das bichas que possibilitaram os saberes heterocis e cristãos e brancos da academia, vão esconder a sexualidade e o gênero de bichas pesquisadoras, antropólogas, historiadoras, filósofas, educadoras, vão localizar a sua sexualidade em oposição à heterossexualidade, o seu gênero em oposição à cisgeneridade, de

todas as formas e sempre que possível, até que você aceite a dívida impagável de poder existir na fatia de mundo que eles deixaram para você, sempre sob o julgamento dos superiores. Vão dizer que não importa a sexualidade e nem o gênero e nem a cor e nem o corpo de quem escreveu, teorizou, denunciou e propôs mudanças significativas para todas as áreas de conhecimento ao mesmo tempo em que exigem que você estude interseccionalidade e descolonização. Vão perguntar se você está regularmente matriculada ou se faz disciplina isolada, se você se considera uma pessoa capaz de estar em um ambiente acadêmico e escolar, se as suas roupas são assim mesmo e se você quer aparecer. Vão fazer com que você duvide da veracidade do que escreveu, do que pesquisou, do que defende, vão acusá-la de atacar as pessoas erradas, vão dizer que confundiram seu nome, vão investigar o nome de registro e usá-lo como ofensa, vão oferecer o mínimo possível para que você adquira uma dívida emocional que cobra o tempo todo que você se lembre daquela única vez que um hétero foi minimamente respeitoso com você. Vão falar de você pelas costas, vão fingir que gostam de você quando seu corpo estiver presente, vão escrever mensagens e e-mails entre si para chamarem você de tudo que eles desejam chamar, mas são covardes o suficiente para fingir, vão dizer pelos cantos que você só pensa em si mesma; grupos de pesquisa falarão de tudo sobre você, e só reconhecerão seu trabalho quando ele demonstrar que pode trazer pontos, dinheiro, fama e sucesso para o grupo; farão de tudo para dizer que seu trabalho é fruto do envolvimento do grupo, que você deve escrever muito bem sobre a sua experiência com o mesmo grupo que se organizava para falar de você. Vão dizer que você é ingrata, soberba, arrogante e cínica e desejar que você morra sozinha, só não sabem que estar sozinha já é um modo de vida conhecido por você, que aprendeu a se mover entre os corpos que eles matam.

Vão rir da sua maneira de falar, da sua escrita, da sua forma de articular os pensamentos e as leituras, dos seus modos de ensinar, das metodologias que você utiliza e cria, das relações que você consegue estabelecer, das aulas que você dá, das palestras que você organiza, dos grupos que você coordena, das amizades que você faz. Vão se divertir quando você falar sobre a violência que sofre, quando relacioná-la com as violências que outras bichas sofrem. E até quando você encontrar em um texto o relato da mesma violência que você sofreu, eles vão se divertir e falarão que você é muito paranoica, que se emociona facilmente, que leva tudo a sério e que parece estar descontrolada. Vão se esquecer constantemente das violências que praticaram contra você, das inúmeras vezes que impediram que você se manifestasse, de todas as bolsas negadas, de todas as reprovações sem fundamento, das notas não atribuídas aos trabalhos que você realizou, das faltas que foram registradas mesmo com você estando presente e respondendo à chamada. Vão falar que as suas ideias são muito perigosas, que enfrentam

demais o sistema, que levantam bandeira demais e que isso não faz parte da ciência, vão perguntar sobre maquiagem, cabelo, estética, emagrecimento, moda, vestuário, drag queen, festas e purpurinas e exigirão que você seja alegre e sorridente para que o bem-estar heterocis, branco e cristão permaneça inabalável.

Vão dizer que seu trabalho é panfletário, que não é bicha o bastante, que você precisa deixar de ser militante e aprender a produzir ciência, vão fingir que não te escutaram, vão esquecer dos horários que marcaram contigo, vão dar desculpas esfarrapadas e tentarão impedir que você reclame da falta de profissionalismo deles. Vão dizer que seus argumentos estão errados, confusos e não vão propor nenhuma forma de modificá-los, vão perguntar constantemente se você já leu o autor tal, vão pedir que você explique para todos os conceitos do autor tal, vão escrever exatamente aquilo que você explicou, vão esquecer seu nome quando escreverem as ideias que você ajudou a movimentar. Vão pedir que você venha montada para os eventos do departamento, do grupo de pesquisa, vão pedir que você desfile pelos corredores, que seja vista com o grupo, vão falar para todos os cantos que não são preconceituosos porque existe uma bicha escandalosa no departamento. Vão fazer com que você explique incessantemente sobre a urgência de políticas públicas LGBTI+ no departamento, vão fingir que não entenderam, vão pedir tempo para averiguar a situação, vão conversar entre si para dizerem que aquilo que você defende não é tão importante assim e que pode complicar a situação dos professores. Vão fazer de tudo para invalidar seu corpo, sua fala, sua vida, sua produção de saber, vão chamar seu trabalho de uma coisa louca, de pouco preparado e vão dar pitacos mesmo que você não tenha perguntado nada. Vão falar mal de outras pessoas com você, vão falar bem das mesmas pessoas quando elas estiverem presentes, vão atacar você quando alguma informação chegar até a pessoa de quem eles falaram mal; vão dizer que você é sensacional, uma artista, uma gênica, que você não é desse mundo, vão fazer de tudo para que o mundo deles não seja afetado pelo seu corpo, pelos seus saberes, pelos seus movimentos de vida, vão fazer com que você se lembre o tempo todo que você só foi aprovada por causa deles.

E o que é que a bicha vai fazer?

A primeira coisa a se fazer é lembrar que a bicha Jota Mombaça já deixou avisado, lá em 2021, que acabou o tempo para as bichas ficarem se lamentando toda vez que heterocis, brancos e cristonas fizeram alguma imbecilidade contra elas. É importante perceber que a vida organizada para esses corpos é regida pela paranoia de se manter normal e que eles contam com todos os meios para investigar todos os corpos que não são eles. O exercício constante de categorizar corpos é necessário à manutenção da metodologia colonial da superioridade; esses corpos se comparam aos outros para se certificarem de que estão um nível acima, seja ele qual

for. São previsíveis e sem graça as suas ações, é por isso que a gente já sabe muito do que vão fazer e temos o poder de gargalhar na cara de cada um quando fazem.

As bicha sabem bem como se movimentar, sabem bem que nenhum lugar é feito para elas, que nenhuma ideia de corpo consegue explicá-las, que seus desejos transbordaram a sexualidade, que suas criações de vidas explodem o gênero e afundam cada vez mais a racialização. As bicha sabem bem que normas heterocis, brancas e cristonas não param **XAMAYS** e que também se movimentam em corpos bicha, em quaisquer corpos! E sabem também que o fato de não poderem ser nada, fazer nada, saber nada, dizer nada é o que impulsiona todos os seus movimentos de poder ser o corpo que quiserem e de ocuparem o lugar que desejarem e de criar prazer onde as normas querem produzir dor. É se movendo como um corpo que não é nada que as bichas compõem os saberes; rastejando pelos submundos e subsolos dos templos das normas, Jota misturou tempo e espaço para avisar da vinda dos sempre novos colonizadores e, mesmo assim, nos fez saber que não vão nos matar agora. As bicha sabem o que farão com elas, porque conhecem bem a imagem da bicha que as normas inventaram. Mas essa imagem não aguenta nem o primeiro minuto de bate-cabelo e é facilmente destroçada a pisadas de salto alto.

As bicha vai montar um barraco toda vez que impedirem que elas falem.

As bicha vai fazer um escândalo toda vez que fingirem que não as ouvem.

As bicha vai meter o dedo na cara toda vez que fizerem as mesmas piadas com elas.

As bicha vai chamar de burra toda vez que falarem de deus e pátria e família.

As bicha vai denunciar toda vez que invalidarem seus saberes.

As bicha vai jogar na cara toda vez que fizerem as falsianys.

As bicha vai debochar muito toda vez que explicarem seus corpos.

As bicha vai mandar se fuder toda vez que as homem gay pedirem um boquete.

As bicha vai andar juntas toda vez que disserem que elas não existem.

As bicha vai esfregar suas bonitezas na cara toda vez que as feiuras se manifestarem.

As bicha vai andar de bunda de fora toda vez que disserem para se vestir adequadamente.

As bicha vai perguntar sobre as bichas toda vez que impuserem as heterocis.

As bicha vai jogar o cabelo toda vez que um heterozinho torcer o nariz.

As bicha vai tocar o terror toda vez que disserem que alguém é normal.

As bicha vai berrar bem alto toda vez que lembrarem apenas da heterocistória.

As bicha vai quebrar tudo toda vez que as normalizadas se passarem por fodidas.

As bicha vai sussurrar bem baixinho toda vez que quiserem catar o que elas sabem.

As bicha vai deslizar pelos cantos toda vez que a quiserem no centro.

As bicha vai rebolar juntas toda vez que exigirem bom comportamento.

As bicha vai fazer tudo isso junta e separada.

As bicha vai escrever

As bicha vai dançar

As bicha vai desenhar

As bicha vai performar

As bicha vai ensinar

As bicha vai aprender

As bicha vai saber

As bicha vai saber tudo que elas quiser

As bicha vai fazer de tudo para sobreviver à academia colonial

As bicha fez de tudo para viver até aqui

As bicha se movimenta em espaços ainda não visíveis

Por essas e por outras, as bicha **NÃO DEITA!**

E mesmo se deitarem as bicha, elas vão rastejar de todos os modos. Vão se levantar de todas as maneiras. Vão apavorar o mundo fantasioso no qual as heterozinha de *mierda* e as branquela de *mierda* e as cristona de *mierda* ainda acham que podem manter corpos em silêncio. Se um corpo heterocis, branco e cristão não tem vergonha de vomitar seus preconceitos e suas imbecilidades normalizadas em qualquer lugar, também não deve ter receio de ser exposto pelas mesmas ações. As bicha não precisa de sigilo, as bicha gemem bem alto e planejam bem baixinho.

A primeira coisa que uma bicha faz no mundo é gritar!

Depois disso, toda a boniteza surge.

3.10 PensamenToda

Já estava acordada fazia alguns minutos. Deixava os pensamentos dançarem, tinha um bom tempo para aproveitar o cheiro de cama misturado àquele seu, que aromatizavam o quarto pelas manhãs. Respirava tranquila, costelas alargando-se, abdome contraindo-se levemente em “V”, diafragma em pistão. A luz do sol começava a entrar pela janela com um pouquinho mais de intensidade, deviam ser umas oito, ainda tinha tempo.

Ligou a tv, uma melodia fluida introduzia devagar o noticiário da manhã, trazendo as novidades do país. Bocejou gostoso. Abriu os ouvidos, e iniciou sua rotina de delícias. Seus poros arrepiavam-se, eriçando os pelinhos de todo o corpo enquanto ouvia a primeira notícia:

O Brasil é reconhecido pela quarta vez como a nação mais educadora do planeta. Um sorriso abriu a lateral de sua boca e transformou-se numa grande expiração que lhe abraçou os dentes. Enquanto ela sentia aquela ondinha de gostosos arrepios chegar até seus mamilos, a repórter informava: *Mais uma vez, no centro da cidade, o piquenique do mês bateu recorde de público!* E lembrou-se de todas as sensações da tarde anterior: os sabores das comidas, o frescor dos sucos de frutas maduras, o cheiro das mexericas misturado aos perfumes dos corpos que se banhavam ao sol matinal. Realmente tinha muita gente, pensou, que ótimo!

Arrepios mais presentes movimentavam a pele das suas costas, relaxando os músculos das escápulas e abrindo espaço para a coluna respirar; desciam pelas nádegas, caminhando pela extensa musculatura das coxas, passavam pelas pernas, chegavam aos pés. Soltou um gritinho de prazer. *Amanhã é celebrado o fim da Desigualdade Social no Brasil, traga toda a sua dança para a rua e vamos comemorar juntas estas décadas de conquistas!* Informava, entusiasmada, a repórter. E ela pensou que sua roupa já estava pronta desde que trocara experiências com uma costureira muito conhecida no bairro. E respirou profundamente enquanto sentia relaxados os músculos internos das pernas que faziam arrepiar os pelos da virilha, soltou involuntariamente um demorado suspiro, quase gemido.

Espreguiçou-se demoradamente na cama, percebendo o suave calor que começava no períneo e subia como um balé de fitas pela sua coluna e umbigo, fazendo dançar costas, abdome, costelas, peitorais, escápulas, pescoço e cabeça, em movimentos espiralados que se multiplicavam orgasticamente. Suspirou uma, duas, três, quatro longas e profundas vezes. Sorriu ao mesmo tempo em que ouvia que o último presídio do país, fechado havia 25 anos, fora transformado em um ateliê de experiências do pensamento e decidiu que dedicaria a ele seu próximo domingo.

Lentamente, sentou-se na cama, respeitando o tempo de os músculos acordarem. Sabia desde criança a necessidade de esperar o tempo do corpo. Enquanto isso, corria os dedos feito escovas, dos pés para o abdome, fazendo fluir toda energia que ainda preguiçava. Ficou de pé, sentiu-se corpo nu, percebeu-se ar, olhou-se como pele-prazer que era, sorriu para si, como se a janela fosse um espelho no qual mergulhava todas as manhãs.

Enxergou o relógio, 09h17, sentiu um cheiro de café coado. Abraçou-se carinhosamente enquanto aspirava para si aquele cheiro de manhã. Seu corpo, tomado pela excitação de acordar-se, sentiu-se maior, mais quente, mais preenchido, mais úmido...

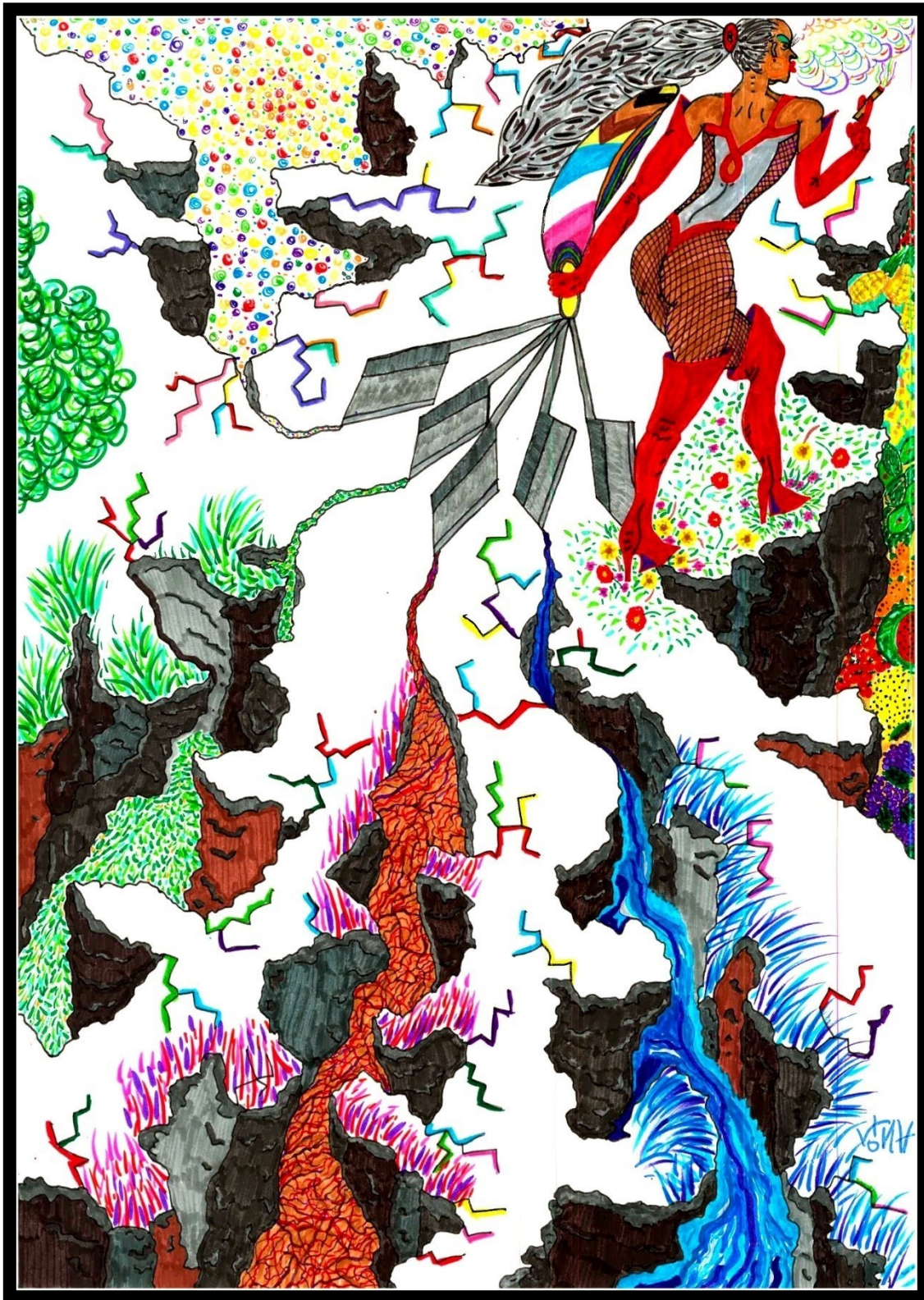
Enquanto ela se enchia de um profundo e prazeroso suspiro de café e tesão, a repórter despedia-se: *E lembrem-se de fazer valer o lema de nossa bandeira: Gozar é sussexo!*

Atordoada pelo barulho ensurdecador da sirene escolar, Jussara se viu em meio às

gargalhadas da turma, cortadas pela garota que lhe perguntava:

– *Professora, cê mijou?*

Figura 14 – Navalhar as fronteiras



Fonte: Ilustração da bicha.

Na Figura 14 há um corpo que caminha em direção ao canto superior direito da imagem, de costas, com os cabelos ao vento, soprando uma fumaça multicolorida. Na sua mão direita tem um cigarro e na esquerda uma navalha de cinco pontas. Cada ponta da navalha abre uma brecha diferente no território onde o corpo pisa. Das brechas saem rachaduras coloridas, veias e vasos sanguíneos, vegetações, frutas, águas e pequenas espirais de diversas cores. Sob os pés do corpo surgem gramas, folhas e flores.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria Evangelina. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute, 1987.
- ANZALDÚA, Gloria Evangelina. To(o) queer the writer – loca, escritora y chicana. *In*: KEATING, AnaLouise (Ed.). **The Gloria Anzaldúa Reader**. Durham: Duke University, 2009. p. 163-175.
- ASPIS, renata lima. **Fazer filosofia com o corpo na rua: experimentações em pesquisa**. Belo Horizonte: Mazza, 2021.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai.-ago. 2013.
- BASH BACK. **Bash Back! ultraviolência queer: antologia de ensaios**. São Paulo, SP: crocodilo; n-1, 2020.
- BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: a literatura desconstruindo a aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BISPO, Raphael; COELHO, Maria Cláudia. Emoções, Gênero e Sexualidade: apontamentos sobre conceitos e temáticas no campo da Antropologia das Emoções. **Cadernos De Campo** (São Paulo - 1991), São Paulo, v. 28, n. 2, p. 186-197, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/165042>. Acesso em 8 de mar. 2023.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.
- BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.
- BRACHT, Valter. Educação física no 1º grau: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 2, p. 23-28, 1996.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico: Aids e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, 2016.

CABRAL, Marcelo; OLIVEIRA, Joana. Bolsonaro desautoriza Pazuello sobre vacina e entra em atrito com seu terceiro ministro da Saúde seguido. **El País**, 21 out. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-21/bolsonaro-desautoriza-pazuello-sobre-vacina-e-entra-em-atrito-com-seu-terceiro-ministro-da-saude-seguido.html>. Acesso em 28 fev. 2023.

CARTA CAPITAL. Mensagens mostram que Bolsonaro sabia da negociação de vacinas. **Carta Capital**, 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/mensagens-mostram-que-bolsonaro-sabia-de-negociacao-de-vacinas/>. Acesso em 28 fev. 2023.

CARTA CAPITAL. Gabinete do ódio. **Carta Capital**, 2020-2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/tag/gabinete-do-odio/>. Acesso em 28 fev. 2023.

CLARK, Candace. Simpathy, Microhierarchy and Micropolitics. *In: Misery and company: simpathy in everyday*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan.-abr. 2016.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismos descoloniais para além do humano. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 929-934, set.-dez. 2014.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen: ensayos**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

DANIEL, Herbert; MÍCCOLIS, Leila. **Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

DANIEL, Herbert. **Meu corpo daria um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017.

- DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Tradução Roberto Machado e Luis B. L. Orlandi. São Paulo: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia.** Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** V. 4. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** V. 1. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong.** São Paulo: n-1, 2016.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O gênero da humilhação. Afetos, relações e complexos emocionais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 51-78, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v25n54/1806-9983-ha-25-54-51.pdf>. Acesso em 08 mar. 2023.
- FACCHINI, Regina. Histórico da luta LGBT no Brasil. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA da 6ª Região (Org). **Psicologia e Diversidade Sexual.** São Paulo: CRPSP, 2011. p. 10-19.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017a.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres.** 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: o cuidado de si.** 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017c.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 28. reimp. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976).** São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GREEN, James N. **Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel –**

pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 201-246, 2004.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do - Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social. *In*: COELHO, Maria Cláudia (Org.). **Estudos Sobre Interação: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HYPERA Pharma. Miorrelax – Campanha Movimentos 2020. **YouTube**, 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C4FDOhpUelo>. Acesso em 28 fev. 2023.

INFERNINHO. Direção: Pedro Diógenes e Guto Parente. Produção de Guto Parente, Amanda Pontes, Caroline Louise, Clara Bastos e Rogério Mesquita. Brasil: Embaúba Filmes, 2019. Stream MUBI. 81’.

KER, João. Pantanal e Amazônia registram recorde de queimadas em outubro. **CNN Brasil**, 1 nov. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pantanal-e-amazonia-registram-recorde-de-queimadas-em-outubro/>. Acesso em 28 fev. 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação - Episódios do racismo cotidiano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In*: **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Afrontamento, 2008.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (Org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LIMA, Bernardo; VICTORINO, Luíza. Escassez de água é um problema cada vez mais comum no país. **Correio Braziliense**, 23 ago. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/08/4945311-escassez-de-agua-e-um-problema-cada-vez-mais-comum-no-pais.html>. Acesso em 28 fev. 2023.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, Guacira L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 935-952, set.-dez. 2014.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Revista Tábula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73-101, jul.-dez. 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MENEGASSI, Duda. Grileiro já tomaram quase 12 milhões de hectares de florestas públicas na Amazônia. **O Eco**, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/grileiros-ja-tomaram-quase-12-milhoes-de-hectares-de-florestas-publicas-na-amazonia/>. Acesso em 28 fev. 2023.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica/UFOP, 2013.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 11, p. 20-25, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. **concinnitas**, ano 17, v. 01, n. 28, set. 2016.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? **Medium**, 6 jan. 2015. Disponível em: <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em 08 mar. 2023.

MORANDO, Luiz. **Enverga, mas não quebra**: Cintura Fina em Belo Horizonte. Uberlândia, MG: O sexo da palavra, 2020.

- MOTTA, Nelson; LEE, Rita; CARVALHO, Roberto de. Perigosa. Intérprete: As Frenéticas. *In: Frenéticas*. Rio de Janeiro: Warner/Atlantic, 1977. Disco vinil (3'20'').
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**; livro para toda a gente e para ninguém. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- OLIVEIRA, Leandro. **Os sentidos da aceitação**: Família e orientação sexual no Brasil contemporâneo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- PARKER, Richard G. **Abaixo do Equador**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- PARKER, Richard G. **Na contramão da AIDS**: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro e São Paulo: ABIA; 34, 2000.
- PARKER, Richard G. **A construção da solidariedade**: AIDS, sexualidade e política no Brasil. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.
- PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia. São Paulo, SP: n-1, 2020.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie** - Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018.
- PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: n-1, 2014.
- PUCCINELLI, Bruno; FERNANDES, Fábio; FONTES, Ramon (Org.). **Aids sem capa**: reflexões virais sobre um mundo pós pandemia. Salvador, Bahia: Devires, 2022.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e ciências sociais. *In: LANDER, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLASCO, 2005. p. 117-142.
- REZENDE, Claudia B.; COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (Org.). **A política no corpo: gêneros e sexualidade em disputa**. Vitória: EDUFES, 2016.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, p. 31-49, dez. 2019. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf. Acesso em 8 mar. 2023.

SOARES, Carmen (Org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e história**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

SONTAG, Susan. **Doença e suas metáforas, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STRUCK, Jean-Philip. Na ONU, Bolsonaro defende ineficaz “tratamento precoce”. **DW**, 21 set. 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/na-onu-bolsonaro-defende-ineficaz-tratamento-precoce/a-59251010>. Acesso em 28 fev. 2023.

TERENA, Luiz Eloy; DUPRAT, Deborah. ARTIGO: O genocídio indígena atual. **APIB Oficial**, 18 mar. 2021. Disponível em: <https://apiboficial.org/2021/03/18/artigo-o-genocidio-indigena-atual/>. Acesso em 28 fev. 2023.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Histórias de educação física na escola**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 6. ed. São Paulo: Summus, 2005.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1, 2019.

ZAMBONI, Jésio. **Educação Bicha: uma a(na[l])arqueologia da diversidade sexual**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.